



**Instituto Superior de Serviço Social do Porto**  
Cooperativa de Ensino Superior de Serviço Social, C.R.L.

# **O papel das famílias na superação dos constrangimentos associados à doença mental de jovens: um estudo na ótica de jovens adultos diagnosticados com doença mental severa e seus familiares**

**Mara Helena de Jesus Ferreira dos Santos**

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Intervenção Social na Infância e Juventude em Risco de Exclusão Social, pelo Instituto Superior de Serviço Social do Porto, sob orientação da Professora Doutora Elsa Montenegro

**ISSSP, dezembro de 2017**

**O papel das famílias na superação dos  
constrangimentos associados à doença  
mental de jovens: um estudo na ótica de  
jovens adultos diagnosticados com doença  
mental severa e seus familiares**

**Mara Helena de Jesus Ferreira dos Santos**

**ISSSP, dezembro de 2017**

## **Agradecimentos**

Dada por concluída mais uma etapa importante da minha vida académica, não posso deixar de agradecer a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, me apoiaram neste percurso. Deixo aqui o meu sincero agradecimento a todos.

À Professora Doutora Elsa Montenegro, pela orientação e apoio dado no processo de elaboração da investigação. Os seus conselhos, sugestões e palavras de ânimo foram fundamentais.

Ao professor Sérgio Bacelar, por todo apoio, paciência e disponibilidade no tratamento e análise dos dados.

À minha mãe que é o elemento chave neste processo de formação académica. Promoveu-o, desde sempre, proferindo palavras de incentivo e de conforto, essenciais para o percorrer deste caminho.

À minha irmã, que partilhou comigo todo este processo, dando palavras de força e confiança. Obrigada pela paciência, pela disponibilidade e por todo o apoio ao longo desta fase da minha vida.

Ao meu namorado, João Tiago, por todas as palavras de motivação e de apoio, que foram vitais para o sucesso deste processo. Obrigada por todo o amor e carinho, por toda a compreensão e força.

Agradeço, também, ao Centro Hospitalar de São João pela oportunidade dada para desenvolver a investigação, assim como à Dr.<sup>a</sup> Isabel Brandão, à Dr.<sup>a</sup> Ângela Castro e a todos os participantes do estudo, sem os quais o mesmo não seria possível.

## Resumo

O trabalho aqui apresentado é o resultado de uma investigação cujo principal objetivo foi perceber a relação entre o suporte familiar e o processo de reabilitação da doença mental em jovens adultos. Em que medida o ambiente familiar pode influenciar o processo de *recovery* de jovens com perturbações mentais? Qual é a perceção de jovens portadores de uma patologia mental a respeito do impacto do suporte familiar na superação de alguns dos efeitos nefastos causados pela experiência de uma doença mental? E que representações têm as famílias acerca do papel que desempenham na reabilitação psicossocial dos seus familiares?

Optou-se por aplicar duas escalas de avaliação sobre o impacto das dinâmicas familiares na recuperação de jovens com perturbações do foro mental a um grupo de jovens diagnosticados com uma perturbação mental, que integram o Hospital de Dia da Unidade de Psiquiatria do Jovem e da Família do Centro Hospitalar de São João e a um dos elementos das respetivas famílias: o **Inventário de Perceção de Suporte Familiar (IPSF)** (Baptista, 2008) e **Family Environment Scale (FES)** (Moos & Moos, 1986: adaptação portuguesa Matos & Fontaine, 1992).

Ainda que os resultados obtidos não possam servir de base para generalizações, esta investigação fornece alguns contributos para reconhecer a importância do papel da família no processo de *recovery* em jovens com perturbações mentais.

**Palavras-chave:** Doença mental; Suporte social; Suporte Familiar; *Recovery*; Reabilitação psicossocial.



## Abstract

The work presented here is the result of an investigation whose main objective was to understand the relationship between family support and the process of rehabilitation of mental illness in young adults. In which way can the environment influence the process of recovery of young people with mental disorders? What is the perception of young people with a mental pathology regarding the impact of family support in overcoming some of the harmful effects caused by the experience of a mental illness? And what roles do families have in psychosocial rehabilitation of their families?

We decided to apply two rating scales about the impact of family dynamics in the recovery of young people with mental disorders for a group of young people diagnosed with a mental disorder that integrate the Hospital de Dia da Unidade de Psiquiatria do Jovem e da Família do Centro Hospitalar de São João and the elements of the respective families: the **Family Support Perception Inventory (IPSF)** (Baptista, 2008) and **Family Environment Scale (FES)** (Moos & Moos, 1986: Portuguese adaptation Matos & Fontaine, 1992).

Although the results cannot serve as a basis for generalizations, this research provides some contributions to recognize the importance of the role of the family in the process of recovery in young people with mental disorders.

**Keywords:** Mental Illness; Psychosocial Rehabilitation; Social support; Family Support; *Recovery* and Psychosocial Rehabilitation

## Résumé

Le travail présenté est le résultat d'une recherche dont l'objectif principal est comprendre la relation entre le soutien de la famille et le processus de récupération de la maladie mentale chez les jeunes adultes. Dans quelle mesure l'ambiance familiale peut influencer le processus de récupération des jeunes souffrant de troubles mentaux ?

Quelle est la perception des jeunes ayant une pathologie mentale quant à l'impact du soutien familial pour surmonter certains des effets néfastes causés par l'expérience d'une maladie mentale? Et quelles représentations les familles ont-elles de leur rôle dans la réhabilitation psychosociale des membres de leur famille?

Nous avons décidé d'appliquer deux échelles d'évaluation de l'impact de la dynamique familiale sur le rétablissement des jeunes atteints de troubles mentaux à un groupe de jeunes diagnostiqués atteints de troubles mentaux faisant partie de l'Unité de jour de l'Unité de psychiatrie juvénile et familiale du Centre hospitalier de São João ainsi que l'un des membres de leur famille: **l'Inventaire de la perception du soutien familiale (IPSF)** (Baptista, 2008) et le **Family Environment Scale (FES)** (Moos & Moos, 1986 : Portuguese adaptation Matos & Fontaine, 1992).

Bien que les résultats ne peuvent pas servir de base pour des généralisations, cette recherche fournit des contributions afin de reconnaître l'importance du rôle de la famille dans le processus de récupération chez les jeunes atteints de troubles mentaux.

**Mots-clés:** Maladie mentale; Soutien social; Soutien aux familles; Récupération; Réadaptation psychosociale.

## Índice

<b>Agradecimentos .....</b>	<b>ii</b>
<b>Resumo .....</b>	<b>iii</b>
<b>Abstract .....</b>	<b>iv</b>
<b>Résumé.....</b>	<b>v</b>
<b>Índice de Tabelas .....</b>	<b>x</b>
<b>Índice de Figuras .....</b>	<b>xi</b>
<b>Lista de abreviaturas e siglas.....</b>	<b>xv</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo I. Contributos para a delimitação do objeto de estudo e construção da problemática teórica: a relação entre o suporte familiar e o processo de <i>recovery</i> de jovens diagnosticados com uma doença mental.....</b>	<b>4</b>
1. Sobre o conceito de suporte social e familiar .....	5
2. Entre o suporte social e familiar e o processo de <i>recovery</i> : que conexões? .....	12
3. A prevalência das perturbações mentais na população juvenil em Portugal .....	15
4. Medidas e programas de prevenção da doença mental e de promoção da saúde mental.....	17
<b>Capítulo II. Considerações metodológicas: dispositivos técnicos e metodológicos acionados no processo de investigação empírica .....</b>	<b>21</b>
1. Desenho e organização do processo de recolha de informação .....	21
1.1. A amostra .....	22
1.2. Inquéritos autoadministrados como técnica privilegiada de recolha de informação: Inventário de Perceção de Suporte Familiar (IPSF) e Family Environment Scale (FES).....	22
1.3. Procedimentos na recolha dos dados .....	25
1.4. Análise dos dados .....	25
<b>Capítulo III. Apresentação e discussão dos resultados .....</b>	<b>28</b>
1. Resultados obtidos: Family Environment Scale .....	28
1.1. Correlação entre itens- jovens .....	28
1.1.1. Dimensão Relacional.....	28
1.1.1.1. Subdimensão 1.1. - Coesão.....	28
1.1.1.2. Subdimensão 1.2. Expressividade .....	30
1.1.1.3. Subdimensão 1.3. Conflito .....	31
1.1.2. Dimensão Crescimento Pessoal .....	32
1.1.2.1. Subdimensão 2.1. Independência .....	32
1.1.2.2. Subdimensão 2.2. Orientação para o sucesso .....	33
1.1.2.3. Subdimensão 2.3. Orientação Intelectual-Cultural .....	34
1.1.2.4. Subdimensão 2.4. Orientação para as Atividades Recreativas .....	35

1.1.2.5 Subdimensão 2.5. Orientação Moral e Religiosa.....	36
1.1.3. Dimensão Manutenção do Sistema .....	37
1.1.3.1. Subdimensão 3.1. Organização.....	37
1.1.3.2. Subdimensão 3.2. Controlo.....	38
1.2. Correlação entre itens- famílias.....	40
1.2.1. Dimensão relacional.....	40
1.2.1.1. Subdimensão 1.1. Coesão .....	40
1.2.1.2. Subdimensão 1.2. Expressividade .....	41
1.2.1.3. Subdimensão 1.3. Conflito .....	42
1.2.2. Dimensão Crescimento Pessoal .....	43
1.2.2.1. Subdimensão 2.1. Independência .....	43
1.2.2.2. Subdimensão 2.2. Orientação para o sucesso .....	44
1.2.2.3. Subdimensão 2.3. Orientação Intelectual-Cultural .....	45
1.2.2.4. Subdimensão 2.4. Orientação para as Atividades Recreativas .....	46
1.2.2.5. Subdimensão 2.5. Orientação Moral e Religiosa.....	47
1.2.3. Dimensão Manutenção do Sistema .....	48
1.2.3.1. Subdimensão 3.1. Organização.....	48
1.2.3.2. Subdimensão 3.2. Controlo.....	49
1.3. Correlação entre as subdimensões e respetivos diagramas de dispersão .....	50
1.3.1. Diagrama e reta de dispersão das variáveis significativas – Jovens .....	53
1.3.2. Diagrama e reta de dispersão das variáveis significativas- Famílias .....	69
2. Resultados obtidos: Inventário de Perceção de Suporte Familiar (IPSF) .....	76
2.1. Correlação entre itens – jovens .....	76
2.1.1. Fator 1 - Afetivo Consistente .....	76
2.1.2. Fator 2 - Adaptação Familiar .....	78
2.1.3. Fator 3- Autonomia Familiar .....	79
2.2. Correlação entre itens – famílias .....	80
2.2.1. Fator 1- Afetivo Consistente .....	80
2.2.2. Fator 2- Adaptação Familiar .....	82
2.2.3. Fator 3- Autonomia Familiar .....	83
2.3. Correlação entre os fatores e respetivos diagramas de dispersão.....	84
2.3.1. Diagrama e reta de dispersão- Jovens .....	85
2.3.2. Diagrama e reta de dispersão- Famílias .....	86
3. Discussão dos resultados .....	87
3.1. Family Environment Scale ( <i>FES</i> ).....	87
3.2. Inventário de Perceção de Suporte Familiar ( <i>IPSF</i> ).....	91
3.3. Correlação entre subdimensões ( <i>FES</i> ) e fatores ( <i>IPSF</i> ) .....	93

<b>Capítulo IV – O trabalho do Assistente Social na promoção da Saúde Mental: uma reflexão centrada nas práticas profissionais de serviço social na Unidade de psiquiatria do Centro Hospitalar de São João .....</b>	<b>99</b>
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>108</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>114</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>120</b>
A. Guião de entrevista aplicada à técnica superior de serviço social da Unidade de Psiquiatria do Jovem e da Família .....	121
B. Family Environment Scale .....	127
C. Inventário de Perceção de Suporte Familiar .....	131
D. Resultados da análise estatística .....	134
1. Correlação entre os itens das subdimensões da <i>FES</i> -Jovens .....	134
2. Correlação entre itens das subdimensões da <i>FES</i> -Famílias .....	164
3. Correlação entre as subdimensões da <i>FES</i> .....	194
4. Alfa de Cronbach e médias dos itens de cada subdimensão da <i>FES</i> - Jovens .....	195
4.1. Dimensão Relacional .....	195
4.1.1. Subdimensão 1.1. Coesão .....	195
4.1.2. Subdimensão 1.2. Expressividade .....	196
4.1.3. Subdimensão 1.3. Conflito .....	197
4.2. Dimensão Crescimento Pessoal .....	198
4.2.1. Subdimensão 2.1. Independência .....	198
4.2.2. Subdimensão 2.2. Orientação para o sucesso .....	199
4.2.3. Subdimensão 2.3. Orientação Intelectual-Cultural .....	200
4.2.4. Subdimensão 2.4. Orientação para as atividades recreativas .....	201
4.2.5. Subdimensão 2.5. Orientação Moral e Religiosa .....	202
4.3. Dimensão Manutenção do Sistema .....	203
4.3.1. Subdimensão 3.1. Organização .....	203
4.3.2. Subdimensão 3.2. Controlo .....	204
5. Alfa de Cronbach e médias dos itens de cada subdimensão da <i>FES</i> - Famílias ....	205
5.1. Dimensão Relacional .....	205
5.1.1. Subdimensão 1.1. Coesão .....	205
5.1.2. Subdimensão 1.2. Expressividade .....	206
5.1.3. Subdimensão 1.3. Conflito .....	207
5.2. Dimensão Crescimento Pessoal .....	208
5.2.1. Subdimensão 2.1. Independência .....	208
5.2.2. Subdimensão 2.2. Orientação para o sucesso .....	209
5.2.3. Subdimensão 2.3. Orientação Intelectual-Cultural .....	210
5.2.4. Subdimensão 2.4. Orientação para as atividades recreativas .....	211

5.2.5. Subdimensão 2.5. Orientação Moral e Religiosa .....	212
5.3. Dimensão Manutenção do Sistema .....	213
5.3.1. Subdimensão 3.1. Organização .....	213
5.3.2. Subdimensão 3.2. Controlo .....	214
6. Correlação entre itens dos fatores do IPSF- Jovens.....	214
7. Correlação entre itens dos fatores do IPSF- Famílias .....	230
8. Correlação entre fatores do IPSF .....	244
9. Alfa de Cronbach e médias dos itens de cada fator do IPSF- Jovens .....	245
9.1. Fator 1 Afetivo Consistente .....	245
9.2. Fator 2 Adaptação Familiar .....	246
9.3. Fator 3 Autonomia Familiar .....	247
10. Alfa de Cronbach e médias dos itens de cada fator do IPSF- Famílias .....	248
10.1. Fator 1. Afetivo Consistente.....	248
10.2. Fator 2 Adaptação Familiar .....	249
10.3. Fator 3 Autonomia Familiar .....	250
E. Protocolo de Avaliação Inicial/Diagnóstico Social – Serviço Social .....	251

## **Índice de Tabelas**

Tabela 1. Caracterização da amostra .....	26
Tabela 2. Caracterização da amostra de jovens - análise cruzada entre sexo e patologia .....	27

## Índice de Figuras

Figura 1. Correlação entre itens-subdimensão Coesão- jovens .....	28
Figura 2. Correlação entre itens-subdimensão Expressividade- jovens .....	30
Figura 3. Correlação entre itens-subdimensão Conflito- jovens .....	31
Figura 4. Correlação entre itens-subdimensão Independência- jovens .....	32
Figura 5. Correlação entre itens-subdimensão Orientação para o sucesso- jovens .....	33
Figura 6. Correlação entre itens-subdimensão Orientação intelectual-cultural- jovens ..	34
Figura 7. Correlação entre itens-subdimensão Orientação para as atividades recreativas- jovens.....	35
Figura 8. Correlação entre itens-subdimensão Orientação moral e religiosa- jovens .....	36
Figura 9. Correlação entre itens-subdimensão Organização- jovens .....	37
Figura 10. Correlação entre itens-subdimensão Controlo- jovens .....	38
Figura 11. Correlação entre itens-subdimensão Coesão- famílias .....	40
Figura 12. Correlação entre itens-subdimensão Expressividade- famílias.....	41
Figura 13. Correlação entre itens-subdimensão Conflito- famílias.....	42
Figura 14. Correlação entre itens-subdimensão Independência- famílias.....	43
Figura 15. Correlação entre itens-subdimensão Orientação para o sucesso- famílias.....	44
Figura 16. Correlação entre itens-subdimensão Orientação intelectual-cultural- famílias .....	45
Figura 17. Correlação entre itens-subdimensão Orientação para as atividades recreativas- famílias .....	46
Figura 18. Correlação entre itens- subdimensão Orientação moral e religiosa- famílias	47
Figura 19. Correlação entre itens-subdimensão Organização - famílias .....	48
Figura 20. Correlação entre itens-subdimensão Controlo- famílias .....	49
Figura 21. Diagrama e reta de dispersão entre Coesão e Expressividade - jovens.....	53
Figura 22. Diagrama e reta de dispersão entre Coesão e Conflito - jovens.....	53
Figura 23. Diagrama e reta de dispersão entre Coesão e Independência - jovens.....	54
Figura 24. Diagrama e reta de dispersão entre Coesão e Orientação para o sucesso - jovens .....	54
Figura 25. Diagrama e reta de dispersão entre Coesão e Orientação para as atividades recreativas - jovens .....	55
Figura 26. Diagrama e reta de dispersão entre Coesão e Orientação moral e religiosa – jovens.....	55
Figura 27. Diagrama e reta de dispersão entre Coesão e Organização - jovens.....	56



Figura 28. Diagrama e reta de dispersão entre Coesão e Controlo - jovens.....	56
Figura 29. Diagrama e reta de dispersão entre Expressividade e Orientação Intelectual-Cultural - jovens .....	57
Figura 30. Diagrama e reta de dispersão entre Expressividade e Orientação para as atividades recreativas- jovens.....	57
Figura 31. Diagrama e reta de dispersão entre Expressividade e Orientação moral e religiosa - jovens.....	58
Figura 32. Diagrama e reta de dispersão entre Expressividade e Organização - jovens ..	58
Figura 33. Diagrama e reta de dispersão entre Conflito e Independência - jovens .....	59
Figura 34. Diagrama e reta de dispersão entre Conflito e Organização- jovens .....	59
Figura 35. Diagrama e reta de dispersão entre Conflito e Controlo- jovens .....	60
Figura 36. Diagrama e reta de dispersão entre Independência e Orientação para o sucesso - jovens .....	60
Figura 37. Diagrama e reta de dispersão entre Independência e Orientação Intelectual-Cultural - jovens .....	61
Figura 38. Diagrama e reta de dispersão entre Independência e Orientação para as atividades recreativas - jovens.....	61
Figura 39. Diagrama e reta de dispersão entre Independência e Orientação moral e religiosa - jovens.....	62
Figura 40. Diagrama e reta de dispersão entre Independência e Organização - jovens ..	62
Figura 41. Diagrama e reta de dispersão entre Independência e Controlo – jovens.....	63
Figura 42. Diagrama e reta de dispersão entre Orientação para o sucesso e Orientação moral e religiosa - jovens.....	63
Figura 43. Diagrama e reta de dispersão entre Orientação para o sucesso e Organização - jovens.....	64
Figura 44. Diagrama e reta de dispersão entre Orientação para o sucesso e Controlo - jovens.....	64
Figura 45. Diagrama e reta de dispersão entre Orientação Intelectual-Cultural e Orientação para as atividades recreativas- jovens .....	65
Figura 46. Diagrama e reta de dispersão entre Orientação Intelectual-Cultural e Orientação moral e religiosa - jovens .....	65
Figura 47. Diagrama e reta de dispersão entre Orientação para as atividades recreativas e Orientação moral e religiosa - jovens .....	66

Figura 48. Diagrama e reta de dispersão entre Orientação para as atividades recreativas e Organização - jovens .....	66
Figura 49. Diagrama e reta de dispersão entre Orientação para as atividades recreativas e Controlo - jovens .....	67
Figura 50. Diagrama e reta de dispersão entre Orientação moral e religiosa e Organização - jovens .....	67
Figura 51. Diagrama e reta de dispersão entre Orientação moral e religiosa e Controlo - jovens.....	68
Figura 52. Diagrama e reta de dispersão entre Organização e Controlo – jovens.....	68
Figura 53. Diagrama e reta de dispersão entre Coesão e Expressividade - famílias .....	69
Figura 54. Diagrama e reta de dispersão entre Coesão e Conflito – famílias.....	69
Figura 55. Diagrama e reta de dispersão entre Coesão e Organização – famílias.....	70
Figura 56. Diagrama e reta de dispersão entre Coesão e Controlo - famílias .....	70
Figura 57. Diagrama e reta de dispersão entre Expressividade e Conflito - famílias.....	71
Figura 58. Diagrama e reta de dispersão entre Expressividade e Independência - famílias .....	71
Figura 59. Diagrama e reta de dispersão entre Expressividade e Orientação Intelectual-Cultural - famílias .....	72
Figura 60. Diagrama e reta de dispersão entre Expressividade e Orientação para as atividades recreativas- famílias .....	72
Figura 61. Diagrama e reta de dispersão entre Expressividade e Controlo- famílias.....	73
Figura 62. Diagrama e reta de dispersão entre Conflito e Orientação moral e religiosa - famílias .....	73
Figura 63. Diagrama e reta de dispersão entre Conflito e Controlo - famílias.....	74
Figura 64. Diagrama e reta de dispersão entre Independência e Orientação Intelectual-Cultural - famílias .....	74
Figura 65. Diagrama e reta de dispersão entre Independência e Orientação moral e religiosa - famílias .....	75
Figura 66. Diagrama e reta de dispersão entre Orientação Intelectual-Cultural e Orientação para as atividades recreativas - famílias.....	75
Figura 67. Correlação entre itens - Fator Afetivo consistente - jovens .....	76
Figura 68. Correlação entre itens - Fator Adaptação - jovens .....	78
Figura 69. Correlação entre itens - Fator Autonomia - jovens .....	79
Figura 70. Correlação entre itens - Fator Afetivo Consistente - famílias.....	80

Figura 71. Correlação entre itens - Fator Adaptação - famílias.....	82
Figura 72. Correlação entre itens - Fator Autonomia - famílias.....	83
Figura 73. Diagrama e reta de dispersão entre Fator Adaptação e Fator Afetivo Consistente - jovens.....	85
Figura 74. Diagrama e reta de dispersão entre Fator Afetivo Consistente e Fator Autonomia - jovens .....	85
Figura 75. Diagrama e reta de dispersão entre Fator Adaptação e Fator Afetivo Consistente- famílias .....	86

## **Lista de abreviaturas e siglas**

CHSJ- Centro Hospitalar São João

UPJF- Unidade de Psiquiatria do Jovem e da Família

OMS- Organização Mundial da Saúde

DGS- Direção-Geral da Saúde

CID-10- Classificação Internacional de Doenças

AACAP- Academia Americana de Psiquiatria da Infância e Adolescência

IPSF- Inventário de Perceção de Suporte Familiar

FES- *Family Environment Scale*

## **Introdução**

A investigação aqui proposta, realizada no âmbito do Mestrado em Intervenção Social na Infância e Juventude em Risco de Exclusão Social, promovida pelo Instituto Superior de Serviço Social do Porto, partiu das seguintes interrogações:

Qual é a perceção de jovens diagnosticados com uma perturbação mental a respeito do suporte familiar que recebem e do seu impacto no seu processo de reabilitação psicossocial? E que representações tem a família de jovens afetados por uma doença mental acerca da relação entre o ambiente familiar que proporcionam aos seus membros e o processo de recuperação que os seus familiares fazem no que diz respeito à sua patologia?

O interesse em responder a estas questões justifica-se pelo nosso desejo em compreender melhor o peso dos determinantes sociais da saúde mental, muito em particular o papel que a rede familiar desempenha no processo de tratamento e reabilitação de jovens com doença mental.

É amplamente reconhecido que o capital social, enquanto conjunto de recursos obtidos graças à integração numa rede social, é importante para a saúde e o bem-estar mental. O conceito de suporte social é também, cada vez mais, perspectivado como útil para o trabalho social, designadamente por poder contribuir para a conceção e implementação de intervenções sociais dirigidas à reabilitação de pessoas afetadas por problemas de saúde mental. A escassez de modelos orientadores de práticas profissionais com vista a apoiar o trabalho de ampliação, desenvolvimento e reforço de redes sociais e, com efeito, de melhoria do acesso ao capital social de pessoas diagnosticadas com doenças mentais impulsionou-nos, assim, a realizar a presente investigação.

Com efeito, este estudo propõe-se clarificar e compreender, por um lado, a perceção que as famílias de jovens que experienciam uma doença mental têm sobre o peso das relações instituídas no seio familiar, das formas de comunicação que utilizam, dos comportamentos e condutas dos membros familiares na atenuação dos efeitos associados às perturbações do foro mental. Perceber o grau de consciência que as famílias têm sobre os efeitos do suporte familiar no processo de *recovery* e de reabilitação dos seus membros mais jovens diagnosticados com uma doença mental é um dos pilares basilares desta investigação.

Partindo do pressuposto de que a família que sabe mobilizar os seus recursos e conhecimentos é mais capaz de se adaptar às situações de crise (McCubbin & McCubbin,

1993 como citado em Gomes, Martins, & Amendoeira, 2011) o que significa “dar resposta” às necessidades dos seus membros, quisemos perceber até que ponto famílias que têm no seu agregado membros familiares jovens com doença mental consideram o seu papel relevante no processo de recuperação dos seus familiares.

Um segundo objetivo desta investigação é o de avaliar as representações que os jovens com doença mental têm sobre o seu ambiente familiar: que relação estabelecem os jovens que experienciam uma perturbação mental entre o suporte físico e emocional que a família lhes proporciona e o seu processo de *recovery*?

De acordo com a perspetiva de que partimos, a compreensão dos efeitos do ambiente familiar na evolução/recuperação dos efeitos associados à doença mental representa uma mais valia, na medida em que tal entendimento poderá conduzir à estruturação de planos de intervenção que capacitem as famílias para lidar com os desafios associados à gestão da doença mental.

Desta forma, procedeu-se à aplicação de duas escalas de medição do ambiente familiar e da perceção do suporte familiar existente [Family Environment Scale (Moos & Moos, 1986: adaptação portuguesa Matos & Fontaine, 1992) e Inventário de Perceção do Suporte Familiar (Baptista, 2008)] a um grupo de 14 jovens diagnosticados com uma doença mental e a um dos elementos do seu agregado familiar. Os dados foram recolhidos na Unidade de Psiquiatria do Jovem e da Família,<sup>1</sup> do Centro Hospitalar São João, uma Unidade que atende do ponto de vista psiquiátrico a população infantil adolescente e juvenil (de idade inferior a 26 anos).

O presente trabalho estrutura-se em quatro capítulos principais: i) contributos para a delimitação do objeto de estudo e construção da problemática teórica; ii) considerações metodológicas; iii) apresentação e discussão dos resultados; iv) trabalho do Assistente Social na promoção da Saúde Mental.

O primeiro capítulo reporta-nos para a explicação da problemática em torno de contributos teóricos que ajudam a compreender de que forma o suporte familiar e o processo de *recovery* dos jovens com patologia mental estão relacionados.

---

<sup>1</sup> A presente Unidade abrange os seguintes serviços de saúde: Serviço dirigido às Perturbações do Comportamento Alimentar, Psiquiatria do Adulto Jovem, Psiquiatria da Infância e da Adolescência e o Gabinete de Terapia Familiar. Fazem, ainda, parte desta Unidade um conjunto de respostas institucionais como o Internamento de Agudos, Hospital de Dia, Consulta Externa, poio ao Internamento Hospitalar no Hospital Pediátrico Integrado no âmbito da Psiquiatria de Ligação e Psicologia da Saúde.

O segundo capítulo aborda as opções metodológicas, abrangendo questões como o método de análise, o objeto de estudo e os objetivos da investigação, bem como os instrumentos e técnicas de recolha de informação privilegiadas. Acresce-se, ainda, uma exposição sobre os procedimentos adoptados no momento da recolha de informação e, também, uma descrição sobre o processo de tratamento dos dados alcançados.

O terceiro capítulo foca-se na apresentação e discussão dos resultados, contemplando quer os resultados obtidos com base na escala Family Environment Scale (FES) (Moos & Moos, 1986: adaptação portuguesa Matos & Fontaine, 1992), quer os resultados obtidos com base no Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF) (Baptista, 2008).

O quarto capítulo remete-nos para uma reflexão sobre as práticas dos profissionais de serviço social em contextos hospitalares, no âmbito da Saúde Mental. Pretendemos, neste capítulo, compreender e refletir sobre o trabalho desenvolvido pela Assistente Social que intervém junto dos jovens com doença mental, integrados no hospital de dia da Unidade de Psiquiatria do Jovem e da Família, do Centro Hospitalar São João, e respetivas famílias.

## **Capítulo I. Contributos para a delimitação do objeto de estudo e construção da problemática teórica: a relação entre o suporte familiar e o processo de *recovery* de jovens diagnosticados com uma doença mental**

O estudo em questão pretende ser um contributo na produção de conhecimento científico válido e credível, que possibilite uma melhor compreensão do papel da família na superação das dificuldades associadas à doença mental em jovens.

Um primeiro passo que consideramos essencial dar na construção da problemática teórica deste trabalho é o de perceber como tem vindo a ser definido o conceito de saúde mental e perspectivada a relação entre a saúde/doença e fatores sociais.

Se partirmos do conceito de saúde avançado pela Organização Mundial de Saúde (2001), entendemos quão difícil tem sido o seu trabalho de conceptualização. Vejamos as referências dadas por esta Organização para definir saúde/doença: a saúde não é apenas “*a ausência de doença ou enfermidade*”, mas, igualmente, “*um estado completo de bem-estar físico, mental e social*”; “*saúde mental é algo mais do que a ausência de transtornos mentais*” (*idem*, p. 30).

Parece-nos pertinente sublinhar aqui o peso que os chamados “determinantes sociais da saúde” têm na criação de populações saudáveis ou doentes. Um “estado completo de bem-estar” pode significar, por exemplo, que as pessoas tenham mais alguma coisa do que simplesmente não estarem doentes. Tenham direito a uma habitação, direito a um trabalho, direito a um salário digno, direito à educação, direito a usufruir de oportunidades de aprender na escola assuntos com significado e utilidade para a sua vida, acesso a serviços de saúde de qualidade... Em causa, estão, pois, fatores económicos e sociais que interferem na distribuição de rendimentos, na criação de bem-estar ou de pobreza, na privação ou acesso a bens essenciais, tais como a alimentação, a segurança, a educação, a habitação ou cuidados médicos.

Este entendimento da doença mental à luz de fatores que vão muito além dos biológicos (Alves & Rodrigues, 2010) leva-nos a admitir que as medidas de reforço na área da saúde mental não se podem limitar à prescrição de fármacos, mas sim na estruturação e aposta em serviços integrados e de proximidade.

Superar o sofrimento associado ao diagnóstico de uma patologia mental não é, portanto, tarefa apenas para os profissionais de saúde. Exige, antes, um trabalho sério e incisivo em todos os determinantes sociais e económicos que estão a montante da doença.



Como aponta, de novo, a OMS (2001), fatores “*sociais e econômicos, fatores demográficos, como sexo e idade, ameaças graves, tais como conflitos e desastres, a presença de uma doença física grave e o ambiente familiar*” são variáveis que determinam a emergência de uma doença mental (p. 39).

Na verdade, grande parte do sofrimento que atira as pessoas para problemas do foro mental tem início nos contextos de trabalho, nas adversas condições sociais de existência, nas dificuldades diárias que surgem pelo facto de se viver numa habitação indigna, na vivência de situações graves de privação material de vida, nas escassas oportunidades que o sistema de ensino oferece a todos aqueles cuja cultura familiar é tão distante dos conhecimentos e princípios que a escola defende e preconiza...

Não é este o espaço para explorarmos a inegável relação entre fatores económicos, sociais e políticos na produção e reprodução de problemas de foro mental. O nosso objetivo com esta breve reflexão é apenas a de clarificarmos um dos nossos principais pressupostos teóricos de partida: perspetivamos a doença mental como o resultado de determinantes económico-sociais e não apenas (e unicamente) de fatores biológicos, inerentes ao modo de funcionamento mental do indivíduo, como se o mesmo fosse dissociado das suas condições sociais de existência.

## **1. Sobre o conceito de suporte social e familiar**

Uma das premissas teóricas de que partimos, e que está intimamente associada à que explicitamos no último parágrafo da introdução ao primeiro capítulo, é a de que o sistema familiar influencia o processo de funcionamento mental das gerações mais novas, ora contribuindo para a reprodução e agravamento das perturbações mentais dos elementos mais jovens, ora promovendo a sua autonomia, independência e reabilitação psicossocial (Souza & Baptista, 2008).

Como é amplamente reconhecido na literatura que analisa a relação entre a saúde mental e o sistema familiar, a família tanto pode contribuir para o desenvolvimento de estados de doença dos elementos mais jovens, como pode constituir-se num suporte de atenção e afeição indutor de estímulos positivos e necessários para a recuperação daqueles a quem lhes foi diagnosticada uma doença mental. As dinâmicas familiares, entendidas como as interações e vínculos existentes entre os membros da família, contribuem para a definição da saúde mental dos membros mais jovens, desde logo porque delas dependem o desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças (Zamberlan e Biasoli-

Alves, 1996 como citado em Souza & Baptista, 2008). Acredita-se, portanto, que a saúde mental das crianças e dos jovens está intimamente relacionada com o funcionamento do sistema familiar (Santos, 2015).

É da qualidade das conexões estabelecidas e dos laços criados entre os elementos familiares adultos e as crianças que vai depender a superação (ou não) das crises psicossociais (Erikson, 1972) ou, noutros termos, dos conflitos cognitivos (Piaget, 1970) a que uma criança é submetida no decurso do seu desenvolvimento. Ora se a família não for capaz de investir atenção, cuidados e, mais ainda, se não proporcionar estímulos e oportunidades sociais aos seus elementos mais jovens, as crianças e jovens estarão expostos a riscos acrescidos de virem a desenvolver distúrbios infantis (Steinhausen, 1985 como citado em Souza & Baptista, 2008).

Neste sentido, entende-se a importância do sistema de suporte familiar na promoção da saúde ou da doença mental, na medida em que desse sistema também depende a reunião das condições necessárias à superação das crises da vida. Conforme nos alertam Unchino, Cacioppo e KiecoltGlaser (1996 como citado em Souza & Baptista, 2008) o suporte que a família fornece junto dos seus elementos, assim como a percepção que o indivíduo tem desse mesmo apoio, influencia diretamente o seu bem-estar físico, psíquico e social, sendo que a falta desse suporte é um dos fatores que predispõe os indivíduos à doença mental. Entende-se “suporte” como os recursos (culturais, simbólicos, emocionais e normativos) que os indivíduos têm ao seu dispor para fazer frente às dificuldades e constrangimentos que fazem parte da vida quotidiana. O suporte familiar é, portanto, entendido como a exteriorização de atitudes de atenção, diálogo, liberdade, autonomia e afetividade entre os elementos da família. É um instrumento fundamental de apoio, que pode ser promotor de proteção no que concerne ao risco de se desenvolver uma doença mental e aos acontecimentos mais difíceis e traumáticos que possam acontecer ao longo da vida (Souza & Baptista, 2008).

De acordo com o modelo apresentado por Olson, Russel e Sprenkle (1983 como citado em Souza & Baptista, 2008) sobre os sistemas familiares, são três as dimensões do comportamento familiar que devem ser concretizadas para garantir o desenvolvimento de um sistema funcional.

A primeira dimensão corresponde à *coesão* que diz respeito aos laços sociais estabelecidos no seio familiar, incluindo fatores como o tempo e o contacto entre os membros da família, os interesses partilhados, os limites e as regras estabelecidas e a maneira como o poder é, ou não, partilhado entre os diferentes membros do agregado

familiar. O indicador coesão está, ainda, relacionado com a qualidade dos laços emocionais existentes entre os diversos membros do agregado familiar. A avaliação dos níveis de coesão familiar acontece por intermédio de variáveis como o tempo em que os membros estão em interação, as alianças e coligações existentes, os espaços partilhados, a forma como as decisões são tomadas, os desejos e interesses em comum.

A segunda dimensão identificada pelos autores atrás referidos é a *adaptabilidade* e relaciona-se com a capacidade da família em ultrapassar momentos de crise e apoiar os seus membros nas situações mais traumáticas da vida. A adaptabilidade diz, então, respeito à capacidade de a família ajustar as suas dinâmicas, comportamentos, regras e rotinas face a situações adversas e que não está habituada a lidar. Para que seja possível à família uma adaptação mais fácil a novos contextos de vida pressupõe-se que os elementos familiares sejam assertivos, isto é, que tenham a capacidade de assumir as rédeas da sua vida, com confiança e segurança naquilo que defendem e pretendem alcançar. Além disso, dizem os autores, o controlo e a disciplina são fundamentais para que a família possa ajustar-se adequadamente a situações stressantes do quotidiano.

Por último, a dimensão *comunicação* inclui indicadores como a capacidade de se ser empático na relação com o outro, de o escutar ativamente, de expressar afeição e interesse genuíno. Perceber-se que se é amado, respeitado e reconhecido pelos outros é uma condição importante para o processo de integração familiar. Reconhece-se, à luz deste modelo, que formas de comunicação positivas contribuem largamente para a criação e manutenção de redes de relações coesas, em que os seus membros são capazes de partilhar as suas experiências e sentimentos. A partilha de informação e de experiências entre os elementos familiares é de suma importância na medida em que permite desenvolver formas de relacionamento mais saudáveis e coesas.

Com efeito, para os autores que propuseram o modelo de “sistema familiar funcional”, as famílias que apresentem níveis de coesão satisfatórios são capazes de oferecer aos seus membros sentimentos de independência e autonomia, de pertença e ligação a um grupo, requisitos esses fundamentais para a ajustada integração dos indivíduos no seio familiar.

Na linha de pensamento destes autores, encontram-se outros estudos que comprovam que a qualidade dos recursos sociais interfere, de forma decisiva, na capacidade dos indivíduos se adaptarem às mudanças da vida, verificando-se melhores níveis de saúde mental e física nas pessoas que apresentam laços sociais familiares sólidos

e de genuína atenção e suporte (Zamberlan e Biasoli-Alves, 1996 como citado em Souza & Baptista, 2008).

Souza e Baptista (2008), citando Moos (1990) e Campos (2004), explicam que o conceito de suporte familiar corresponde às ações levadas a cabo pela família que promovem relações duradouras e estáveis, que se baseiam na confiança, apoio, ajuda, afeto, atenção e no estímulo à autonomia entre os elementos da família. Com este autor, também se reconhece que o suporte familiar é um instrumento de proteção que envolve, por parte dos pais ou cuidadores, atitudes de dedicação, preocupação, cooperação, aceitação (Parker, Tupling & Brown, 1979 como citado em Souza & Baptista, 2008). É um conjunto de competências que a família dispõe para oferecer carinho, estabilidade, atenção, diálogo, partilha de informação, autonomia, afetividade, aceitação e liberdade de pensar, agir e sentir.

De modo similar, Fères-Carneiro (1992 como citado em Souza & Baptista, 2008) define suporte familiar como a reunião de um conjunto de competências como “saber comunicar de modo congruente”, “direcional” e com “elevada carga emocional”, saber “estabelecer regras coerentes e flexíveis” e “poder partilhado” pelos filhos de forma democrática. Em suma, falamos em suporte familiar quando nos referimos a relações que promovam o aumento da autoestima dos membros familiares, sem se pôr em causa as idiossincrasias de cada elemento.

Se nos centrarmos agora nos contributos de Abreu (2008) para apreendermos a dimensão funcional do suporte social podemos destacar três formas de apoio: emocional; instrumental/material e informativo. De acordo com a autora, o apoio emocional corresponde à existência de relações caracterizadas por atitudes de compreensão, empatia, motivação e apoio nas diversas situações da vida. Prestar apoio emocional significa, não só, estar disponível para ouvir e compreender o outro, mas também, a manifestação e partilha de carinho, amor, afeto, preocupação, estima e, igualmente, a transmissão da ideia de que se pertence a determinado sistema de suporte social (Barrón, 1996 como citado em Abreu, 2008).

A segunda forma de apoio – a tangível ou instrumental – compreende as ajudas prestadas pelos outros no exercício das tarefas da casa e de outras situações quotidianas ou excecionais que possam surgir. É, portanto, a existência de outros significativos que auxiliem o indivíduo na gestão da sua vida e diminuam o impacto das situações de maior stress (Abreu, 2008). A autora (*idem*) acredita que, para que esta forma de apoio seja uma verdadeira ajuda em certas fases do desenvolvimento humano e das situações sociais mais

vulneráveis, é necessário que este mesmo suporte seja percebido como adequado e deve ser o próprio indivíduo, que necessita de apoio, que o deve solicitar.

Por último, o apoio informativo diz respeito ao aconselhamento prestado pelos membros de determinado sistema de suporte social. Entende-se a importância de promover orientações e conselhos aos membros de uma família, que permitam o crescimento pessoal e social do indivíduo e que auxiliem o fortalecimento dos laços sociais e estabelecimento de relações de confiança e de segurança (Sluzki, 1996 como citado em Abreu, 2008).

Ao prevenir o desenvolvimento de doenças, atenuando momentos de crise e stress, o suporte familiar pode ser encarado como a presença de outros significativos, em quem se pode confiar, e que dão ao indivíduo a certeza de que existem pessoas que se preocupam consigo, que gostam de si e o reconhecem como um ser importante (Sarason *et al.*, 1983 como citado em Ribeiro, 1999).

A convicção de que a relação entre pais e filhos é crucial para que as crianças se desenvolvam dentro do que é considerado normal e aceitável é partilhada por distintos autores de diversas áreas do saber. O pedopsiquiatra Pedro Strecht (2000) é um deles. Como citado em Marques (2012), e indo de encontro aos contributos do autor, percebemos que *“os principais alicerces do sentimento de respeito e consideração por nós próprios residem nas sensações de ser amado, respeitado e admirado. Se uma criança for privada de interações emocionais positivas e consistentes com os seus cuidadores, se não usufruir de uma certa dose de recompensa positiva em relação às suas aquisições (...) terá certas dificuldades em desenvolver o pensamento, (...), em gostar de si própria”* (p. 250).

A vinculação, caracterizada pela afeição recíproca e pelo desejo partilhado de manter a aproximação física (Ainsworth, 1973; Bowlby, 1969), apresenta-se como um processo crucial para o saudável crescimento e desenvolvimento da criança, na medida em que é através deste laço que a criança se reconhece e constrói a sua identidade. O modelo de vinculação entre a criança e os seus cuidadores mais próximos é determinante no desenvolvimento emocional e na saúde mental da criança, podendo funcionar como um trunfo no que respeita à sua integração social e bem-estar, no caso de se tratar de um padrão de vinculação segura. A proximidade física, a prestação de cuidados diários, o amor, carinho, o interesse e preocupação no desenvolvimento equilibrado por parte dos cuidadores constitui uma forma do indivíduo sentir estabilidade, confiança, segurança nele próprio e nas relações sociais que estabelece com outros.

Por outro lado, Mc Farlene, Bellissimo e Norman (1995 como citado em Souza & Baptista, 2008) alertam-nos que não existe uma relação “causa – efeito” entre o conceito de estrutura e suporte familiar precisamente porque os autores acreditam que diferentes tipos de família são igualmente capazes de prestar suporte aos seus membros. Se, por um lado, o conceito de estrutura familiar está relacionado com a quantidade de elementos que integram o sistema familiar, a sua composição e formas de organização, por outro, o conceito de suporte diz respeito às características emocionais que a família dispõe, tais como, proteção, carinho, afetividade, empatia, atenção, apoio e entreaajuda. A definição de uma família funcional não está, para os referidos autores, relacionada com o tipo de família, mas sim com a forma como os pais tratam os filhos. Um estudo desenvolvido pelos autores evidencia que a estrutura familiar não influencia diretamente o funcionamento ajustado do sistema familiar. Contrariamente, a forma como os filhos são cuidados é o principal fator na determinação da integração no seio familiar e para o bem-estar da criança ou adolescente.

Em suma, o que pretendemos aqui realçar é que o desempenho funcional da família, enquanto rede de suporte privilegiado de uma criança, determinará se a mesma terá ou não os recursos indispensáveis ao seu crescimento dito “saudável” e “ajustado”. Aliás, uma premissa bem sublinhada pela própria OMS (2001) no seu relatório...: *“o afeto, a atenção e o cuidado constante dispensado permite que a criança se desenvolva normalmente Já a não transmissão desses cuidados pode aumentar a probabilidade dessa criança manifestar distúrbios mentais e comportamentais, tanto durante a infância quanto em fases posteriores da vida”* (p. 211).

Com efeito, se quisermos pensar nas vias de superação e reabilitação da doença mental, é necessário compreender, entre outros fatores, o nível de suporte familiar de que dispõe o indivíduo. Se o suporte social familiar funcionar, o indivíduo terá mais facilidade em recuperar e em integrar-se noutros sistemas igualmente importantes para o seu pleno desenvolvimento.

Um outro aspeto a ter em consideração é a diferença entre “apoio recebido” e “apoio percebido”, associada às proporções e origens desses mesmos apoios (Lin, 1986 como citado em Abreu, 2008). O conceito de apoio social deve, então, ser encarado segundo duas dimensões distintas: a dimensão objetiva e a dimensão subjetiva. Enquanto a primeira – dimensão objetiva- está relacionada com os indicadores concretos que evidenciam a existência de apoio, a segunda dimensão, a subjetiva, diz respeito à percepção que os indivíduos têm acerca do apoio social que lhe é prestado.

Caplan (1974 como citado em Ornelas, 1994), conhecido como um dos pioneiros na investigação sobre o suporte social, alerta, pois, para a necessidade de reconhecer essa importante distinção se quisermos compreender o suporte social de alguém. Diz ele que para que o apoio social seja efetivo é necessário que o sistema de suporte seja capaz de prestar apoio ao indivíduo na mobilização dos seus recursos para uma melhor gestão da vida quotidiana e dos problemas que podem advir em momentos de crise. O sistema de apoio social, para além de garantir ajuda, assistência material, deve, ainda, assegurar a partilha de responsabilidades, informações e ações, fundamentais para o estabelecimento de uma rede social coesa (Ornelas, 1994).

Já a perceção acerca do apoio recebido, e que corresponde às avaliações realizadas por quem recebe o apoio relativo aos diferentes comportamentos de suporte (Vaux, 1988 como citado em Abreu, 2008), pode ser distinta do apoio efetivamente recebido pelo indivíduo.

Conhecer qual o suporte familiar de que a criança ou o jovem dispõe, mas, também como avalia esse mesmo elemento parece-nos ser um primeiro passo para pensar em intervenções capazes de contribuir para a redução dos efeitos associados aos transtornos mentais em jovens adultos.

Conforme assinala Campos (2004 como citado em Souza & Baptista, 2008) o efeito do suporte alicerça-se à medida que é percebido pelo indivíduo como satisfatório, de forma a que esse mesmo indivíduo, que recebe o suporte, se sinta valorizado, reconhecido, protegido, cuidado e estimado.

Uma perceção positiva do jovem acerca do seu suporte familiar contribui para que possa encarar a dinâmica familiar como um verdadeiro sistema de ajuda, proteção e estima, perceção essa que produzirá efeitos positivos no seu bem-estar emocional.

Salientámos, por fim, que embora o foco da nossa investigação seja perceber o impacto do sistema familiar na promoção da saúde ou da doença mental na ótica de jovens diagnosticados com uma doença mental e seus familiares, é importante não esquecer a multidimensionalidade das relações sociais e, como tal, convém sublinhar que o funcionamento familiar está dependente de acontecimentos exteriores à própria dinâmica familiar, como é o caso do desemprego, do desenvolvimento de doenças físicas ou mentais, e que podem alterar drasticamente o funcionamento do sistema familiar. Ora isso significa que o ambiente familiar, o suporte social que a família presta, ou não, não é uma variável isolada e, como tal, tem que ser percecionada também ela como o resultado de outras forças sociais que a constroem, modelam, influenciam e dão forma.

## **2. Entre o suporte social e familiar e o processo de *recovery*: que conexões?**

A implementação das práticas de *recovery*, na área da saúde mental ao nível internacional, teve início no final da década de 80. Definido como um processo de luta constante pela redescoberta de uma nova identidade, pela capacidade do indivíduo tomar decisões autonomamente, de crescimento e fortalecimento pessoal, o *recovery* não é senão um processo de reintegração do indivíduo na comunidade, através da sua participação nos sistemas sociais que o rodeiam (Ahern & Fisher, 1999 como citado em Duarte, 2007).

Já na década de 90, Anthony (1993 como citado em Duarte, 2007) abordava a importância dos serviços possibilitarem aos indivíduos com doença mental o acesso a oportunidades de *recovery*, participação ativa e integração na comunidade. Todos os indivíduos têm a mesma possibilidade de se recuperar e, como tal, as respostas sociais existentes devem realizar o seu trabalho tendo em conta este princípio, por forma a maximizar as oportunidades de *recovery*. Através de investigações realizadas, que serviram para aprofundar o saber científico sobre o processo de *recovery*, é possível apresentar quatro dimensões que devem ser respeitadas no trabalho junto de doentes em processo de *recovery*: orientação focada para a pessoa, o envolvimento e participação, autodeterminação e potencial de crescimento (Farkas, Anthony & Cohen, 1989 como citado em Farkas, Gagne, Anthony, & Chamberlin, 2005). O princípio da orientação para a pessoa pressupõe que os serviços, que integram na sua missão, finalidade e objetivos a promoção do *recovery*, centrem as suas intervenções no princípio de que todo o ser humano tem potencialidades e que é capaz de ultrapassar os problemas, se lhe forem dados os instrumentos necessários para tal. O indivíduo deve ser tido como um todo – ser biopsicossocial – e não apenas como um doente que necessita de um tratamento pontual. Por sua vez, a dimensão do envolvimento da pessoa no processo de *recovery* destaca a necessidade do indivíduo com doença mental participar, ativamente, em todo o processo de recuperação e tratamento. Os profissionais devem promover a participação do utente no processo de recuperação, através da integração deste na definição, planificação, execução e avaliação dos serviços que apoiam o *recovery*. Relativamente à autodeterminação/escolha, este valor chave do *recovery* prevê que os serviços reúnam forças para desenvolver um trabalho que respeite o direito da pessoa em tudo que envolva o seu processo de *recovery* – objetivos, resultados que pretende atingir, intervenções e serviços mais benéficos para o tratamento da doença.



Considerando a difícil conceptualização do conceito, autores como Jacobson e Greenley (2001 como citado em Duarte, 2007) defendem que “*o recovery é descrito de várias maneiras como qualquer coisa que os indivíduos experimentam, que os serviços promovem e que os sistemas facilitam*” (p. 482).

Entende-se, portanto, o *recovery* como um processo em que está pressuposto a reconquista da esperança perdida pelo impacto da doença mental nas variadas dimensões da vida do indivíduo, reconquista da confiança em si mesmo e nos outros, integração e participação em sistemas sociais valorizados e reconhecidos socialmente e da gestão e autodomínio das suas próprias vidas (Fischer, 2006).

O *recovery* requer adaptação do indivíduo com doença mental ao mundo e à comunidade. composto não apenas por uma dimensão individual, mas também, uma dimensão social, que se revela fundamental no processo de recuperação do doente. Para o sucesso do processo de *recovery* é necessário que exista, por parte do doente mental, uma participação ativa na comunidade e o estabelecimento de ligações com outros, que permitam a construção de fortes redes de suporte social. Assim, é crucial o suporte da família, dos amigos e de todos os que envolvem a pessoa com doença mental, mas igualmente, a possibilidade de aceder a diversos sistemas de proteção social, tais como o mercado de trabalho, habitação, educação, saúde (Onken *et al.* 2002). Para além da dimensão social do processo de *recovery*, que ocorre pela participação social do indivíduo doente na comunidade e pelo estabelecimento de relações com outros, o *recovery* pressupõe, igualmente, uma dimensão política, em que é exigido ao indivíduo uma participação ativa na ação política, “*implicando a reclamação da igualdade de oportunidades, dos direitos civis e da cidadania*” (Duarte, 2007, p. 129).

O *recovery* envolve não só a recuperação da doença mental, mas, também dos efeitos nefastos provocados pela doença na vida de cada indivíduo. O doente mental em processo de *recovery* pode “*ter que recuperar dos efeitos da institucionalização e do estigma social que ela provocou, da discriminação e do isolamento, da falta de oportunidades de autodeterminação e de participação social*” (*ibidem*).

Constata-se que a integração comunitária desempenha um papel fundamental para o processo de recuperação total dos indivíduos com doença mental. Além de princípio orientador é, igualmente, um objetivo a atingir ao longo do tratamento da doença e dos seus efeitos. Como já mencionado, para o sucesso do *recovery* é essencial que os indivíduos se relacionem com outros e que readquiram papéis sociais importantes socialmente. Para que tal seja possível, as instituições e serviços, que prestam apoio ao

nível da doença mental, devem ser capazes de providenciar e aumentar as oportunidades de acesso à plena participação comunitária. O emprego, habitação, saúde, educação e outros serviços sociais revelam-se cruciais para melhores condições de vida aos indivíduos com perturbação mental, assim como do aumento e fortalecimento de redes de suporte social (Chamberlin & Rogers, 1990).

Considerando os serviços de saúde mental que seguem os princípios do *recovery*, é necessário que estes apostem em ações de formação, seminários, conferências e outras formas de comunicação e de reflexão, para, em primeiro, alargar o conhecimento existente sobre este tema e, em segundo, promover a implementação de ações de *recovery* nos indivíduos com experiência em doença mental (Jacobson & Curtis, 2000). Estas ações de formação e reflexão sobre o *recovery* devem ser, não só para os profissionais que intervêm junto da problemática social em causa, mas, igualmente, para os próprios indivíduos que sofrem algum tipo de perturbação mental e para as suas famílias, cuidadores mais próximos e que, muitas vezes, não sabem lidar com a doença mental.

Dada a importância que a família apresenta como um sistema de suporte, responsável por satisfazer as necessidades emocionais, sociais e físicas, admite-se a pertinência de desenvolver estudos que analisem, profundamente, os efeitos da doença mental no seio familiar e o que deve ser feito para diminuir o impacto da doença mental no sistema familiar.

Considerando o *recovery* como a aprendizagem de uma nova forma de vida, um processo individual em que se pretende que o indivíduo recupere a autoestima perdida, a autoeficácia e desenvolva competências que o façam ter acesso às oportunidades de integração comunitária, a reabilitação psicossocial apresenta-se como um método de trabalho, integrado nos serviços de saúde mental, um conjunto de respostas e técnicas para que os indivíduos com problemas do foro mental, possam adaptar-se e integrar-se, novamente, no mundo que os rodeia.

Para a OMS (2001) “a reabilitação psicossocial é um processo que oferece aos indivíduos que estão debilitados, incapacitados ou deficientes, devido à perturbação mental, a oportunidade de atingir o seu nível potencial de funcionamento independente na comunidade. Envolve tanto o incremento de competências individuais com a introdução de mudanças ambientais” (p. 62). Seguindo contributos de Guterres (2005), de acordo com a OMS as intervenções de reabilitação divergem consoante as necessidades de cada indivíduo, do ambiente institucional em que acontece e do contexto económico social e cultural do país em que as intervenções são desenvolvidas.

Existem vários estudos que ilustram as conexões entre o processo de *recovery* e o suporte social e familiar (Sarason *et. al* (1985 como citado em Ribeiro, 1999). A investigação de Schwarzer e Leppin (1989 como citado em Ribeiro, 1999) é uma delas. No seu estudo-síntese de vários trabalhos de investigação comprovam que a existência de condições de doença (também mental) é maior em indivíduos que apresentavam fracas redes de suporte social e familiar. Kessler *et al.* (1985 como citado em Ribeiro, 1999) comprovam também que o suporte social é uma condição básica que protege os indivíduos com propensão para desenvolver perturbações mentais.

Reconhecendo a importância da família no processo de tratamento e reabilitação psicossocial, a Direção-Geral da Saúde em Portugal (DGS) promoveu, no ano de 2016, em Lisboa, o I Encontro Internacional sobre o papel e a importância da família na doença mental, apoiado pelo Programa Nacional para a Saúde Mental e a “Familiarmente” - Federação Nacional das Associações das Famílias de Pessoas com Experiência em Doença Mental. Partindo do pressuposto de que a família é um importante agente de suporte ao indivíduo com doença mental, o Programa Nacional para a Saúde Mental, tendo por base as diretrizes definidas no Plano Nacional 2007/2016, estabeleceu como prioritário a criação de associações e o apoio do trabalho das mesmas junto dos utentes e dos seus familiares. Concretizando este objetivo, surge a FamiliarMente, Federação de Associações de Familiares de Pessoas com Doença Mental, uma parceria fundamental no que concerne ao desenvolvimento de novas políticas de apoio aos utentes e famílias (DGS, 2016).

### **3. A prevalência das perturbações mentais na população juvenil em Portugal**

Em Portugal, os estudos sobre a prevalência da doença mental nos jovens, assim como os seus efeitos a curto e longo prazo, são, ainda, escassos, pelo que há muito trabalho a desenvolver no sentido de entender o peso que a doença mental acarreta para a vida dos jovens. De forma geral, as perturbações mentais são, nos dias de hoje, o principal motivo de incapacidade e um dos principais fatores de morbilidade: “*das 10 principais causas de incapacidade, 5 são perturbações psiquiátricas*” (Ministério da Saúde, 2008, p. 5). As perturbações mentais, nomeadamente a esquizofrenia, perturbação bipolar e a depressão, são consideradas, em Portugal, como a primeira causa de carga global da doença “*à custa, sobretudo, da incapacidade e do impacto que estas perturbações têm na vida diária das pessoas*” (Heitor, 2015, p. 103).

Segundo dados da OMS, referidos no relatório relativo à Rede de Referência Hospitalar de Psiquiatria da Infância e da adolescência (Coordenação Nacional para a Saúde Mental, 2011), sabe-se que, a nível global, cerca de 20% das crianças e adolescentes poderão vir a sofrer, pelo menos, uma perturbação psiquiátrica antes de atingirem a maioridade. Num estudo sobre os problemas de saúde mental na infância e adolescência, Santos (2015) refere, com base em estudos internacionais, que a prevalência da doença mental, nestas faixas etárias, afetará 15 a 30% da população, e que, na maioria dos casos, a doença permanecerá na fase adulta do desenvolvimento.

A análise dos indicadores estatísticos relativos à prevalência das perturbações mentais na infância e adolescência é uma mais valia no processo de construção de conhecimento científico sobre o fenómeno da doença mental na população juvenil adulta ao permitir compreender a dimensão de jovens adultos que desenvolvem distúrbios psiquiátricos. Tal compreensão apresenta-se como fundamental para o planeamento de serviços de saúde mental destinados a esta população, assim como a planificação de intervenções capazes de reabilitar o jovem e de promover a sua reintegração na comunidade.

As perturbações do foro mental são, então, consideradas o principal problema de saúde na Europa e afetam todas as faixas etárias da população. A OMS (2001), que encara as perturbações mentais na infância e na adolescência como comuns e incapacitantes, considera que cerca de 10% a 20% das crianças apresente um ou mais problemas de saúde mental, verificando-se, portanto, uma prevalência relativamente elevada da doença para esta faixa etária da população. Do mesmo modo, a Associação Americana de Psiquiatria da Infância e Adolescência (AACAP), estima que uma em cada cinco crianças nos EUA apresente problemas de saúde mental, tendência que poderá aumentar (como citado em (Marques & Cepêda, 2009)). Os dados sobre a saúde mental infantil e juvenil evidenciam uma realidade ainda mais assustadora ao estimarem que, apenas 1/5 das crianças com perturbações do foro mental, recebe tratamento individualizado e adequado à doença (*idem*).

Tendo em conta que grande parte das perturbações mentais surge em idades mais jovens (União Europeia, 2016), reforçamos a importância de implementar intervenções precoces e preventivas que sejam capazes de evitar a manifestação da doença em fases posteriores da vida. Segundo os dados estatísticos existentes acerca da prevalência das perturbações mentais nos adultos, Portugal é o país europeu que apresenta maior nível de prevalência de doenças mentais, o que comprova a necessidade de intervir

prematuramente nos casos de problemas relacionados com a saúde mental. O relatório “*Programa Nacional para a Saúde Mental 2017*”, da Direção Geral da Saúde, refere, precisamente que Portugal apresenta uma das mais elevadas taxas de prevalência das doenças mental da Europa, sendo que “*uma percentagem importante das pessoas com doenças mentais graves permanecem sem acesso a cuidados de saúde mental, e muitos dos que têm acesso a cuidados de saúde mental continuam a não beneficiar dos modelos de intervenção (programas de tratamento e de reabilitação psicossocial), hoje considerados essenciais*” (Direção-Geral da Saúde, 2017).

De acordo com o relatório Saúde Mental em números 2014, que refere os resultados de um estudo epidemiológico publicado em 2013, em Portugal mais de um quinto da população sofre de perturbação mental (Direção-Geral da Saúde, 2014). Dados mais recentes, publicados em 2017, mostram que, atualmente, “*as pessoas estão a viver mais anos, mas com incapacidades na área da saúde mental, o que implica uma sobrecarga para a sociedade*” (Direção-Geral da Saúde, 2017).

Não obstante a prevalência e a incidência das perturbações mentais – “12% da carga mundial de doenças” (OMS, 2001, p. 2) - prevê-se que os financiamentos para a área da saúde mental “*representam menos de 1% dos seus gastos totais em saúde*” (*idem, ibidem*). Estima-se, ainda, que cerca de 40% dos países não apresentem políticas de saúde mental suficientes para a promoção da saúde mental e prevenção da doença, e mais de 30% não apresenta qualquer programa. Calcula-se, também, que 90% dos países não apresentem políticas de saúde mental destinadas às crianças e adolescentes. Estes números são preocupantes tendo em conta que grande parte das perturbações mentais surgem na infância ou na juventude e, se não forem alvo de intervenção e tratamento, tais perturbações terão impacto na vida adulta.

#### **4. Medidas e programas de prevenção da doença mental e de promoção da saúde mental**

É a partir dos finais da década de 70 que tem início, em Portugal, o processo de reconhecimento da importância de promover a saúde juvenil. Em 1984, desenvolve-se um conjunto de leis que regulamentam a saúde reprodutiva nesta faixa etária da população – Lei 3/84. Em 1986, a Direção Geral dos CSP, reconhecendo a importância de prestar cuidados na saúde, desenvolve o Núcleo de Saúde dos Adolescentes, que é, nos dias de

hoje, coordenado pela Direção Geral da Saúde. A partir daqui estava aberto o caminho no sentido da promulgação de medidas e programas capazes de reestruturar e organizar as práticas em saúde: em 1990, a Lei de Bases da Saúde, que reconhece a presença de maior risco e vulnerabilidade no grupo dos adolescentes; em 1992, o Programa-tipo de atuação em Saúde Infantil e Juvenil, que reforça a necessidade de acompanhar o crescimento e desenvolvimento do indivíduo durante os primeiros 20 anos de vida; em 1997, o Ministério da Saúde através do relatório sobre a “Saúde em Portugal – uma estratégia para o virar do século” corrobora a necessidade de intervir prioritariamente na proteção e promoção da saúde dos adolescentes; em 1998, a DGS publica o relatório “Saúde dos Adolescentes – Princípios Orientadores”, que identifica as linhas orientadoras e os objetivos dos programas direcionados à saúde dos adolescentes, assim como as formas de organização e as práticas profissionais; a estratégia da saúde para 1998-2002; em 2004, o Plano Nacional de Saúde em que se perspetiva o desenvolvimento de um programa nacional de saúde dos jovens (DGS, 2006).

Atualmente, as políticas de saúde mental direcionadas à infância e juventude, que vigoram em território português, encontram-se integradas no Programa Nacional de Saúde Infantil e Juvenil (PNSIJ<sup>2</sup>), que entrou em vigor em 2013, substituindo o Programa-tipo de Atuação em Saúde Infantil e Juvenil, criado em 1992. Respeitando os efeitos positivos derivados do Programa-tipo de Atuação, assim como as diversas e assertivas alterações que sofreu, o novo Plano Nacional de Saúde Infantil e Juvenil produziu, da mesma forma, alterações importantes no sentido de uma melhor intervenção junto da área da saúde mental: *“alteração na cronologia das consultas referentes a idades-chave da vigilância; adoção das curvas de crescimento da Organização Mundial da Saúde (OMS); novo enfoque nas questões relacionadas com o desenvolvimento infantil, as perturbações*

---

<sup>2</sup> Entre os vários objetivos que o Plano Nacional de Saúde Infantil e Juvenil se propõe a atingir, enquanto mecanismo de resposta no sentido da garantia do bem-estar e da saúde da população juvenil, destaca-se, essencialmente: *“(...) o investimento na prevenção das perturbações emocionais e do comportamento (...); valorização dos cuidados antecipatórios como fator de promoção da saúde e de prevenção da doença, (...) facultando aos pais e outros cuidadores os conhecimentos necessários ao melhor desempenho no que respeita à promoção e proteção dos direitos da criança e ao exercício da parentalidade, (...) no domínio dos novos desafios da saúde; deteção precoce, acompanhamento e encaminhamento de situações que possam afetar negativamente a saúde da criança e que sejam passíveis de correção; apoio à responsabilização progressiva e à autodeterminação em questões de saúde das crianças e dos jovens; trabalho em equipa, como forma de responder à complexidade dos atuais problemas e das necessidades em saúde que requerem, de modo crescente, atuações multiprofissionais e interdisciplinares; articulação efetiva entre estruturas, programas e projetos, dentro e fora do setor da saúde, que contribuam para o bem-estar, crescimento e desenvolvimento das crianças e jovens”* (DGS, 2013).

*emocionais e do comportamento e os maus tratos”* (DGS, 2013, pp. 1-3). Tendo em conta a problemática da investigação, importa-nos compreender, por um lado, o trabalho desenvolvido no período da infância e juventude dos jovens adultos, mas igualmente, que oportunidades em termos de serviços de saúde mental poderão estes jovens beneficiar.

Considerando a importância da saúde mental para o desenvolvimento saudável das crianças e jovens, o relatório *“Saúde mental em números 2015”* faz referência ao Programa Nacional para a Saúde Mental, que procedeu ao estabelecimento de *“colaborações no âmbito da promoção e prevenção da saúde mental em crianças e adolescentes, patrocinando e participando na estruturação de ações de formação para capacitação de profissionais dos Cuidados de Saúde Primários, bem como das equipas de Saúde Escolar e das Equipas Educativas (...) para a identificação de sinais de sofrimento emocional em crianças/adolescentes”* (Direção-Geral da Saúde, 2016, p. 10). Entende-se, portanto, que a saúde mental consagra um direito das crianças e jovens, que deve ser respeitado, por forma a que estes possam transformar-se em indivíduos ativos e participativos na comunidade em que se inserem. Contudo, e de acordo com o Plano Nacional de Saúde Mental 2008-2016 há, ainda, muito trabalho a desenvolver no sentido de contribuir para o crescimento da área psiquiatria e, consequentemente, para o planeamento de intervenções mais eficazes. *“A reduzida participação de utentes e familiares; a escassa produção científica no sector da psiquiatria e saúde mental; a limitada resposta às necessidades de grupos vulneráveis; e a quase total ausência de programas de promoção/prevenção”* (Ministério da Saúde, 2008, p. 9) são problemas que retardam a evolução dos sistemas de saúde mental em Portugal.

Reforçamos, por último, a importância do Programa Nacional para a Saúde Mental no sentido de *“assegurar a toda a população portuguesa o acesso a serviços habilitados a promover a sua saúde mental, prestar cuidados de qualidade e facilitar a reintegração e a recuperação das pessoas com doença mental”* (DGS), 2017). O presente programa, que integra o grupo dos programas nacionais prioritários da DGS, evidencia a crescente preocupação com a área da saúde mental motivada, precisamente, pelas altas taxas de prevalência das perturbações mentais. No que concerne à missão, verificamos que o programa tem como responsabilidade *“assegurar o acesso equitativo a cuidados de qualidade a todas as pessoas com problemas de saúde mental do País, incluindo as que pertencem a grupos especialmente vulneráveis; promover e proteger os direitos humanos das pessoas com problemas de saúde mental; reduzir o impacto das perturbações mentais e contribuir para a promoção da saúde mental das populações; promover a*

*descentralização dos serviços de saúde mental, de modo a permitir a prestação de cuidados mais próximos das pessoas e a facilitar uma maior participação das comunidades, dos utentes e das suas famílias; promover a integração dos cuidados de saúde mental no sistema geral de saúde, tanto a nível dos cuidados primários, como dos hospitais gerais e dos cuidados continuados, de modo a facilitar o acesso e a diminuir a institucionalização”* (DGS), 2017). Podemos então, afirmar, que o Programa Nacional para a Saúde Mental é um importante instrumento na promoção da saúde e na prevenção da doença mental pelo desenvolvimento de medidas que protegem a população portuguesa com problemas de saúde mental e que pretendem atender às suas necessidades.



## Capítulo II. Considerações metodológicas: dispositivos técnicos e metodológicos acionados no processo de investigação empírica

### 1. Desenho e organização do processo de recolha de informação

Ultrapassada a fase de construção da problemática teórica pretendemos, neste ponto do trabalho, descrever o caminho metodológico escolhido para dar resposta às perguntas de partida que guiaram a nossa investigação. Conduzimos um estudo quantitativo, recorrendo a dois instrumentos de avaliação da perceção dos jovens e seus familiares a respeito do ambiente familiar e do suporte familiar presente no seu agregado doméstico: o “*Inventário de Percepção de Suporte Familiar*” (Baptista, 2008) e o “*Family Environment Scale*” (Moos & Moos, 1986: adaptação portuguesa Matos & Fontaine, 1992). A opção por realizarmos um estudo quantitativo partiu do pressuposto de que seria o método mais adequado de obtenção de informação que fosse representativa de jovens e seus familiares.

Os dados foram recolhidos no CHSJ, mais concretamente na UPJF, uma Unidade que disponibiliza acompanhamento a jovens com diferentes tipos de doenças mentais<sup>3</sup>.

A instituição foi selecionada de forma voluntária, atendendo ao protocolo de colaboração já existente entre o ISSSP e o CHSJ. O trabalho de recolha de informação ocorreu entre abril e junho de 2016.

---

<sup>3</sup> Os objetivos desta Unidade são a “*resolução de situações de patologia comportamental em crise, a consolidação de melhorias de doença mental já anteriormente conhecida, e o esclarecimento de alguns diagnósticos*”. (Centro Hospitalar São João. [Consult. 3 de abril de 2017]. Disponível em: <http://portal-chsj.min-saude.pt/pages/487>).

Esta Unidade é subdividida em vários setores e serviços, das quais se destaca o Hospital de Dia que corresponde a “um modelo de hospitalização em tempo parcial”, destinado a jovens que apresentem perturbações do foro mental. Os jovens que frequentam este “Hospital” são encaminhados pelos médicos psiquiatras que dão as consultas externas. Nele podem usufruir de psicoterapia, terapia expressiva, terapia ocupacional e interpessoal. As atividades desenvolvidas no Hospital de dia acontecem de 2ª a 6ª feira, das 9h às 16h e a frequência está dependente do relatório médico que define as necessidades e eixos prioritários a trabalhar com cada jovem. A Unidade de Psiquiatria do Jovem e da Família reconhece a importância do envolvimento e participação das famílias nos processos de tratamento e reabilitação. Neste sentido, procura prestar apoio na capacitação das famílias para uma melhor gestão da doença do jovem, onde se enquadram a realização de sessões familiares (realizadas uma vez por mês) para fomentar práticas parentais promotores de saúde mental junto dos seus familiares mais jovens.

### **1.1. A amostra**

Os dados foram recolhidos a um grupo de 14 jovens diagnosticados com doença mental e idades entre os 18 e os 25 anos e um elemento familiar de cada jovem, entre abril e junho de 2017.

O critério de inclusão para a amostra dos jovens inquiridos passou pela sua integração na UPJF (hospital de dia), em virtude de terem sido diagnosticados com uma doença mental e pelo fator idade (entre os 18 e os 25 anos). No caso dos seus familiares, não houve qualquer critério de inclusão a não ser o facto de pertencer ao agregado doméstico do jovem e o acompanhar à consulta/hospital de dia.

A seleção dos jovens/famílias realizou-se através da técnica da amostragem não probabilística. Não sendo possível utilizar o tipo de amostragem probabilística, a presente investigação recorre à amostra por conveniência. Tal como o nome indica este tipo de amostra pressupõe que se entreviste os elementos que estão disponíveis no momento para responder. A base de amostragem foi a lista dos jovens que integravam, no período em questão, a UPJF, mais especificamente o Hospital de Dia.

Embora a amostragem não probabilística esteja mais relacionada com o método de estudo de casos, a mesma pode ser usada em estudos quantitativos quando não é possível usar os métodos probabilísticos. Os participantes do estudo foram acompanhados durante a permanência no hospital de dia (3 a 4 vezes por semana) e nos momentos de terapia familiar.

### **1.2. Inquéritos autoadministrados como técnica privilegiada de recolha de informação: Inventário de Perceção de Suporte Familiar (IPSF) e Family Environment Scale (FES)**

Foram utilizados dois inquéritos autoadministrados: o “*Inventário de Percepção de Suporte Familiar*” (Baptista, 2008) e o “*Family Environment Scale*” (Moos & Moos, 1986: adaptação portuguesa Matos& Fontaine, 1992).

No que respeita ao método de estruturação do IPSF, podemos afirmar que tem por base inúmeros instrumentos, tais como o *Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale* (FACES-III) de Olson, Portner e Lavee (1985 como citado em Corcoran e Fischer, 1987); o *Family Assessment Device* (FAD) de Epstein e colaboradores (1983); o *Family Awareness Scale* (FAZ) de Green e colaboradores (1985); o *Parental Bonding Instrument*

(PBI) de Parker e colaboradores (1979) e o Questionário de Estilos Parentais de Gomide (2003) (Baptista, 2005).

O principal objetivo do IPSF passa por avaliar a percepção do inquirido acerca do suporte provido pela família a que pertence. Trata-se de uma escala do tipo Likert, com três opções de resposta – “sempre”, “às vezes” e “nunca” com variação de zero a dois, e pode ser aplicada à família mais direta (pais, irmãos) como à família de criação (padrinhos, tios, avós, outros significativos) do inquirido. A atribuição de pontuação mais elevada mostra que o inquirido detém uma percepção positiva acerca do suporte familiar que recebe. Os 42 itens que a compõem integram-se em três distintos fatores: Afetivo Consistente, Adaptação Familiar e Autonomia Familiar.

O fator **afetivo consistente** é constituído por “21 itens e evidencia as relações afetivas positivas intrafamiliares, desde o interesse pelo outro, até à expressão verbal e não verbal de carinho, clareza nos papéis e regras dos integrantes da família, bem como a habilidade nas estratégias de enfrentamento de situações problema” (Baptista, Souza, & Alves, 2008, p. 216). O fator **adaptação familiar** é composto por “13 itens que expressam sentimentos negativos em relação à família, como isolamento, exclusão, raiva, vergonha, relações agressivas de brigas e gritos, irritação, incompreensão e, ainda, percepção de relações de competição na família, interesse e culpabilidade entre os membros em situações de conflito” (*idem, ibidem*). O fator relativo à **autonomia familiar**, formado “por 8 itens, demonstra a percepção de autonomia que o indivíduo tem de sua família, que nos remete para as relações de confiança, privacidade e liberdade entre os membros da família” (*idem, ibidem*).

A escala de medida *Family Environment Scale*, desenvolvida por Moos & Moos (1994) permite apreender a dinâmica familiar, a qualidade das relações familiares e identificar possíveis divergências entre a percepção da família e do jovem com patologia mental. Facilita, igualmente, o processo de planificação e acompanhamento de certas mudanças familiares que sejam consideradas essenciais para o sucesso da intervenção. De forma semelhante, permite avaliar o impacto “de intervenções, o nível de adaptação de crianças e adultos ao ambiente familiar (...) para avaliar a influência do ambiente familiar em características psicológicas de filhos adolescentes e transtornos psiquiátricos (...)” (Vianna, Silva, & Souza-Formigoni, 2007, p. 421).

A versão utilizada foi a versão portuguesa cuja tradução e adaptação é da autoria de Matos e Fontaine (1992). O presente estudo foca a sua análise na forma R (real) do

ambiente familiar e o tipo de resposta segue o formato *Likert*, com seis opções de resposta, que variam entre 1 (discordo totalmente) e 6 (concordo totalmente).

É composta por 90 itens, divididos em 10 subdimensões, que se distribuem em 3 dimensões: relacional, crescimento pessoal e manutenção do sistema.

Da dimensão relacional fazem parte as subdimensões relacionadas com a Coesão, Expressividade e Conflito.

A dimensão crescimento pessoal subdivide-se nas subdimensões Independência, Orientação para o Sucesso, Orientação Intelectual e Cultural, Orientação para as Atividades Recreativas e Orientação Moral e Religiosa.

Já a dimensão manutenção do sistema é composta pelas subdimensões organização e controlo.

De forma mais específica, a subdimensão **coesão** avalia “*o grau de compromisso, ajuda e apoio que os membros da família providenciam uns aos outros*” (Santos & Fontaine, 1995, p. 423).

A subdimensão **expressividade** avalia “*até que ponto os membros da família são encorajados a agir abertamente e a expressar os seus sentimentos diretamente*” (*idem, ibidem*).

A subdimensão **conflito** avalia a “*quantidade de zangas, agressões e conflitos que são expressos abertamente entre os membros da família*” (*idem, ibidem*).

A subdimensão **independência** avalia “*até que ponto é que os membros da família são assertivos, autossuficientes e tomam as suas próprias decisões*” (*idem, ibidem*).

A subdimensão **orientação para o sucesso** mede “*até que ponto algumas actividades (como a escola e o trabalho) são incluídas numa orientação para o sucesso ou trabalho competitivo*” (*idem, ibidem*).

A subdimensão **orientação intelectual-cultural** avalia “*o grau de interesse por actividades políticas, sociais, intelectuais e culturais*” (*idem, ibidem*).

A **orientação para as actividades recreativas** avalia “*até que ponto há participação em actividades sociais e recreativas*” (*idem, ibidem*).

A subdimensão **orientação moral e religiosa** avalia “*o grau de ênfase em questões e valores éticos e religiosos*” (*idem, ibidem*).

A subdimensão **organização** “*avalia o grau de importância de uma organização e estrutura clara no planeamento das actividades familiares*” (*idem, ibidem*) e a

subdimensão **controle** avalia “até que ponto são utilizados conjuntos de regras e procedimentos para gerir a vida familiar” (*idem, ibidem*).

Com a aplicação deste inquérito pretendia-se compreender o entendimento por parte dos inquiridos sobre o ambiente familiar existente e identificar as variáveis que caracterizavam, de forma geral, os contextos familiares da nossa amostra.

### **1.3. Procedimentos na recolha dos dados**

Para ser possível desenvolver a investigação na UPJF foi necessário requerer uma autorização junto da Comissão de Ética para a Saúde do CHSJ. Após a autorização procedeu-se à aplicação das escalas de medida – FES e IPSF, que foram entregues aos jovens e às suas famílias e aplicadas em variados momentos, ao longo de cerca de 3 meses. Antes do preenchimento das escalas foi entregue a cada inquirido uma folha de consentimento informado, que explicava os objetivos do estudo e garantia a confidencialidade dos dados recolhidos e o anonimato dos inquiridos.

### **1.4. Análise dos dados**

Após a aplicação dos inquéritos aos dois grupos de inquiridos, que compuseram a nossa amostra, procedeu-se à análise dos resultados com recurso ao programa estatístico Statistical Package for Social Sciences (SPSS) versão 22 e R Core Team (2017). R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. URL <https://www.R-project.org/>.

Inicialmente desenvolveu-se uma análise descritiva da amostra, por forma a ser possível apresentar algumas características pessoais como o sexo, a idade e, no caso dos jovens, a patologia mental que o mesmo possui. Tais informações foram analisadas tendo por base a frequência, média e desvio padrão do sexo e da idade de cada inquirido.

Assim, apuramos que a amostra (n=14) é composta por 4 elementos jovens e 11 elementos das famílias, do sexo feminino. No que respeita ao sexo masculino a amostra é constituída por 10 elementos jovens e 3 elementos familiares. Além do mais, constata-se que a média de idades dos elementos jovens do sexo feminino corresponde a 20,5 e o desvio padrão é de 2,5, enquanto que os elementos familiares do sexo feminino apresentam um valor médio de idades de 53,2 e desvio padrão de 5,9. Já no que respeita ao sexo masculino, a média de idades dos jovens é de 23,0 e o desvio padrão é 3,1,

enquanto que a média de idades dos elementos familiares é de 48,3 e o desvio padrão 1,5, tal com indica a tabela 1.

Considerando as patologias diagnosticadas nos jovens, e após a análise cruzada entre o sexo e a patologia (cf. Tabela 2), constata-se que no sexo masculino existe um elemento jovem que sofre de retardo mental leve, outro elemento sofre de fobia social e perturbação de tiques, outros dois elementos sofrem de transtorno específico da personalidade, quatro de esquizofrenia paranóide, um elemento sofre de esquizofrenia hebefrénica e um outro de transtorno afetivo bipolar. Por sua vez, no sexo feminino verifica-se a presença de episódio depressivo moderado num dos elementos, outro dos elementos sofre de esquizofrenia paranóide e duas outras jovens têm o diagnóstico de esquizofrenia. Ainda não foi possível perceber que tipo de esquizofrenia afeta estes dois elementos e, por isso, o diagnóstico encontra-se, ainda, em avaliação.

**Tabela 1.** Caracterização da amostra

		Sexo					
		Feminino			Masculino		
		Idade			Idade		
		Count	Mean	Standard Deviation	Count	Mean	Standard Deviation
Jov_Fam	Jovem	4	20,5	2,5	10	23,0	3,1
	Família	11	53,2	5,9	3	48,3	1,5

**Tabela 2.** Caracterização da amostra de jovens- análise cruzada entre sexo e patologia

Patologia * Sexo Crosstabulation				
Count				
		Sexo		Total
		Feminino	Masculino	
Patologias*		4	10	14
	Retardo mental leve	0	1	1
	Episódio depressivo moderado	1	0	1
	Esquizofrenia <sup>4</sup>	2	0	2
	Esquizofrenia hebefrénica	0	1	1
	Esquizofrenia paranóide	1	4	5
	Fobia Social e Outros Tiques	0	1	1
	Transtorno afetivo bipolar	0	1	1
	Transtorno específico da personalidade	0	2	2
Total		4	10	14

\*Segundo CID-10 (Classificação Internacional de Doenças)

De seguida, procedeu-se ao estudo das correlações entre os diferentes itens e, também, entre as subdimensões de cada escala de medida. A correlação entre os itens foi calculada com base no coeficiente de Spearman, com níveis de significância de 0,05 (\*) e de 0,01 (\*\*). O cálculo das correlações entre as subdimensões teve por base o coeficiente de Pearson. Procedemos, igualmente, à construção de um conjunto de diagramas de dispersão de maneira a perceber a intensidade e direção das correlações significativas entre as variáveis.

---

<sup>4</sup> Diagnóstico em avaliação

## Capítulo III. Apresentação e discussão dos resultados

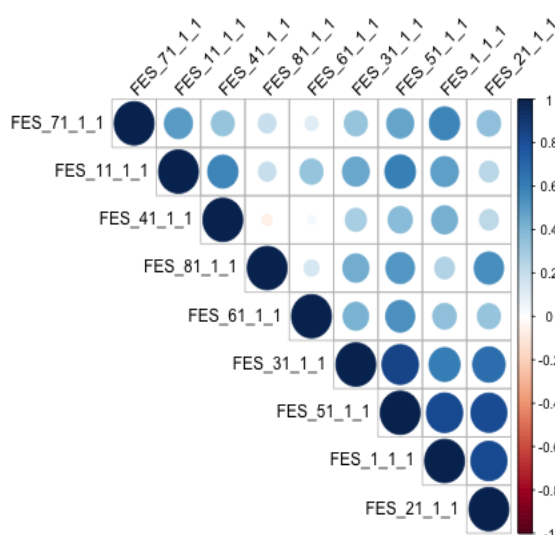
### 1. Resultados obtidos: Family Environment Scale

#### 1.1. Correlação entre itens- jovens

##### 1.1.1. Dimensão Relacional

##### 1.1.1.1. Subdimensão 1.1. - Coesão

Figura 1. Correlação entre itens – subdimensão Coesão-jovens



1. Na minha família ajudamo-nos uns aos outros

11. Normalmente quando estamos juntos parece que só estamos a passar tempo

21. Empenhámo-nos bastante a fazer coisas em casa

31. Sentimo-nos muito unidos na minha família.

41. Normalmente ninguém se oferece para fazer alguma coisa que tem de ser feita em casa

51. Podemos realmente contar uns com os outros na minha família

61. Na minha família sentimo-nos pouco unidos

71. Nós damo-nos mesmo bem uns com os outros

81. Temos muito tempo e atenção uns para os outros

A análise do gráfico evidencia um número significativo de correlações entre os diversos itens da subescala *coesão*. Não desvalorizando as correlações significativas, ou seja, as que são significativas ao nível de significância de 0,05, realçamos, apenas, as correlações muito significativas por uma questão de parcimónia e por considerar que são as mais relevantes para a compreensão dos dados recolhidos. Neste sentido, verifica-se uma correlação muito significativa entre os itens 1 e 21, assim como entre o item 1 e 51.



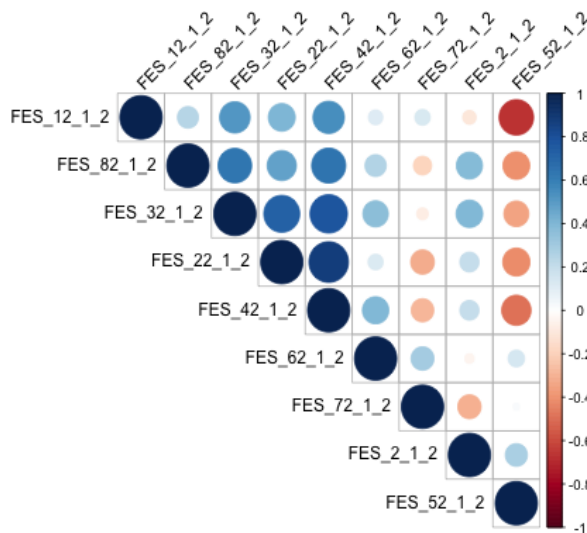
Já o item 21 apresenta maior correlação com os itens 31 e com o item 51. Por último, a afirmação 31 relaciona-se mais vezes com o item 51. Como a matriz de correlações é simétrica, apresentam-se apenas os valores acima da diagonal principal no correlograma.

No que respeita ao estudo da fiabilidade constata-se que o alfa de Cronbach apresenta um valor de 0,893 (cf. Anexo 23), pelo que os itens desta subescala estão suficientemente intercorrelacionados.

Após calculada a média de cada item da subdimensão relativa à *coesão* verifica-se que o item 61 apresenta um valor mais elevado quando comparado com os outros itens (cf. Anexo 24). Pelo contrário, os itens 71 e 81 apresentam um valor médio de 3,64 o que permite concluir que foi o item que os inquiridos menos vezes pontuaram. (cf. Anexo 24). De forma geral, o cálculo da média de todos os itens do fator acima retratado é de 35,43. (cf. Anexo 25).

### 1.1.1.2. Subdimensão 1.2. Expressividade

Figura 2. Correlação entre itens – subdimensão Expressividade- jovens



2. Habitualmente não contamos o que sentimos uns aos outros

12. Podemos falar de tudo o que queremos

22. Quando descarregamos os nossos problemas, há sempre alguém que fica preocupado

32. Conversamos sobre os nossos problemas pessoais

42. Se nos apetece fazer qualquer coisa em cima da hora então fazemo-lo.

52. Há sempre alguém que se aborrece, quando alguém se queixa

62. As questões de dinheiro e de pagamento de contas são faladas abertamente

72. Geralmente temos cuidado com o que dizemos uns aos outros

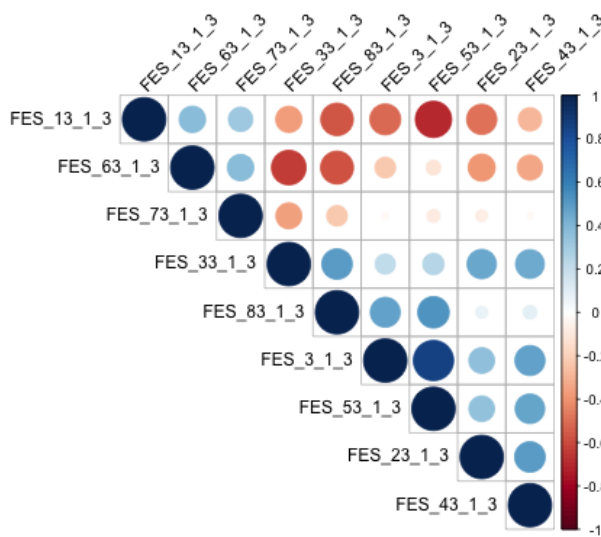
82. Na minha família começamos muitas vezes a conversar sobre várias coisas

Nesta subescala verificam-se correlações positivas entre o item 32 e 42, entre o item 22 e 32 e, ainda, item 42. Os itens 32 e 42 apresentam, igualmente, níveis significativos de correlação positiva. Já os itens 12 e 52 apresentam uma correlação negativa entre si (cf. Anexo 2). Em relação ao estudo da fiabilidade constata-se que o alfa de Cronbach apresenta um valor de 0,601 (cf. Anexo 26).

Após calculada a média de cada item da subdimensão relativa à *expressividade* verifica-se que o item 42 apresenta um valor mais elevado quando comparado com os outros itens. Pelo contrário, o item 72 apresenta um valor médio de 3,07 (cf. Anexo 27). De forma geral, o cálculo da média de todos os itens do fator acima retratado é de 32,79. (cf. Anexo 28).

### 1.1.1.3. Subdimensão 1.3. Conflito

Figura 3. Correlação entre itens – subdimensão Conflito- jovens



3. Na minha família zangamo-nos muitas vezes

13. As pessoas da minha família mostram poucas vezes que estão zangadas

23. As pessoas da minha família às vezes ficam tão nervosas que atiram coisas

pelo ar

33. Quase nunca as pessoas da minha família perdem a cabeça

43. As pessoas da minha família criticam-se muitas vezes umas às outras

53. As pessoas da minha família às vezes agredem-se fisicamente

63. Se existe alguma zanga na minha família tentámos esconder o problema e manter a paz

73. Na minha família cada um quer ser melhor que o outro

83. Na minha família achamos que não serve de nada estar a gritar

A análise do gráfico identifica uma correlação significativa e positiva entre o item 3 e 53. Já o item 13 e 53 relacionam-se com elevada intensidade, mas de forma negativa (cf. Anexo 3).

Em relação ao estudo da fiabilidade constata-se que o alfa de Cronbach apresenta um valor de 0,259 o que mostra que os itens não estão suficientemente correlacionados. Esta subescala faz parte do pequeno grupo de subdimensões que não apresentam níveis satisfatórios de consistência interna (cf. Anexo 29).

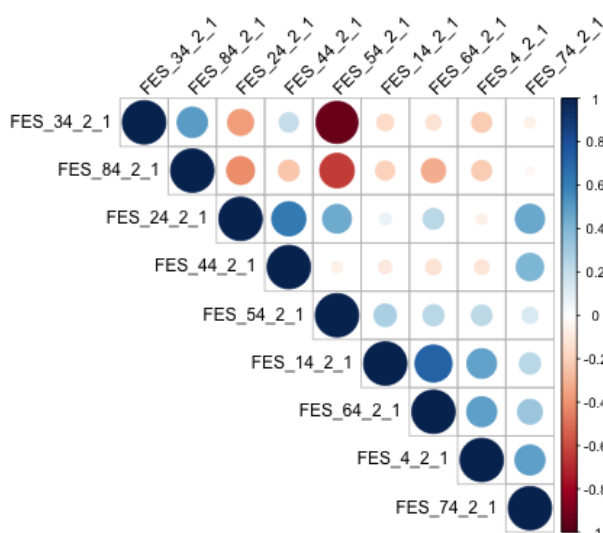
Após calculada a média de cada item da subdimensão relativa ao *conflito*, verifica-se que o item 53 apresenta um valor mais elevado quando comparado com os outros itens.

Pelo contrário, o item 43 apresenta um valor médio de 3,36 (cf. Anexo 30). A média global do fator é de 35,86 (cf. Anexo 31).

## 1.1.2. Dimensão Crescimento Pessoal

### 1.1.2.1. Subdimensão 2.1. Independência

*Figura 4. Correlação entre itens – subdimensão Independência- jovens*



4. Na minha família não costumamos fazer as coisas por nós próprios

14. Na minha família somos incentivados a ser independentes

24. Na minha família cada um pensa por si

34. Na minha família não temos horas de entrada e de saída

44. Na minha família há pouca privacidade e as pessoas mexem nas coisas uns dos outros

54. Quando alguém tem um problema, geralmente resolve-o sozinho

64. Na minha casa achámos que cada um deve defender os seus direitos

74. Na minha família é difícil sermos nós próprios sem que alguém fique triste ou magoado

84. Na minha família não é bem visto dizermos aquilo que pensamos

Relativamente à subdimensão representada no gráfico verifica-se que as correlações mais significativas acontecem entre o item 14 e 64 (correlação positiva) e entre o item 34 e 54 (correlação negativa) (cf. Anexo 4).

No que concerne aos níveis de consistência interna, constata-se que o alfa de Cronbach apresenta um valor de 0,568. (cf. Anexo 32). Após calculada a média de cada

item da subdimensão relativa à *independência* verifica-se que o item 84 apresenta um valor mais elevado quando comparado com os outros itens. Pelo contrário, o item 54 apresenta um valor médio de 3,36 (cf. Anexo 33). De forma geral, o cálculo da média de todos os itens do fator acima retratado é de 35,93 (cf. Anexo 34).

### 1.1.2.2. Subdimensão 2.2. Orientação para o sucesso

*Figura 5. Correlação entre itens – subdimensão Orientação para o sucesso- jovens*



5. Nós achamos que é importante sermos os melhores em tudo o que fazemos

15. Ter sucesso é muito importante na minha família

25. Não é muito importante para nós quanto dinheiro cada um consegue ganhar

35. Acreditamos que os melhores devem vencer na vida

45. Procuramos sempre fazer as coisas melhor da próxima vez

55. Na minha família não nos preocupamos em subir no trabalho e em ter boas notas na escola

65. Na minha família não nos preocupamos assim tanto em subir na vida

75. "Primeiro o trabalho, depois a diversão" é o que se diz na minha família

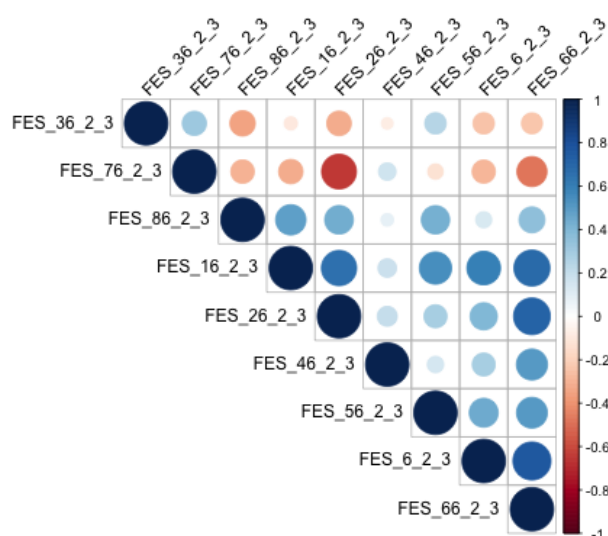
85. As pessoas da minha família são muitas vezes comparadas com os colegas da escola e do trabalho

De forma resumida, o gráfico evidencia fortes correlações entre o item 45 e 55 e entre o item 55 e 65 (cf. Anexo 5). Em relação ao estudo da fiabilidade constata-se que o alfa de Cronbach apresenta um valor de 0,521 (cf. Anexo 35). O mesmo significa um nível de consistência insuficiente dos indicadores desta subdimensão.

Após calculada a média de cada item da subdimensão relativa à *orientação para o sucesso* verifica-se que o item 75 apresenta um valor mais elevado quando comparado com os outros itens. Pelo contrário, o item 65 apresenta um valor médio de 3,29 (cf. Anexo 36). De forma geral, o cálculo da média de todos os itens do fator acima retratado é de 34,50 (cf. Anexo 37).

### 1.1.2.3. Subdimensão 2.3. Orientação Intelectual-Cultural

*Figura 6. Correlação entre itens – subdimensão Orientação intelectual-cultural- jovens*



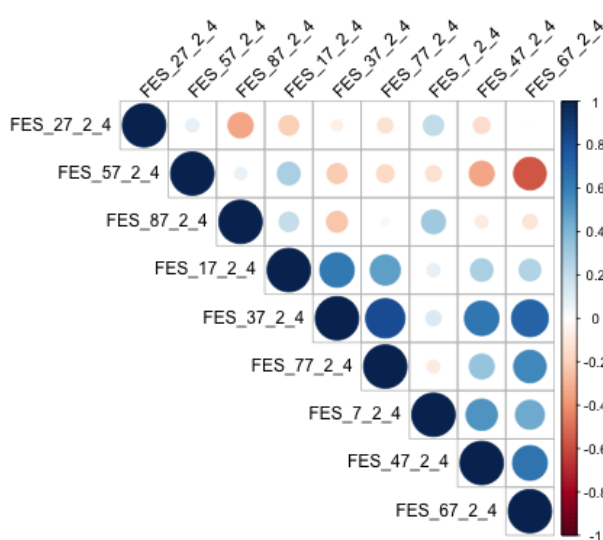
- 6. Costumámos conversar sobre questões sociais e políticas
- 16. Costumámos assistir a conferências, peças de teatro ou concertos
- 26. Aprender coisas novas e diferentes é muito importante para a minha família
- 36. Na minha família não costumámos visitar museus e exposições
- 46. Não costumamos conversar sobre arte e literatura
- 56. Existe pelo menos uma pessoa na minha família que toca um instrumento musical
- 66. As pessoas da minha família costumam ler muito
- 76. Na minha casa vemos mais televisão do que lemos
- 86. Na minha casa gostamos muito de música, arte e literatura

Nesta subdimensão, os itens com correlações mais significativas correspondem ao item 6 e 66, 6 e 16, 6 e 66 e, também, entre o item 26 e 66. Todas as correlações encontradas são positivas (cf. Anexo 6). No que diz respeito ao coeficiente alfa de Cronbach verifica-se um valor de 0,649 (cf. Anexo 38).

Após calculada a média de cada item da subdimensão relativa à *orientação intelectual-cultural* verifica-se que o item 26 apresenta um valor mais elevado quando comparado com os outros itens. Pelo contrário, o item 16 apresenta um valor médio de 1,93 (cf. Anexo 39). De forma geral, o cálculo da média de todos os itens do fator acima retratado é de 28,29 (cf. Anexo 40).

#### 1.1.2.4. Subdimensão 2.4. Orientação para as Atividades Recreativas

Figura 7. Correlação entre itens – subdimensão Orientação para as atividades recreativas- jovens



7. Passamos a maioria dos fins-de-semana e das noites em casa

17. Na minha família costumamos receber amigos e conhecidos em casa

27. Na minha família ninguém pratica um desporto regularmente

37. Vamos com frequência ao cinema, a acontecimentos desportivos, ao campismo, etc.

47. Na minha família todos têm um ou dois *hobbys*

57. As pessoas da minha família não estão envolvidas em atividades recreativas fora da escola ou do trabalho

67. As pessoas da minha família gostam de aprender coisas nos tempos livres

77. As pessoas da minha família costumam sair e passear

87. A principal maneira de passarmos o tempo é a ver televisão ou a ouvir rádio

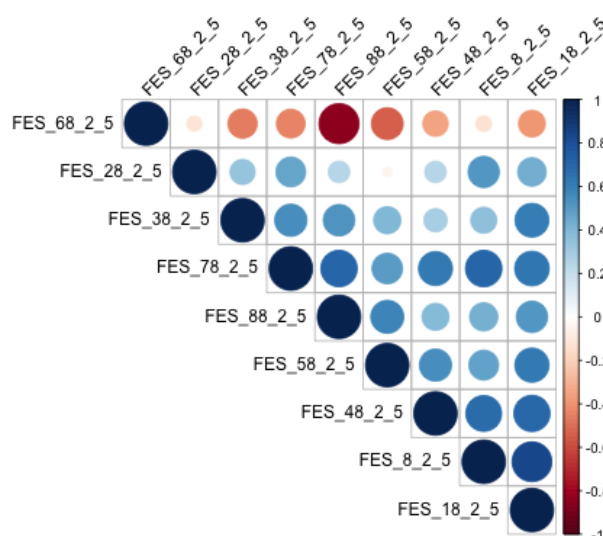
As correlações mais expressivas acontecem entre o item 37 e 67 e entre o item 37 e 77. Como o próprio gráfico indica, as correlações são positivas (cf. Anexo 7).

Relativamente ao estudo da fiabilidade constata-se que o alfa de Cronbach apresenta um valor de 0,597 (cf. Anexo 41)

Após calculada a média de cada item da subdimensão relativa à *orientação para as atividades recreativas* verifica-se que o item 27 apresenta um valor mais elevado quando comparado com os outros itens. Pelo contrário, o item 7 apresenta um valor médio de 2,07 (cf. Anexo 42). De forma geral, o cálculo da média de todos os itens do fator acima retratado é de 29,86 (cf. Anexo 43).

### 1.1.2.5 Subdimensão 2.5. Orientação Moral e Religiosa

Figura 8. Correlação entre itens – subdimensão Orientação moral e religiosa- jovens



- 8. Costumamos ir à missa regularmente
- 18. Na minha família costumamos rezar
- 28. Conversamos várias vezes sobre o que significa o Natal, a Páscoa ou outras festas religiosas
- 38. Acreditamos no céu e no inferno
- 48. As pessoas da minha família sabem muito bem o que é certo e o que é errado
- 58. Na minha família acreditamos que existem acontecimentos que só têm a ver com a fé
- 68. Na minha família cada um tem ideias diferentes sobre o que é certo e errado
- 78. A Bíblia é um livro muito importante para a minha família
- 88. Acreditamos que se pecarmos seremos castigados

Na subescala relativa à *orientação moral e religiosa* verificam-se fortes conexões entre o item 8 e 18, 8 e 48, 8 e 78. O mesmo acontece entre o item 18 e 48 e entre o item 78 e 88. Ao contrário das correlações anteriormente identificadas, o item 68 e 88 estão



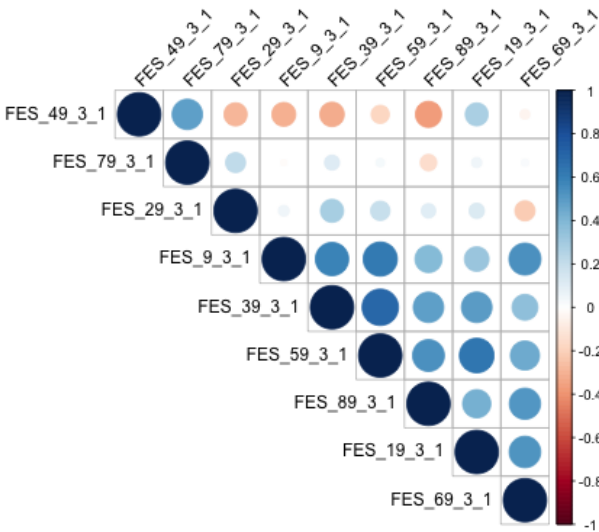
relacionados de forma negativa (cf. Anexo 8). O coeficiente alfa de Cronbach da subdimensão em causa apresenta um valor de 0,808 (cf. Anexo 44).

Após calculada a média de cada item da subdimensão em causa, verifica-se que o item 48 apresenta um valor mais elevado quando comparado com os outros itens. Pelo contrário, o item 8 apresenta um valor médio de 2,07 (cf. Anexo 45). De forma geral, o cálculo da média de todos os itens do fator acima retratado é de 29,00 (cf. Anexo 46).

### 1.1.3. Dimensão Manutenção do Sistema

#### 1.1.3.1. Subdimensão 3.1. Organização

Figura 9. Correlação entre itens – subdimensão  
Organização- jovens



- 9. Na minha família planeámos as coisas com muito cuidado
- 19. Somos normalmente muito limpos e organizados
- 29. Em minha casa é difícil encontrarmos as coisas quando precisamos delas
- 39. Ser pontual é muito importante na minha família
- 49. Em minha casa é difícil saber com o que contar porque se muda muitas vezes de opinião
- 59. As pessoas da minha família procuram manter os seus quartos arrumados
- 69. Na minha casa, todos sabem o que cada um tem que fazer
- 79. Na minha casa não temos muito cuidado com o modo como gastamos o dinheiro
- 89. Geralmente arruma-se a cozinha logo a seguir às refeições

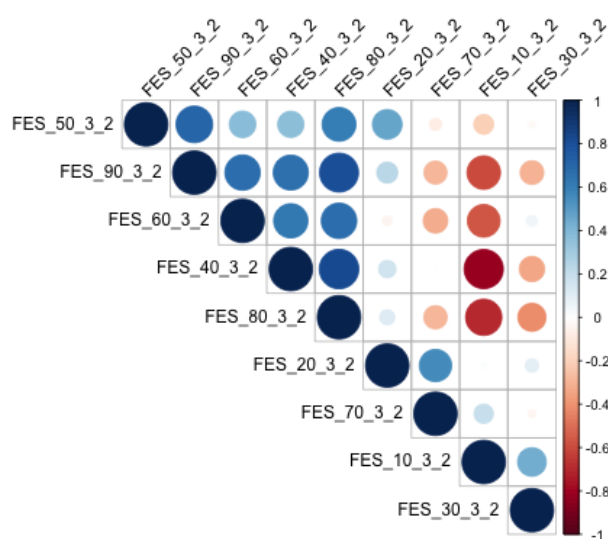
A correlação mais significativa acontece, apenas, entre os itens 39 e 59 (correlação positiva) (cf. Anexo 9). Os níveis de consistência interna, mais precisamente, o alfa de Cronbach apresenta um valor de 0,776 (cf. Anexo 47).

Após calculada a média de cada item da subdimensão relativa à *organização* verifica-se que o item 89 apresenta um valor mais elevado quando comparado com os outros itens. Pelo contrário, o item 9 apresenta um valor médio de 3,57 (cf. Anexo 48).

De forma geral, o cálculo da média de todos os itens do fator acima retratado é de 36,79 (cf. Anexo 49).

### 1.1.3.2. Subdimensão 3.2. Controlo

*Figura 10. Correlação entre itens – subdimensão Controlo- jovens*



- 10. As pessoas da minha família raramente são obrigadas a seguir ordens
- 20. Existem poucas regras que temos que seguir na minha família
- 30. Existe uma pessoa na minha família que decide quase todas as coisas
- 40. Em minha casa há regras para se fazerem certas coisas
- 50. Obedecer às ordens é muito importante na minha família
- 60. Cada um de nós tem uma palavra a dizer nas decisões familiares
- 70. Na minha família podemos fazer o que nos der na cabeça
- 80. Na minha casa as ordens são para se cumprir
- 90. As asneiras não passam despercebidas na minha família

Na subescala *controlo* as correlações positivas mais significativas correspondem aos itens 40 e 80, 50 e 90, 60 e 80, 80 e 90. Já o item 10 correlaciona-se, negativamente, com o item 40 e com o item 80 (cf. Anexo 10).

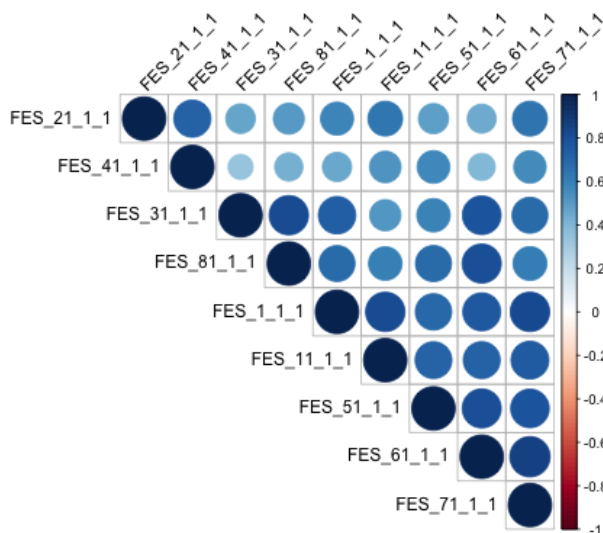
Em relação ao estudo da fiabilidade constata-se que o alfa de Cronbach apresenta um valor de 0,589 (cf. Anexo 50). Após calculada a média de cada item da subdimensão relativa ao controlo verifica-se que o item 90 apresenta um valor mais elevado quando comparado com os outros itens. Pelo contrário, os itens 20 e 70 apresentam valores médios de 3,43 (cf. Anexo 51). De forma geral, o cálculo da média de todos os itens do fator acima retratado é de 35,21 (cf. Anexo 52).

## 1.2. Correlação entre itens- famílias

### 1.2.1. Dimensão relacional

#### 1.2.1.1. Subdimensão 1.1. Coesão

Figura 11. Correlação entre itens – subdimensão Coesão-famílias



- 1. Na minha família ajudamo-nos uns aos outros
- 11. Normalmente quando estamos juntos parece que só estamos a passar tempo
- 21. Empenhámo-nos bastante a fazer coisas em casa
- 31. Sentimo-nos muito unidos na minha família.
- 41. Normalmente ninguém se oferece para fazer alguma coisa que tem de ser feita em casa
- 51. Podemos realmente contar uns com os outros na minha família
- 61. Na minha família sentimo-nos pouco unidos
- 71. Nós damos-nos mesmo bem uns com os outros
- 81. Temos muito tempo e atenção uns para os outros

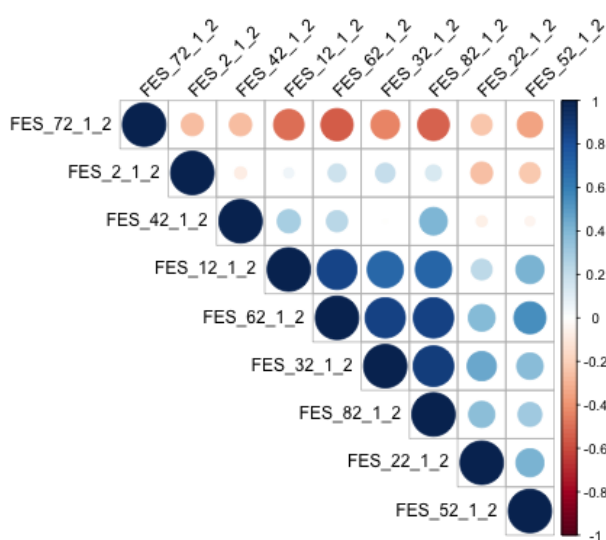
Na subdimensão *coesão* é visível ligações significativas entre o item 1 e 11, 1 e 31, 1 e 51, 1 e 61, 1 e 71. Da mesma forma, o item 11 apresenta correlação com o item 51, 61, 71, assim como o item 21 está correlacionado com o item 41. Verifica-se, ainda, uma forte correlação entre o item 31 e 61, 31 e 71, 31 e 81. Por último, o item 51 está fortemente correlacionado com o item 61, 71, 81, assim como o item 61 com o item 71 e com o item 81 (cf. Anexo 11). Considerando os níveis de consistência interna verifica-se um alfa de Cronbach de 0,941 (cf. Anexo 53).

Após calculada a média de cada item da subdimensão relativa à *coesão* verifica-se que o item 51 apresenta um valor mais elevado quando comparado com os outros itens.

Pelo contrário, o item 41 apresenta um valor médio de 3,57 (cf. Anexo 54). De forma geral, o cálculo da média de todos os itens do fator acima retratado é de 39,07 (cf. Anexo 55).

#### 1.2.1.2. Subdimensão 1.2. Expressividade

*Figura 12. Correlação entre itens – subdimensão Expressividade- famílias*



- 2. Habitualmente não contamos o que sentimos uns aos outros
- 12. Podemos falar de tudo o que queremos
- 22. Quando descarregámos os nossos problemas, há sempre alguém que fica preocupado
- 32. Conversámos sobre os nossos problemas pessoais
- 42. Se nos apetece fazer qualquer coisa em cima da hora então fazemo-lo.
- 52. Há sempre alguém que se aborrece, quando alguém se queixa
- 62. As questões de dinheiro e de pagamento de contas são faladas abertamente
- 72. Geralmente temos cuidado com o que dizemos uns aos outros
- 82. Na minha família começamos muitas vezes a conversar sobre várias coisas

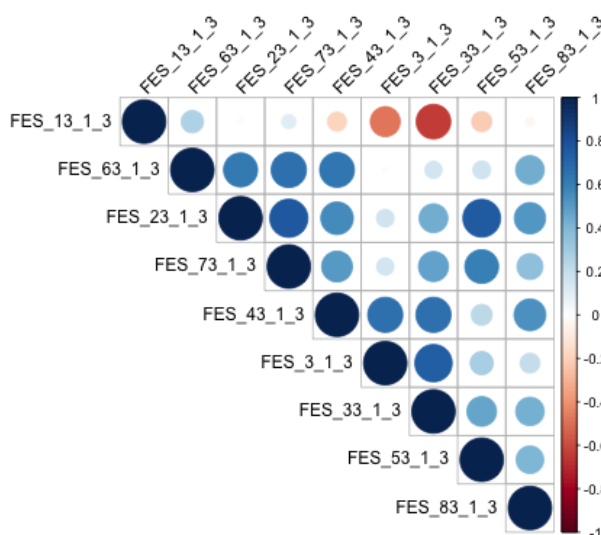
As correlações mais significativas verificam-se entre o item 12 e 32, 12 e 62, 12 e 82, assim como entre o item 32 e 62, e 32 e 82. Por último, os itens 62 e 82 estão fortemente correlacionados (cf. Anexo 12). No que respeita ao alfa de Cronbach é possível determinar um valor de 0,725 (cf. Anexo 56).

Após calculada a média de cada item da subdimensão relativa à *expressividade* verifica-se que o item 22 apresenta um valor mais elevado quando comparado com os outros itens. Pelo contrário, o item 72 apresenta um valor médio de 2,36 (cf. Anexo 57).

De forma geral, o cálculo da média de todos os itens do fator acima retratado é de 37,07 (cf. Anexo 58).

### 1.2.1.3. Subdimensão 1.3. Conflito

*Figura 13. Correlação entre itens – subdimensão Conflito-famílias*



3. Na minha família zangamo-nos muitas vezes

13. As pessoas da minha família mostram poucas vezes que estão zangadas

23. As pessoas da minha família às vezes ficam tão nervosas que atiram coisas

pelo ar

33. Quase nunca as pessoas da minha família perdem a cabeça

43. As pessoas da minha família criticam-se muitas vezes umas às outras

53. As pessoas da minha família às vezes agredem-se fisicamente

63. Se existe alguma zanga na minha família tentámos esconder o problema e manter a paz.

73. Na minha família cada um quer ser melhor que o outro

83. Na minha família achamos que não serve de nada estar a gritar

Na subescala em causa os itens com correlações mais significativas acontecem entre o item 3 e 33, entre o item 23 e 53 e, ainda, entre o item 23 e 73 (cf. Anexo 13).

Em relação ao estudo da fiabilidade constata-se que o alfa de Cronbach apresenta um valor de 0,789, pelo que os itens dentro desta subescala estão suficientemente correlacionados (cf. Anexo 59).

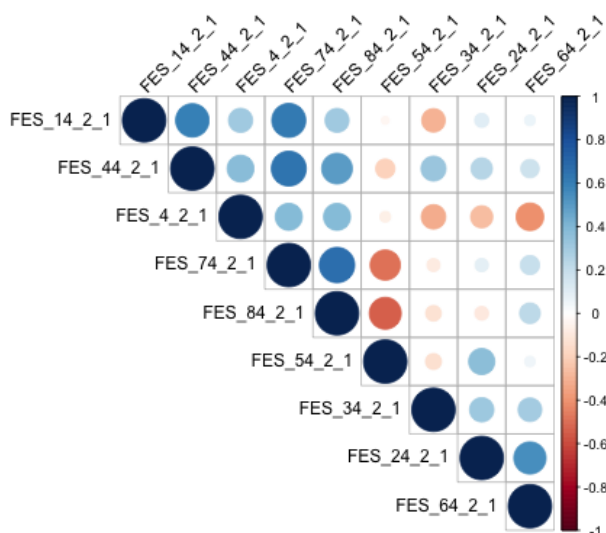
Após calculada a média de cada item da subdimensão relativa ao *conflito* verifica-se que o item 53 apresenta um valor mais elevado quando comparado com os outros itens

(5,50). Pelo contrário, o item 43 apresenta um valor médio de 3,71 (cf. Anexo 60). De forma geral, o cálculo da média de todos os itens do fator acima retratado é de 39,57 (cf. Anexo 61).

## 1.2.2. Dimensão Crescimento Pessoal

### 1.2.2.1. Subdimensão 2.1. Independência

*Figura 14. Correlação entre itens – subdimensão Independência- famílias*



4. Na minha família não costumamos fazer as coisas por nós próprios

14. Na minha família somos incentivados a ser independentes

24. Na minha família cada um pensa por si

34. Na minha família não temos horas de entrada e de saída

44. Na minha família há pouca privacidade e as pessoas mexem nas coisas uns dos outros

54. Quando alguém tem um problema, geralmente resolve-o sozinho

64. Na minha casa achamos que cada um deve defender os seus direitos

74. Na minha família é difícil sermos nós próprios sem que alguém fique triste ou magoado

84. Na minha família não é bem visto dizermos aquilo que pensamos

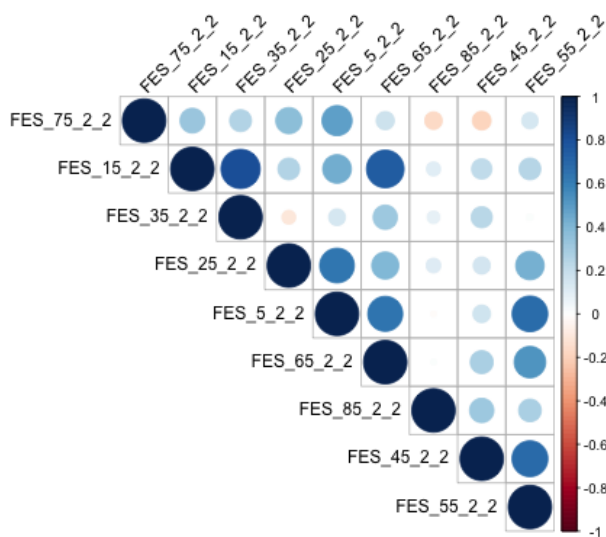
A análise do correlograma permite identificar correlações significativas, ou seja, as pontuadas com apenas um \*, que se revelam importantes para a interpretação dos

resultados, porém, não se verifica qualquer correlação muito significativa (\*\*) (cf. Anexo 14). Tendo em conta o alfa de Cronbach constata-se um valor de 0,411, pelo que os itens dentro desta subescala estão suficientemente correlacionados (cf. Anexo 62).

Após calculada a média de cada item da subdimensão relativa à *independência* verifica-se que o item 44 apresenta um valor mais elevado quando comparado com os outros itens (5,14). Pelo contrário, o item 54 apresenta um valor médio de 2,36 (cf. Anexo 63). De forma geral, o cálculo da média de todos os itens do fator acima retratado é de 38,50 (cf. Anexo 64).

### 1.2.2.2. Subdimensão 2.2. Orientação para o sucesso

*Figura 15. Correlação entre itens – subdimensão Orientação para o sucesso- famílias*



5. Nós achamos que é importante sermos os melhores em tudo o que fazemos

15. Ter sucesso é muito importante na minha família

25. Não é muito importante para nós quanto dinheiro cada um consegue ganhar

35. Acreditámos que os melhores devem vencer na vida

45. Procuramos sempre fazer as coisas melhor da próxima vez

55. Na minha família não nos preocupamos em subir no trabalho e em ter boas notas na escola

65. Na minha família não nos preocupamos assim tanto em subir na vida

75. "Primeiro o trabalho, depois a diversão" é o que se diz na minha família

85. As pessoas da minha família são muitas vezes comparadas com os colegas da escola e do trabalho



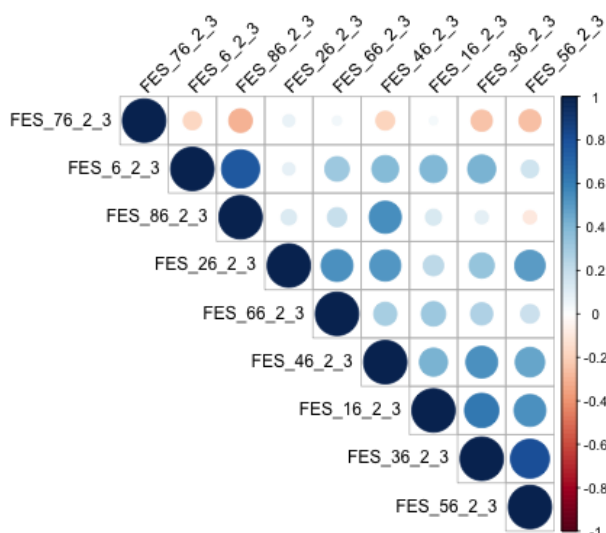
Na subescala *orientação para o sucesso* as correlações muito significativas ocorrem entre o item 5 e 55, entre o item 15 e 35, 15 e 65 e, ainda, entre o item 45 e 55 (cf. Anexo 15). Em relação ao estudo da fiabilidade constata-se que o alfa de Cronbach apresenta um valor de 0,761 (cf. Anexo 65).

Após calculada a média de cada item da subdimensão relativa à *orientação para o sucesso* verifica-se que o item 45 apresenta um valor mais elevado quando comparado com os outros itens. Pelo contrário, o item 25 apresenta um valor médio de 2,79 (cf. Anexo 65).

De forma geral, o cálculo da média de todos os itens do fator acima retratado é de 36,36 (cf. Anexo 66).

### 1.2.2.3. Subdimensão 2.3. Orientação Intelectual-Cultural

*Figura 16. Correlação entre itens – subdimensão Orientação intelectual-cultural- famílias*



6. Costumámos conversar sobre questões sociais e políticas

16. Costumámos assistir a conferências, peças de teatro ou concertos

26. Aprender coisas novas e diferentes é muito importante para a minha família.

36. Na minha família não costumámos visitar museus e exposições

46. Não costumamos conversar sobre arte e literatura

56. Existe pelo menos uma pessoa na minha família que toca um instrumento musical

66. As pessoas da minha família costumam ler muito

76. Na minha casa vemos mais televisão do que lemos

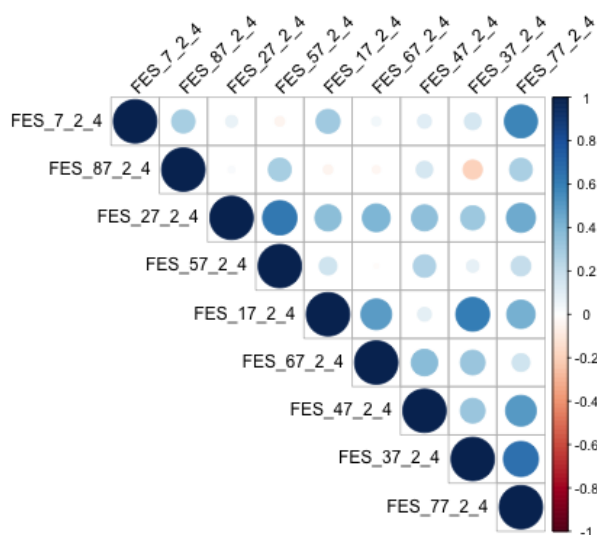
86. Na minha casa gostamos muito de música, arte e literatura

O correlograma permite identificar correlações mais expressivas entre o item 6 e 86 e entre o item 36 e 56 (cf. Anexo 16). Considerando o coeficiente alfa de Cronbach, o valor calculado é de 0,749 (cf. Anexo 68).

Após calculada a média de cada item da subdimensão relativa à *orientação intelectual-cultural* verifica-se que o item 26 apresenta um valor mais elevado quando comparado com os outros itens. Pelo contrário, o item 16 apresenta um valor médio de 2,29 (cf. Anexo 69). De forma geral, o cálculo da média de todos os itens do fator acima retratado é de 33,07 (cf. Anexo 70).

#### 1.2.2.4. Subdimensão 2.4. Orientação para as Atividades Recreativas

Figura 17. Correlação entre itens – subdimensão Orientação para as atividades recreativas- famílias



7. Passamos a maioria dos fins-de-semana e das noites em casa

17. Na minha família costumamos receber amigos e conhecidos em casa

27. Na minha família ninguém pratica um desporto regularmente

37. Vamos com frequência ao cinema, a acontecimentos desportivos, ao campismo, etc

47. Na minha família todos têm um ou dois *hobbys*

57. As pessoas da minha família não estão envolvidas em atividades recreativas fora da escola ou do trabalho

67. As pessoas da minha família gostam de aprender coisas nos tempos livres

77. As pessoas da minha família costumam sair e passear

87. A principal maneira de passarmos o tempo é a ver televisão ou a ouvir rádio

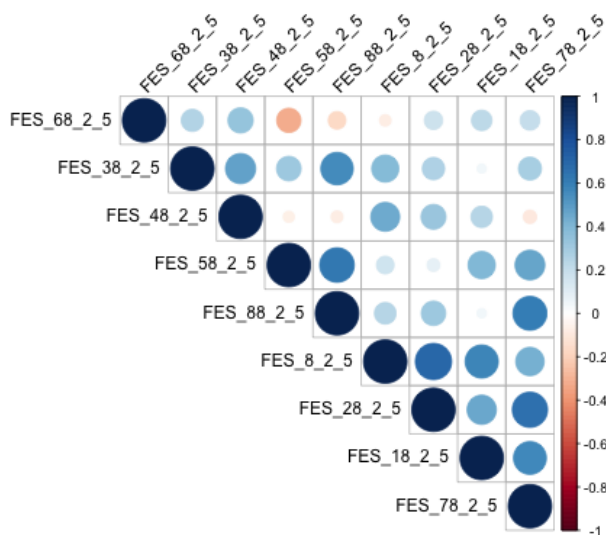
Na subdimensão retratada no correlograma acima constata-se que os itens correlacionam-se de forma menos significativa (\*) (cf. Anexo 17). Tal pode significar ou que o fator não existe, isto é, não há nada em comum aos itens, ou tem pouca importância.

No que concerne aos níveis de consistência interna, o coeficiente alfa de Cronbach apresenta um valor de 0,746 (cf. Anexo 71).

Após calculada a média de cada item da subdimensão relativa à *orientação para atividades recreativas* verifica-se que o item 87 apresenta um valor mais elevado quando comparado com os outros itens (4,07). Pelo contrário, o item 7 apresenta um valor médio de 2,07 (cf. Anexo 72). De forma geral, o cálculo da média de todos os itens do fator acima retratado é de 29,64 (cf. Anexo 73).

### 1.2.2.5. Subdimensão 2.5. Orientação Moral e Religiosa

Figura 18. Correlação entre itens – subdimensão Orientação moral e religiosa- famílias



8. Costumamos ir à missa regularmente

18. Na minha família costumamos rezar

28. Conversamos várias vezes sobre o que significa o Natal, a Páscoa ou outras festas religiosas

38. Acreditamos no céu e no inferno  
48. As pessoas da minha família sabem muito bem o que é certo e o que é errado

58. Na minha família acreditamos que existem acontecimentos que só têm a ver com a fé

68. Na minha família cada um tem ideias diferentes sobre o que é certo e errado

78. A Bíblia é um livro muito importante para a minha família

88. Acreditamos que se pecarmos seremos castigados

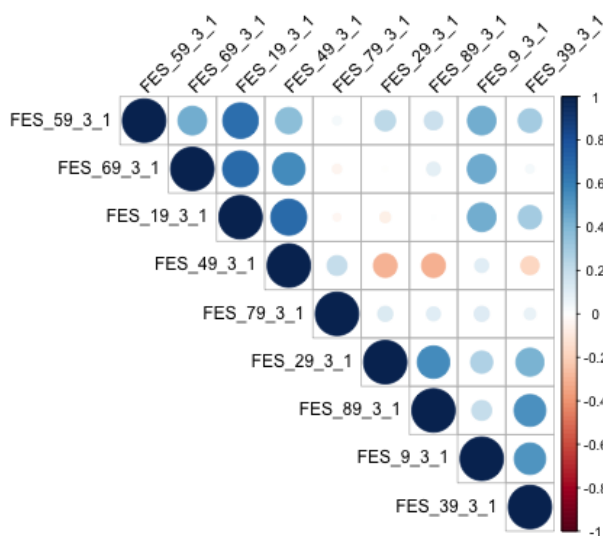
Os itens que apresentam correlações mais expressivas entre si correspondem ao item 8 e 28 (cf. Anexo 18). Tendo em atenção o estudo da fiabilidade constata-se que o alfa de Cronbach apresenta um valor de 0,795 (cf. Anexo 74).

Após calculada a média de cada item da subdimensão relativa à *orientação moral e religiosa* verifica-se que o item 48 apresenta um valor mais elevado quando comparado com os outros itens (cf. Anexo 75). Pelo contrário, o item 8 apresenta um valor médio de 2,71 (cf. Anexo 75). De forma geral, o cálculo da média de todos os itens do fator acima retratado é de 33,36 (cf. Anexo 76).

### 1.2.3. Dimensão Manutenção do Sistema

#### 1.2.3.1. Subdimensão 3.1. Organização

Figura 19. Correlação entre itens – subdimensão  
Organização - famílias



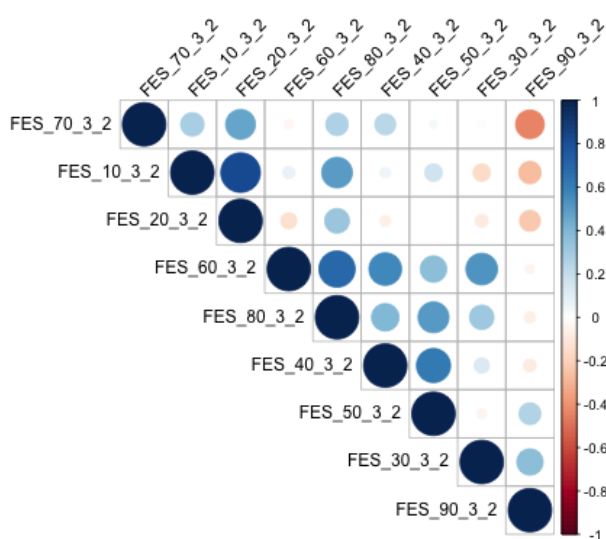
- 9. Na minha família planeámos as coisas com muito cuidado
- 19. Somos normalmente muito limpos e organizados
- 29. Em minha casa é difícil encontrarmos as coisas quando precisamos delas
- 39. Ser pontual é muito importante na minha família
- 49. Em minha casa é difícil saber com o que contar porque se muda muitas vezes de opinião
- 59. As pessoas da minha família procuram manter os seus quartos arrumados
- 69. Na minha casa, todos sabem o que cada um tem que fazer
- 79. Na minha casa não temos muito cuidado com o modo como gastamos o dinheiro
- 89. Geralmente arruma-se a cozinha logo a seguir às refeições

Na subdimensão *organização* as correlações mais significativas ocorrem, de forma recíproca, entre o item 19 e 49, 19 e 59 e entre o item 19 e 69 (cf. Anexo 19). No que respeita à fiabilidade dos itens da referida subescala verifica-se que o alfa de Cronbach apresenta um valor de 0,643 (cf. Anexo 77).

Após calculada a média de cada item da subdimensão relativa à *organização* verifica-se que o item 39 apresenta um valor mais elevado quando comparado com os outros itens (5,07). Pelo contrário, o item 69 apresenta um valor médio de 4,00 (cf. Anexo 78). De forma geral, o cálculo da média de todos os itens do fator acima retratado é de 42,29 (cf. Anexo 79).

### 1.2.3.2. Subdimensão 3.2. Controlo

*Figura 20. Correlação entre itens – subdimensão Controlo- famílias*



10. As pessoas da minha família raramente são obrigadas a seguir ordens

20. Existem poucas regras que temos que seguir na minha família

30. Existe uma pessoa na minha família que decide quase todas as coisas

40. Em minha casa há regras para se fazerem certas coisas

50. Obedecer às ordens é muito importante na minha família

60. Cada um de nós tem uma palavra a dizer nas decisões familiares

70. Na minha família podemos fazer o que nos der na cabeça

80. Na minha casa as ordens são para se cumprir

90. As asneiras não passam despercebidas na minha família

Por fim, o item 10 e o 20 estão estreitamente correlacionados entre si, assim como o item 60 e 80 (cf. Anexo 20). Em relação ao estudo da fiabilidade constata-se que o alfa de Cronbach apresenta um valor de 0,695 (cf. Anexo 80).

Após calculada a média de cada item da subdimensão relativa ao *controle* verifica-se que o item 90 apresenta um valor mais elevado quando comparado com os outros itens (4,93). Pelo contrário, o item 30 apresenta um valor médio de 3,93 (cf. Anexo 81). De forma geral, o cálculo da média de todos os itens do fator acima retratado é de 39,50 (cf. Anexo 82).

### **1.3. Correlação entre as subdimensões e respetivos diagramas de dispersão**

Por forma a compreender a correlação entre as diferentes dimensões da escala de medição relativa ao ambiente familiar apresentaremos, inicialmente, os resultados obtidos no que toca à correlação entre as subdimensões de cada escala.

Em seguida, e assumindo a importância em perceber as subdimensões que se ligam entre si, iremos apresentar um conjunto de diagramas de dispersão, de maneira a verificar se existe relação de causa e efeito entre as diferentes variáveis em estudo. É de acrescentar que o simples facto de uma subdimensão correlacionar-se de forma mais intensa com outra não significa que haja uma relação de causalidade entre as mesmas. Para ser possível atestar a relação de causalidade torna-se necessário demonstrar, através de estudos científicos, se a causalidade existe ou não. Isto porque as subdimensões podem estar simplesmente a medir o mesmo.

A análise dos resultados obtidos através do cálculo do coeficiente de correlação de Pearson permite compreender quais as dimensões que se correlacionam mais vezes entre si. No primeiro grupo (jovens) constata-se valores moderados de correlação entre as subdimensões *coesão* e *expressividade*, *coesão* e *conflito*, *coesão* e *independência*, *coesão* e *orientação para o sucesso*, *coesão* e *orientação moral e religiosa*, *coesão* e *controle*. Verifica-se, ainda, uma forte correlação entre a subdimensão *coesão* e *orientação para as atividades recreativas* e entre a subdimensão *coesão* e *organização*.

De forma semelhante, a subdimensão *expressividade* apresenta correlações moderadas com a subdimensão *orientação para as atividades recreativas*, *orientação moral e religiosa* e, também, com a subdimensão *organização*. Já a subdimensão *conflito*

correlaciona-se de forma moderada com a subdimensão *independência*, *organização* e *controle*.

A subdimensão *Independência*, integrada na dimensão *crescimento pessoal*, correlaciona-se de forma moderada com a subdimensão *orientação para o sucesso*, *orientação intelectual-cultural*, *orientação para as atividades recreativas*, *orientação moral e religiosa* e com a subdimensão *organização*. Apresenta uma correlação forte com a variável *controle*. Por sua vez, a subdimensão *orientação para o sucesso* apresenta uma correlação moderada com a subdimensão *orientação moral e religiosa*, *organização* e uma forte correlação com a subdimensão *controle*.

A subdimensão *orientação intelectual-cultural* correlaciona-se moderadamente com a subdimensão *orientação para as atividades recreativas* e com a subdimensão *orientação moral e religiosa*. A subdimensão *orientação para as atividades recreativas* evidencia uma correlação moderada com a subdimensão *orientação moral e religiosa*, *organização* e *controle*. A subdimensão *orientação moral e religiosa* correlaciona-se, igualmente, com as subdimensões *organização* e *controle*. Por fim, a subdimensão *organização* correlaciona-se de forma intensa com a subdimensão *controle* (cf. Anexo 21 em anexo)

No que respeita ao grupo das famílias, verificam-se fortes correlações entre a subdimensão *coesão* e *expressividade*, *coesão* e *conflito*, *coesão* e *controle*. Notamos, ainda, uma correlação moderada entre a variável *coesão* e *organização*. A subdimensão *expressividade* correlaciona-se de forma moderada com a subdimensão *conflito*, *independência*, *orientação intelectual-cultural*, *orientação para as atividades recreativas* e *controle*. Já a variável *conflito* apresenta uma correlação moderada com a subdimensão *orientação moral e religiosa* e uma correlação forte com a subdimensão *controle*.

A subdimensão *independência* relaciona-se de forma comedida com as subdimensões *orientação intelectual-cultural* e *orientação moral e religiosa*.

Por último, a subdimensão *orientação intelectual-cultural* apresenta uma correlação moderada com a variável *orientação para as atividades recreativas* (cf. Anexo 22).

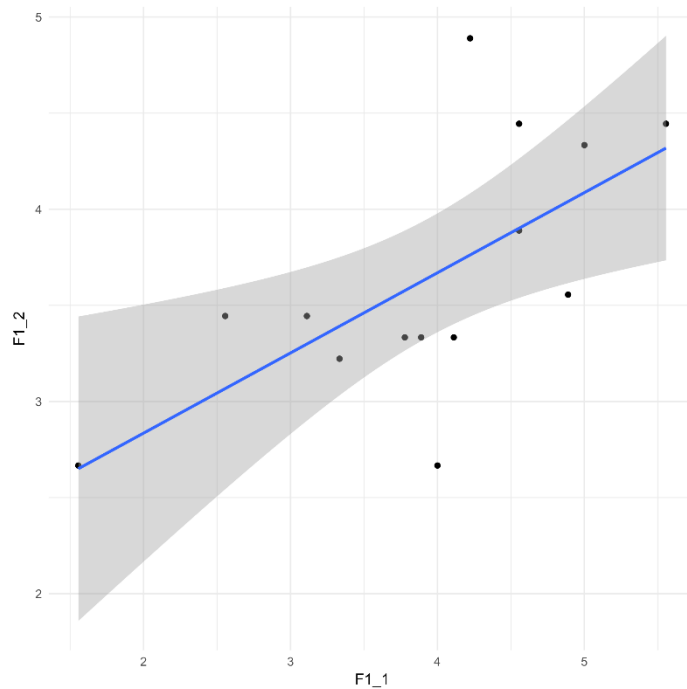
Os diagramas de dispersão apresentados, em seguida, corroboram as correlações significativas entre as subdimensões e os fatores de ambas as escalas, assim como ajudam a compreender a direção da relação entre as variáveis, o que neste caso podemos, desde já, afirmar que a relação entre as mesmas é direta, ou seja, variam no mesmo sentido. Tal

facto não significa que uma variável afete a outra, permitindo sim, a compreensão da relação entre as duas subdimensões (intensidade e direção).

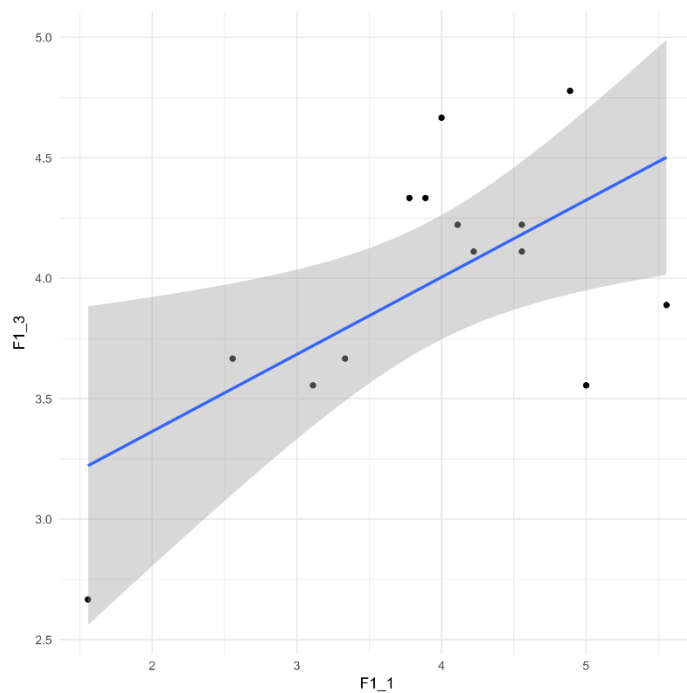


### 1.3.1. Diagrama e reta de dispersão das variáveis significativas – Jovens

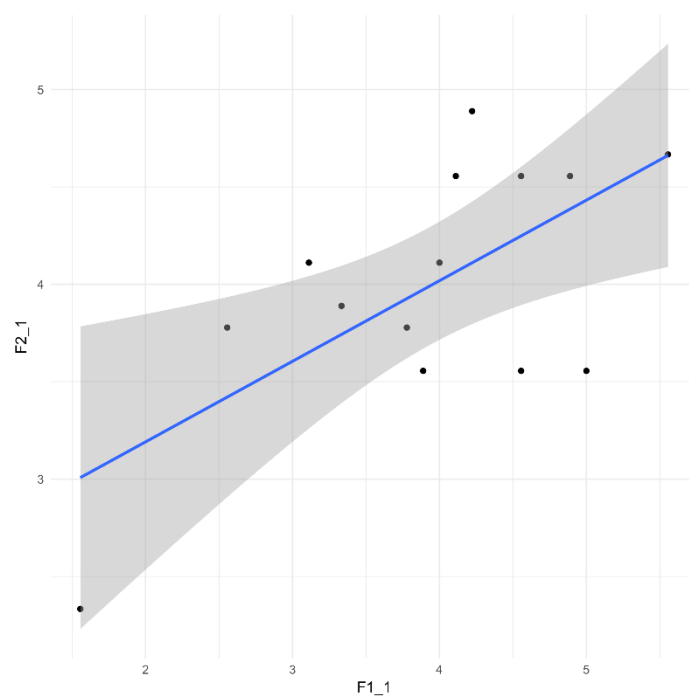
*Figura 21. Diagrama e reta de dispersão entre Coesão e Expressividade - jovens*



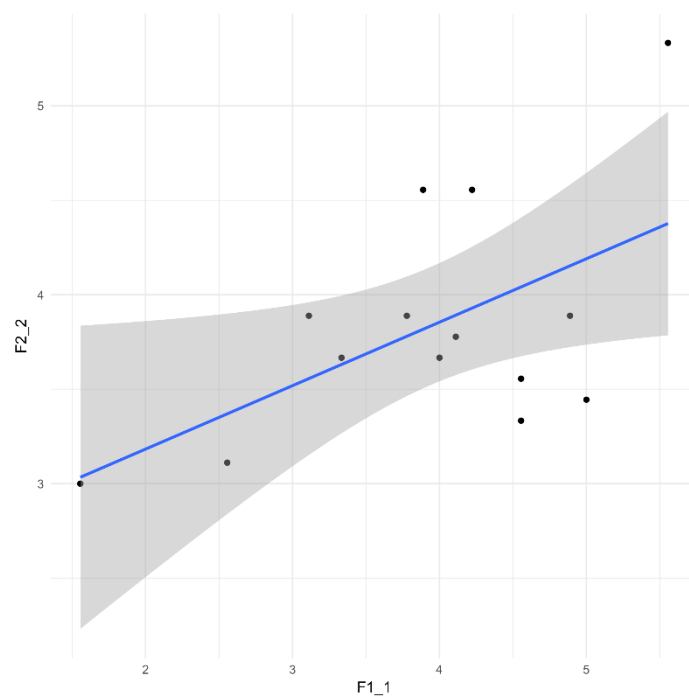
*Figura 22. Diagrama e reta de dispersão entre Coesão e Conflito - jovens*



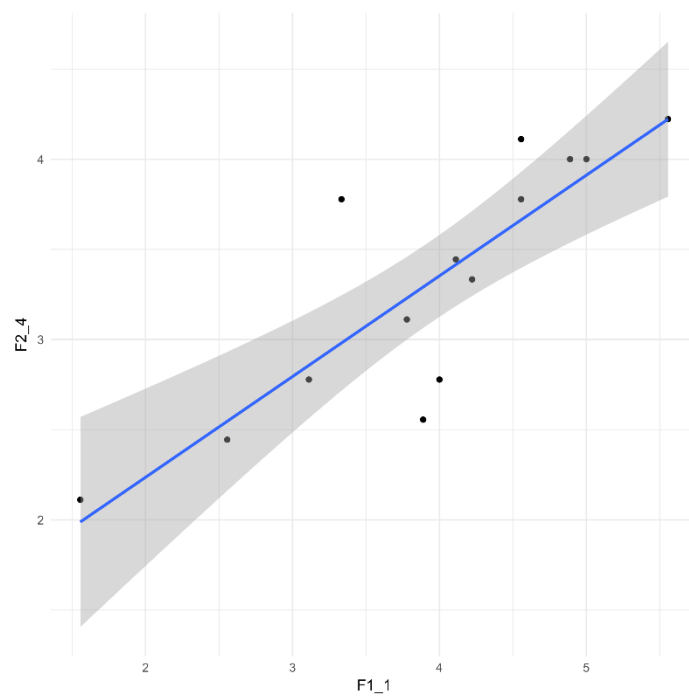
*Figura 23. Diagrama e reta de dispersão entre Coesão e Independência - jovens*



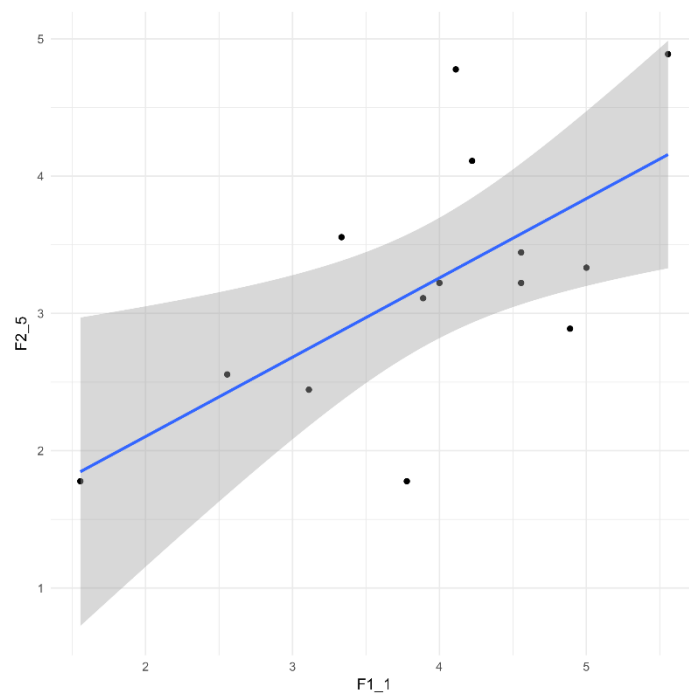
*Figura 24. Diagrama e reta de dispersão entre Coesão e Orientação para o sucesso - jovens*



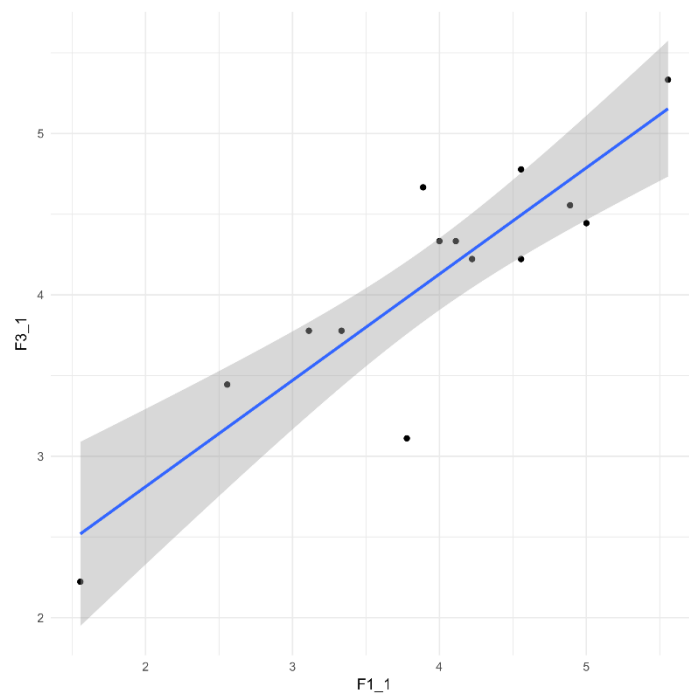
*Figura 25. Diagrama e reta de dispersão entre Coesão e Orientação para as atividades recreativas - jovens*



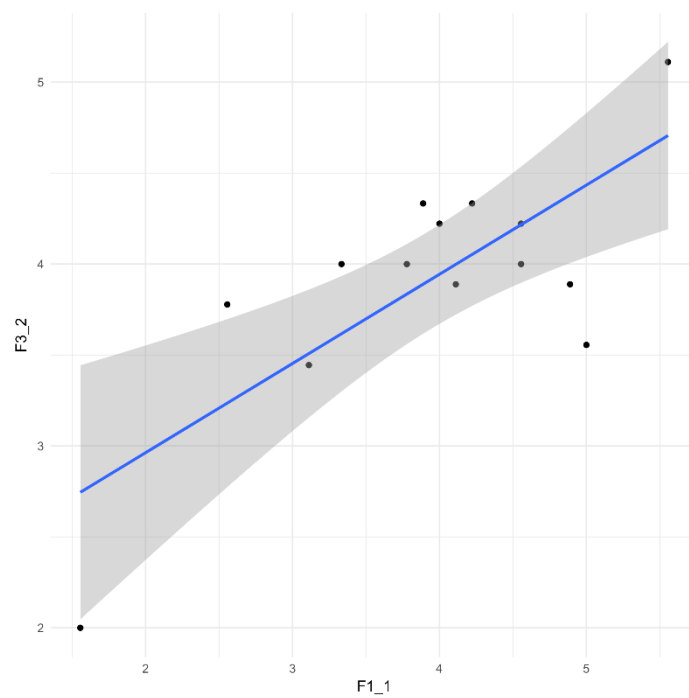
*Figura 26. Diagrama e reta de dispersão entre Coesão e Orientação moral e religiosa – jovens*



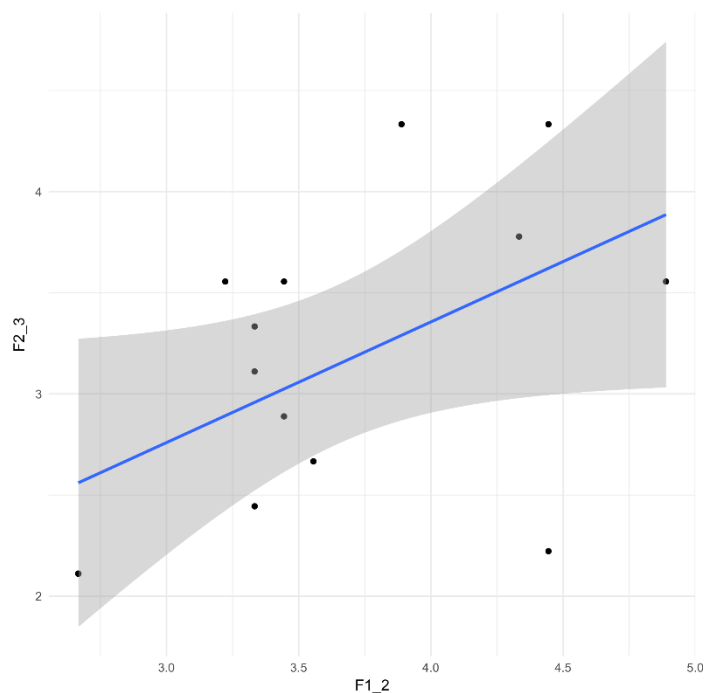
*Figura 27. Diagrama e reta de dispersão entre Coesão e Organização - jovens*



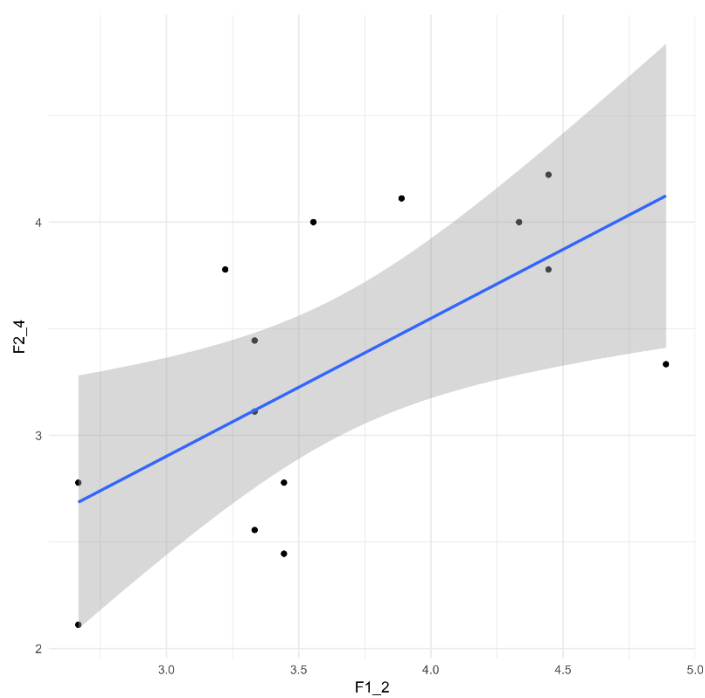
*Figura 28. Diagrama e reta de dispersão entre Coesão e Controle - jovens*



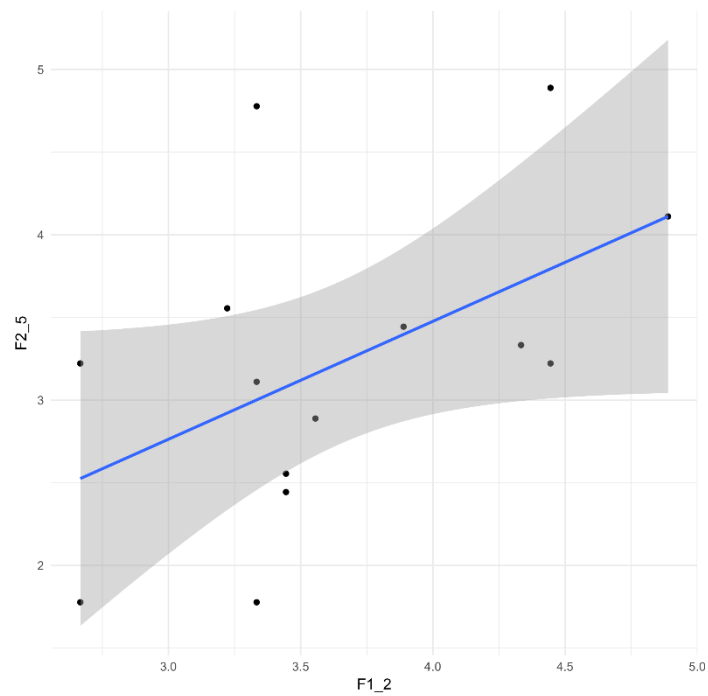
*Figura 29. Diagrama e reta de dispersão entre Expressividade e Orientação Intelectual-Cultural - jovens*



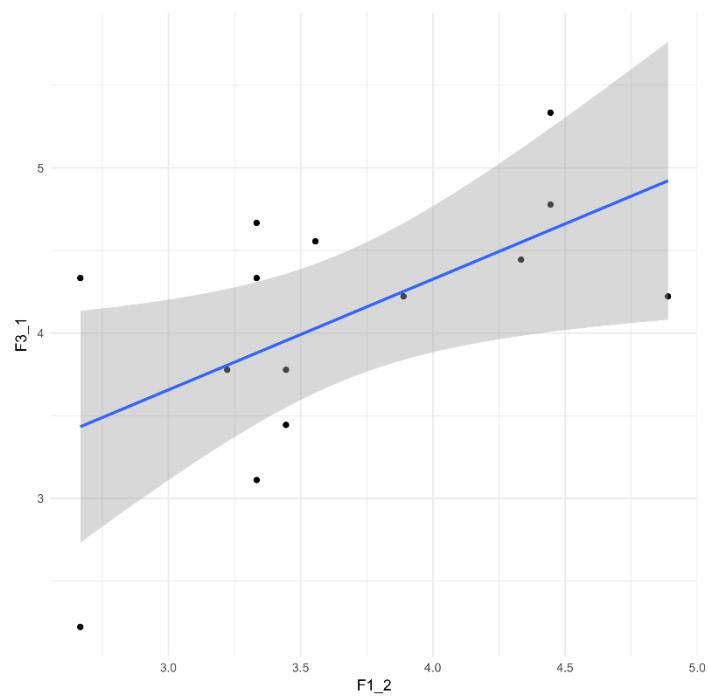
*Figura 30. Diagrama e reta de dispersão entre Expressividade e Orientação para as atividades recreativas- jovens*



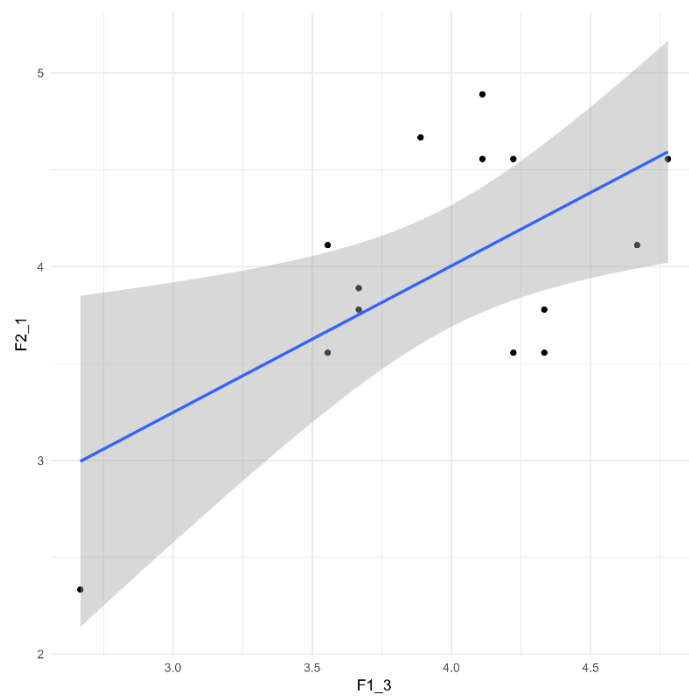
*Figura 31. Diagrama e reta de dispersão entre Expressividade e Orientação moral e religiosa - jovens*



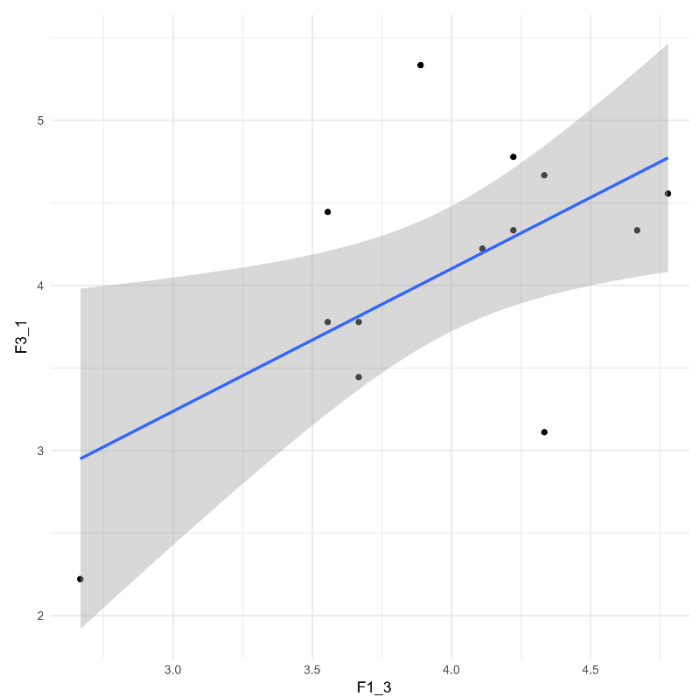
*Figura 32. Diagrama e reta de dispersão entre Expressividade e Organização - jovens*



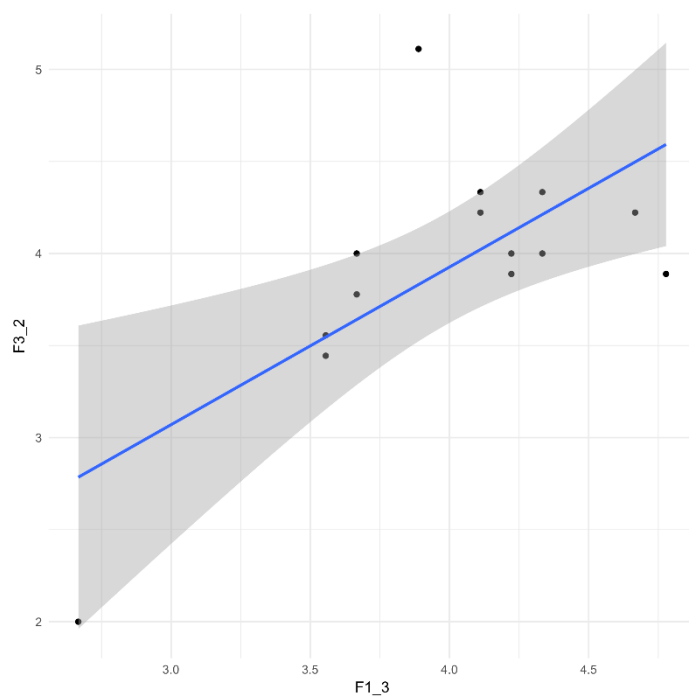
*Figura 33. Diagrama e reta de dispersão entre Conflito e Independência - jovens*



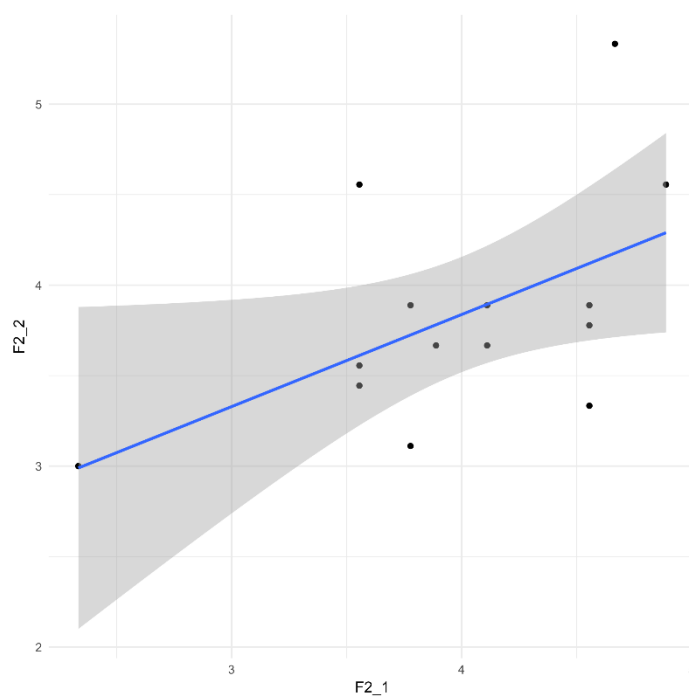
*Figura 34. Diagrama e reta de dispersão entre Conflito e Organização- jovens*



*Figura 35. Diagrama e reta de dispersão entre Conflito e Controlo- jovens*

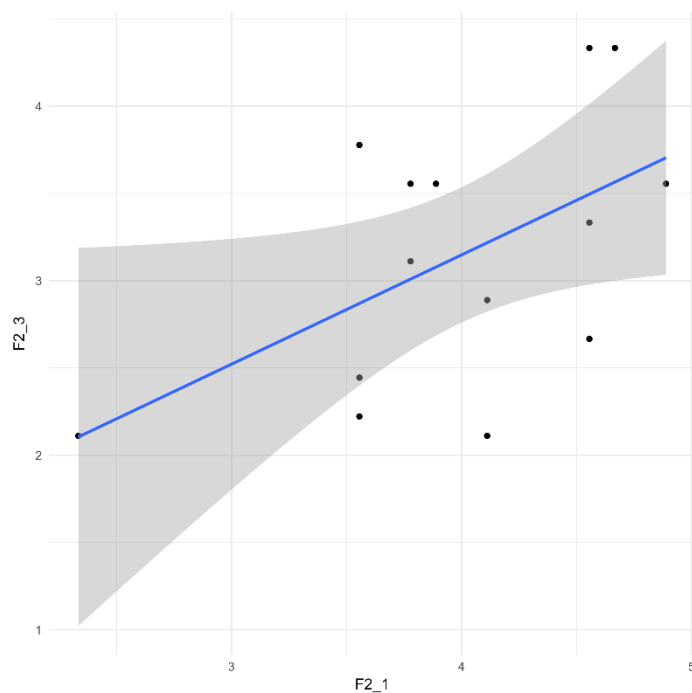


*Figura 36. Diagrama e reta de dispersão entre Independência e Orientação para o sucesso - jovens*

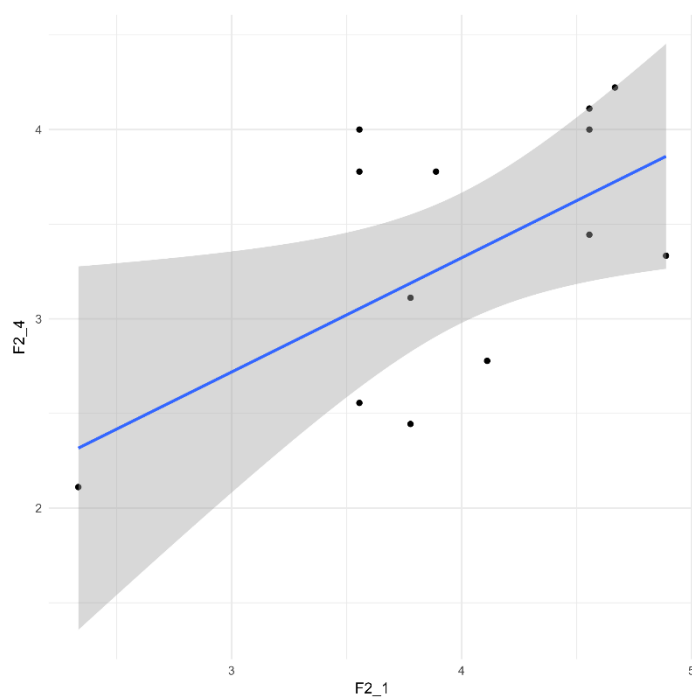




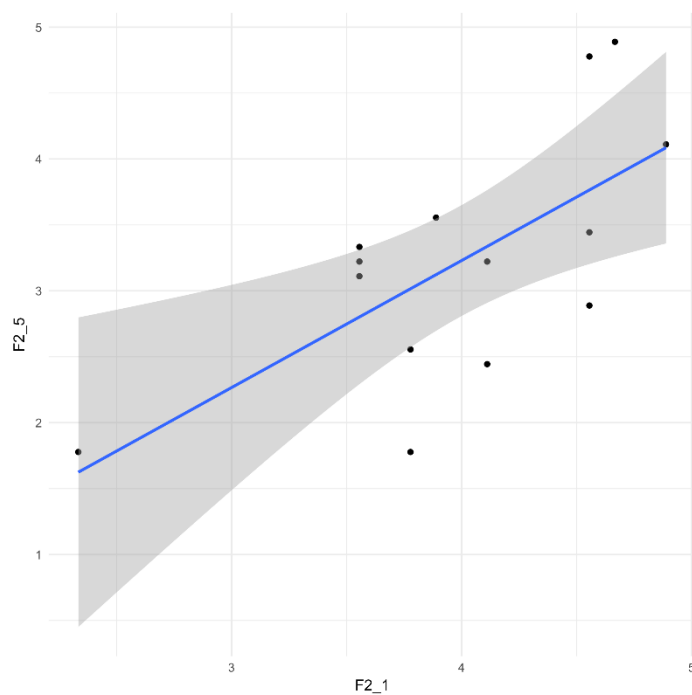
*Figura 37. Diagrama e reta de dispersão entre Independência e Orientação Intelectual-Cultural - jovens*



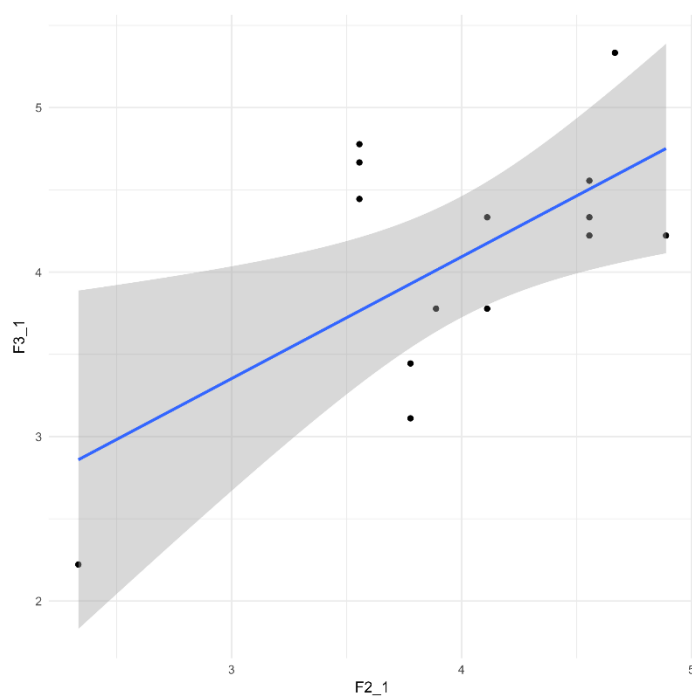
*Figura 38. Diagrama e reta de dispersão entre Independência e Orientação para as atividades recreativas - jovens*



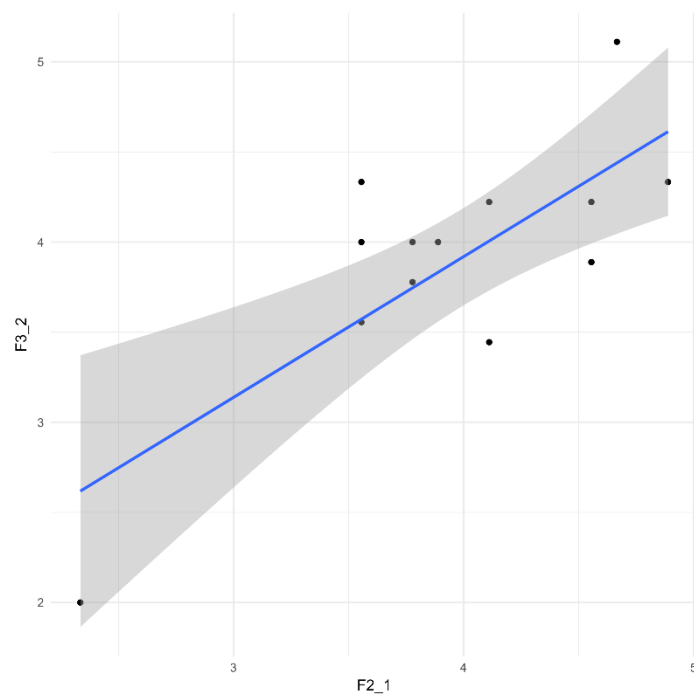
*Figura 39. Diagrama e reta de dispersão entre Independência e Orientação moral e religiosa - jovens*



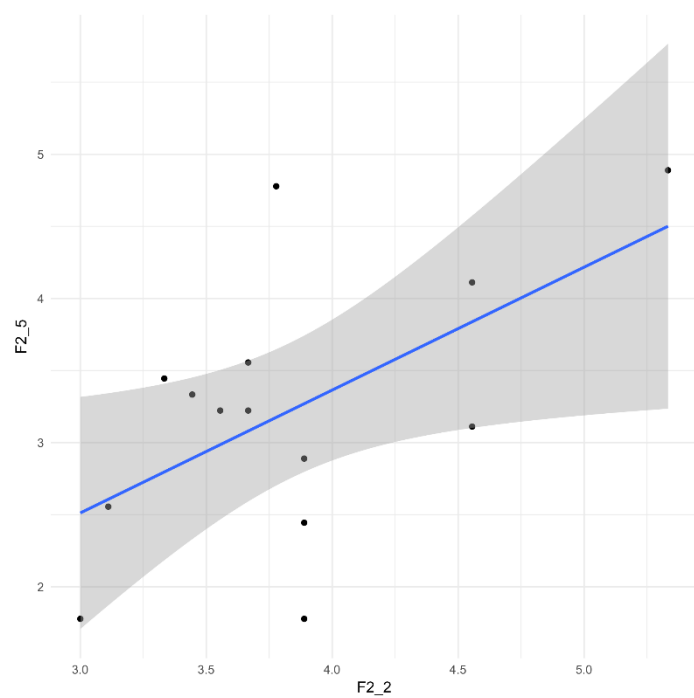
*Figura 40. Diagrama e reta de dispersão entre Independência e Organização - jovens*



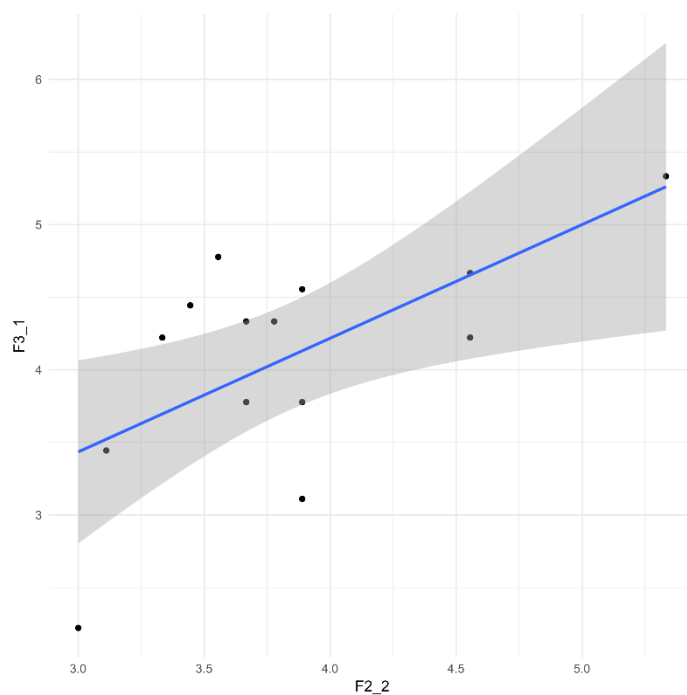
*Figura 41. Diagrama e reta de dispersão entre Independência e Controle – jovens*



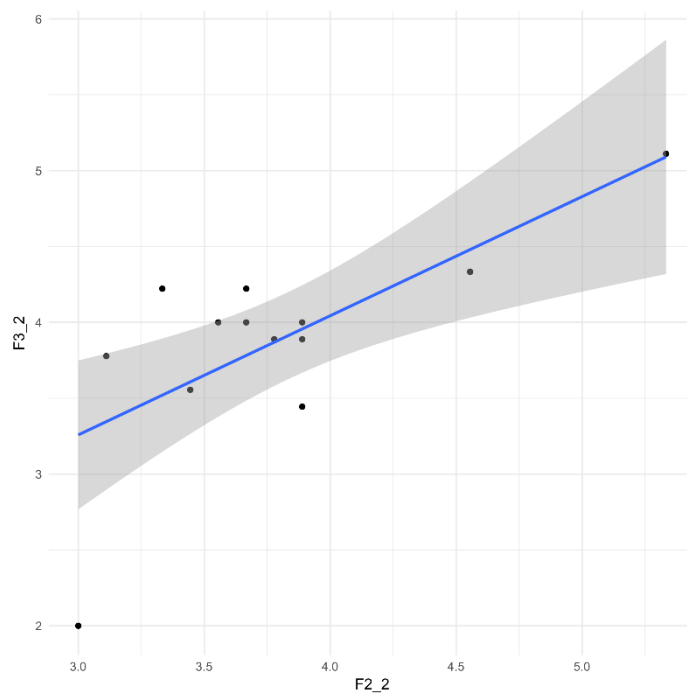
*Figura 42. Diagrama e reta de dispersão entre Orientação para o sucesso e Orientação moral e religiosa - jovens*



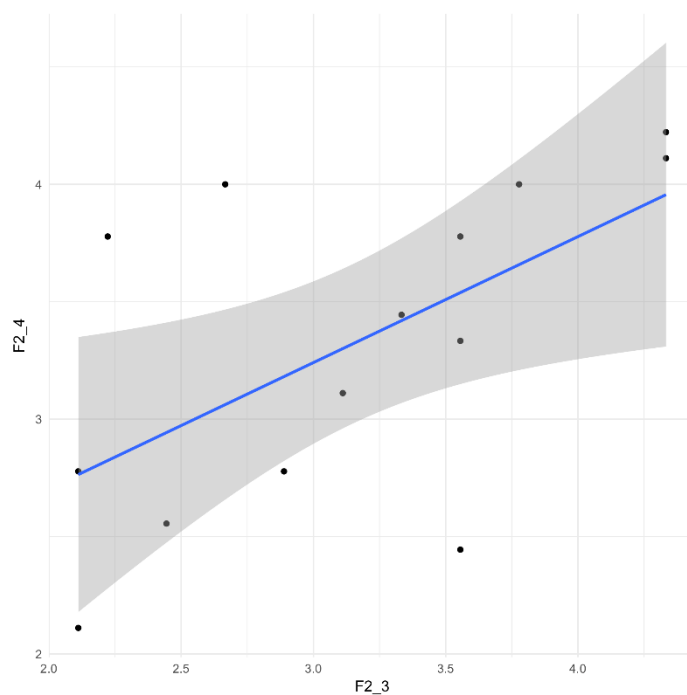
*Figura 43. Diagrama e reta de dispersão entre Orientação para o sucesso e Organização - jovens*



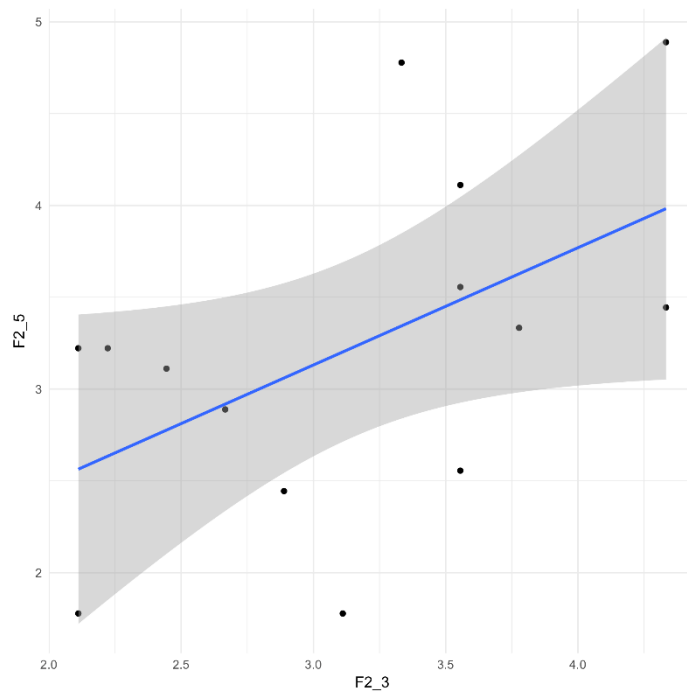
*Figura 44. Diagrama e reta de dispersão entre Orientação para o sucesso e Controlo - jovens*



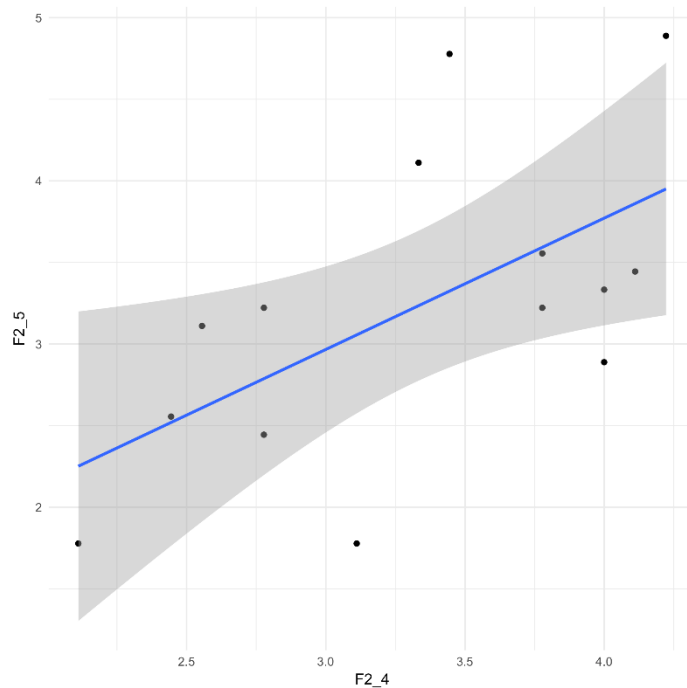
*Figura 45. Diagrama e reta de dispersão entre Orientação Intelectual-Cultural e Orientação para as atividades recreativas- jovens*



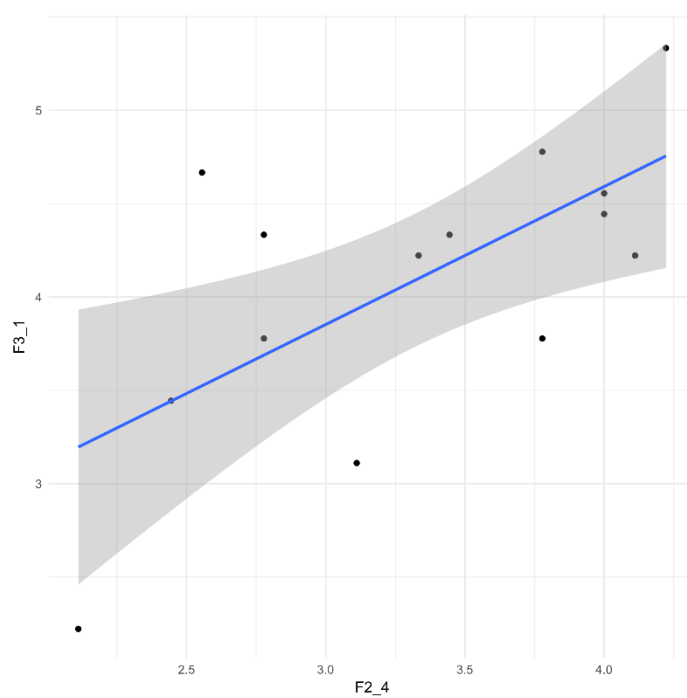
*Figura 46. Diagrama e reta de dispersão entre Orientação Intelectual-Cultural e Orientação moral e religiosa - jovens*



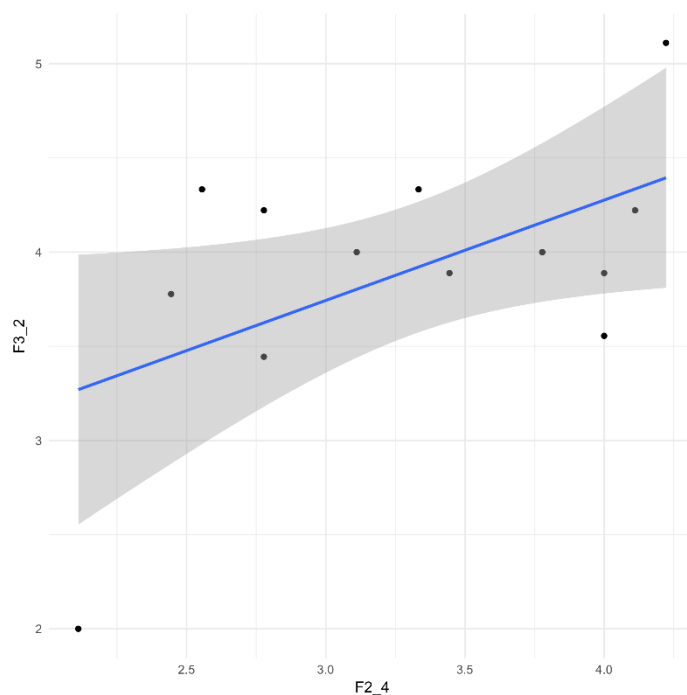
*Figura 47. Diagrama e reta de dispersão entre Orientação para as atividades recreativas e Orientação moral e religiosa - jovens*



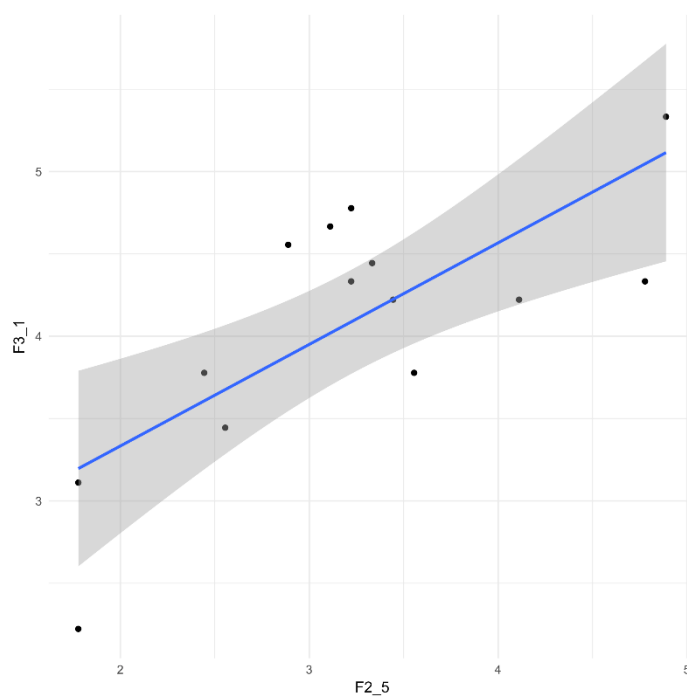
*Figura 48. Diagrama e reta de dispersão entre Orientação para as atividades recreativas e Organização - jovens*



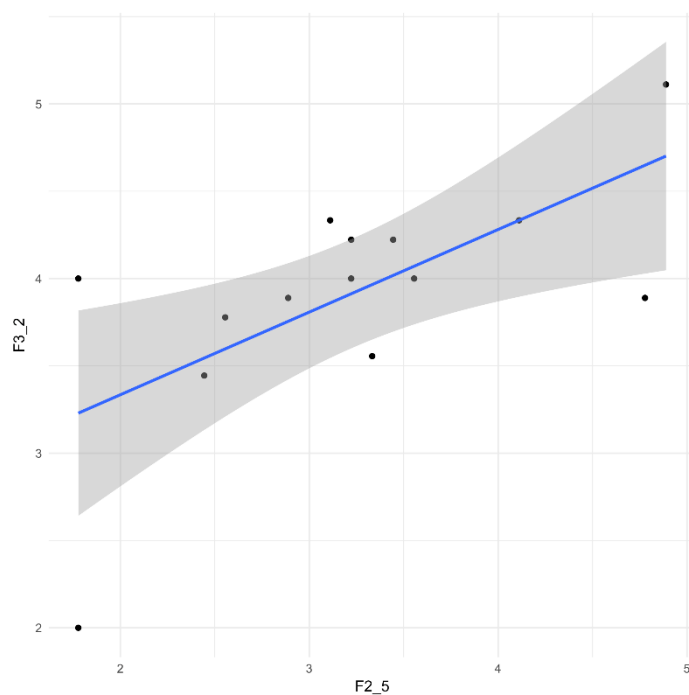
*Figura 49. Diagrama e reta de dispersão entre Orientação para as atividades recreativas e Controlo - jovens*



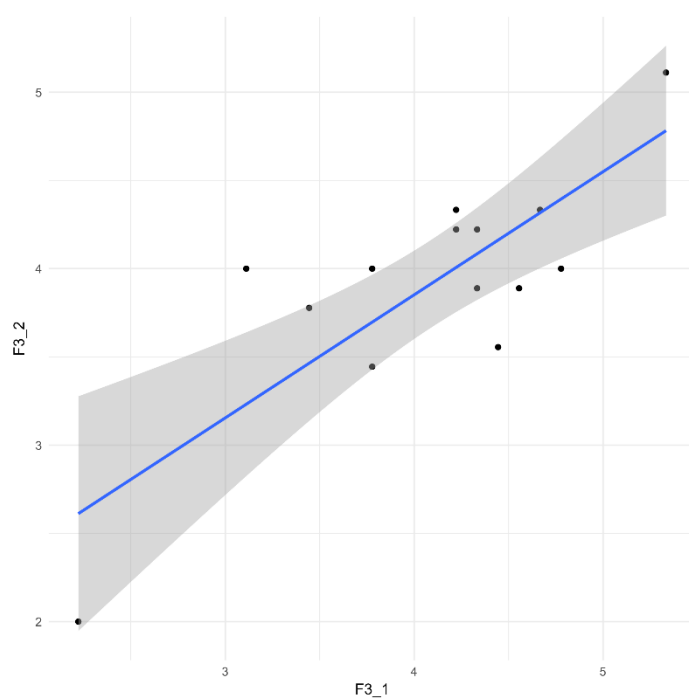
*Figura 50. Diagrama e reta de dispersão entre Orientação moral e religiosa e Organização - jovens*



*Figura 51. Diagrama e reta de dispersão entre Orientação moral e religiosa e Controlo - jovens*



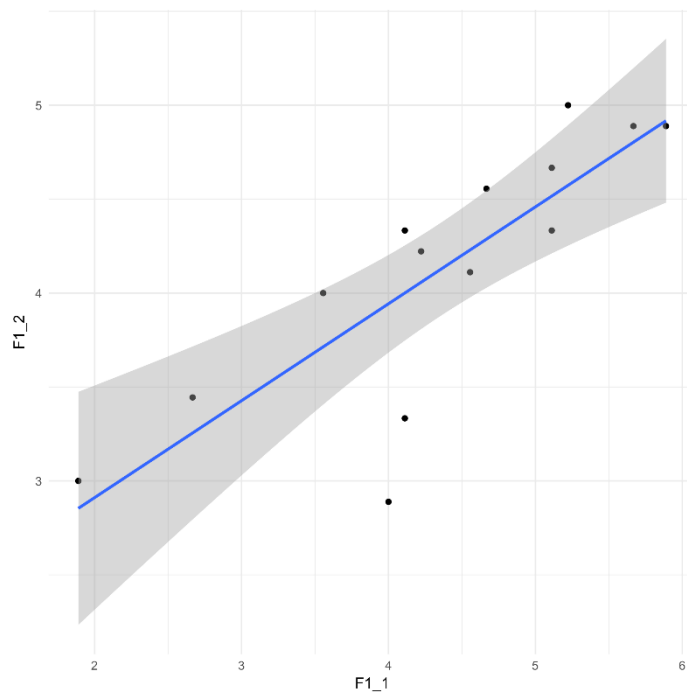
*Figura 52. Diagrama e reta de dispersão entre Organização e Controlo – jovens*



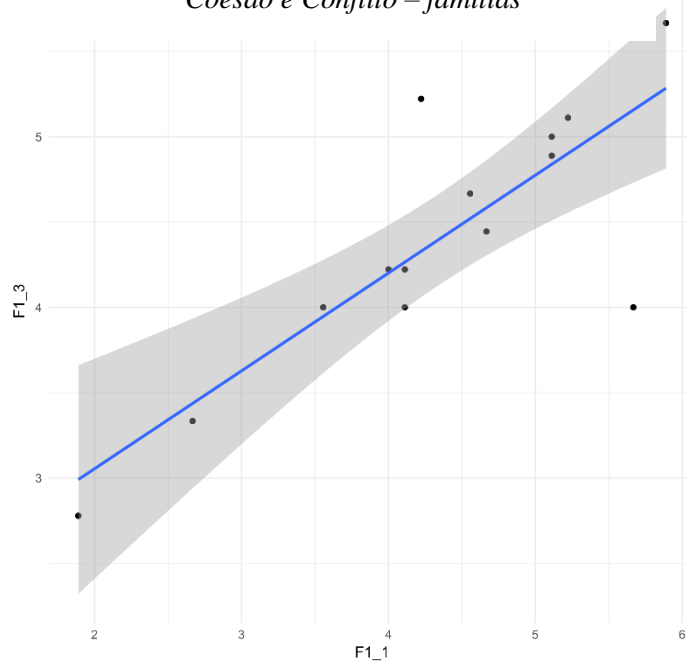


### 1.3.2. Diagrama e reta de dispersão das variáveis significativas- Famílias

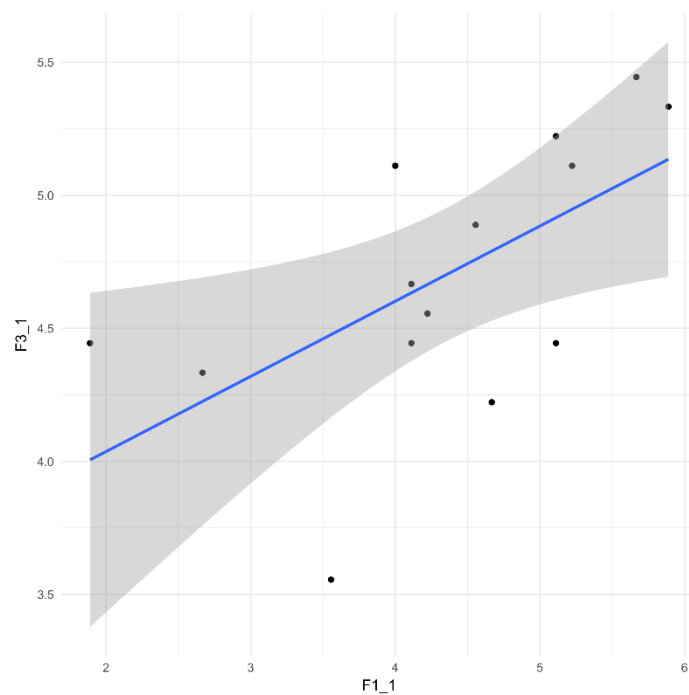
*Figura 53. Diagrama e reta de dispersão entre Coesão e Expressividade - famílias*



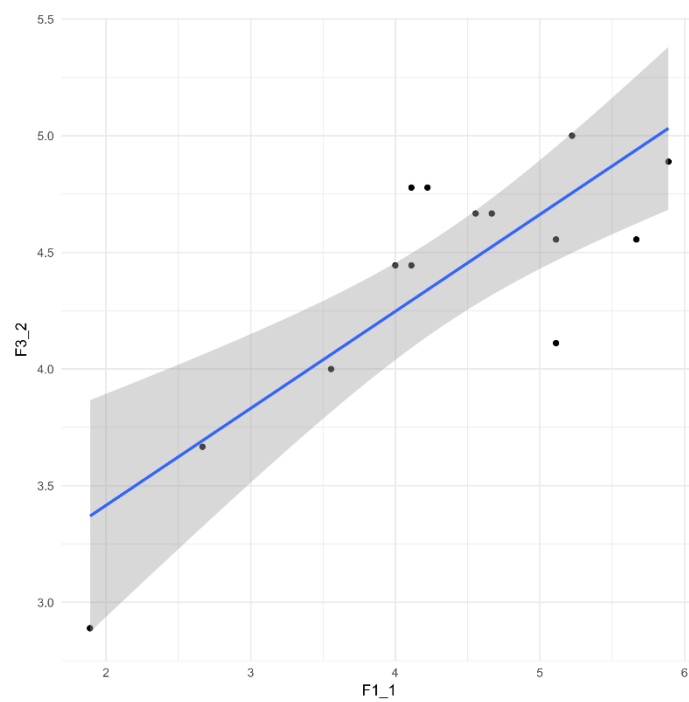
*Figura 54. Diagrama e reta de dispersão entre Coesão e Conflito – famílias*



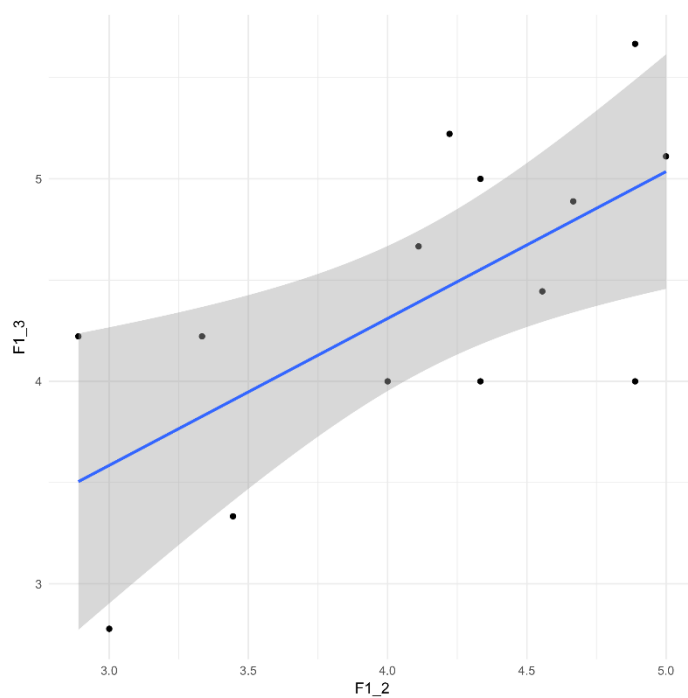
*Figura 55. Diagrama e reta de dispersão entre Coesão e Organização – famílias*



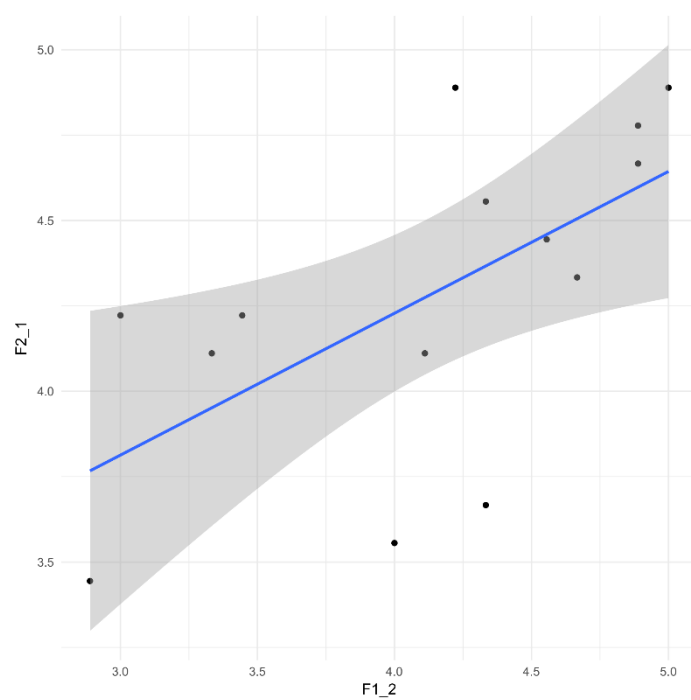
*Figura 56. Diagrama e reta de dispersão entre Coesão e Controlo - famílias*



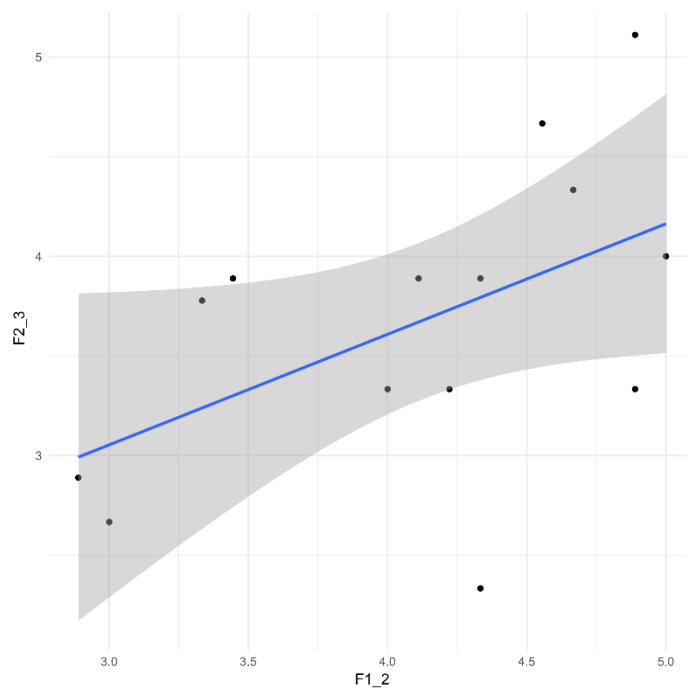
*Figura 57. Diagrama e reta de dispersão entre Expressividade e Conflito - famílias*



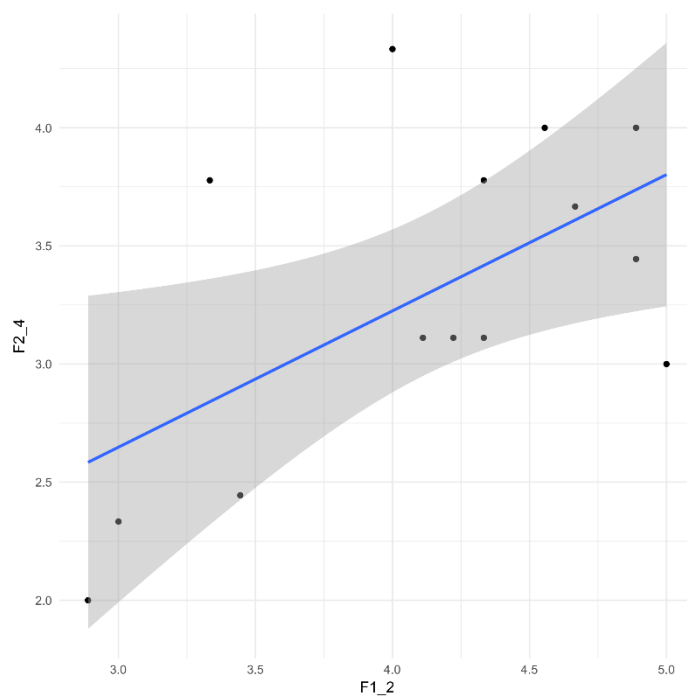
*Figura 58. Diagrama e reta de dispersão entre Expressividade e Independência - famílias*



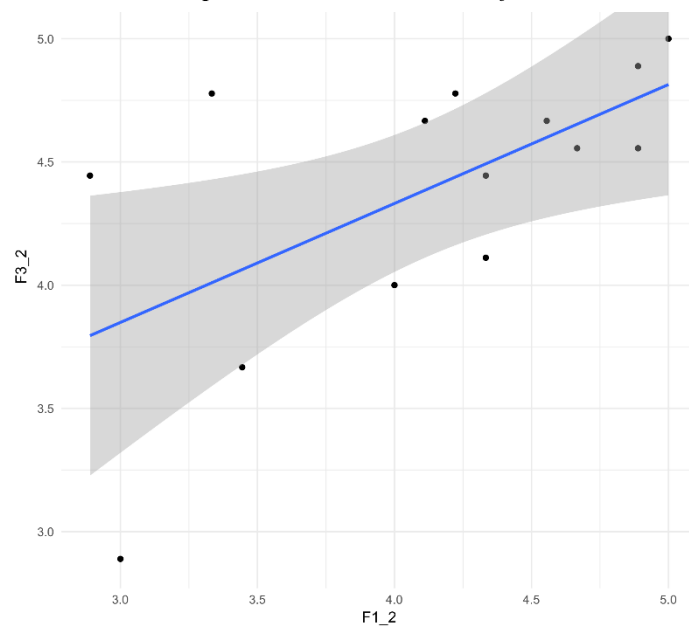
*Figura 59. Diagrama e reta de dispersão entre Expressividade e Orientação Intelectual-Cultural - famílias*



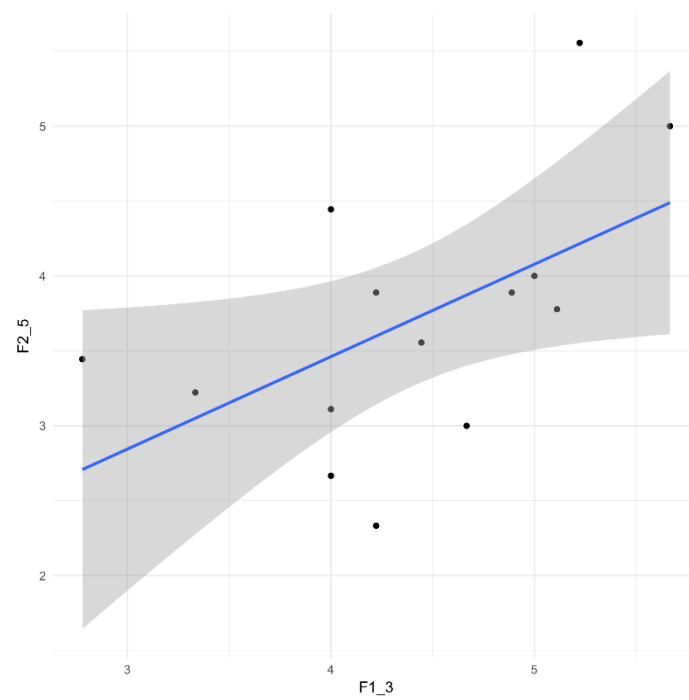
*Figura 60. Diagrama e reta de dispersão entre Expressividade e Orientação para as atividades recreativas- famílias*



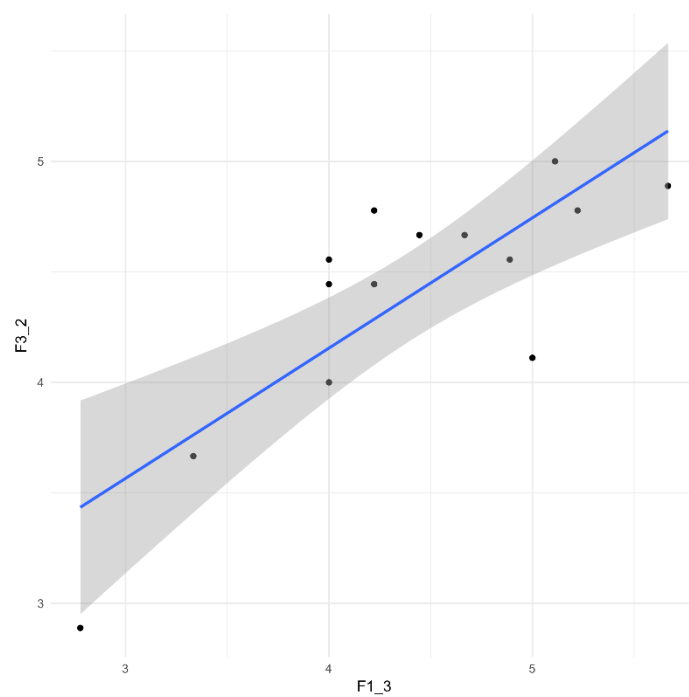
*Figura 61. Diagrama e reta de dispersão entre Expressividade e Controlo- famílias*



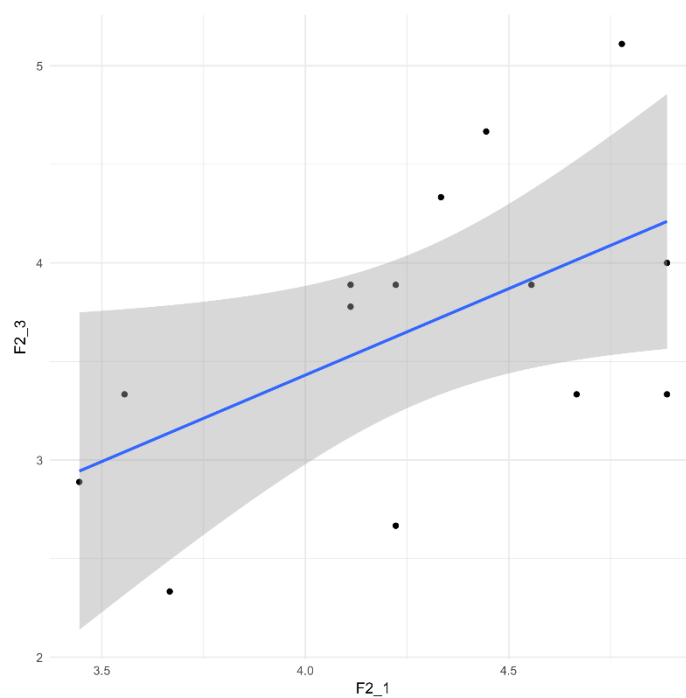
*Figura 62. Diagrama e reta de dispersão entre Conflito e Orientação moral e religiosa - famílias*



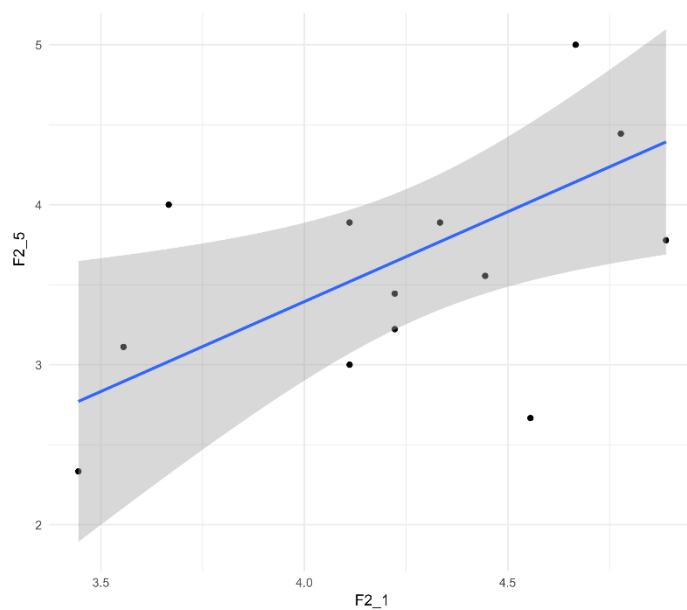
*Figura 63. Diagrama e reta de dispersão entre Conflito e Controlo - famílias*



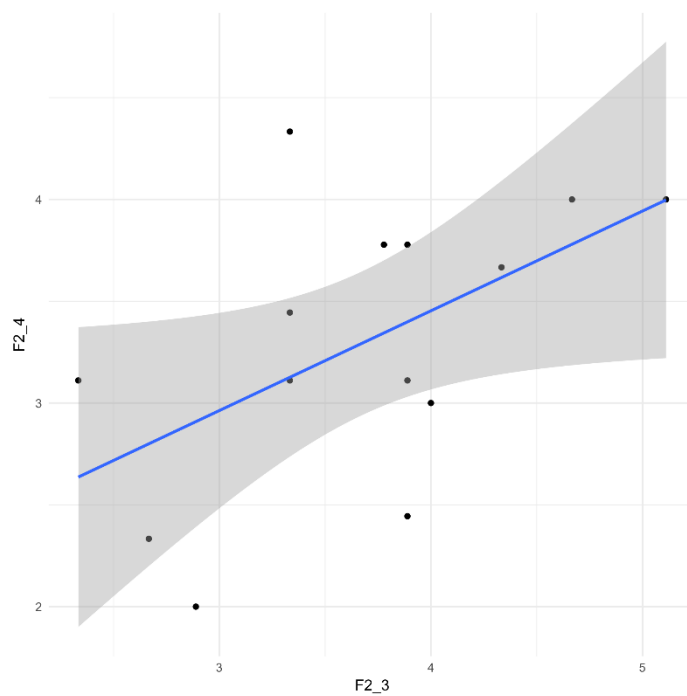
*Figura 64. Diagrama e reta de dispersão entre Independência e Orientação Intelectual-Cultural - famílias*



*Figura 65. Diagrama e reta de dispersão entre Independência e Orientação moral e religiosa - famílias*



*Figura 66. Diagrama e reta de dispersão entre Orientação Intelectual-Cultural e Orientação para as atividades recreativas - famílias*







Em relação ao estudo da fiabilidade constata-se que o alfa de Cronbach apresenta um valor de 0,942 o que corresponde a um nível de consistência interna satisfatório (cf. Anexo 91).

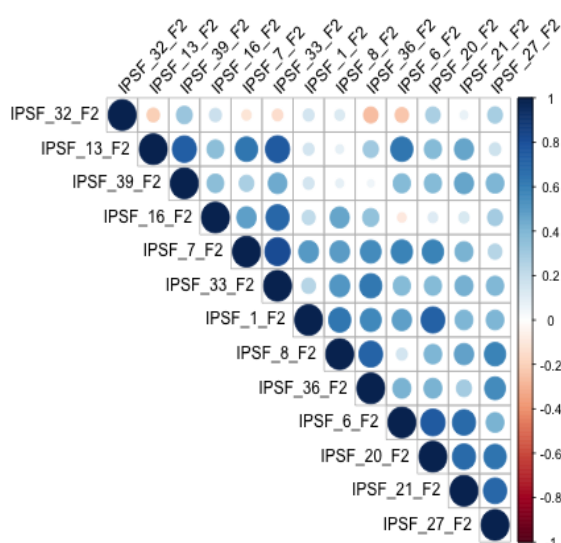
No fator em questão constata-se um numero considerável de correlações muito significativas. As mesmas ocorrem entre o item 4 e 25, 5 e 28, entre o item 9 e 17, 9 e 22, 9 e 24 e, ainda, entre a afirmação 9 e 31. De forma similar, os itens 11 e 15, 11 e 17, 11 e 22 estão fortemente correlacionados. Os itens 15 e 31, 15 e 35, 35 e 41 estão, igualmente, correlacionados entre si.

Verificam-se, também, fortes correlações entre o item 17 e 22, 22 e 29, 22 e 31, 23 e 30, 24 e 37, 25 e 26, 25 e 35, 25 e 37, 25 e 41 e entre o item 25 e 42. Considerando que este fator apresenta um conjunto significativo de correlações, acrescenta-se, ainda, que o item 26 e 37, 26 e 42, 29 e 31, 29 e 37, 30 e 35, 31 e 35, 31 e 37, 35 e 37, 35 e 42 e 37 e 42 apresentam correlações muito significativas entre si. As correlações identificadas variam no mesmo sentido (cf. Anexo 86).

Após calculada a média de cada item do *fator afetivo consistente* verifica-se que o item 2 apresenta um valor mais elevado quando comparado com os outros itens (cf. Anexo 92). Podemos, então, afirmar que o item 2 corresponde à afirmação com maior significado, isto é, que obteve maior pontuação. Pelo contrário, a afirmação 17 apresenta um valor média de 0,71 o que permite concluir que foi o item que os inquiridos menos vezes pontuaram (cf. Anexo 92). De forma geral, o cálculo da média de todos os itens do fator acima retratado é de 23.29 (cf. Anexo 93).

## 2.1.2. Fator 2 - Adaptação Familiar

Figura 68. Correlação entre itens - Fator Adaptação - jovens



1. Acredito que a minha família tenha mais problemas emocionais do que as outras famílias
6. Os meus familiares só mostram interesse uns pelos outros quando podem ter vantagens
7. Sinto raiva da minha família
8. Na minha família brigamos e gritamos uns com os outros
13. Sinto-me como um estranho na minha família
16. Os meus familiares geralmente culpam alguém da família quando as coisas não estão a correr bem
20. Há ódio na minha família
21. Sinto que a minha família não me compreende
27. Viver com a minha família é desagradável
32. Na minha família há competitividade entre os membros;
33. Sinto vergonha da minha família
36. A minha família irrita-me
39. Sinto-me excluído da minha família

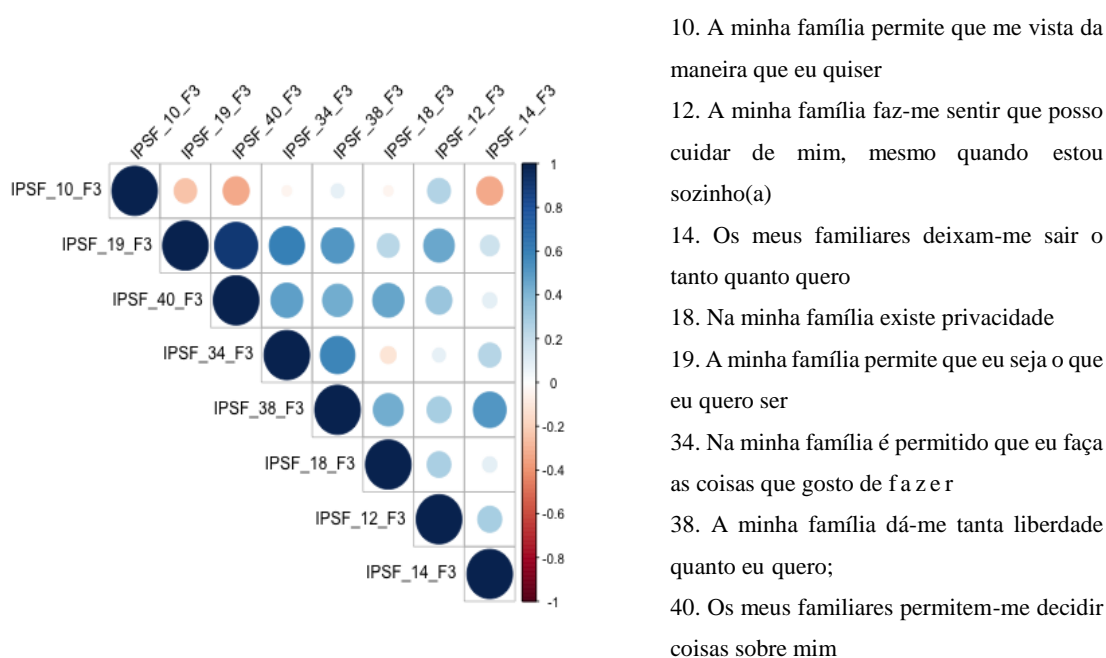
Em relação ao estudo da fiabilidade constata-se que o alfa de Cronbach apresenta um valor de 0,925, pelo que os itens dentro desta subescala estão suficientemente correlacionados (cf. Anexo 94). Para o cálculo das correlações significativas entre os itens, procedeu-se à inversão do valor dos itens que compõem este fator por forma a calculá-los com valência igual.

Considerando as correlações mais importantes no fator em causa, verificam-se fortes ligações entre o item 1 e 20, 6 e 20, 6 e 21, 7 e 33, 8 e 36, 13 e 33, 13 e 39, 16 e 33, 20 e 21, 21 e 27 (cf. Anexo 84).

Após calculada a média de cada item do *fator adaptação familiar* verifica-se que o item 32 apresenta um valor mais elevado quando comparado com os outros itens. Pelo contrário, a afirmação 21 apresenta um valor média de 1,14 (cf. Anexo 95). De forma geral, o cálculo da média de todos os itens do fator acima retratado é de 19,50 (cf. Anexo 96).

### 2.1.3. Fator 3- Autonomia Familiar

Figura 69. Correlação entre itens - Fator Autonomia - jovens



Em relação ao estudo da fiabilidade constata-se que o alfa de Cronbach apresenta um valor de 0,680 o que permite concluir que os itens dentro desta subescala não estão suficientemente correlacionados entre si (cf. Anexo 97).

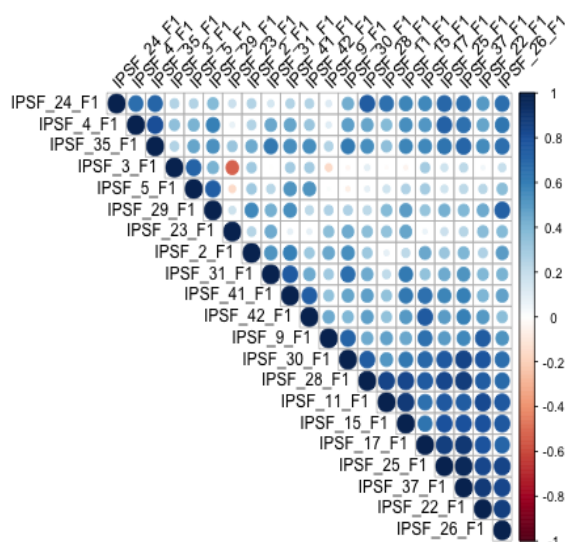
Este fator apresenta, apenas, uma correlação muito significativa entre o item 19 e 40 (,891\*\*) (cf. Anexo 85).

Após calculada a média de cada item do *fator autonomia familiar* verifica-se que o item 10 apresenta um valor mais elevado quando comparado com os outros itens (1,71). Pelo contrário, a afirmação 12 apresenta um valor médio de 1,29 (cf. Anexo 98). De forma geral, o cálculo da média de todos os itens do fator acima retratado é de 12,29 (cf. Anexo 99).

## 2.2. Correlação entre itens – famílias

### 2.2.1. Fator 1- Afetivo Consistente

Figura 70. Correlação entre itens - Fator Afetivo Consistente - famílias



2. As pessoas na minha família seguem as regras estabelecidas entre eles
3. Há regras sobre diversas situações na minha família
4. As pessoas da minha família elogiam-me
5. Cada elemento da minha família tem deveres e responsabilidades específicas
9. Os membros da minha família expressam claramente pensamentos e emoções uns com os outros
11. A minha família discute os medos e as preocupações que sentem
15. As pessoas da minha família gostam de passar o tempo juntas
17. A minha família discute em conjunto antes de tomar uma decisão importante

22. Na solução de problemas, a opinião de todos na família é tida em consideração
23. As pessoas da minha família sabem quando alguma coisa má aconteceu comigo, mesmo sem eu dizer
24. Os membros de minha família trocam gestos de carinho
25. A minha família proporciona-me conforto emocional
26. A minha família faz-me sentir melhor quando eu estou aborrecido(a)
28. Na minha família opinamos o que é certo/errado para o bem-estar de cada um
29. Na minha família as tarefas são distribuídas justa e adequadamente
30. Na minha família há coerência entre as palavras e os comportamentos
31. A minha família sabe o que fazer quando surge uma emergência
35. Na minha família demonstramos carinho através das palavras
37. Os membros da minha família expressam interesse e carinho uns pelos outros
41. Os meus familiares são bons modelos na minha vida
42. As pessoas da minha família sentem-se próximas umas das outras

O presente apresenta níveis satisfatórios de consistência interna. O coeficiente alfa de Cronbach é de 0,953 (cf. Anexo 100).

De forma similar, o *fator afetivo consistente* apresenta um conjunto considerável de correlações mais significativas no grupo das famílias, assim como acontece com o

grupo dos jovens. Assim, constata-se fortes conexões entre o item 3 e 5, 4 e 24, 4 e 25, 4 e 35, 5 e 29, 9 e 22, 9 e 30, 11 e 15, 11 e 22, 11 e 25, 11 e 26, 11 e 28, 11 e 37.

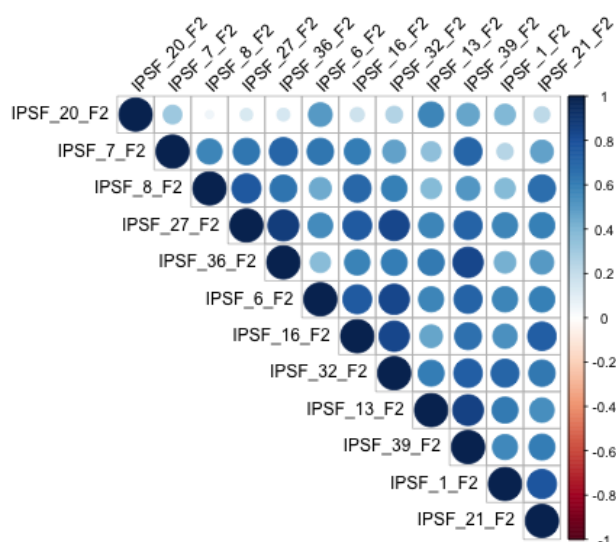
No mesmo sentido, é possível observar correlações significativas entre o item 15 e 22, 15 e 25, 15 e 26, 15 e 28, 15 e 37, 17 e 22, 17 e 25, 17 e 26, 17 e 28, 17 e 30, 17 e 37, 17 e 42. Verifica-se, igualmente, que o item 22 apresenta fortes correlações com o item 25, 26, 28, 30, e 37, assim como o item 24 com o 25, 28, 35, e 37. O item 25 apresenta valores significativos de correlação com o item 26, 28, 30 e com o item 37.

Por último, constatamos conexões mais significativas entre o item 26 e 28, 26 e 29, 26 e 30 e, ainda, entre o item 26 e 37. O item 28 e 30, 28 e 37, 30 e 37, 31 e 41, 35 e 37 e o item 41 e 42 apresentam valores elevados de correlação (cf. Anexo 86).

Após calculada a média de cada item do *fator afetivo consistente* verifica-se que o item 31 apresenta um valor mais elevado quando comparado com os outros itens. Pelo contrário, a afirmação 29 apresenta um valor média de 1,00 o que permite concluir que foi o item que os inquiridos menos vezes pontuaram (cf. Anexo 101). De forma geral, o cálculo da média de todos os itens do fator acima retratado é de 30,71 (cf. Anexo 102).

## 2.2.2. Fator 2- Adaptação Familiar

Figura 71. Correlação entre itens - Fator Adaptação - famílias



1. Acredito que a minha família tenha mais problemas emocionais do que as outras famílias
6. Os meus familiares só mostram interesse uns pelos outros quando podem ter vantagens
7. Sinto raiva da minha família
8. Na minha família brigamos e gritamos uns com os outros
13. Sinto-me como um estranho na minha família
16. Os meus familiares geralmente culpam alguém da família quando as coisas não estão correndo bem
20. Há ódio na minha família
21. Sinto que a minha família não me compreende
27. Viver com a minha família é desagradável
32. Na minha família há competitividade entre os membros
33. Sinto vergonha da minha família
36. A minha família irrita-me
39. Sinto-me excluído da minha família

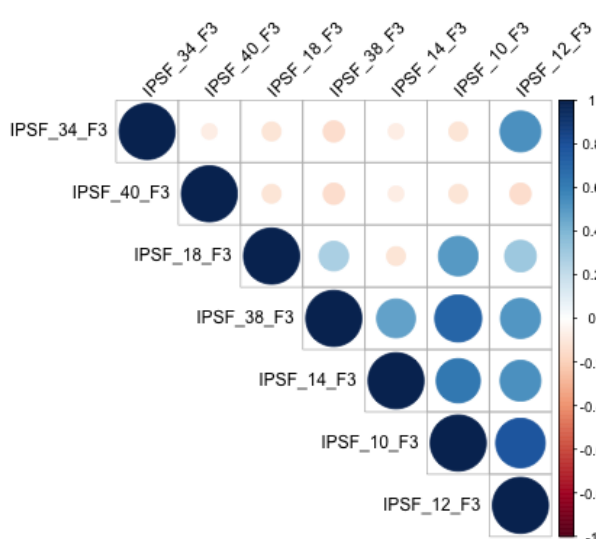
Em relação ao estudo da fiabilidade constata-se que a presente dimensão apresenta valores de alfa de Cronbach de 0,931 o que significa que os itens dentro desta subescala estão suficientemente correlacionados (cf. Anexo 103).

Os resultados obtidos junto do grupo famílias evidenciam fortes correlações entre os seguintes itens: 1 e 21, 1 e 32, 6 e 16, 6 e 32, 6 e 39, 7 e 36, 7 e 39, 8 e 16, 8 e 21, 8 e 27, 13 e 39, 16 e 21, 16 e 27, 16 e 32. O mesmo acontece entre os itens 27 e 32, 27 e 36, 27 e 39, 32 e 39, 36 e 39 (cf. Anexo 87).

Após calculada a média de cada item do *fator adaptação familiar* verifica-se que o item 7 apresenta um valor mais elevado quando comparado com os outros itens. Pelo contrário, a afirmação 1 apresenta um valor médio de 1,00 o que permite concluir que foi o item que os inquiridos menos vezes pontuaram (cf. Anexo 104). De forma geral, o cálculo da média de todos os itens do fator acima retratado é de 18,43 (cf. Anexo 105).

### 2.2.3. Fator 3- Autonomia Familiar

Figura 72. Correlação entre itens - Fator Autonomia - famílias



10. A minha família permite que me vista da maneira que eu quiser

12. A minha família faz-me sentir que posso cuidar de mim, mesmo quando estou sozinho(a)

14. Os meus familiares deixam-me sair o tanto quanto quero

18. Na minha família existe privacidade

19. A minha família permite que eu seja o que eu quero ser

34. Na minha família é permitido que eu faça as coisas que gosto de fazer

38. A minha família dá-me tanta liberdade quanto eu quero;

40. Os meus familiares permitem-me decidir coisas sobre mim

Em relação ao estudo da fiabilidade constata-se que a presente dimensão apresenta valores de alfa de Cronbach de 0,667 o que significa que os itens dentro desta subescala não estão suficientemente correlacionados (cf. Anexo 106).

Neste fator relacionado com a *autonomia*, verifica-se que o item 10 apresenta níveis elevados de correlação com o item 12 e 38 (cf. Anexo 88).

Após calculada a média de cada item do *fator autonomia familiar* verifica-se que os itens 14, 34 e 40 apresentam um valor mais elevado quando comparado com os outros itens (1,93). Pelo contrário, a afirmação 38 apresenta um valor médio de 1,71, o que permite concluir que foi o item que os inquiridos menos vezes pontuaram (cf. Anexo 107).

De forma geral, o cálculo da média de todos os itens do fator acima retratado é de 12,86 (cf. Anexo 108).

### **2.3. Correlação entre os fatores e respectivos diagramas de dispersão**

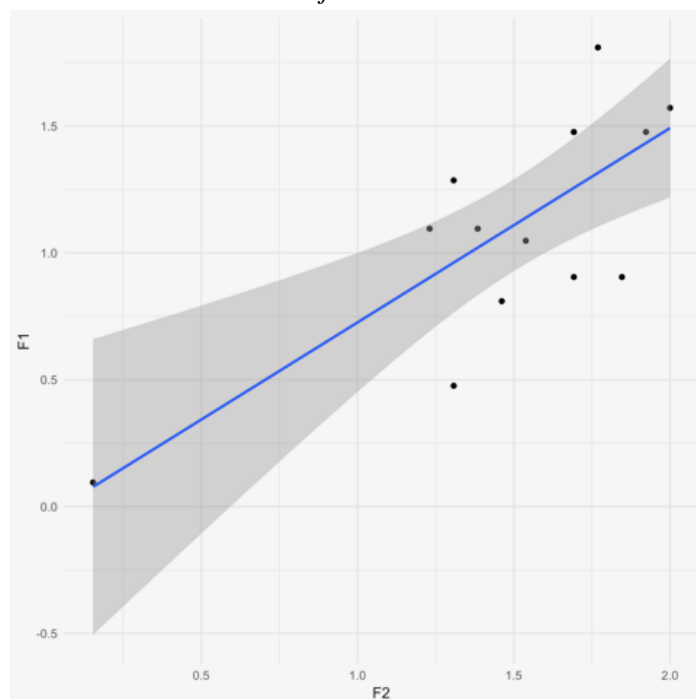
De forma similar à exposição construída para a compreender as correlações entre as diferentes subdimensões, apresentamos neste ponto da investigação um conjunto de informações resultantes do cálculo das relações significativas entre as diferentes variáveis, com base no coeficiente de Pearson, assim como os diagramas de dispersão relativos à intensidade e sentido das conexões existentes.

Neste sentido, os resultados obtidos junto dos jovens indicam uma forte correlação entre o segundo fator – *Adaptação Familiar* - e o primeiro fator - *Afetivo Consistente*. Além do mais, constata-se uma correlação moderada entre o fator *afetivo consistente* e o fator *autonomia* (cf. Anexo 89). No caso das famílias verifica-se uma correlação forte entre o fator *adaptação* e o fator *afetivo consistente*. (cf. Anexo 90). As outras variáveis apresentam valores de correlação insignificantes. De forma a atestar tal afirmação, mostramos em seguida os quadros relativos aos diagramas de dispersão, que comprovam as correlações significativas entre as variáveis, assim como a direção e a intensidade das mesmas.

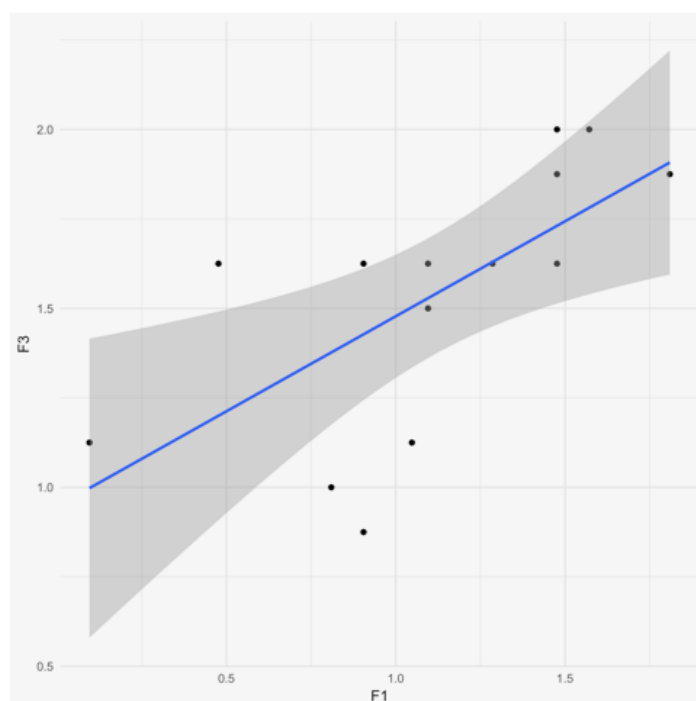


### 2.3.1. Diagrama e reta de dispersão- Jovens

*Figura 73. Diagrama e reta de dispersão entre Fator Adaptação e Fator Afetivo Consistente - jovens*

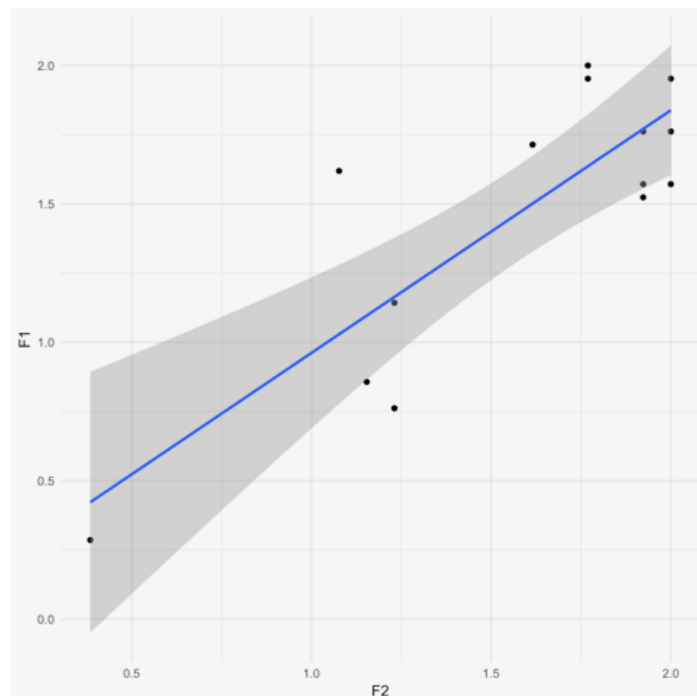


*Figura 74. Diagrama e reta de dispersão entre Fator Afetivo Consistente e Fator Autonomia - jovens*



### 2.3.2. Diagrama e reta de dispersão- Famílias

*Figura 75. Diagrama e reta de dispersão entre Fator Adaptação e Fator Afetivo Consistente-famílias*



### 3. Discussão dos resultados

#### 3.1. Family Environment Scale (FES)

Os resultados alcançados, com base na escala FES, permitem concluir que as médias globais das diferentes subdimensões apresentam valores mais elevados no grupo das famílias. A única exceção verifica-se na subdimensão relativa à *orientação para as atividades recreativas* (29,86 no caso dos jovens e 29,64 no caso das famílias - cf. Anexo(s) 42 e 72, respetivamente). Podemos, então, afirmar que as famílias atribuíram uma maior pontuação em quase todos os itens de cada subescala, quando comparado com o outro grupo de inquiridos, os jovens.

Neste caso, é lícito afirmar que as famílias atribuem um papel mais preponderante às diferentes subdimensões como forma de garantir um ambiente familiar que funcione como fator protetor face à doença e às adversidades por ela criadas. A atribuição de uma maior pontuação a determinadas variáveis em detrimento de outras revela o que o inquirido compreende como sendo o ambiente real em contexto familiar e, por isso, se as famílias pontuam com valores mais elevados as variadas subescalas, tal pode mostrar uma maior consciencialização do ambiente familiar existente.

Após a leitura e análise de um conjunto de artigos científicos, percebemos que a versão portuguesa de Matos & Fontaine (1992) apresenta os seguintes valores de alfa de Cronbach: ““*coesão*” ( $\alpha=0,69$ ), “*expressividade*” ( $\alpha=0,04$ ), “*conflito*” ( $\alpha=0,47$ ), “*independência*” ( $\alpha=0,17$ ), “*orientação para o sucesso*” ( $\alpha=0,49$ ), “*orientação intelectual e cultural*” ( $\alpha=0,60$ ), “*orientação ativa/recreativa*” ( $\alpha=0,53$ ), “*ênfase moral e religiosa*” ( $\alpha=0,56$ ), “*organização*” ( $\alpha=0,50$ ) e “*controlo*” ( $\alpha=0,37$ )” (Morgado & Vale-Dias, 2014). Os valores da FES original, desenvolvida por Moos & Moos (1986) são: *coesão* ( $\alpha=0,78$ ), *expressividade* ( $\alpha=0,69$ ), *conflito* ( $\alpha=0,75$ ), *independência* ( $\alpha=0,61$ ), *orientação para o sucesso* ( $\alpha=0,64$ ), *orientação intelectual e cultural* ( $\alpha=0,78$ ), *orientação ativa/recreativa* ( $\alpha=0,67$ ), *ênfase moral e religiosa* ( $\alpha=0,78$ ), *organização* ( $\alpha=0,76$ ) e *controlo* ( $\alpha=0,67$ ) (Santos & Fontaine, 1995).

Os valores de consistência interna (alfa de Cronbach) encontrados na análise da fiabilidade, são, de forma geral, satisfatórios. As maiores exceções verificam-se no grupo dos jovens. As subdimensões *expressividade* e *orientação intelectual-cultural* apresentam valores fracos de consistência, pelo que a interpretação dos resultados pressupõe uma análise cuidada e que tenha em atenção o valor do índice. (cf. Anexo 26, 38,

respetivamente). Já as subdimensões *conflito*, *independência*, *orientação para o sucesso*, *orientação para as atividades recreativas e controlo* apresentam valores inaceitáveis de consistência interna (cf. Anexo 29, 32, 35, 41, 50 respetivamente).

No grupo das famílias, verificam valores fracos de consistência na subdimensão relativa à *organização* e ao *controlo* (cf. Anexo 77 e 80, respetivamente). Já a subdimensão *independência* apresenta valores de alfa inadmissíveis (cf. Anexo 63).

Através da análise estatística realizada, consideramos que a subdimensão *coesão*, *orientação moral e religiosa* e *organização* correspondem às variáveis com níveis significativamente satisfatórios de consistência interna, no que concerne aos jovens (cf. Anexo 23, 44 e 47 respetivamente). Relativamente às famílias, sobressai a subdimensão relacionada com a *coesão*, por apresentar níveis bastante satisfatórios de consistência interna (cf. Anexo 53). Todas as outras subdimensões apresentam valores razoáveis de correlação.

Se considerarmos os valores de consistência interna da versão original da FES de Moos & Moos (1986) verificamos que os valores são próximos aos encontrados na investigação. Já quando analisados os valores da versão portuguesa aplicada à amostra (Matos & Fontaine, 1992) constatamos que os valores de alfa de Cronbach são inferiores aos descobertos no presente estudo. Podemos, portanto, concluir que as informações recolhidas na presente investigação têm um maior nível de fiabilidade do que os valores encontrados no estudo da fiabilidade desenvolvida pelas autoras por Matos e Fontaine.

Considerando a média global de cada subdimensão constata-se que, tanto nos jovens como no caso das famílias, os itens com maior pontuação fazem parte da subdimensão relacionada com a *organização* (cf. Anexo 49 e 79, respetivamente). Por outro lado, verifica-se que os jovens atribuíram uma menor pontuação à subdimensão *orientação intelectual-cultural*, enquanto que as famílias pontuaram com valores mais baixos a subdimensão *orientação para as atividades recreativas* (cf. Anexo 40 e 73, respetivamente).

A atribuição de valores mais elevados aos itens da subescala relativa à *organização*, pelos dois grupos de inquiridos, revela, pois, uma maior propensão para a dimensão relativa à manutenção do sistema familiar, o que pode significar que a amostra da investigação atribui maior peso à organização e ao planeamento das atividades familiares, por considerar a melhor estratégia para garantir um ambiente familiar saudável e equilibrado. Sendo que a organização diz respeito à forma como se estruturam as atividades familiares, entendemos que a estrutura da família deve respeitar o princípio da

flexibilidade, de maneira a evitar a rigidez excessiva que não permite um ambiente familiar promotor da saúde mental. Ao pontuarem de forma mais intensa a referida subescala, os inquiridos identificam a variável que melhor identifica e caracteriza as relações intrafamiliares. Apesar da identificação da subescala com média mais alta e mais baixa, não podemos deixar de falar sobre as outras subdimensões.

Após o cálculo da média das diferentes médias globais das subdimensões/fatores, encontramos dois valores de referência relativo à média das médias: 33.366 nos jovens e 36.843 no grupo das famílias.

Pondo de parte a subdimensão *organização e orientação intelectual-cultural*, por representarem, nos casos dos jovens, a média mais alta e mais baixa, respetivamente, é possível afirmar que as subdimensões *coesão*, *conflito*, *independência*, *orientação para o sucesso e controlo*, apresentam valores médios iguais ou superiores ao valor médio de referência (33,366). Como tal, podemos considerar como significativas as médias encontradas para estas subescalas (cf. Anexo 24). Assim, é possível dizer que, de forma geral, os jovens entendem existir relações coesas, que promovem a independência, que estimulam para o sucesso, em que os membros familiares respeitam as regras e procedimentos estipulados pela família de maneira a manter a organização do sistema familiar. Percebemos um certo desencontro quando é afirmado que a média da subdimensão *conflito* é superior ao valor da média das médias. Apesar do valor positivo atribuído às restantes subdimensões, o jovem pode sentir um ambiente de maior stress e discórdia, como consequência da doença mental de que é detentor. As variáveis com valores médios inferiores à média de referência correspondem às subdimensões: *expressividade*, *orientação para as atividades recreativas* e *orientação moral e religiosa*, o que expressa uma perceção menos positiva do ambiente familiar, no que toca a estas subdimensões.

No caso das famílias, e com base no valor de referência relativo à média das médias, observamos que, apesar da subdimensão *organização* representar a variável com maior pontuação, as subdimensões *coesão*, *expressividade*, *conflito*, *independência* e *controlo* apresentam, igualmente, valores médios consideráveis (cf. Anexo 55, 58, 61, 64 e 82, respetivamente). Isto porque o valor médio de cada subescala é superior ao valor de referência encontrado (36,843). Já no que concerne às médias com valor inferior ao de referência, e não considerando a subdimensão *orientação para as atividades recreativas* por ser a variável menos pontuada, constatamos que as subdimensões *orientação para o sucesso*, *orientação intelectual-cultural* e *orientação moral e religiosa* apresentam

valores abaixo do valor da média das médias, integrando o grupo das variáveis com menor pontuação (cf. Anexo 67, 70 e 76, respetivamente).

No que respeita à subdimensão *orientação para o sucesso* uma justificação possível para o valor médio observado pode ser o facto da família não atribuir um papel importante à escola ou ao trabalho, como forma de aumentar os recursos e mobilizá-los no sentido de atingir o sucesso (pessoal, profissional, económico, etc.).

No que respeita à subdimensão *orientação intelectual-cultural*, uma explicação provável passa, por exemplo, pela falta de oportunidades e pela dificuldade de acesso aos recursos essenciais para aumentar o interesse das famílias em participar em atividades de cariz político, intelectual e cultural. A média da subdimensão *orientação moral e religiosa* encontra-se abaixo do valor de referência, pelo que as famílias pontuaram menos vezes esta variável. Tal pode significar que as famílias não concedem destaque aos valores éticos e religiosos.

Se a identificação das variáveis com maior pontuação ajuda a perceber quais as subdimensões mais valorizadas pelos inquiridos, então perceber os valores médios inferiores possibilita a construção de intervenções cujo foco seja a resolução dos problemas identificados com a aplicação da escala de medida.

Pelo contrário, percebe-se que os jovens não atribuem a mesma importância à dimensão *orientação intelectual-cultural* em comparação com a dimensão *organização* (cf. Anexo 40 e 49, respetivamente), sendo que o mesmo pode ser justificado pelo facto dos jovens não terem acesso aos recursos necessários para a prática de atividades sociais, intelectuais e culturais. No grupo das famílias, a dimensão *orientação para as atividades recreativas* é considerada a menos relevante, quando comparada com a média mais alta, pertencente à *organização* (cf. Anexo 73 e 82, respetivamente). Tal pode ser consequência da existência de uma patologia num elemento da família, que acaba por afastar o doente e a própria família da comunidade.

A discussão dos resultados, tendo por base os valores de média, permite uma melhor compreensão sobre o contexto familiar destes jovens e das suas famílias, precisamente porque através das mesmas é possível identificar as variáveis que mais sobressaem, positiva e negativamente, e que caracterizam a perceção sobre o ambiente familiar real. A identificação das variáveis com menor média pode ser um primeiro passo na planificação de intervenções, que pretendam melhorar as relações que se desenvolvem em seio familiar. Analisar os níveis de consistência interna ajuda a perceber se a informação é confiável ou não.

### 3.2. Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF)

Tendo em consideração a média global de cada fator do IPSF, constatamos que o fator *afetivo consistente*, tanto no caso dos jovens como no caso das famílias, apresenta valores médios mais elevados do que os restantes, o que evidencia uma maior propensão para atribuir maior pontuação aos itens pertencentes a este mesmo fator (cf. Anexo 93 e 102).

Percebemos, contudo, que os itens atribuídos com maior e menor pontuação são distintos quando comparamos os valores dos itens do fator *afetivo consistente* das famílias e dos jovens. Ou seja, enquanto que, por exemplo, no grupo dos jovens, o item 4 apresenta valores médios de 0,79, no caso das famílias, a média apresentada é de 1,29. O item 11 apresenta valores médios de 0,92, no grupo dos jovens e, 1,50 no grupo das famílias. Por sua vez, o item 37, por exemplo, apresenta uma média de 1,07 no caso dos jovens e 1,64 no caso das famílias (cf. Anexo 92 e 101, respetivamente).

O fator com uma média mais baixa corresponde ao fator *autonomia*, nos dois grupos que compõem a amostra (cf. Anexo 99 e 108, respetivamente). De forma similar, os itens com maior e menor pontuação divergem quando analisamos os dois grupos de inquiridos. Enquanto que o item 34 apresenta valores médios de 1,64, no que respeita aos jovens, já no caso das famílias a média deste item é de 1,93. O item 18, por exemplo, apresenta uma média de 1,43, no grupo dos jovens, e de 1,79 no grupo das famílias (cf. Anexo 98 e 107, respetivamente).

Constata-se, também, valores mais elevados de média no seio do grupo das famílias, quando comparados com os valores médios dos itens do grupo dos jovens. Podemos considerar algumas exceções, como, por exemplo: no fator *afetivo consistente* o item 4 apresenta uma média de 1,79 no grupo dos jovens e 1,29 no caso das famílias e o item 17 que apresenta uma média de 1,71 nos jovens e de 1,43 no caso das famílias; no fator *adaptação* o item 1 apresenta valores médios de 1,29 no grupo dos jovens e de 1,00 no caso das famílias, o item 16 valores médios de 1,36 nos jovens e 1,29 nas famílias e o item 32, cuja média é de 1,93 nos jovens e de 1,57 nas famílias.

Apesar das exceções encontradas, os resultados obtidos permitem concluir que o grupo das famílias confere maior pontuação em quase todos os itens de cada fator. Esta constatação pode significar que as famílias estão mais consciencializadas sobre a questão do suporte familiar, ou seja, para além de evidenciarem uma percepção mais positiva sobre o suporte familiar existente, pode-se dizer que parecem ter uma ideia mais clara da

quantidade e da qualidade do apoio familiar de que dispõem, ao contrário dos jovens, que, e tendo em atenção a patologia mental de que sofrem, podem não possuir uma percepção clara da realidade familiar.

Os dados acima apresentados indicam, portanto, que os dois grupos de inquiridos manifestam uma maior tendência para pontuar o primeiro fator (*afetivo-consistente*), em relação às relações emocionais de cariz positivo entre os membros da família (interesse recíproco, manifestação de carinho, definição clara dos papéis de cada elemento, regras estabelecidas e a capacidade de ultrapassar de forma eficiente situações de crise e stress). O mesmo pode ser justificado pelo facto de considerarem a variável mais relevante no domínio da percepção de suporte familiar e por acreditarem ser o fator que melhor caracteriza a percepção que têm do suporte que recebem dos outros membros familiares.

Por sua vez, apesar da divergência entre as médias dos itens do fator *autonomia familiar*, constata-se, de forma semelhante, que o terceiro fator é o que apresenta valores médios mais baixos no grupo dos jovens e das famílias. Este fator relacionado com a *autonomia* permite compreender a percepção de independência que o jovem ou a família tem acerca dos membros que compõem a sua família. Neste sentido, podemos entender que a amostra não atribui tanta importância ao terceiro fator como atribui ao primeiro fator (*afetivo-consistente*), o que pode ser explicado pela não percepção da existência de relações familiares que promovam a autonomia, confiança, a segurança, e a privacidade entre os elementos do sistema familiar.

Devemos considerar, ainda, que o fator relativo à *autonomia familiar* corresponde ao fator que integra um menor número de itens (8) quando comparado com o fator *afetivo consistente* (21) e com o fator *adaptação* (13).

No que concerne ao fator *adaptação*, e com base no valor de referência relativo à média das médias de cada fator (18,36 nos jovens e 20,666 nas famílias), entendemos considerar o valor médio do fator como significativo apenas no caso dos jovens. (cf. Anexo 99 e 108, respetivamente). Isto quer dizer, visto que a média do fator é superior ao valor de referência podemos, de certa forma, afirmar que o fator é, igualmente, tido como importante. Ou melhor dizendo, os jovens revelam uma percepção mais positiva sobre o suporte familiar, mais especificamente no que respeita aos fatores da afetividade e da adaptação familiar. As famílias apresentam valores médios inferiores de *adaptação familiar*, o que mostra que se consideram menos adaptadas ao sistema familiar do que os jovens.



No que se refere aos valores de consistência interna (alfa de Cronbach), concluímos que o fator *afetivo consistente* e o fator *adaptação familiar* são os que apresentam valores considerados excelentes. Isto acontece nos dois grupos da amostra (cf. Anexo 91 e 94, 100 e 1003, respetivamente). O fator relacionado com a *autonomia familiar* apresenta, nos dois casos, valores inferiores a 0,70, pelo que qualquer interpretação dos resultados baseada nesta variável deve ser feita com precaução (Maroco & Garcia-Marques, 2006).

A observação dos valores de alfa de Cronbach obtidos num dos variados estudos realizados por Makilim Baptista, sobre a análise da estrutura interna da escala, permite afirmar que os valores encontrados no presente estudo estão próximos do estudo realizado pelo autor. No estudo de Baptista, “os índices de fiabilidade baseados no alfa de Cronbach demonstraram que a dimensão *Afetivo-consistente* apresentou um alfa de 0,91; a dimensão *Adaptação*, um alfa de 0,90; a dimensão *Autonomia*, um alfa 0,78 (...)” (Gonçalves, Baptista, & Farcas, 2016, p. 118/119). Os valores da presente investigação encontram-se próximos dos valores do estudo acima referido.

Para finalizar, é necessário informar que o item 19, que integra o fator da *autonomia*, e tendo em conta o grupo das famílias, foi excluído da análise, automaticamente pelo SPSS por ter variância zero, isto quer dizer, todos os casos têm o mesmo valor. O mesmo acontece no fator *adaptação* com o item 33, também no grupo das famílias.

### **3.3. Correlação entre subdimensões (FES) e fatores (IPSF)**

Assumindo a importância em discutir as correlações existentes entre as diferentes subdimensões da FES e fatores do IPSF, as variáveis representativas foram construídas segundo as médias dos respetivos itens para cada observação. As correlações destas novas variáveis foram calculadas com base no coeficiente de correlação linear de Pearson, para os jovens e para as famílias.

Em relação às correlações existentes entre as diferentes subdimensões da FES, quando analisados os resultados obtidos junto dos jovens, verifica-se que a subdimensão *coesão*, integrada na dimensão *relacional*, apresenta um conjunto de ligações a outras subdimensões – *expressividade*, *conflito*, *independência*, *orientação para o sucesso*, *orientação para as atividades recreativas*, *orientação moral e religiosa*, *organização e controlo* (cf. Anexo 21).

Atendendo aos níveis de consistência interna das variáveis *coesão* e *expressividade*, percebemos que os itens que compõem a subdimensão relacionada com a *expressividade* apresentam valores fracos de consistência, e, como tal, uma explicação sobre a relação entre estas duas variáveis, além de ser abstrata, seria pouco confiável. O mesmo acontece com as subdimensões *coesão* e *conflito*. Os itens pertencentes à subdimensão conflito apresentam valores insuficientes de consistência interna. De forma semelhante, qualquer explicação em torno da correlação entre as subdimensões *coesão* e *independência* e *coesão* e *orientação para o sucesso* deve ter em conta os valores do alfa de Cronbach das variáveis *independência* e *orientação para o sucesso*, considerados como inadmissíveis no que concerne à fiabilidade das informações (cf. Anexo 32 e 35, respetivamente).

Relativamente à correlação entre as subdimensões *orientação para as atividades recreativas* (0,941 e 0,597, cf. Anexo 23 e 41, respetivamente), assim como às médias de cada subdimensão (35,43 e 29,86, cf. Anexo 25 e 43, respetivamente), qualquer justificação sobre o porquê da correlação seria um erro. Isto porque a subdimensão *orientação para as atividades recreativas* apresenta fracos níveis de consistência interna e um valor de médio inferior ao valor relativo à média das médias.

A subdimensão *coesão* correlaciona-se, também, com a subdimensão *organização* (cf. Anexo 21). Considerando os valores médios, assim como o alfa de Cronbach, podemos afirmar que a correlação entre as duas variáveis transmite a ideia de que os jovens encaram a família como um contexto em que se sentem seguros, onde os membros se entreadjudam e prestam apoio uns aos outros. Além do mais, os dados obtidos podem transmitir a ideia de que os jovens caracterizam o seu ambiente familiar como um lugar onde é valorizada a estruturação e a planificação das situações do dia, como é o exemplo das tarefas domésticas.

Acrescenta-se, igualmente, a correlação significativa entre a subdimensão *coesão* e a subdimensão *controlo* (cf. Anexo 21). Analisando a média e os valores do alfa de Cronbach da subdimensão *controlo* percebemos que o valor médio se situa na ordem dos 35,21 (cf. Anexo 52), e que os níveis de consistência interna são frágeis (cf. Anexo 50), sendo que qualquer justificação poderia ser falaciosa.

No que concerne à subdimensão *independência*, integrada na dimensão *crescimento pessoal*, a mesma correlaciona-se de forma expressiva com a subdimensão *controlo* (cf. Anexo 21). De forma menos significativa identificamos a existência de correlação positiva entre a variável *independência* e *orientação para o sucesso*,

*independência e orientação para as atividades recreativas, independência e orientação intelectual cultural, independência e orientação moral e religiosa, independência e organização.* Todavia, não podemos omitir o facto da variável *independência* apresentar valores insatisfatórios de consistência interna dos seus itens (0.568, cf. Anexo 32).

A subdimensão *orientação para o sucesso* correlaciona-se, de forma moderada com as subdimensões relacionadas com a *orientação moral e religiosa, organização* (cf. Anexo 22). Considerando os valores insuficientes de consistência interna da variável em questão, não podemos considerar os resultados relacionados com esta variáveis como honestos e, portanto, qualquer explicação sobre a correlação entre as subdimensões não seria exequível. No mesmo sentido, a subdimensão *orientação para o sucesso* estabelece uma forte correlação com a subdimensão *controlo* (cf. Anexo 21). A correlação entre estas duas variáveis, e considerando a média de cada subdimensão (34,50 e 35,21, cf. Anexo 37 e 52, respetivamente), sendo o valor médio mais alto na subdimensão *organização* (cf. Anexo 49), pode querer dizer que os jovens entendem que a sua família incentiva-os na busca pelo sucesso, através do mercado de trabalho ou do sistema escolar, acreditando ser a melhor forma de ser bem-sucedido pessoal, profissional e socialmente, sem nunca esquecer o padrão de regras estabelecido pela família. Contudo, há que ter em conta que as duas variáveis apresentam níveis insatisfatórios de consistência interna (alfa de Cronbach de 0,521 e 0,589, cf. Anexo 35 e 50, respetivamente), o que pode inviabilizar em certa parte as informações recolhidas e possíveis fundamentações para as relações existentes entre as diferentes subdimensões. Podemos aproveitar o que anteriormente foi dito para indicar que a análise das correlações existentes entre a variável *orientação intelectual cultural* e as subdimensões relacionadas com a *orientação para as atividades recreativas* e com a *orientação moral e religiosa* não pode desconsiderar os valores fracos de consistência interna da subdimensão *orientação intelectual cultural* (cf. Anexo 38). De forma idêntica a subdimensão *orientação para atividades recreativas* revela níveis insatisfatórios de confiabilidade dos dados e, portanto, a análise da correlação com as subdimensões relativas à *orientação moral e religiosa, organização e controlo* não pode colocar de parte este facto (cf. Anexo 21).

Verificam-se, também, correlações significativas entre a subdimensão *orientação moral e religiosa* e a subdimensão *organização* (cf. Anexo 21). Desta forma, analisando as médias, entendemos que, apesar da variável *organização* constituir a subdimensão com maior valor de média, a subescala *orientação moral e religiosa* é a segunda variável com valor médio mais baixo (29,00) (cf. Anexo 46). Já no que concerne ao valor do alfa de

Cronbach, podemos referir que ambas apresentam níveis de consistência interna admissíveis (0,808 e 0,776, cf. Anexo 44 e 47). Apesar da média mais baixa na variável respeitante à *orientação ética e religiosa*, é possível afirmar que os jovens sentem que o seu ambiente familiar respeita a ordem e a estruturação das atividades familiares, ao passo que atribui alguma significância no que respeita aos valores éticos e religiosos. Observa-se, também, uma correlação significativa entre as variáveis *orientação moral e religiosa* e *controlo*. Neste caso, considerando os índices de fiabilidade dos indicadores, percebemos que a variável *controlo* revela valores fracos de consistência interna.

Também as subdimensões *organização* e *controlo* apresentam uma correlação significativa (cf. Anexo 21). Observando os valores acima indicados no que respeita às duas variáveis, podemos perceber que a subdimensão *controlo* apresenta níveis insatisfatórios de consistência interna, o que torna os resultados da mesma variável fracamente confiáveis.

Considerando os resultados obtidos através do inquérito aplicado às famílias, constata-se correlações significativas entre a subdimensão *coesão* e *expressividade* (cf. Anexo 22). A correlação entre as duas variáveis pode significar que o elemento familiar de referência do jovem sente união entre os elementos da família, que os membros se ajudam mutuamente, que prestam apoio sempre que necessário e que estimulam os elementos da família a expressarem os seus sentimentos e emoções, sem medos. Tendo em conta que as duas subdimensões apresentam níveis satisfatórios de consistência interna (0,941 e 0,725, cf. Anexo 53 e 56, respetivamente), assim como valores médios próximos do valor máximo, e superiores ao valor de referência da média global de todas as médias, (39,07 e 37,07, cf. Anexo 55 e 58, respetivamente), podemos considerar exequível a razão acima apresentada.

De forma similar, a subdimensão *coesão* correlaciona-se com a subdimensão *Conflito* (cf. Anexo 22). Neste seguimento, uma vez que a subdimensão *conflito* apresenta, igualmente, valores satisfatórios de consistência interna e uma média superior ao valor relativo à média das médias (36,843) podemos afirmar que, embora o elemento familiar de referência acredite na união entre os membros da família, o mesmo sente que o ambiente familiar real pode ser caracterizado pela existência de relações de stress e discórdia, o que pode advir da presença de patologia mental num dos elementos familiares.

A subdimensão *coesão* relaciona-se significativamente com as subdimensões relacionadas com a *organização* e o *controlo* (cf. Anexo 22). No que respeita à correlação

entre a *coesão* e o *controle* percebemos que, apesar do valor médio ser superior ao valor global das médias, o alfa de Cronbach evidencia um nível fraco de consistência interna (0,695, cf. Anexo 80), o que pode resultar em dados pouco credíveis e, como tal, não é possível especular sobre o porquê da existência de uma forte interdependência entre estas duas variáveis. O mesmo acontece na subdimensão *organização*, pelo que, é necessário cuidado na procura por informações que ajudem a compreender esta relação (cf. Anexo 79). Porém, podemos considerar, como acima referido, que a subdimensão relativa à *coesão* evidencia níveis satisfatórios de consistência interna, com valores de alfa de Cronbach de 0,941 e um valor médio de 39,07 (cf. Anexo 53 e 55, respetivamente), o que permite concluir que os dados recolhidos são de confiança e os inquiridos (famílias) atribuíram uma pontuação relativamente elevada à subdimensão em causa, mostrando, assim, uma perceção otimista sobre a questão da coesão em contexto familiar.

De forma resumida, e considerando apenas as correlações consideradas como fortes, constatámos que a subdimensão *conflito* e *controle* se relacionam de forma expressiva (cf. Anexo 22). Apesar da subdimensão *conflito* apresentar valores satisfatórios de consistência interna (0,789, cf. Anexo 59) e do valor médio ser de 39,57 (cf. Anexo 61), superior à média global das médias (36,843), a subdimensão *controle* não satisfaz os requisitos para considerar a subdimensão em causa fidedigna e, portanto, não nos é possível argumentar sobre a relação entre as duas variáveis.

No que concerne à escala IPSF, segundo os dados obtidos junto dos jovens, verifica-se uma forte correlação entre o fator *adaptação* e o fator *afetivo consistente* (cf. Anexo 89). A correlação positiva entre os fatores em causa, e tendo em consideração os valores de satisfatórios de consistência interna e da média dos fatores, pode querer dizer que, da mesma forma que os jovens percecionam relações de cariz positivo no que respeita à coesão entre os membros, sentem, igualmente, sentimentos positivos no que respeita à adaptação familiar. Considerando que o valor dos itens do fator *adaptação* foram transformados para terem a mesma polaridade, há uma correlação positiva entre as relações afetivas positivas e os sentimentos positivos de adaptação em relação à família.

A correlação positiva entre o fator *afetivo consistente* e o fator *autonomia* (cf. Anexo 89), embora seja comedida, e seguindo a mesma linha de pensamento, significa que ambas as variáveis variam no mesmo sentido. Isto quer dizer que, da mesma forma que os jovens percecionam ligações positivas entre os elementos da família, estes podem sentir, igualmente, que lhes é dada a liberdade para decidirem o rumo da sua vida, o que podem ou não podem fazer no seu dia-a-dia e que respeitam a sua privacidade. Porém,

temos que considerar, também, que o fator *autonomia* corresponde ao fator com média mais baixa e o que apresenta níveis fracos de consistência interna (cf. Anexo 99). Portanto, qualquer explicação em torno da relação existente entre as variáveis não seria exequível.

Para finalizar, atendendo à correlação forte e positiva entre o fator *adaptação* e o fator *afetivo consistente* (cf. Anexo 90), no que diz respeito ao grupo das famílias, e tendo em atenção os valores de consistência interna e a média de cada fator, podemos justificar, de forma abstrata que, se por um lado as famílias entendem existir relações de cariz positivo entre os membros do sistema familiar, por outro lado sentem-se solitários, ignorados, com raiva e vergonha em relação aos seus familiares, acreditando existir relações de rivalidade e interesse no seio da família.

## **Capítulo IV – O trabalho do Assistente Social na promoção da Saúde Mental: uma reflexão centrada nas práticas profissionais de serviço social na Unidade de psiquiatria do Centro Hospitalar de São João**

Ao longo do processo de recolha de informação, realizado no serviço de Psiquiatria do CHSJ, tivemos oportunidade de proceder à aplicação de uma entrevista semiestruturada<sup>5</sup> à Técnica Superior de Serviço Social, responsável por acompanhar os jovens que integram o Hospital de Dia e os seus familiares. O principal objetivo da entrevista era o de obtermos um conhecimento mais aprofundado do trabalho que é desenvolvido junto dos jovens com perturbação mental, mais especificamente as intervenções que são levadas a cabo no sentido de apoiar os jovens no seu processo de recuperação e de capacitação das famílias para lidar com os efeitos associados à doença mental.

### ***Uma intervenção centrada na perspetiva de trabalho comunitário***

De acordo com a assistente social, que trabalha junto dos jovens e suas famílias do hospital de dia do CHSJ, as intervenções planeadas têm como principal objetivo a reintegração do jovem na família, mas também na comunidade. Assim, o processo de tratamento e reabilitação psicossocial do jovem pressupõe o desenvolvimento de ações que capacitem os jovens, e, consequentemente, as suas famílias, para que saibam lidar melhor com os efeitos da doença mental. Abordar a questão da capacitação dos jovens com patologia mental significa dizer que o mesmo deve (re)aprender um conjunto de competências (pessoais, profissionais, sociais), que possibilitem o acesso a sistemas sociais e comunitários socialmente reconhecidos, como a educação e o mercado de trabalho. A função do assistente social que acompanha estes jovens é perceber o melhor trajeto a ser tomado, tendo sempre em conta as aptidões, desejos e interesses de cada um.

A assistente social considera que para promover a integração comunitária dos jovens é importante o trabalho de articulação com outras instituições sociais, de maneira

---

<sup>5</sup> A entrevista realizada teve por base um guião flexível, composto por perguntas abertas e divididos nos seguintes tópicos: identificação do profissional; experiência profissional; elementos de caracterização da unidade de psiquiatria do jovem e da família (população alvo; atividades e intervenções promovidas; composição da equipa técnica e formas de comunicação); prática do profissional de serviço social. A realização das entrevistas ocorreu em 3 momentos distintos no Gabinete da Assistente Social da UPJF.

a garantir o seu acesso a diferentes contextos institucionais, que se revelam essenciais no processo de tratamento e recuperação. O principal objetivo é elevar as competências pessoais, sociais e profissionais dos jovens e, portanto, a técnica acredita que a integração destes jovens em contextos de formação profissional é uma mais valia para a sua reintegração na comunidade. Além do mais, através do apoio psicossocial dado aos jovens e às suas famílias, em articulação direta com outras instituições e entidades sociais, a assistente social defende um trabalho de rentabilização dos recursos existentes na comunidade e adaptação às necessidades das populações mais vulneráveis. Este apoio por parte da técnica, junto da rede social formal, pressupõe a articulação com os serviços de saúde, com os serviços de apoio à habitação, com as estruturas de apoio social e económico, com as estruturas de reabilitação, de formação profissional e de integração profissional, e com outras estruturas comunitárias. O processo de tratamento e reabilitação do jovem envolve, portanto, uma intervenção vocacionada para a comunidade. Ao referir o modelo comunitário como linha orientadora do trabalho desenvolvido junto desta população a técnica refere-se ao trabalho de articulação e criação de parcerias com a rede social formal (centros de saúde, centros de formação e profissionalização, entre outras).

Como defende Isabel Fazenda, o modelo comunitário nos serviços de saúde mental implica *“equidade no acesso aos serviços, tratamento na comunidade, respeito dos direitos humanos, visão de recuperação (recovery), promoção da vida independente e da integração social, participação de utentes e famílias”* (Fazenda I. , 2009, p. 112). A complexidade do fenómeno da doença mental convoca, desde logo, uma análise multidimensional do problema, de maneira a compreender as dimensões da vida do indivíduo afetadas pela manifestação de uma patologia mental. Nessa medida, os programas de intervenção de nível comunitário devem garantir uma ação direta nos diversos contextos comunitários que envolvem o indivíduo e identificar as respostas mais adequadas para cada caso.

Ora, a intervenção junto do sistema familiar é um dos principais eixos de trabalho dos serviços de saúde mental do CHSJ, precisamente por se tratar do contexto social que maior influência tem no processo de desenvolvimento do jovem.

Tal como Ornelas (2005) afirma, *“o modelo comunitário de intervenção tem como principal objetivo a integração nos contextos comunitários (uma perspetiva contextualista) e não nas estruturas e/ou serviços”* (p. 12). Para o autor importa que *“as pessoas, independentemente do diagnóstico atribuído, ou de qualquer outra*



*vulnerabilidade social e/ou física, devem viver e manter-se na comunidade, mesmo nos momentos mais difíceis, mas com acesso aos recursos disponíveis” (idem, ibidem).* Parte-se, portanto, do pressuposto que o sucesso do processo de *recovery* implica o acesso, por parte dos indivíduos com problemas de saúde mental, aos recursos comunitários, acreditando que, desta forma, poderão recuperar da doença e desenvolver as suas capacidades.

Esta perspetiva vai de encontro ao trabalho que a assistente social da UPJF diz desenvolver junto dos doentes e seus familiares, uma vez que um dos objetivos que aponta no quadro da sua prática profissional é o de reintegrar os jovens nos diferentes contextos da comunidade, tendo por base as suas necessidades e interesses. À semelhança do que defende o autor citado, a profissional reconhece que o acesso e a participação em contextos socialmente valorizados são um fator essencial na prevenção de ruturas pessoais e promove o bem-estar e a recuperação de pessoas com doença mental. Vai mais longe quando declara que o processo de inclusão na comunidade pressupõe que os indivíduos com patologia mental tenham acesso aos mesmo recursos comunitários que todos os outros indivíduos, tenham o poder de escolha sobre as mais variadas dimensões da sua vida (onde querem morar, estudar, trabalhar, etc.). Apesar da definição de estratégias de intervenção acontecer em equipa multidisciplinar, as bases do projeto terapêutico, desenvolvido pelos profissionais, surgem através do diálogo entre os técnicos e o jovem e, em algumas situações, com a família.

Muito embora se reconheça a importância para o processo de *recovery* dos utilizadores dos serviços de saúde mental, enquanto membros ativos na definição e planeamento das intervenções, a lógica institucional vigente nos dias de hoje privilegia uma “*perspetiva de resolução de problemas [que] “não é suficiente para caraterizar a intervenção do Serviço Social, mas é a que mais (...) serve de base à decisão de contratar assistentes sociais para serviços ou projetos sociais”* (Fazenda, 2012, p. 244). O real acompanhamento das pessoas torna-se difícil em contextos de deficit de recursos humanos e económicos, onde impera a lógica do cálculo e da diminuição de despesas institucionais. Apesar disso, o assistente social tem a responsabilidade de perceber as necessidades e aspirações de cada jovem, encontrar as respostas e recursos mais adequados por forma garantir a sua reintegração e minorar os efeitos dos problemas psicossociais.

Parece-nos, porém, que em termos do modelo de intervenção social que é defendido pela profissional de serviço social entrevistada, o modelo sistémico é “o mais

*eficaz para melhorar a saúde mental das pessoas e das populações, e adotado em Portugal desde 2007, com a aprovação do Plano Nacional de Saúde Mental 2007-2016 [estendido até 2020]” (Fazenda, 2012, p. 231). Analisar e intervir de forma sistémica, em contextos de elevada complexidade como é o caso da doença mental, pressupõe considerar, ao longo da execução das diferentes ações, os distintos sistemas sociais que abrangem o indivíduo, pelo que a função do assistente social passa por mediar as relações entre as diversas redes de suporte social (primárias e secundárias), por forma a promover o *empowerment* das populações mais desfavorecidas e a mudança das suas condições de vida.*

### ***Trabalho de equipa***

De acordo com as informações prestadas pela técnica de serviço social entrevistada, os jovens que integram o hospital de dia têm ao seu dispor uma equipa terapêutica composta por 8 médicos (psiquiatras e pedopsiquiatras), 1 enfermeira, 7 psicólogos, 1 assistente social, 1 terapeuta ocupacional e nutricionista. Enquanto que os médicos, os psicólogos e a enfermeira responsável pelos jovens do Hospital de Dia *“trabalham no recovery da sintomatologia, na diminuição dos sintomas, na estabilização da doença através de tratamento farmacológico”*, a terapeuta ocupacional está mais direcionada para *“a recuperação dos jovens a nível motor, cognitivo, afetivo, psicológico e de perceção”* e a assistente social *“trabalha para a reintegração na comunidade do doente”*.

Apesar de terem funções bem delimitadas e de cada profissional conceber um plano de intervenção para o doente, específico à sua área do saber, a técnica de serviço social considera que os profissionais do serviço onde trabalha reconhecem os contributos disciplinares de outras áreas do saber e trabalham em equipa. As formas de comunicação entre si são através de encontros informais, registos escritos e reuniões semanais de serviço, em que se dão a conhecer novos casos ou se discutem os casos que mereçam especial atenção. Do que conseguimos apurar, cada profissional está responsável por planificar intervenções específicas, que possibilitem o tratamento e a reabilitação dos jovens, mas tal não significa que não concertem entre si as intervenções. A profissional de serviço social considera que o trabalho em equipa é, pois, uma mais valia no sentido da reintegração e reabilitação do indivíduo doente mental, exatamente porque a partilha

de saberes entre diferentes profissionais permite uma maior eficiência no momento de planeamento da intervenção.

No que respeita aos procedimentos utilizados para registar informação e comunicar com os outros profissionais, a assistente social afirmou que a equipa terapêutica tem ao seu dispor um conjunto de procedimentos que auxiliam o trabalho desenvolvido: *“guiões de entrevista aplicados aos familiares, consulta de processos, reuniões de equipa, visitas domiciliárias”*. Estas últimas só acontecem *“se existir algum problema mais grave. Este trabalho compete, na maior parte dos casos, aos técnicos da segurança social, ou porque os indivíduos estão em apartamentos de habitação social, ou porque a família aufer rendimentos provenientes do RSI”*.

### ***Trabalho com as famílias***

Um outro investimento da prática profissional de serviço social é junto dos familiares dos jovens com perturbação mental. A realização de grupos psicoeducativos é uma das respostas institucionais que pretende dar voz às famílias de jovens com doença mental e tem como grandes objetivos: i. facultar informação sobre os mais variados aspetos da doença mental, mais concretamente sobre a psicose no jovem; ii. proporcionar um espaço de partilha de informações e experiências; iii. promover competências para uma melhor gestão da doença mental e dos seus efeitos.

O foco do trabalho parece ser colocado no apoio e na capacitação das famílias, para assegurar que o esforço feito pela equipa terapêutica não se esvanece em seio familiar. Isto é, o trabalho de democratização dos instrumentos e das informações vitais às famílias (para que as mesmas saibam lidar com os desafios e sofrimentos associados às patologias mentais dos seus elementos mais jovens) é, na perspetiva da assistente social, um elemento chave no que respeita ao tratamento e reabilitação do jovem. Do que nos foi possível apreender no tempo em que observámos as práticas profissionais da assistente social, o programa psicoeducativo para as famílias de doentes que apresentam quadros de psicose<sup>6</sup> permite aos familiares a partilha de informação e de experiências que ajudem a lidar com a doença mental e suas consequências. A missão do programa incide no aconselhamento e apoio às famílias em matéria de prevenção de crises psicóticas, de partilha de informação sobre as abordagens mais eficientes de tratamento, de fomento e

---

<sup>6</sup> Programa psicoeducativo multifamiliar para familiares de doentes com psicose – grupo famílias. Acontece de 6 em 6 semanas e apenas podem estar presentes os familiares.

impulso de modos de comunicação promotoras de relações estáveis e equilibradas, essenciais para o sucesso do processo de reabilitação e tratamento.

Resumidamente, o grupo famílias funciona como um grupo de autoajuda, em que cada um tem ao seu dispor o conhecimento dos outros familiares e dos técnicos especializados, onde pode partilhar a sua experiência enquanto cuidador e aprender estratégias que ajudem a aliviar a sobrecarga de trabalho. O aconselhamento por parte da técnica superior de serviço social, e também da terapeuta ocupacional, profissionais que acompanham este grupo, parecem-nos fundamentais no processo de conhecimento das doenças mentais e do que pode ser feito para diminuir o impacto causado pela doença.

### ***Alta social***

Outra das funções da assistente social prende-se com a planificação da alta social de cada jovem que integra o hospital de dia. Quando se aborda a questão da alta em contextos de saúde mental, há que ter em atenção que o doente pode ter alta médica, mas não alta social. O mesmo só acontece quando o técnico reúne todas as condições necessárias para reintegrar o indivíduo na comunidade. Assim, toda a equipa terapêutica está desperta para comportamentos que manifestem que determinado jovem está pronto para reintegrar a família e a comunidade. A alta social pressupõe que a técnica de serviço social promova intervenções de apoio e suporte ao jovem e à sua família, que permitam minorar os efeitos (emocionais, económicos, sociais) causados pela doença mental do jovem, garantindo a sua reintegração nos diferentes contextos comunitários. Tal como já foi aqui referido, este conjunto de ações desenvolvidas no sentido da reintegração do doente passa pela capacitação dos jovens através, por exemplo, da inserção num curso de formação profissional ou no mercado de trabalho.

### ***E quando surgem os dilemas éticos...***

No decorrer da entrevista com a assistente social procurou-se, ainda, explorar os dilemas éticos que a mesma enfrenta no desempenho do seu trabalho.

Um primeiro aspeto salientado pela profissional leva-nos a considerar a omissão de informação que é prestada a estruturas formativas e/ou de trabalho acerca do transtorno mental que o jovem tem sempre que se procura integrar o jovem na comunidade. O estigma associado à doença mental e às atitudes discriminatórias em relação a pessoas

que experienciam um transtorno mental leva a que a técnica nem sempre diga o estado de saúde de um jovem quando tenta integrá-lo em contexto de formação e/ou emprego. A urgência em integrá-lo na comunidade fala, frequentemente, mais alto.

Um outro dilema salientado pela profissional de serviço social remete-nos para o direito à autodeterminação do indivíduo *versus* tomadas de decisão da assistente social sem a aprovação inicial dos jovens, por serem consideradas as mais “certas” para a sua reabilitação psicossocial.

Considerando a percepção que os jovens e as famílias têm acerca do impacto da UPJF nas mais variadas dimensões da doença (evolução da mesma, reintegração comunitária e na ocupação dos tempos livres), a profissional de serviço social refere que, de forma geral, e apesar das dificuldades de adaptação comuns no início de processo de integração em contexto hospitalar, existe uma evolução positiva na doença e nos comportamentos de cada jovem (*“sentem-se protegidos e acompanhados”*). Com efeito, muitos dos jovens acabam por reagir contra a mudança de contexto institucional e resistem à saída do Hospital de Dia, exatamente por ser um local que gostam de frequentar e, também, porque têm medo do que possa advir desta mudança. Ou seja, se por um lado a assistente social tem a responsabilidade de garantir o direito à autodeterminação dos jovens, por outro lado, depara-se com comportamentos de medo e resistência, que acabam por levar a que seja a assistente social a tomar certas escolhas sobre a vida dos jovens, pela necessidade de os integrar na comunidade.

Um outro desafio que a assistente social enfrenta é o de entender realmente as necessidades e desejos de cada jovem, desenvolvendo estratégias de facilitação para promover evoluções no seu desempenho, aspirações e gostos. Tendo em conta que se trata de uma população vulnerável, jovem, com patologias mentais, tantas vezes graves, o assistente social não pode cair no erro de superproteção, por centrar-se nas debilidades emocionais e psicológicas dos jovens. O desafio é mesmo o de conduzir os jovens à participação ativa no momento de definição e implementação do seu processo de reintegração.

***A construção da relação de ajuda: centrada nas forças ou nas incapacidades dos jovens com doença mental?***

Utilizando as palavras da assistente social, as intervenções realizadas no sentido de promover a reabilitação psicossocial e a (re)integração comunitária centram-se “*no jovem, na fase da doença em que este se encontra, nas suas limitações e nas suas condições sociais*”. A profissional de serviço social desenvolve o seu trabalho tendo em atenção as necessidades de cada jovem, mas nem sempre se torna fácil descobrir as suas capacidades, os seus desejos e interesses.

Quando o indivíduo se encontra, tantas vezes, esmagado por sintomas associados à doença mental, associados à desesperança, à apatia, ao desamor pela vida, potenciar a sua autodeterminação e o *empowerment* não é tarefa fácil. Se, por um lado, reconhece-se a importância que o *empowerment* desempenha no processo de tratamento e reabilitação de pessoas com doença mental, não deixa de ser forçoso reconhecer a dificuldade em levar o indivíduo com doença mental a assumir o controlo da sua própria vida. Garantir que os indivíduos aprendam a estabelecer objetivos e a atingi-los de forma autónoma é um desafio exigente, da mesma forma que não compete ao assistente social tomar escolhas que orientem a vida do indivíduo. O processo de decisão e de planificação deve resultar da vontade do sujeito que, com o apoio do técnico, deve conseguir perceber as melhores opções para ele próprio.

Que trabalho é feito junto dos jovens no sentido de trabalhar este “fazer escolhas”? Como ser catalisador de decisões conscientes e empoderadas? Que apoios e recursos mobilizar em função dos objetivos e interesses que o indivíduo estabeleceu?

Pelo que pudemos observar, as atividades terapêuticas propostas na UPJF em questão solicitam competências várias aos jovens, entre as quais destacamos as de socialização, de partilha de experiências com os outros jovens e de trabalho em equipa. As atividades normalmente incluídas no projeto terapêutico, consoante as especificidades de cada caso, são: i. treino de competências cognitivas, sociais, de gestão; ii. terapias expressivas (expressão plástica, expressão corporal); iii. relaxamento; iv. educação para a saúde; v. ateliers de música, cinema, leitura artes decorativas, expressão dramática; vi. grupos terapêuticos; vii. reuniões de grupo; viii. atividades desportivas; ix. consulta individual (médico e psicólogo); x. visitas socioculturais.

Planear os apoios que devem ser prestados, centrando-se nas pessoas e não nas suas doenças é, sem dúvida, um dos maiores desafios na prática profissional do assistente social. Como refere Pereira (2005) o planeamento centrado na pessoa significa que “*a pessoa não precisa de estar preparada para poder ser admitida num determinado tipo de*

*vida ou situação de trabalho (...) o objetivo é colocar a pessoa na situação que deseja. Deixá-la aprender com as experiências dessa situação e dar-lhe o apoio necessário enquanto não tem os conhecimentos, competências ou relações suficientes” (p. 313).*

Para a profissional entrevistada, princípios como a aceitação, o não julgamento, a não discriminação devem estar presentes no trabalho do assistente social no campo da saúde mental. Aceitar sem condições a experiência de vida do sujeito e não o julgar pelos seus comportamentos, aceitá-lo em pleno, as suas fragilidades, os seus limites, é exigente, mas crucial na intervenção de um assistente social. Aceitar o outro como pessoa única que é, diferente dos outros, aceitar expressões negativas, aceitar que o outro possa ter sentimentos, valores e objetivos diferentes.

Um outro aspeto salientado pela profissional entrevistada diz respeito à necessidade de criar condições para que as pessoas que recorrem à UPJF confiem no técnico. A confiança é percecionada como um elemento chave no processo de tratamento e reabilitação do jovem que sofre de perturbação do foro mental. Construí-la, no dia a dia profissional, requer a capacidade de respeitar genuinamente o outro, aceitar plenamente a experiência de vida de cada pessoa (os seus modos de pensar, sentir e agir), não julgar as suas reações. O esforço do técnico para compreender o que o outro nos está a querer transmitir, para se centrar no mundo da pessoa como se fosse o seu próprio mundo é um ingrediente axial na relação assistente social - pessoa.

Parece-nos útil convocar aqui os contributos de Rogers (1961) a respeito da atitude empática no quadro de uma relação de ajuda. Relacionar-se com o outro de forma empática poderá significar que o utente deixe de lado alguns mecanismos de defesa, porque se é compreendido não precisa de se esconder e, além do mais, é capaz de consciencializar-se de determinadas emoções, particularmente as que são alvo de desvalorização social. A empatia envolve sensibilidade por parte do profissional para perceber os modos de pensar, sentir e agir de cada indivíduo, além de muito rigor e cuidado nos processos comunicacionais. Mas não só. A crença na possibilidade de recuperação das pessoas com doença mental é, quanto a nós, um dos ingredientes basilares da relação que um profissional de Serviço Social deve estabelecer com as pessoas com quem trabalha. Acreditar que todos os indivíduos, sem exceção, são capazes de recuperar da doença e dos efeitos da mesma fará, quanto a nós, toda a diferença no processo de *recovery* de uma pessoa diagnosticada com uma doença mental.

## Considerações Finais

Embora os dados deste estudo não possam ser generalizados ao conjunto da população jovem com doença mental, os resultados que obtivemos com esta investigação ajudam-nos a reconhecer que os familiares dos jovens parecem estar preparados para lidar com os problemas que possam advir da doença mental que o jovem sofre. Isto porque, na análise comparativa dos resultados dos dois grupos que compõem a amostra, percebemos que as famílias têm uma percepção mais positiva em relação ao ambiente e suporte familiar. Considerando os resultados obtidos junto das famílias percebemos que as mesmas revelam a existência de relações familiares ajustadas e adequadas para o sucesso das intervenções terapêuticas. Por conseguinte podemos dizer que as famílias destes jovens desempenham, portanto, um papel importante na superação dos obstáculos resultantes da doença mental, exatamente porque as mesmas identificam algumas variáveis importantes sobre o entendimento que têm do ambiente familiar e, também, do suporte familiar que recebem. Estas variáveis indicam a forma como estas famílias entendem ser as relações entre os elementos do agregado familiar. Assim, as famílias acreditam que os diferentes membros estabelecem entre si relações coesas, de afetividade, baseadas numa estruturação clara das atividades familiares e num conjunto de regras que norteiam a vida familiar.

Se por um lado, os resultados do IPSF possibilitam uma melhor compreensão sobre a percepção do suporte familiar de cada inquirido (jovem e elemento de referência), por outro lado, através do FES conseguimos entender o que cada inquirido pensa ser o ambiente familiar real.

Através da aplicação da escala FES e após o tratamento e análise dos dados, é-nos possível concluir que a subdimensão relacionada com a *organização* é a mais pontuada tanto no grupo dos jovens como no das famílias. Isto significa que a amostra estudada atribui um papel importante às questões relacionadas com a organização e a estruturação clara no que se relaciona com a planificação do funcionamento familiar. A organização e limpeza dos espaços, o ser pontual, a divisão clara das diversas tarefas domésticas, a gestão financeira do dinheiro que cada um possui são alguns dos exemplos que nos ajudam a identificar determinadas características sobre a percepção do clima sociofamiliar dos jovens e dos seus familiares. Pelo contrário, os jovens inquiridos não atribuem a mesma relevância à subdimensão relativa à *orientação intelectual cultural*. Ao avaliar o grau de interesse por atividades políticas, intelectuais e culturais, os resultados obtidos



com base nesta subdimensão permitem-nos aferir que os jovens acreditam que a família não privilegia a comunicação de questões sociais e políticas ou relacionadas com arte e literatura, o assistir a peças de teatro e a concertos, as visitas a museus e exposições e a aprendizagem de conteúdos novos e diversificados, da mesma forma que a estruturação e organização do sistema. Destacamos, ainda, que no caso das famílias, a subdimensão menos pontuada diz respeito à variável *orientação para as atividades recreativas*. Com isto percebemos que os familiares dos jovens mostram não ter interesse ou, então, oportunidades sociais, para participar em atividades de cariz social e recreativo.

Podemos concluir, igualmente, que a subdimensão *coesão, conflito, independência, orientação para o sucesso e controlo* apresentam valores médios consideráveis no grupo dos jovens quando comparados com o valor médio mais alto e com o valor relativo à média das médias de cada subdimensão e fator. Isto quer dizer que, para além do maior grau de importância atribuída à subdimensão *organização*, por entenderem ser a que melhora caracteriza o clima familiar, os jovens acreditam que as relações familiares estabelecidas caracterizam-se pela promoção da autonomia, pelo estímulo para a concretização de objetivos e promoção para atingir o sucesso através da escola e do trabalho. Entendem, igualmente, que os elementos da família ajudam-se mutuamente, que são unidas, que se esforçam por trabalhar em conjunto no que respeita às tarefas de casa e que podem contar uns com os outros. Da mesma forma, podemos afirmar que os jovens percecionam o ambiente familiar como um lugar regido por regras e procedimentos, orientadoras do sistema familiar, que os mesmos devem respeitar.

Por sua vez, a subdimensão *conflito* é, também, uma das médias mais significativas pelo que se percebe que os jovens consideram que no clima familiar existem relações de conflito e de desavença, o que pode ser resultado da patologia mental existente num dos elementos da família. Os valores médios da subescala *expressividade, orientação para as atividades recreativas e orientação moral e religiosa* indicam que os jovens não consideram existir de forma tão expressiva como nas outras subdimensões relações em que os membros são encorajados a expressarem os seus sentimentos, a falarem tudo o que querem, a partilharem as suas angústias e os seus medos. Assim como acontece no caso das famílias, os jovens mostram que não é dado um papel importante à participação de atividades sociais e de lazer. Este conjunto de atividades recreativas passa, por exemplo, pela prática de um desporto, pela frequência de atividades como o cinema, teatro e pelo convívio com outros elementos fora da família em casa.

Considerando as informações obtidas junto das famílias, percebemos que as subdimensões *coesão*, *expressividade*, *conflito*, *independência* e *controlo* apresentam médias consideráveis se tivermos em conta o valor da média das médias, que é inferior ao valor médio das referidas subdimensões. Neste sentido, concluímos que, da mesma forma que os jovens, as famílias entendem existir relações familiares coesas, em que os membros são incentivados a serem independentes e a tomarem as suas próprias decisões. Assim como os jovens, as famílias percecionam o ambiente familiar como um contexto onde está estabelecido um conjunto de regras, que orientam as diferentes ações do sistema familiar. Além disto, percebe-se que as famílias acreditam existir relações de conflito que põem em causa a ordem familiar. Ao contrário do que acontece nos jovens, as famílias consideram a existência de relações intrafamiliares baseadas no incentivo da expressão emocional, em que cada elemento sabe que pode falar de tudo o que quiser, sem medo de represálias. No que respeita às variáveis tidas como menos importantes e, portanto, menos pontuadas, verificamos que as famílias entendem que o sistema familiar não atribui um papel significativo às subdimensões *orientação para o sucesso*, *orientação intelectual cultural* e *orientação moral e religiosa*.

Considerando os valores de alfa de Cronbach podemos aferir que, de forma geral, os resultados encontrados relevam níveis satisfatórios de consistência interna, isto é, são dados em que é possível confiar. Os valores considerados como inaceitáveis, no que concerne à confiabilidade dos dados dizem respeito, mais concretamente no caso dos jovens, às subdimensões *conflito*, *independência*, *orientação para o sucesso*, *orientação para as atividades recreativas* e *controlo*. Tal significa a presença de um nível de consistência insuficiente dos indicadores destas subdimensões. Como tal, qualquer justificação sobre a maior ou menor importância atribuída a estas variáveis deve ter em conta o facto de as informações recolhidas não serem fiáveis. As subdimensões *expressividade* e *orientação intelectual cultural* evidenciam níveis fracos de consistência interna, pelo que é necessário ter em conta tal constatação na procura de explicações teóricas sobre o tema.

No que concerne às famílias, podemos dizer que as informações recolhidas são mais confiáveis do que no caso dos jovens. As únicas exceções verificam-se nas subdimensões relacionadas com a *organização* e *controlo* do sistema familiar, que apresentam valores fracos de consistência e na subdimensão *independência*, cujo valor é considerado inadmissível. Apesar disto, a escala apresenta valores consideravelmente

satisfatórios de consistência, o que nos diz que podemos confiar nas informações que foram recolhidas.

Da análise dos resultados com base no IPSF, depreendemos que o fator *afetivo consistente* é o que apresenta valores médios mais elevados nos dois grupos que compõem a amostra. Podemos, então, deduzir que tanto os jovens como as famílias atribuem maior importância ao fator relacionado com as relações afetivas positivas entre os elementos da família. Isto quer dizer que a amostra entende como positivo o suporte familiar recebido, mais concretamente no que diz respeito à expressão de interesse, afeição e de carinho, à clareza dos diferentes papéis familiares e das regras que orientam a família, assim como no que respeita à capacidade em desenvolver estratégias de superação em situações de crise. Tanto os jovens como os seus familiares acreditam que o suporte que recebem pode ser caracterizado pela presença de relações em que os membros se sentem afetivamente próximos, comunicam entre si, de forma congruente, em que os comportamentos são consistentes.

Contrariamente ao fator *afetivo consistente*, o fator relacionado com a *autonomia* é o que apresenta valores médios inferiores quando comparadas as médias de todos os fatores. Ou seja, tanto os jovens como as famílias concordam que o suporte prestado pela família não garante a emancipação dos seus membros. Entendendo que a promoção da autonomia pressupõe o estabelecimento de relações de confiança, em que é respeitada a privacidade de cada um, assim como a liberdade entre os membros, a amostra relega para segundo plano as questões relacionadas com a independência dos elementos familiares.

Por sua vez, o fator *adaptação* apresenta valores médios consideráveis, apenas no caso dos jovens, isto se tivermos em atenção o valor referente à média global das médias das diferentes subdimensões/fatores. Tendo em conta que os itens deste fator foram invertidos para o sentido positivo, e atendendo ao facto de que a média desta variável se encontrar acima do valor da média das médias, podemos dizer que os jovens entendem não existir relações agressivas e de conflituosidade, ou seja, os jovens não se sentem incompreendidos, isolados, com raiva ou irritação perante a família. Pelo contrário, a média da subdimensão *adaptação*, no que respeita às famílias, encontra-se abaixo do valor da média global dos fatores. Podemos dizer que a maior pontuação no grupo dos jovens significa que têm uma perceção positiva sobre o suporte familiar, mais concretamente no que respeita à adaptação ao sistema familiar. Os resultados indicam que as famílias consideram-se menos adaptadas ao contexto familiar do que os jovens.

Podemos aferir, ainda, que ao compararmos as médias dos fatores dos dois grupos de inquiridos, percebemos que as famílias apresentam valores médios mais elevados em quase todos os fatores, com a exceção do fator *adaptação*, cuja diferença é pouco relevante. Tal pode significar que as famílias têm uma percepção mais positiva sobre o suporte familiar do que os jovens e entendem que a família funciona como um verdadeiro apoio.

A observação dos valores de alfa de Cronbach permite-nos concluir que os níveis de consistência interna são satisfatórios, à exceção do fator *autonomia*, que apresenta valores inferiores a 0,7, sendo, portanto, um fator cujos itens são pouco fidedignos. Os outros dois fatores apresentam valores consideravelmente satisfatórios de consistência, o que nos diz que os dados recolhidos são viáveis.

Relativamente às limitações do estudo podemos, desde já, referenciar o número da amostra utilizada para participar no estudo em causa. Tratando-se de uma investigação de natureza quantitativa faria sentido um número maior de inquiridos, de maneira a garantir a representatividade da mesma. Contudo, devido às condições institucionais em que a pesquisa ocorreu, não foi possível incluir mais jovens na amostra e generalizar os resultados. Mesmo não sendo possível a generalização, conseguiu-se chegar a conclusões muito valiosas, como as referenciadas acima.

Este estudo dá-nos pistas relevantes para o trabalho do assistente social em meio hospitalar, mais concretamente em contextos de saúde mental. Constitui um instrumento importante na definição de estratégias de intervenção e ajuda a perceber quais as dimensões que devem ser mais trabalhadas de maneira a melhorar a qualidade das relações familiares. Desta forma, a profissional de serviço social poderá recorrer a esta ferramenta e planear intervenções junto dos jovens e das famílias, que ajudem, por exemplo, a capacitar a família para a importância em promover a autonomia entre os elementos da família, que ajudem a aperfeiçoar as questões relacionadas com a prática de atividades que fomentem o divertimento e o lazer, como estratégia de relativização dos efeitos resultantes da doença mental. Como já acima referido, percebemos que as famílias atribuem uma importância significativa à variável *conflito*, o que nos mostra que as mesmas entendem existir relações agressivas e conflituosas entre os elementos da família. No mesmo sentido, observamos que as famílias consideram-se menos adaptadas ao sistema familiar do que os jovens. Assim, e sabendo que a família pode constituir-se como um fator de promoção da saúde e prevenção da doença mental, é importante trabalhar

junto deste grupo para tentar identificar o porquê da presença de relações de desordem e de violência entre os membros.

Para concluir, acreditamos que ainda há muito trabalho a fazer no sentido de um melhor entendimento sobre a problemática em causa, pelo que, num primeiro momento, julgamos ser pertinente a construção de uma investigação que seja capaz de ultrapassar as limitações supramencionadas. Poderá ser útil aplicar estas duas escalas a um número maior de inquiridos de maneira a ser possível generalizar os resultados para a amostra portuguesa de jovens com doença mental. No mesmo sentido, entendemos como proposta futura a importância em realizar um estudo que analise as correlações a escala de medida FES e IPSF. Num segundo momento, pensamos ser pertinente a planificação de uma investigação que indague sobre as causas das relações intrafamiliares, de cariz negativo, que põem em causa o equilíbrio e a organização da família. Assumindo a importância do sistema familiar para a promoção da saúde e prevenção da doença mental, é, também, relevante que trabalhos futuros foquem a sua análise na compreensão do trabalho que é desenvolvido pelos profissionais de serviço social junto dos jovens com doença mental e dos seus familiares.

## Referências Bibliográficas

- Abreu, S. G. (2008). *A Saúde Mental e o Apoio Social na família do doente oncológico*. Tese de doutoramento em Saúde Mental, Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Porto. Acesso em jul. de 2017, disponível em <http://hdl.handle.net/10216/16133>
- Alves, A. A., & Rodrigues, N. F. (2010). Determinantes sociais e económicos da Saúde Mental. (S. Elsevier España, Ed.) *Revista Portuguesa da Saúde Pública*, 2, 28, pp. 127-131. Acesso em fev. de 2017, disponível em [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-90252010000200003&lng=pt](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-90252010000200003&lng=pt).
- Baptista, M. N. (2008). *Manual do Inventário de Percepção de Suporte Familiar*. São Paulo: Universidade de São Francisco .
- Baptista, M. N., Souza, M. S., & Alves, G. A. (2008). Evidências de validade entre a Escala de Depressão (EDEP), o BDI e o Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF). *Psico-USF*, 13 (2), pp. 211-220. Acesso em nov. de 2016, disponível em <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712008000200008>
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and Loss* (2ª ed., Vol. 1). New York: Basic Books.
- Chamberlin, J., & Rogers, J. A. (1990). Planning a community-based mental health system: Perspective of service recipients. *American Psychologist*, 45 (1), pp. 12141-1244. Acesso em janeiro de 2017, disponível em <http://aaspc-programs.org/sandbox/wp-content/uploads/2015/06/1990-Planning-a-Cmty-based-Mental-Hlth-System-Perspective-of-Service-Recipients.pdf>
- Coordenação Nacional para a Saúde Mental. (2011). *Rede de referência hospitalar de psiquiatria da infância e da adolescência*. Lisboa. Acesso em dezembro de 2016, disponível em <http://saudementalpt.pt/backoffice/pdfs/41c660e11a.pdf>
- DGS (2006). *Programa Nacional de Saúde dos Jovens 2006/2010*. Divisão de saúde materna, Infantil e dos Adolescentes. Lisboa: Ministério da Saúde. Acesso em fev. de 2017, disponível em <https://www.dgs.pt/paginas-de-sistema/saude-de-a-a-z/saude-escolar/ficheiros-externos/programa-nacional-de-saude-dos-jovens-pdf.aspx>
- DGS (2013). *Programa Nacional de Saúde Infantil e Juvenil*. Lisboa: Ministério da Saúde. Acesso em fev. de 2017, disponível em

[https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwj4\\_3UrvbXAhXEVxQKHZWVD9wQFggnMAA&url=https%3A%2F%2Fwww.dgs.pt%2Fdocumentos-e-publicacoes%2Fprograma-tipo-de-atuacao-em-saude-infantil-e-juvenil.aspx&usg=AOvVaw0IcRnB](https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwj4_3UrvbXAhXEVxQKHZWVD9wQFggnMAA&url=https%3A%2F%2Fwww.dgs.pt%2Fdocumentos-e-publicacoes%2Fprograma-tipo-de-atuacao-em-saude-infantil-e-juvenil.aspx&usg=AOvVaw0IcRnB)

DGS (2014). *Saúde Mental em números – 2014*. Lisboa: Direção-Geral da Saúde. Acesso em set. de 2017, disponível em <https://www.dgs.pt/estatisticas-de-saude/estatisticas-de-saude/publicacoes/portugal-saude-mental-em-numeros-2014-pdf.aspx>

DGS (2016). I Encontro Internacional sobre o Papel e a Importância da Família na Doença Mental. Lisboa. Acesso em agosto de 2017, disponível em <https://www.dgs.pt/em-destaque/-i-encontro-internacional-sobre-o-papel-e-a-importancia-da-familia-na-doenca-mental.aspx>

DGS (2016). *Saúde Mental em números - 2015*. Lisboa: Direção-Geral da Saúde.

DGS (2017). *Programa Nacional para a Saúde Mental 2017: Orientações Programáticas*. Ministério da Saúde. Lisboa: Direção- Geral da Saúde . Acesso em nov. de 2017, disponível em <https://www.dgs.pt/paginas-de-sistema/saude-de-a-a-z/programa-nacional-para-a-saude-mental/orientacoes-programaticas.aspx>

DGS (2017). *Programa Nacional para a Saúde Mental 2017*. Lisboa: Direção-Geral da Saúde. Acesso em nov. de 2017, disponível em <https://www.dgs.pt/portal-da-estatistica-da-saude/diretorio-de-informacao/diretorio-de-informacao/por-serie-885309-pdf.aspx?v=11736b14-73e6-4b34-a8e8-d22502108547>

Duarte, T. (2007). Recovery da doença mental: Uma visão para os sistemas e serviços de saúde mental. *Análise Psicológica*, 25 (1), pp. 127-133. Acesso em janeiro de 2017, disponível em [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312007000100010&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312007000100010&lng=pt&tlng=pt).

Erikson, E. (1972). *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Farkas, M., Gagne, C., Anthony, W., & Chamberlin, J. (2005). A implementação de programas orientados para o recovery: Domínios cruciais. *Participação e empowerment das pessoas com doença mental e seus familiares*, pp. 19-44. Acesso em fev. de 2017, disponível em [http://aeips.pt/novo2009/wp-content/uploads/2009/07/part\\_empower.pdf](http://aeips.pt/novo2009/wp-content/uploads/2009/07/part_empower.pdf)

- Fazenda, I. (2009). Novos Desenvolvimentos em Saúde Mental e Comunitária. *PsiLogos*. Acesso em agosto de 2017, disponível em <http://revistas.rcaap.pt/psilogos/article/view/4015/3011>
- Fazenda, I. (2012). Serviço Social na Área da Saúde Mental: Princípios, Modelos e Práticas. Em M. I. Carvalho, *Serviço Social na Saúde* (pp. 219-250). Lisboa: Pactor.
- Fischer, D. (2006). A New Vision of Recovery: People can fully recover from mental illness. Acesso em janeiro de 2017, disponível em [http://www.power2u.org/articles/recovery/new\\_vision.html](http://www.power2u.org/articles/recovery/new_vision.html)
- Gomes, M. F., Martins, M. M., & Amendoeira, J. (2011). As famílias com doentes mentais. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, (5). Acesso em maio de 2017, disponível em [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1647-21602011000100008&lng=pt](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-21602011000100008&lng=pt)
- Gonçalves, M., Baptista, M. N., & Farcas, D. (2016). IPSF: análise da estrutura interna em uma amostra de jovens adultos portugueses. *Avaliação Psicológica*, 1, 15, pp. 115-123. Acesso em maio de 2017, disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712016000100013&lng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712016000100013&lng=pt).
- Guterres, M. C. (2005). Programas de reabilitação psicossocial em Portugal. Estudo comparativo do suporte social da população geral e das pessoas com experiência em doença mental em processo de recovery. *Participação e Empowerment das Pessoas com Doença Mental e seus Familiares*, pp. 107-129. Acesso em jan. de 2017, disponível em [http://aeips.pt/novo2009/wp-content/uploads/2009/07/part\\_empower.pdf](http://aeips.pt/novo2009/wp-content/uploads/2009/07/part_empower.pdf)
- Heitor, M. J. (2015). Participação e empowerment das pessoas com doença mental e seus familiares. *Participação e Empowerment das Pessoas com Doença mental e seus Familiares*, pp. 103-106. Acesso em jan. de 2017, disponível em [http://aeips.pt/novo2009/wp-content/uploads/2009/07/part\\_empower.pdf](http://aeips.pt/novo2009/wp-content/uploads/2009/07/part_empower.pdf)
- Jacobson, N., & Curtis, L. (2000). Recovery as Policy in Mental Health Services: Strategies Emerging from the States. *Psychiatric Rehabilitation Journal*, 23 (4), 333-341. Acesso em janeiro de 2017, disponível em [http://im.sut.ac.th/Articles/02\\_Recovery%20as%20Policy%20in%20Mental%20Health%20Services.pdf](http://im.sut.ac.th/Articles/02_Recovery%20as%20Policy%20in%20Mental%20Health%20Services.pdf)



- Maroco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach?: Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4(1), pp. 65-90. Acesso em maio de 2017, disponível em <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/lp/article/viewFile/763/706>
- Marques, C., & Cepêda, T. (2009). *Recomendações para a prática clínica da saúde mental infantil e juvenil nos cuidados de saúde primários*. Ministério da Saúde, Alto Comissariado da Saúde. Lisboa: Coordenação Nacional para a Saúde Mental. Acesso em nov. de 2016, disponível em <http://www.acs.min-saude.pt/pt/saudemental>
- Marques, E. M. (2012). *A transformação dos esquemas de motivação, percepção e de ação que compõem o habitus de jovens em risco de desinserção social*. Tese de doutoramento em Sociologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- Ministério da Saúde, A. C. (2008). *Plano Nacional de Saúde Mental 2007-2016 - Resumo Executivo*. Lisboa: Coordenação Nacional para a Saúde Mental. Acesso em jan. de 2017, disponível em <http://www.adeb.pt/files/upload/paginas/Plano%20Nacional%20de%20Saude%20Mental.pdf>
- Moos, R., & Moos, B. (1994). *Family Environment Scale manual* (3ª ed.). Palo Alto (CA): Consulting Psychologists Press.
- Morgado, A. M., & Vale-Dias, M. d. (2014). Adolescência e delinquência: variáveis significativas para a construção de um modelo explicativo. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 1, 15, pp. 278-292. Fonte: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-00862014000100022&lng=pt](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862014000100022&lng=pt).
- OMS. (2001). *Relatório sobre a Saúde no Mundo: Saúde Mental - Nova Conceção, Nova Esperança*. Acesso em dez. de 2016, disponível em [http://www.who.int/whr/2001/en/whr01\\_djmessage\\_po.pdf](http://www.who.int/whr/2001/en/whr01_djmessage_po.pdf)
- Onken, S., Dumont, J., Ridgway, P., Dornan, D., & Ralph, R. (2002). Mental health recovery? What helps and what hinders? A national research project for the development of recovery facilitating system performance indicators. Alexandria: National Association of State Mental Health Program Directors; National Technical Assistance Center for Sate Mental Health. Acesso em janeiro de 2017, disponível em

- [https://www.researchgate.net/profile/Steven\\_Onken/publication/242469660\\_Mental\\_Health\\_Recovery\\_What\\_Helps\\_and\\_What\\_Hinders\\_A\\_National\\_Research\\_Project\\_for\\_the\\_Development\\_of\\_Recovery\\_Facilitating\\_System\\_Performance\\_Indicators\\_Phase\\_One\\_Research\\_Report\\_A\\_N](https://www.researchgate.net/profile/Steven_Onken/publication/242469660_Mental_Health_Recovery_What_Helps_and_What_Hinders_A_National_Research_Project_for_the_Development_of_Recovery_Facilitating_System_Performance_Indicators_Phase_One_Research_Report_A_N)
- Ornelas, J. (1994). Suporte Social: Origens, Conceitos e Áreas de Investigação. *Análise Psicológica*, 12, pp. 333-339. Acesso em fev. de 2017, disponível em [http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/3103/1/1994\\_23\\_333.pdf](http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/3103/1/1994_23_333.pdf)
- Ornelas, J. H. (2005). O modelo comunitário de intervenção em saúde mental na era pós-hospitalar. *Participação e Empowerment das Pessoas com Doença Mental e seus Familiares*, pp. 11-18. Acesso em maio de 2017, disponível em [http://aeips.pt/novo2009/wp-content/uploads/2009/07/part\\_empower.pdf](http://aeips.pt/novo2009/wp-content/uploads/2009/07/part_empower.pdf)
- Pereira, M. (2005). O planeamento centrado na pessoa: Uma estratégia para o envolvimento das pessoas com doença mental no processo de reabilitação psicossocial. *Participação e Empowerment das Pessoas com Doença Mental e seus Familiares*, pp. 307-315. Acesso em fev. de 2017, disponível em [http://aeips.pt/novo2009/wp-content/uploads/2009/07/part\\_empower.pdf](http://aeips.pt/novo2009/wp-content/uploads/2009/07/part_empower.pdf)
- Piaget, J. (1970). *A Construção do Real na Criança*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Ribeiro, J. P. (1999). Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS). *Análise Psicológica*, 17 (3), pp. 547-558. Acesso em janeiro de 2017, disponível em [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82311999000300010&lng=pt&tlng](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82311999000300010&lng=pt&tlng)
- Rogers, C. (1961). *Tornar-se pessoa*. Lisboa: Moraes Editores.
- Santos, M. C. (2015). *Problemas de Saúde Mental em Crianças e Adolescentes. Identificar, avaliar e intervir* (2.<sup>a</sup> Edição ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Santos, M., & Fontaine, A. M. (1995). Avaliação do ambiente familiar por crianças e pré-adolescentes: alguns aspectos da adaptação da F.E.S de Moos & Moos. *Avaliação Psicológica: formas e contextos*, pp. 421-430. Acesso em fev. de 2017, disponível em <http://hdl.handle.net/10216/92458>
- Souza, M. S., & Baptista, M. N. (2008). Associações entre suporte familiar e saúde mental. *Psicologia Argumento*, pp. 207-215. Acesso em março de 2017, disponível em <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/PA?ddl=2495&dd99=pdf>
- União Europeia. (2016). *Linhas de Ação Estratégica para a Saúde Mental e Bem-Estar da União Europeia. EU Joint Action on Mental Health and wellbeing*. Bruxelas: European Union. Acesso em março de 2017, disponível em

[http://www.mentalhealthandwellbeing.eu/assets/docs/publications/RelatorioNOVA\\_PT-20160406150225.pdf](http://www.mentalhealthandwellbeing.eu/assets/docs/publications/RelatorioNOVA_PT-20160406150225.pdf)

Vianna, V. P., Silva, E., & Souza-Formigoni, M. L. (2007). Versão em português da Family Environment Scale. Aplicação e validação. *Rev. Saúde Pública*, 41(3), pp. 419-426. Acesso em nov. de 2016, disponível em <https://www.revistas.usp.br/rsp/article/download/32246/34377>

# **ANEXOS**

## **A. Guião de entrevista aplicada à técnica superior de serviço social da Unidade de Psiquiatria do Jovem e da Família**

### 1. Identificação do profissional

1.1. Idade - 32

1.2. Sexo - F

1.3. Nível de qualificação - *Licenciatura em Serviço Social*

### 2. Experiência profissional

2.1. Período temporal de exercício da profissão na Unidade de Psiquiatria do Jovem e da Família

R: *1 ano e 3 meses, desde janeiro de 2016*

2.2. Situação na profissão

R: *Contrato sem termo*

2.3. Cargos ocupados na Unidade de Psiquiatria e outras funções desempenhadas

R: *Assistente Social e Terapeuta Familiar*

### 3. Unidade de psiquiatria do jovem e da família- elementos de caracterização

3.1. População alvo

R: *Crianças, adolescentes e jovens com idades inferiores a 26 anos. Contudo, há casos de jovens com 28 anos, que integram a UPJF por não se adaptarem à Psiquiatria do adulto. E claro, as famílias.*

– nº de jovens – set. 2016 a abril de 2017;

R: *torna-se impossível ter uma ideia do número de jovens que integram a Unidade porque é composta por diferentes serviços/respostas institucionais – Hospital de Dia, Internamento de Estabilização de Crise, Terapia Familiar e, ainda, a Residência Elysio de Moura. Temos diferentes respostas, como o Internamento de Agudos, Hospital de Dia, Consulta Externa, Apoio ao Internamento Hospitalar no Hospital Pediátrico.*

*No Hospital de Dia, diariamente, estão 10 a 12 jovens, com idades entre os 18 e os 25 anos, salvo uma ou outra exceção.*

### 3.2. Constituição da equipa técnica (modelo de equipa)

R: *ora, 8 médicos; 7 psicólogos; 1 Assistente Social; 1 enfermeira só para o Hospital de dia e 1 Terapeuta Ocupacional apenas para os jovens do hospital de dia.*

### 3.3. Funções de cada profissional.

R: *os médicos, enfermeiros e psicólogos estão direcionados para a parte mais clínica da doença mental (consultas médicas e de psicologia). Há médicos psiquiatras vocacionados para certos tipos de consulta– PCA (perturbação do comportamento alimentar), por exemplo. Eu, enquanto assistente social auxilio no processo de (re)integração social, tanto no seio hospitalar como a nível comunitário. Articulo com outras entidades sociais por forma a satisfazer as necessidades dos doentes e das suas próprias famílias.*

### 3.4. Formas de comunicação entre diferentes profissionais.

R: *as reuniões semanais de serviço, para dar a conhecer novos casos de jovens que integrem a Unidade e de outros casos que mereçam uma especial atenção naquele momento. Trocamos e-mails e, ainda, as conversas informais, “de corredor”.*

### 3.5. Princípios basilares da Unidade – missão, finalidade e objetivos e responsabilidades da Unidade de Psiquiatria do Jovem e da Família.

R: *A unidade surgiu há cerca de 6 anos e pelo que sei não existem documentos oficiais. O que existe está disponível no site e acho que lá não consta qualquer documento que revele os princípios, mas pode-se dizer que serão os mesmos que orientam o trabalho do hospital de forma geral.*

### 3.6. Respostas institucionais (atividades concretas que são implementadas não só pelo serviço social) para intervir:

R: *para os jovens a principal resposta é o hospital de dia (atividades de cozinha, informática, consultas médicas e de psicologia, residência, internamento de agudos, medicação injetável de 4 em 4 semanas. Os jovens que permanecem no Hospital de dia têm direito a tomar a medicação no Hospital.*

*Para as famílias temos a terapia familiar, o grupo famílias, só para famílias com doentes psicóticos, em que os jovens não estão presentes e acontece de 6 em 6 semanas no hospital de dia.*

### 3.7. Perceção do impacto da Unidade para os jovens e famílias em risco na

- a. evolução da doença;
- b. na integração social e familiar dos jovens (fora da Unidade);
- c. na ocupação dos tempos livres.

*R: os jovens além de se sentirem acompanhados, sentem-se protegidos. A minha experiência neste contexto mostra-me que muitos dos jovens que estão no Hospital de Dia não querem abandonar o serviço e tornam-se resistentes em aceitar outra resposta institucional fora do hospitalar. Há jovens que já estão no Hospital de dia há mais de 1 ano. Gostam muito de cá estar e, por vezes, arranjam forma de adiar a alta do hospital de dia precisamente porque gostam de cá estar e claro, muitos deles por medo da mudança a uma nova realidade.*

*O hospital de dia é também importante porque permite que estes jovens ganhem rotinas, aprendam formas de ultrapassar os efeitos da doença e como estabelecer relações com os outros. As atividades ajudam a que eles se conheçam, estimula-os a desenvolver novas aprendizagens e novas formas de se expressarem.*

## 4. Prática do profissional de Serviço Social

### 4.1. Formação e competências necessárias para trabalhar junto dos jovens e das famílias que integram a Unidade.

*R: Tenho a Licenciatura e acredito estar apta para este trabalho. É necessário ter resistência à pressão e ao stress. É preciso ser tolerante e saber trabalhar em equipa.*

### 4.2. Explicação detalhada das funções desempenhadas.

- a. De que abordagem partem quando avaliam/diagnosticam os jovens? Uma abordagem centrada na pessoa que constrói a partir das forças do utilizador dos serviços? Ou uma abordagem centrada nos seus limites, dificuldades, constrangimentos dos jovens? Uma abordagem que assenta numa análise dos problemas e nas forças do sistema familiar dos jovens?

*R: uma abordagem centrada no jovem, na fase da doença em que se encontra, nas suas limitações e nas suas condições sociais. Importa perceber as dificuldades de cada um por forma a trabalhá-las no sentido do sucesso do tratamento e da reintegração.*

- b. Que procedimentos que utilizam para recolha de informação pertinente para o diagnóstico (entrevistas; consulta de processos dos médicos; reuniões de equipa; visitas ao domicílio;

*R: temos os guiões de entrevista, a consulta de processos, reuniões semanais de serviço e as visitas domiciliárias, se existir algum problema mais grave que obrigue à visita. Este trabalho compete, na maior parte dos casos, aos técnicos da segurança social, ou porque os jovens e as suas famílias estão em apartamentos de habitação social, ou porque a família sofre rendimentos provenientes do RSI.*

- c. Que modelos de intervenção ou quadros orientadores de práticas profissionais se socorre para apoiar o trabalho que desenvolve junto dos jovens e das famílias; - articulação com os outros profissionais (quais?)

*R: as intervenções divergem muito de caso para caso. Mas, podemos dizer que o modelo empregue na unidade é o comunitário. Isto é, trabalhar com os jovens, e famílias, para uma futura reintegração na comunidade. Além disso desenvolvo o meu trabalho em articulação (diária) com toda a equipa terapêutica e também com outros profissionais fora da comunidade hospitalar para garantir ações que realmente ajudem os jovens.*

- d. Conceção e implementação de planos de intervenção do serviço social junto de situações de maior gravidade:

- junto dos jovens;

*R: Todas as intervenções têm em atenção as debilidades, mas também as capacidades de cada jovem. Através da análise do seu histórico clínico e das condições de acesso e integração nos diferentes sistemas sociais, tentamos que o jovem desenvolva competências em distintas áreas por forma a garantir a sua reintegração na comunidade. Para que isto seja possível, e de acordo com cada patologia, os jovens que estão no hospital de dia podem frequentar diferentes atividades: psicodrama, relaxamento, educação para a saúde, estimulação cognitiva, culinária, teatro, desporto. É com estas diferentes atividades que pretendemos capacitar os jovens e alargar a sua rede de apoio.*



- junto das famílias

Em que medida é que esta Unidade estrutura intervenções que visam apoiar a família para que a mesma se constitua um suporte social real (quer em termos emocionais, quer em termos materiais, quer em termos normativos, quer em termos culturais) aos jovens com patologia mental?

*R: pelo aconselhamento e proximidade aos familiares torna-se possível ajudá-los neste caminho. Prestamos apoio emocional e social aos familiares, tentamos perceber as suas aflições e dúvidas e ajudá-los a gerir mais facilmente a doença dos seus filhos e tudo o que ela implica. As famílias sabem que, perante qualquer dúvida, podem recorrer ao gabinete de serviço social. O trabalho em articulação com outros profissionais fora do hospital permite um apoio mais efetivo.*

Qual o trabalho realizado junto da família de jovens diagnosticados com doença mental, no sentido de capacitar as famílias de competências para a recuperação/reabilitação de jovens com doença mental?

*R: as famílias têm a seu dispor grupos de terapia familiar, ou grupos psicoeducativos – que pretendem ser uma resposta para ajudar no processo de doença. o grupo famílias, para familiares de jovens com psicose, acontece de 6 em 6 semanas e o principal objetivo é ajudar a família a lidar de forma positiva o processo de doença e os problemas que surgem.*

Em que medida os trabalhadores sociais ajudam as famílias:

- a) a entender melhor os processos associados de doença (fonte de conhecimento da doença);
- b) a lidar com os sintomas da doença (fonte de informação sobre estratégias de intervenção/competências);
- c) estimulam as famílias a implicar-se em ações/grupos/organizações que possam ser uma rede de suporte para si e para os seus filhos?

*R: tudo isto é garantido ao longo das sessões de terapia familiar, que visam acima de tudo permitir a capacitação das famílias no que concerne à doença mental do jovem. A*

*proximidade aos familiares também é um fator que ajuda na intervenção e eles sabem que podem procurar os nossos serviços sempre que precisarem de algum tipo de ajuda.*

- junto da comunidade

De que forma as intervenções privilegiam a necessidade de (re)integração dos jovens em diferentes contextos comunitários como forma de moderar a doença e os seus efeitos e promover o acesso a estruturas sociais socialmente valorizadas?

*R: O modelo de intervenção comunitário, a articulação com outras entidades é um passo na reintegração destes jovens. Através da identificação das necessidades optámos por diferentes formas de atuação. A ideia é que os jovens saiam do contexto hospitalar para a comunidade e integrem os diferentes ambientes: emprego, educação, saúde, habitação, etc.*

#### 4.3. Princípios que orientam o trabalho

*R: os princípios desta unidade vão de encontro aos estabelecidos pelo Centro Hospitalar de São João. Podes ver isso no site do hospital.*

#### 4.4. Problemas éticos no exercício da sua função.

*R: fundamentalmente o maior problema é o processo de rotulagem por parte dos outros profissionais fora do hospital. Quando, por exemplo, tento integrar um jovem numa formação profissional, não faço referência ao facto de ser um jovem com doença mental. Digo, apenas, que é um jovem acompanhado no Hospital e que seria uma mais valia ele ser integrado na formação.*

## B. Family Environment Scale

### FES

(Rudolf H. Moos & Bernice S. Moos, 1986; *Adaptação Portuguesa: P. Mena Matos & A. M. Fontaine, 1992*)

Neste questionário vai encontrar um conjunto de afirmações **sobre a sua família actual**. Leia atentamente cada uma das frases e assinale com uma cruz (X) a resposta que melhor exprime as **suas relações familiares com as pessoas com quem vive actualmente**, tendo em conta as seis alternativas de resposta.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
①	②	③	④	⑤	⑥

1. Na minha família ajudamo-nos uns aos outros.	①	②	③	④	⑤	⑥
2. Habitualmente não contamos o que sentimos uns aos outros.	①	②	③	④	⑤	⑥
3. Na minha família zangamo-nos muitas vezes.	①	②	③	④	⑤	⑥
4. Na minha família não costumamos fazer as coisas por nós próprios.	①	②	③	④	⑤	⑥
5. Nós achamos que é importante sermos os melhores em tudo o que fazemos.	①	②	③	④	⑤	⑥
6. Costumamos conversar sobre questões sociais e políticas.	①	②	③	④	⑤	⑥
7. Passamos a maioria dos fins-de-semana e das noites em casa.	①	②	③	④	⑤	⑥
8. Costumamos ir à missa regularmente.	①	②	③	④	⑤	⑥
9. Na minha família planeamos as coisas com muito cuidado.	①	②	③	④	⑤	⑥
10. As pessoas da minha família raramente são obrigadas a seguir ordens.	①	②	③	④	⑤	⑥
11. Normalmente quando estamos juntos parece que só estamos a passar tempo.	①	②	③	④	⑤	⑥
12. Podemos falar de tudo o que queremos.	①	②	③	④	⑤	⑥
13. As pessoas da minha família mostram poucas vezes que estão zangadas.	①	②	③	④	⑤	⑥
14. Na minha família somos incentivados a ser independentes.	①	②	③	④	⑤	⑥
15. Ter sucesso é muito importante na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
16. Costumamos ir assistir a conferências, peças de teatro ou concertos.	①	②	③	④	⑤	⑥
17. Na minha família costumamos receber amigos e conhecidos em casa.	①	②	③	④	⑤	⑥
18. Na minha família costumamos rezar.	①	②	③	④	⑤	⑥
19. Somos normalmente muito limpos e organizados.	①	②	③	④	⑤	⑥
20. Existem poucas regras que temos que seguir na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
①	②	③	④	⑤	⑥

21. Empenhamo-nos bastante a fazer coisas em casa.	①	②	③	④	⑤	⑥
22. Quando descarregamos os nossos problemas, há sempre alguém que fica preocupado.	①	②	③	④	⑤	⑥
23. As pessoas da minha família às vezes ficam tão nervosas que atiram coisas pelo ar.	①	②	③	④	⑤	⑥
24. Na minha família cada um pensa por si.	①	②	③	④	⑤	⑥
25. Não é muito importante para nós quanto dinheiro cada um consegue ganhar.	①	②	③	④	⑤	⑥
26. Aprender coisas novas e diferentes é muito importante para a minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
27. Na minha família ninguém pratica um desporto regularmente.	①	②	③	④	⑤	⑥
28. Conversamos várias vezes sobre o que significa o Natal, a Páscoa ou outras festas religiosas.	①	②	③	④	⑤	⑥
29. Em minha casa é difícil encontrarmos as coisas quando precisamos delas.	①	②	③	④	⑤	⑥
30. Existe uma pessoa na minha família que decide quase todas as coisas.	①	②	③	④	⑤	⑥
31. Sentimo-nos muito unidos na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
32. Conversamos sobre os nossos problemas pessoais.	①	②	③	④	⑤	⑥
33. Quase nunca as pessoas da minha família perdem a cabeça.	①	②	③	④	⑤	⑥
34. Na minha família não temos horas de entrada e de saída.	①	②	③	④	⑤	⑥
35. Acreditamos que os melhores devem vencer na vida.	①	②	③	④	⑤	⑥
36. Na minha família não costumamos ir visitar museus e exposições.	①	②	③	④	⑤	⑥
37. Vamos com frequência ao cinema, a acontecimentos desportivos, ao campismo, etc.	①	②	③	④	⑤	⑥
38. Acreditamos no céu e no inferno.	①	②	③	④	⑤	⑥
39. Ser pontual é muito importante na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
40. Em minha casa há regras para se fazerem certas coisas.	①	②	③	④	⑤	⑥
41. Normalmente ninguém se oferece para fazer alguma coisa que tem de ser feita em casa.	①	②	③	④	⑤	⑥
42. Se nos apetece fazer qualquer coisa em cima da hora então fazêmo-lo.	①	②	③	④	⑤	⑥
43. As pessoas da minha família criticam-se muitas vezes umas às outras.	①	②	③	④	⑤	⑥
44. Na minha família há pouca privacidade e as pessoas mexem nas coisas uns dos outros.	①	②	③	④	⑤	⑥
45. Procuramos sempre fazer as coisas melhor da próxima vez.	①	②	③	④	⑤	⑥
46. Não costumamos conversar sobre arte e literatura.	①	②	③	④	⑤	⑥
47. Na minha família todos têm um ou dois <i>hobbys</i> .	①	②	③	④	⑤	⑥
48. As pessoas da minha família sabem muito bem o que é certo e o que é errado.	①	②	③	④	⑤	⑥

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
①	②	③	④	⑤	⑥

49. Em minha casa é difícil saber com o que contar porque se muda muitas vezes de opinião.	①	②	③	④	⑤	⑥
50. Obedecer às ordens é muito importante na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
51. Podemos realmente contar uns com os outros na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
52. Há sempre alguém que se aborrece, quando alguém se queixa.	①	②	③	④	⑤	⑥
53. As pessoas da minha família às vezes agriem-se fisicamente.	①	②	③	④	⑤	⑥
54. Quando alguém tem um problema, geralmente resolve-o sozinho.	①	②	③	④	⑤	⑥
55. Na minha família não nos preocupamos em subir no trabalho e em ter boas notas na escola.	①	②	③	④	⑤	⑥
56. Existe pelo menos uma pessoa na minha família que toca um instrumento musical.	①	②	③	④	⑤	⑥
57. As pessoas da minha família não estão envolvidas em actividades recreativas fora da escola ou do trabalho.	①	②	③	④	⑤	⑥
47. Na minha família todos têm um ou dois <i>hobbys</i> .	①	②	③	④	⑤	⑥
48. As pessoas da minha família sabem muito bem o que é certo e o que é errado.	①	②	③	④	⑤	⑥
49. Em minha casa é difícil saber com o que contar porque se muda muitas vezes de opinião.	①	②	③	④	⑤	⑥
50. Obedecer às ordens é muito importante na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
51. Podemos realmente contar uns com os outros na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
52. Há sempre alguém que se aborrece, quando alguém se queixa.	①	②	③	④	⑤	⑥
53. As pessoas da minha família às vezes agriem-se fisicamente.	①	②	③	④	⑤	⑥
54. Quando alguém tem um problema, geralmente resolve-o sozinho.	①	②	③	④	⑤	⑥
55. Na minha família não nos preocupamos em subir no trabalho e em ter boas notas na escola.	①	②	③	④	⑤	⑥
56. Existe pelo menos uma pessoa na minha família que toca um instrumento musical.	①	②	③	④	⑤	⑥
57. As pessoas da minha família não estão envolvidas em actividades recreativas fora da escola ou do trabalho.	①	②	③	④	⑤	⑥
58. Na minha família acreditamos que existem acontecimentos que só têm a ver com a fé.	①	②	③	④	⑤	⑥
59. As pessoas da minha família procuram manter os seus quartos arrumados.	①	②	③	④	⑤	⑥
60. Cada um de nós tem uma palavra a dizer nas decisões familiares.	①	②	③	④	⑤	⑥
61. Na minha família sentimo-nos pouco unidos.	①	②	③	④	⑤	⑥
62. As questões de dinheiro e de pagamento de contas são faladas abertamente.	①	②	③	④	⑤	⑥

<b>Discordo totalmente</b>	<b>Discordo</b>	<b>Discordo moderadamente</b>	<b>Concordo moderadamente</b>	<b>Concordo</b>	<b>Concordo totalmente</b>
①	②	③	④	⑤	⑥

63. Se existe alguma zanga na minha família tentamos esconder o problema e manter a paz.	①	②	③	④	⑤	⑥
64. Em minha casa achamos que cada um deve defender os seus direitos.	①	②	③	④	⑤	⑥
65. Na minha família não nos preocupamos assim tanto em subir na vida.	①	②	③	④	⑤	⑥
66. As pessoas da minha família costumam ler muito.	①	②	③	④	⑤	⑥
67. As pessoas da minha família gostam de aprender coisas nos tempos livres.	①	②	③	④	⑤	⑥
68. Na minha família cada um tem ideias diferentes sobre o que é certo e errado.	①	②	③	④	⑤	⑥
69. Em minha casa todos sabem o que cada um tem que fazer.	①	②	③	④	⑤	⑥
70. Na minha família podemos fazer o que nos der na cabeça.	①	②	③	④	⑤	⑥
71. Nós damos-nos mesmo bem uns com os outros.	①	②	③	④	⑤	⑥
72. Geralmente temos cuidado com o que dizemos uns aos outros.	①	②	③	④	⑤	⑥
73. Na minha família cada um quer ser melhor que o outro.	①	②	③	④	⑤	⑥
74. Na minha família é difícil sermos nós próprios sem que alguém fique triste ou magoado.	①	②	③	④	⑤	⑥
75. "Primeiro o trabalho, depois a diversão" é o que se diz na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
76. Em minha casa vemos mais televisão do que lemos.	①	②	③	④	⑤	⑥
77. As pessoas da minha família costumam sair e passear.	①	②	③	④	⑤	⑥
78. A Bíblia é um livro muito importante para a minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
79. Na minha casa não temos muito cuidado com o modo como gastamos o dinheiro.	①	②	③	④	⑤	⑥
80. Na minha casa as ordens são para se cumprir.	①	②	③	④	⑤	⑥
81. Temos muito tempo e atenção uns para os outros.	①	②	③	④	⑤	⑥
81. Na minha família começamos muitas vezes a conversar sobre várias coisas.	①	②	③	④	⑤	⑥
83. Na minha família achamos que não serve de nada estar a gritar.	①	②	③	④	⑤	⑥
84. Na minha família não é bem visto dizermos aquilo que pensamos.	①	②	③	④	⑤	⑥
85. As pessoas da minha família são muitas vezes comparadas com os colegas da escola e do trabalho.	①	②	③	④	⑤	⑥
86. Em minha casa gostamos muito de música, arte e literatura.	①	②	③	④	⑤	⑥
87. A principal maneira de passarmos o tempo é a ver televisão ou a ouvir rádio.	①	②	③	④	⑤	⑥
88. Acreditamos que se pecarmos seremos castigados.	①	②	③	④	⑤	⑥
89. Geralmente arruma-se a cozinha logo a seguir às refeições.	①	②	③	④	⑤	⑥
90. As asneiras não passam despercebidas na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥

### C. Inventário de Percepção de Suporte Familiar

*Neste questionário é apresentada uma série de 43 afirmações sobre a sua compreensão a respeito da percepção sobre o suporte familiar que sente que recebe. É necessário que responda a todas as questões assinalando com um X a alternativa que melhor se aplica e, se por acaso, nenhuma das opções estiverem de acordo com a sua resposta, por favor, escolha aquela que mais se aproxime da resposta real.*

*Os membros da minha família expressam claramente pensamentos e emoções uns com os outros.*

Nº	AFIRMAÇÕES	QUASE NUNCA OU NUNCA	AS VEZES	QUASE SEMPRE OU SEMPRE
01	Acredito que a minha família tenha mais problemas emocionais do que as outras famílias.			
02	As pessoas na minha família seguem as regras estabelecidas entre eles.			
03	Há regras sobre diversas situações na minha família.			
04	As pessoas da minha família elogiam-me.			
05	Cada elemento da minha família tem deveres e responsabilidades específicas.			
06	Os meus familiares só mostram interesse uns pelos outros quando podem ter vantagens.			
07	Sinto raiva da minha família.			
08	Na minha família brigamos e gritamos uns com os outros.			
09	Os membros da minha família expressam claramente pensamentos e emoções uns com os outros.			
10	A minha família permite que me vista da maneira que eu quiser.			
11	A minha família discute os medos e as preocupações que sentem.			
12	A minha família faz-me sentir que posso cuidar de mim, mesmo quando estou sozinho(a).			

13	Sinto-me como um estranho na minha família.			
14	Os meus familiares deixam-me sair o tanto quanto quero.			
15	As pessoas da minha família gostam de passar o tempo juntas.			
16	Os meus familiares geralmente culpam alguém da família quando as coisas não estão correm bem.			
17	A minha família discute em conjunto antes de tomar uma decisão importante.			
18	Na minha família existe privacidade.			
19	A minha família permite que eu seja o que eu quero ser.			
20	Há ódio na minha família.			
21	Sinto que a minha família não me compreende.			
22	Na solução de problemas, a opinião de todos na família é tida em consideração.			
23	As pessoas da minha família sabem quando alguma coisa má aconteceu comigo, mesmo sem eu dizer.			
24	Os membros de minha família trocam gestos de carinho.			
25	A minha família proporciona-me conforto emocional.			
26	A minha família faz-me sentir melhor quando eu estou aborrecido(a).			
27	Viver com a minha família é desagradável.			
28	Na minha família opinámos o que é certo/errado para o bem-estar de cada um.			
29	Na minha família as tarefas são distribuídas justa e adequadamente.			
30	Na minha família há coerência entre as palavras e os comportamentos.			
31	A minha família sabe o que fazer quando surge uma emergência.			
32	Na minha família há competitividade entre os membros.			
33	Sinto vergonha da minha família.			
34	Na minha família é permitido que eu faça as coisas que eu gosto de fazer.			



35	Na minha família demonstramos carinho através das palavras.			
36	A minha família irrita-me.			
37	Os membros da minha família expressam interesse e carinho uns pelos outros.			
38	A minha família dá-me tanta liberdade quanto eu quero.			
39	Sinto-me excluído da minha família.			
40	Os meus familiares permitem-me decidir coisas sobre mim.			
41	Os meus familiares são bons modelos na minha vida.			
42	As pessoas da minha família sentem-se próximas umas das outras.			

## D. Resultados da análise estatística

### 1. Correlação entre os itens das subdimensões da *FES-Jovens*

*Anexo 1. Correlação entre itens subdimensão Coesão - jovens*

			FES_1_1_1	FES_11_1_1	FES_21_1_1	FES_31_1_1	FES_41_1_1
Spearman's rho jovens	FES_1_1_1	Correlation Coefficient	1,000	0,482	,824**	,608*	0,421
		Sig. (2-tailed)		0,081	0,000	0,021	0,133
		N	14	14	14	14	14
	FES_11_1_1	Correlation Coefficient	0,482	1,000	0,235	0,456	,578*
		Sig. (2-tailed)	0,081		0,419	0,102	0,030
		N	14	14	14	14	14
	FES_21_1_1	Correlation Coefficient	,824**	0,235	1,000	,664**	0,226
		Sig. (2-tailed)	0,000	0,419		0,010	0,437
		N	14	14	14	14	14
	FES_31_1_1	Correlation Coefficient	,608*	0,456	,664**	1,000	0,284
		Sig. (2-tailed)	0,021	0,102	0,010		0,326
		N	14	14	14	14	14
	FES_41_1_1	Correlation Coefficient	0,421	,578*	0,226	0,284	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,133	0,030	0,437	0,326	

		N	14	14	14	14	14
	FES_51_1_1	Correlation Coefficient	,830**	,591*	,816**	,840**	0,373
		Sig. (2-tailed)	0,000	0,026	0,000	0,000	0,189
		N	14	14	14	14	14
	FES_61_1_1	Correlation Coefficient	0,352	0,340	0,339	0,414	0,038
		Sig. (2-tailed)	0,218	0,234	0,236	0,141	0,896
		N	14	14	14	14	14
	FES_71_1_1	Correlation Coefficient	,577*	0,497	0,350	0,337	0,333
		Sig. (2-tailed)	0,031	0,070	0,219	0,239	0,244
		N	14	14	14	14	14
	FES_81_1_1	Correlation Coefficient	0,251	0,198	,549*	0,431	-0,063
		Sig. (2-tailed)	0,388	0,498	0,042	0,124	0,829
		N	14	14	14	14	14

*Continuação Anexo 1*

			FES_51_1_1	FES_61_1_1	FES_71_1_1	FES_81_1_1
Spearman's rho jovens	FES_1_1_1	Correlation Coefficient	,830**	0,352	,577*	0,251
		Sig. (2-tailed)	0,000	0,218	0,031	0,388
		N	14	14	14	14
	FES_11_1_1	Correlation Coefficient	,591*	0,340	0,497	0,198
		Sig. (2-tailed)	0,026	0,234	0,070	0,498

		N	14	14	14	14
	FES_21_1_1	Correlation Coefficient	,816**	0,339	0,350	,549*
		Sig. (2-tailed)	0,000	0,236	0,219	0,042
		N	14	14	14	14
	FES_31_1_1	Correlation Coefficient	,840**	0,414	0,337	0,431
		Sig. (2-tailed)	0,000	0,141	0,239	0,124
		N	14	14	14	14
	FES_41_1_1	Correlation Coefficient	0,373	0,038	0,333	-0,063
		Sig. (2-tailed)	0,189	0,896	0,244	0,829
		N	14	14	14	14
	FES_51_1_1	Correlation Coefficient	1,000	0,532	0,464	0,513
		Sig. (2-tailed)		0,050	0,095	0,060
		N	14	14	14	14
	FES_61_1_1	Correlation Coefficient	0,532	1,000	0,108	0,143
		Sig. (2-tailed)	0,050		0,713	0,625
		N	14	14	14	14
	FES_71_1_1	Correlation Coefficient	0,464	0,108	1,000	0,199
		Sig. (2-tailed)	0,095	0,713		0,494
		N	14	14	14	14
	FES_81_1_1	Correlation Coefficient	0,513	0,143	0,199	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,060	0,625	0,494	

		N	14	14	14	14
*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).						
**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).						

*Anexo 2. Correlação entre itens subdimensão Expressividade - jovens*

			FES_2_1_2	FES_12_1_2	FES_22_1_2	FES_32_1_2	FES_42_1_2
Spearman's rho jovens	FES_2_1_2	Correlation Coefficient	1,000	-0,101	0,207	0,398	0,206
		Sig. (2-tailed)		0,732	0,479	0,159	0,481
		N	14	14	14	14	14
	FES_12_1_2	Correlation Coefficient	-0,101	1,000	0,406	0,518	,550*
		Sig. (2-tailed)	0,732		0,150	0,058	0,042
		N	14	14	14	14	14
	FES_22_1_2	Correlation Coefficient	0,207	0,406	1,000	,720**	,870**
		Sig. (2-tailed)	0,479	0,150		0,004	0,000
		N	14	14	14	14	14
	FES_32_1_2	Correlation Coefficient	0,398	0,518	,720**	1,000	,779**
		Sig. (2-tailed)	0,159	0,058	0,004		0,001
		N	14	14	14	14	14
	FES_42_1_2	Correlation Coefficient	0,206	,550*	,870**	,779**	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,481	0,042	0,000	0,001	
		N	14	14	14	14	14

	FES_52_1_2	Correlation Coefficient	0,274	-,665**	-0,415	-0,349	-0,483
		Sig. (2-tailed)	0,344	0,009	0,141	0,222	0,080
		N	14	14	14	14	14
	FES_62_1_2	Correlation Coefficient	-0,048	0,116	0,128	0,363	0,390
		Sig. (2-tailed)	0,871	0,694	0,663	0,203	0,168
		N	14	14	14	14	14
	FES_72_1_2	Correlation Coefficient	-0,305	0,131	-0,314	-0,075	-0,285
		Sig. (2-tailed)	0,290	0,654	0,274	0,799	0,323
		N	14	14	14	14	14
	FES_82_1_2	Correlation Coefficient	0,383	0,248	0,475	,631*	,648*
		Sig. (2-tailed)	0,177	0,393	0,086	0,016	0,012
		N	14	14	14	14	14

*Continuação Anexo 2*

				FES_52_1_2	FES_62_1_2	FES_72_1_2	FES_82_1_2
Spearman's rho jovens	FES_2_1_2	Correlation Coefficient	0,274	-0,048	-0,305	0,383	
		Sig. (2-tailed)	0,344	0,871	0,290	0,177	
		N	14	14	14	14	
	FES_12_1_2	Correlation Coefficient	-,665**	0,116	0,131	0,248	
		Sig. (2-tailed)	0,009	0,694	0,654	0,393	
		N	14	14	14	14	
	FES_22_1_2	Correlation Coefficient	-0,415	0,128	-0,314	0,475	

		Sig. (2-tailed)	0,141	0,663	0,274	0,086
		N	14	14	14	14
	FES_32_1_2	Correlation Coefficient	-0,349	0,363	-0,075	,631*
		Sig. (2-tailed)	0,222	0,203	0,799	0,016
		N	14	14	14	14
	FES_42_1_2	Correlation Coefficient	-0,483	0,390	-0,285	,648*
		Sig. (2-tailed)	0,080	0,168	0,323	0,012
		N	14	14	14	14
	FES_52_1_2	Correlation Coefficient	1,000	0,150	0,021	-0,403
		Sig. (2-tailed)		0,609	0,943	0,153
		N	14	14	14	14
	FES_62_1_2	Correlation Coefficient	0,150	1,000	0,293	0,253
		Sig. (2-tailed)	0,609		0,309	0,382
		N	14	14	14	14
	FES_72_1_2	Correlation Coefficient	0,021	0,293	1,000	-0,186
		Sig. (2-tailed)	0,943	0,309		0,525
		N	14	14	14	14
	FES_82_1_2	Correlation Coefficient	-0,403	0,253	-0,186	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,153	0,382	0,525	
		N	14	14	14	14

\*, Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

*Anexo 3. Correlação entre itens subdimensão Conflito - jovens*

			FES_3_1_3	FES_13_1_3	FES_23_1_3	FES_33_1_3	FES_43_1_3	FES_53_1_3
Spearman's rho	FES_3_1_3	Correlation Coefficient	1,000	-0,505	0,351	0,216	0,479	,859**
		Sig. (2-tailed)		0,065	0,218	0,459	0,083	0,000
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_13_1_3	Correlation Coefficient	-0,505	1,000	-0,484	-0,364	-0,289	-,699**
		Sig. (2-tailed)	0,065		0,079	0,200	0,317	0,005
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_23_1_3	Correlation Coefficient	0,351	-0,484	1,000	0,456	0,496	0,349
		Sig. (2-tailed)	0,218	0,079		0,102	0,071	0,222
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_33_1_3	Correlation Coefficient	0,216	-0,364	0,456	1,000	0,440	0,241
		Sig. (2-tailed)	0,459	0,200	0,102		0,115	0,406
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_43_1_3	Correlation Coefficient	0,479	-0,289	0,496	0,440	1,000	0,465
		Sig. (2-tailed)	0,083	0,317	0,071	0,115		0,094
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_53_1_3	Correlation Coefficient	,859**	-,699**	0,349	0,241	0,465	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,000	0,005	0,222	0,406	0,094	
		N	14	14	14	14	14	14



	FES_63_1_3	Correlation Coefficient	-0,227	0,371	-0,387	-,636*	-0,335	-0,111
		Sig. (2-tailed)	0,435	0,192	0,172	0,014	0,242	0,705
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_73_1_3	Correlation Coefficient	-0,022	0,315	-0,074	-0,358	-0,022	-0,089
		Sig. (2-tailed)	0,939	0,272	0,801	0,209	0,942	0,763
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_83_1_3	Correlation Coefficient	0,475	-,561*	0,076	0,494	0,099	0,525
		Sig. (2-tailed)	0,086	0,037	0,795	0,072	0,737	0,054
		N	14	14	14	14	14	14

*Continuação Anexo 3*

			FES_63_1_3	FES_73_1_3	FES_83_1_3
Spearman's rho	FES_3_1_3	Correlation Coefficient	-0,227	-0,022	0,475
		Sig. (2-tailed)	0,435	0,939	0,086
		N	14	14	14
	FES_13_1_3	Correlation Coefficient	0,371	0,315	-,561*
		Sig. (2-tailed)	0,192	0,272	0,037
		N	14	14	14
	FES_23_1_3	Correlation Coefficient	-0,387	-0,074	0,076
		Sig. (2-tailed)	0,172	0,801	0,795
		N	14	14	14
	FES_33_1_3	Correlation Coefficient	-,636*	-0,358	0,494

		Sig. (2-tailed)	0,014	0,209	0,072
		N	14	14	14
	FES_43_1_3	Correlation Coefficient	-0,335	-0,022	0,099
		Sig. (2-tailed)	0,242	0,942	0,737
		N	14	14	14
	FES_53_1_3	Correlation Coefficient	-0,111	-0,089	0,525
		Sig. (2-tailed)	0,705	0,763	0,054
		N	14	14	14
	FES_63_1_3	Correlation Coefficient	1,000	0,371	-,573*
		Sig. (2-tailed)		0,191	0,032
		N	14	14	14
	FES_73_1_3	Correlation Coefficient	0,371	1,000	-0,226
		Sig. (2-tailed)	0,191		0,436
		N	14	14	14
	FES_83_1_3	Correlation Coefficient	-,573*	-0,226	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,032	0,436	
		N	14	14	14
*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed)					
**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).					

Anexo 4. Correlação entre itens subdimensão Independência - jovens

			FES_4_2_1	FES_14_2_1	FES_24_2_1	FES_34_2_1	FES_44_2_1	FES_54_2_1
Spearman's rho jovens	FES_4_2_1	Correlation Coefficient	1,000	0,470	-0,060	-0,211	-0,113	0,228
		Sig. (2-tailed)		0,090	0,838	0,469	0,699	0,434
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_14_2_1	Correlation Coefficient	0,470	1,000	0,075	-0,152	-0,094	0,273
		Sig. (2-tailed)	0,090		0,798	0,604	0,750	0,346
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_24_2_1	Correlation Coefficient	-0,060	0,075	1,000	-0,363	,619*	0,442
		Sig. (2-tailed)	0,838	0,798		0,202	0,018	0,114
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_34_2_1	Correlation Coefficient	-0,211	-0,152	-0,363	1,000	0,200	-,933**
		Sig. (2-tailed)	0,469	0,604	0,202		0,492	0,000
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_44_2_1	Correlation Coefficient	-0,113	-0,094	,619*	0,200	1,000	-0,066
		Sig. (2-tailed)	0,699	0,750	0,018	0,492		0,821
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_54_2_1	Correlation Coefficient	0,228	0,273	0,442	-,933**	-0,066	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,434	0,346	0,114	0,000	0,821	
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_64_2_1	Correlation Coefficient	0,483	,728**	0,231	-0,125	-0,129	0,238

		Sig. (2-tailed)	0,080	0,003	0,427	0,670	0,660	0,412
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_74_2_1	Correlation Coefficient	0,484	0,240	0,455	-0,064	0,402	0,135
		Sig. (2-tailed)	0,079	0,410	0,102	0,828	0,155	0,644
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_84_2_1	Correlation Coefficient	-0,214	-0,196	-0,414	0,493	-0,235	-,633*
		Sig. (2-tailed)	0,463	0,502	0,141	0,073	0,420	0,015
		N	14	14	14	14	14	14

*Continuação Anexo 4*

				FES_64_2_1	FES_74_2_1	FES_84_2_1
Spearman's rho jovens	FES_4_2_1	Correlation Coefficient		0,483	0,484	-0,214
		Sig. (2-tailed)		0,080	0,079	0,463
		N		14	14	14
	FES_14_2_1	Correlation Coefficient		,728**	0,240	-0,196
		Sig. (2-tailed)		0,003	0,410	0,502
		N		14	14	14
	FES_24_2_1	Correlation Coefficient		0,231	0,455	-0,414
		Sig. (2-tailed)		0,427	0,102	0,141
		N		14	14	14
	FES_34_2_1	Correlation Coefficient		-0,125	-0,064	0,493
		Sig. (2-tailed)		0,670	0,828	0,073

		N	14	14	14
	FES_44_2_1	Correlation Coefficient	-0,129	0,402	-0,235
		Sig. (2-tailed)	0,660	0,155	0,420
		N	14	14	14
	FES_54_2_1	Correlation Coefficient	0,238	0,135	-,633*
		Sig. (2-tailed)	0,412	0,644	0,015
		N	14	14	14
	FES_64_2_1	Correlation Coefficient	1,000	0,329	-0,313
		Sig. (2-tailed)		0,251	0,276
		N	14	14	14
	FES_74_2_1	Correlation Coefficient	0,329	1,000	-0,035
		Sig. (2-tailed)	0,251		0,907
		N	14	14	14
	FES_84_2_1	Correlation Coefficient	-0,313	-0,035	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,276	0,907	
		N	14	14	14
**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).					
*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).					

Anexo 5. Correlação entre itens subdimensão Orientação para o sucesso - jovens

			FES_5_2_2	FES_15_2_2	FES_25_2_2	FES_35_2_2	FES_45_2_2	FES_55_2_2
Spearman's rho	FES_5_2_2	Correlation Coefficient	1,000	,559*	-0,098	0,019	,534*	0,348
		Sig. (2-tailed)		0,038	0,738	0,949	0,049	0,223
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_15_2_2	Correlation Coefficient	,559*	1,000	0,074	0,318	0,514	0,272
		Sig. (2-tailed)	0,038		0,801	0,267	0,060	0,346
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_25_2_2	Correlation Coefficient	-0,098	0,074	1,000	-0,029	-0,297	0,074
		Sig. (2-tailed)	0,738	0,801		0,920	0,303	0,801
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_35_2_2	Correlation Coefficient	0,019	0,318	-0,029	1,000	0,289	0,248
		Sig. (2-tailed)	0,949	0,267	0,920		0,316	0,392
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_45_2_2	Correlation Coefficient	,534*	0,514	-0,297	0,289	1,000	,671**
		Sig. (2-tailed)	0,049	0,060	0,303	0,316		0,009
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_55_2_2	Correlation Coefficient	0,348	0,272	0,074	0,248	,671**	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,223	0,346	0,801	0,392	0,009	
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_65_2_2	Correlation Coefficient	0,201	0,065	-0,167	0,243	0,508	,752**

		Sig. (2-tailed)	0,491	0,824	0,569	0,402	0,064	0,002
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_75_2_2	Correlation Coefficient	-0,276	0,178	0,320	0,454	0,005	-0,143
		Sig. (2-tailed)	0,339	0,542	0,264	0,103	0,986	0,626
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_85_2_2	Correlation Coefficient	-0,120	-0,437	0,194	-0,321	-0,388	-0,277
		Sig. (2-tailed)	0,683	0,118	0,506	0,263	0,170	0,338
		N	14	14	14	14	14	14

*Continuação Anexo 5*

			FES_65_2_2	FES_75_2_2	FES_85_2_2
Spearman's rho	FES_5_2_2	Correlation Coefficient	0,201	-0,276	-0,120
		Sig. (2-tailed)	0,491	0,339	0,683
		N	14	14	14
	FES_15_2_2	Correlation Coefficient	0,065	0,178	-0,437
		Sig. (2-tailed)	0,824	0,542	0,118
		N	14	14	14
	FES_25_2_2	Correlation Coefficient	-0,167	0,320	0,194
		Sig. (2-tailed)	0,569	0,264	0,506
		N	14	14	14
	FES_35_2_2	Correlation Coefficient	0,243	0,454	-0,321
		Sig. (2-tailed)	0,402	0,103	0,263

		N	14	14	14
	FES_45_2_2	Correlation Coefficient	0,508	0,005	-0,388
		Sig. (2-tailed)	0,064	0,986	0,170
		N	14	14	14
	FES_55_2_2	Correlation Coefficient	,752**	-0,143	-0,277
		Sig. (2-tailed)	0,002	0,626	0,338
		N	14	14	14
	FES_65_2_2	Correlation Coefficient	1,000	-0,364	-0,302
		Sig. (2-tailed)		0,201	0,294
		N	14	14	14
	FES_75_2_2	Correlation Coefficient	-0,364	1,000	-0,276
		Sig. (2-tailed)	0,201		0,339
		N	14	14	14
	FES_85_2_2	Correlation Coefficient	-0,302	-0,276	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,294	0,339	
N		14	14	14	
*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).					
**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).					



Anexo 6. Correlação entre itens subdimensão Orientação Intelectual-Cultural – jovens

			FES_6_2_3	FES_16_2_3	FES_26_2_3	FES_36_2_3	FES_46_2_3
Spearman's rho	FES_6_2_3	Correlation Coefficient	1,000	,597*	0,393	-0,242	0,281
		Sig. (2-tailed)		0,024	0,165	0,405	0,331
		N	14	14	14	14	14
	FES_16_2_3	Correlation Coefficient	,597*	1,000	,657*	-0,092	0,183
		Sig. (2-tailed)	0,024		0,011	0,754	0,531
		N	14	14	14	14	14
	FES_26_2_3	Correlation Coefficient	0,393	,657*	1,000	-0,320	0,210
		Sig. (2-tailed)	0,165	0,011		0,265	0,471
		N	14	14	14	14	14
	FES_36_2_3	Correlation Coefficient	-0,242	-0,092	-0,320	1,000	-0,072
		Sig. (2-tailed)	0,405	0,754	0,265		0,808
		N	14	14	14	14	14
	FES_46_2_3	Correlation Coefficient	0,281	0,183	0,210	-0,072	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,331	0,531	0,471	0,808	
		N	14	14	14	14	14
	FES_56_2_3	Correlation Coefficient	0,443	,548*	0,282	0,244	0,143
		Sig. (2-tailed)	0,113	0,042	0,328	0,401	0,625
		N	14	14	14	14	14
	FES_66_2_3	Correlation Coefficient	,764**	,687**	,714**	-0,233	0,510

		Sig. (2-tailed)	0,001	0,007	0,004	0,422	0,063
		N	14	14	14	14	14
	FES_76_2_3	Correlation Coefficient	-0,286	-0,313	-,642*	0,311	0,163
		Sig. (2-tailed)	0,322	0,275	0,013	0,279	0,578
		N	14	14	14	14	14
	FES_86_2_3	Correlation Coefficient	0,137	0,485	0,435	-0,341	0,084
		Sig. (2-tailed)	0,640	0,078	0,121	0,233	0,776
		N	14	14	14	14	14

*Continuação Anexo 6*

			FES_56_2_3	FES_66_2_3	FES_76_2_3	FES_86_2_3
Spearman's rho	FES_6_2_3	Correlation Coefficient	0,443	,764**	-0,286	0,137
		Sig. (2-tailed)	0,113	0,001	0,322	0,640
		N	14	14	14	14
	FES_16_2_3	Correlation Coefficient	,548*	,687**	-0,313	0,485
		Sig. (2-tailed)	0,042	0,007	0,275	0,078
		N	14	14	14	14
	FES_26_2_3	Correlation Coefficient	0,282	,714**	-,642*	0,435
		Sig. (2-tailed)	0,328	0,004	0,013	0,121
		N	14	14	14	14
	FES_36_2_3	Correlation Coefficient	0,244	-0,233	0,311	-0,341

		Sig. (2-tailed)	0,401	0,422	0,279	0,233
		N	14	14	14	14
	FES_46_2_3	Correlation Coefficient	0,143	0,510	0,163	0,084
		Sig. (2-tailed)	0,625	0,063	0,578	0,776
		N	14	14	14	14
	FES_56_2_3	Correlation Coefficient	1,000	0,502	-0,125	0,426
		Sig. (2-tailed)		0,067	0,669	0,128
		N	14	14	14	14
	FES_66_2_3	Correlation Coefficient	0,502	1,000	-0,477	0,357
		Sig. (2-tailed)	0,067		0,084	0,210
		N	14	14	14	14
	FES_76_2_3	Correlation Coefficient	-0,125	-0,477	1,000	-0,292
		Sig. (2-tailed)	0,669	0,084		0,312
		N	14	14	14	14
	FES_86_2_3	Correlation Coefficient	0,426	0,357	-0,292	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,128	0,210	0,312	
		N	14	14	14	14

Anexo 7. Correlação entre itens subdimensão Orientação para as atividades recreativas - jovens

			FES_7_2_4	FES_17_2_4	FES_27_2_4	FES_37_2_4	FES_47_2_4
Spearman's rho	FES_7_2_4	Correlation Coefficient	1,000	0,088	0,219	0,122	0,522
		Sig. (2-tailed)		0,766	0,453	0,677	0,056
		N	14	14	14	14	14
	FES_17_2_4	Correlation Coefficient	0,088	1,000	-0,207	,626*	0,273
		Sig. (2-tailed)	0,766		0,477	0,017	0,345
		N	14	14	14	14	14
	FES_27_2_4	Correlation Coefficient	0,219	-0,207	1,000	-0,065	-0,147
		Sig. (2-tailed)	0,453	0,477		0,824	0,616
		N	14	14	14	14	14
	FES_37_2_4	Correlation Coefficient	0,122	,626*	-0,065	1,000	,631*
		Sig. (2-tailed)	0,677	0,017	0,824		0,016
		N	14	14	14	14	14
	FES_47_2_4	Correlation Coefficient	0,522	0,273	-0,147	,631*	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,056	0,345	0,616	0,016	
		N	14	14	14	14	14
	FES_57_2_4	Correlation Coefficient	-0,131	0,277	0,090	-0,214	-0,333
		Sig. (2-tailed)	0,655	0,337	0,760	0,462	0,245
		N	14	14	14	14	14
	FES_67_2_4	Correlation Coefficient	0,447	0,253	0,004	,718**	,641*

		Sig. (2-tailed)	0,109	0,383	0,990	0,004	0,014
		N	14	14	14	14	14
	FES_77_2_4	Correlation Coefficient	-0,087	0,482	-0,122	,819**	0,334
		Sig. (2-tailed)	0,766	0,081	0,677	0,000	0,243
		N	14	14	14	14	14
	FES_87_2_4	Correlation Coefficient	0,308	0,202	-0,338	-0,233	-0,085
		Sig. (2-tailed)	0,283	0,488	0,237	0,422	0,773
		N	14	14	14	14	14

*Continuação Anexo 7*

			FES_57_2_4	FES_67_2_4	FES_77_2_4	FES_87_2_4
Spearman's rho	FES_7_2_4	Correlation Coefficient	-0,131	0,447	-0,087	0,308
		Sig. (2-tailed)	0,655	0,109	0,766	0,283
		N	14	14	14	14
	FES_17_2_4	Correlation Coefficient	0,277	0,253	0,482	0,202
		Sig. (2-tailed)	0,337	0,383	0,081	0,488
		N	14	14	14	14
	FES_27_2_4	Correlation Coefficient	0,090	0,004	-0,122	-0,338
		Sig. (2-tailed)	0,760	0,990	0,677	0,237
		N	14	14	14	14
	FES_37_2_4	Correlation Coefficient	-0,214	,718**	,819**	-0,233
		Sig. (2-tailed)	0,462	0,004	0,000	0,422

		N	14	14	14	14
	FES_47_2_4	Correlation Coefficient	-0,333	,641*	0,334	-0,085
		Sig. (2-tailed)	0,245	0,014	0,243	0,773
		N	14	14	14	14
	FES_57_2_4	Correlation Coefficient	1,000	-,563*	-0,163	0,079
		Sig. (2-tailed)		0,036	0,577	0,788
		N	14	14	14	14
	FES_67_2_4	Correlation Coefficient	-,563*	1,000	,561*	-0,114
		Sig. (2-tailed)	0,036		0,037	0,698
		N	14	14	14	14
	FES_77_2_4	Correlation Coefficient	-0,163	,561*	1,000	-0,030
		Sig. (2-tailed)	0,577	0,037		0,918
		N	14	14	14	14
	FES_87_2_4	Correlation Coefficient	0,079	-0,114	-0,030	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,788	0,698	0,918	
N		14	14	14	14	

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

\*\*\_. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Anexo 8. Correlação entre itens subdimensão Orientação moral e religiosa - jovens

			FES_8_2_5	FES_18_2_5	FES_28_2_5	FES_38_2_5	FES_48_2_5	FES_58_2_5
Spearman's rho	FES_8_2_5	Correlation Coefficient	1,000	,835**	0,515	0,359	,680**	0,470
		Sig. (2-tailed)		0,000	0,059	0,208	0,008	0,090
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_18_2_5	Correlation Coefficient	,835**	1,000	0,432	,605*	,695**	,619*
		Sig. (2-tailed)	0,000		0,123	0,022	0,006	0,018
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_28_2_5	Correlation Coefficient	0,515	0,432	1,000	0,335	0,245	-0,045
		Sig. (2-tailed)	0,059	0,123		0,241	0,399	0,878
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_38_2_5	Correlation Coefficient	0,359	,605*	0,335	1,000	0,288	0,393
		Sig. (2-tailed)	0,208	0,022	0,241		0,318	0,165
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_48_2_5	Correlation Coefficient	,680**	,695**	0,245	0,288	1,000	,547*
		Sig. (2-tailed)	0,008	0,006	0,399	0,318		0,043
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_58_2_5	Correlation Coefficient	0,470	,619*	-0,045	0,393	,547*	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,090	0,018	0,878	0,165	0,043	
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_68_2_5	Correlation Coefficient	-0,128	-0,382	-0,120	-0,454	-0,345	-,536*

		Sig. (2-tailed)	0,663	0,178	0,684	0,103	0,227	0,048
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_78_2_5	Correlation Coefficient	,704**	,633*	0,469	,549*	,611*	0,494
		Sig. (2-tailed)	0,005	0,015	0,091	0,042	0,020	0,072
		N	14	14	14	14	14	14
	FES_88_2_5	Correlation Coefficient	0,422	0,519	0,246	0,524	0,388	,576*
		Sig. (2-tailed)	0,133	0,057	0,397	0,054	0,171	0,031
		N	14	14	14	14	14	14

*Continuação Anexo 8*

Continuação Anexo nº X			FES_68_2_5	FES_78_2_5	FES_88_2_5
Spearman's rho	FES_8_2_5	Correlation Coefficient	-0,128	,704**	0,422
		Sig. (2-tailed)	0,663	0,005	0,133
		N	14	14	14
	FES_18_2_5	Correlation Coefficient	-0,382	,633*	0,519
		Sig. (2-tailed)	0,178	0,015	0,057
		N	14	14	14
	FES_28_2_5	Correlation Coefficient	-0,120	0,469	0,246
		Sig. (2-tailed)	0,684	0,091	0,397
		N	14	14	14
	FES_38_2_5	Correlation Coefficient	-0,454	,549*	0,524
		Sig. (2-tailed)	0,103	0,042	0,054



		N	14	14	14
	FES_48_2_5	Correlation Coefficient	-0,345	,611*	0,388
		Sig. (2-tailed)	0,227	0,020	0,171
		N	14	14	14
	FES_58_2_5	Correlation Coefficient	-,536*	0,494	,576*
		Sig. (2-tailed)	0,048	0,072	0,031
		N	14	14	14
	FES_68_2_5	Correlation Coefficient	1,000	-0,438	-,847**
		Sig. (2-tailed)		0,118	0,000
		N	14	14	14
	FES_78_2_5	Correlation Coefficient	-0,438	1,000	,703**
		Sig. (2-tailed)	0,118		0,005
		N	14	14	14
	FES_88_2_5	Correlation Coefficient	-,847**	,703**	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,000	0,005	
N		14	14	14	
*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).					
**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).					

*Anexo 9. Correlação entre itens subdimensão Organização - jovens*

			FES_9_3_1	FES_19_3_1	FES_29_3_1	FES_39_3_1	FES_49_3_1
Spearman's rho jovens	FES_9_3_1	Correlation Coefficient	1,000	0,320	0,060	,586*	-0,301
		Sig. (2-tailed)		0,265	0,839	0,028	0,295
		N	14	14	14	14	14
	FES_19_3_1	Correlation Coefficient	0,320	1,000	0,123	0,494	0,278
		Sig. (2-tailed)	0,265		0,675	0,072	0,335
		N	14	14	14	14	14
	FES_29_3_1	Correlation Coefficient	0,060	0,123	1,000	0,282	-0,284
		Sig. (2-tailed)	0,839	0,675		0,329	0,325
		N	14	14	14	14	14
	FES_39_3_1	Correlation Coefficient	,586*	0,494	0,282	1,000	-0,316
		Sig. (2-tailed)	0,028	0,072	0,329		0,271
		N	14	14	14	14	14
	FES_49_3_1	Correlation Coefficient	-0,301	0,278	-0,284	-0,316	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,295	0,335	0,325	0,271	
		N	14	14	14	14	14
	FES_59_3_1	Correlation Coefficient	,614*	,634*	0,198	,699**	-0,175
		Sig. (2-tailed)	0,019	0,015	0,499	0,005	0,550
		N	14	14	14	14	14
	FES_69_3_1	Correlation Coefficient	,540*	0,524	-0,214	0,353	-0,050

		Sig. (2-tailed)	0,046	0,054	0,462	0,215	0,866
		N	14	14	14	14	14
	FES_79_3_1	Correlation Coefficient	-0,018	0,053	0,211	0,118	0,489
		Sig. (2-tailed)	0,951	0,857	0,469	0,688	0,076
		N	14	14	14	14	14
	FES_89_3_1	Correlation Coefficient	0,388	0,421	0,108	0,490	-0,361
		Sig. (2-tailed)	0,171	0,134	0,712	0,076	0,205
		N	14	14	14	14	14

*Continuação Anexo 9*

			FES_59_3_1	FES_69_3_1	FES_79_3_1	FES_89_3_1
Spearman's rho jovens	FES_9_3_1	Correlation Coefficient	,614*	,540*	-0,018	0,388
		Sig. (2-tailed)	0,019	0,046	0,951	0,171
		N	14	14	14	14
	FES_19_3_1	Correlation Coefficient	,634*	0,524	0,053	0,421
		Sig. (2-tailed)	0,015	0,054	0,857	0,134
		N	14	14	14	14
	FES_29_3_1	Correlation Coefficient	0,198	-0,214	0,211	0,108
		Sig. (2-tailed)	0,499	0,462	0,469	0,712
		N	14	14	14	14
	FES_39_3_1	Correlation Coefficient	,699**	0,353	0,118	0,490
		Sig. (2-tailed)	0,005	0,215	0,688	0,076

		N	14	14	14	14
	FES_49_3_1	Correlation Coefficient	-0,175	-0,050	0,489	-0,361
		Sig. (2-tailed)	0,550	0,866	0,076	0,205
		N	14	14	14	14
	FES_59_3_1	Correlation Coefficient	1,000	0,450	0,036	,536*
		Sig. (2-tailed)		0,107	0,903	0,048
		N	14	14	14	14
	FES_69_3_1	Correlation Coefficient	0,450	1,000	0,027	0,515
		Sig. (2-tailed)	0,107		0,927	0,060
		N	14	14	14	14
	FES_79_3_1	Correlation Coefficient	0,036	0,027	1,000	-0,145
		Sig. (2-tailed)	0,903	0,927		0,621
		N	14	14	14	14
	FES_89_3_1	Correlation Coefficient	,536*	0,515	-0,145	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,048	0,060	0,621	
		N	14	14	14	14
*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).						
**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).						

Anexo 10. Correlação entre itens subdimensão Controlo - jovens

			FES_10_3_2	FES_20_3_2	FES_30_3_2	FES_40_3_2	FES_50_3_2
Spearman's rho	FES_10_3_2	Correlation Coefficient	1,000	0,012	0,435	-,812**	-0,208
		Sig. (2-tailed)		0,969	0,120	0,000	0,476
		N	14	14	14	14	14
	FES_20_3_2	Correlation Coefficient	0,012	1,000	0,095	0,160	0,465
		Sig. (2-tailed)	0,969		0,746	0,584	0,094
		N	14	14	14	14	14
	FES_30_3_2	Correlation Coefficient	0,435	0,095	1,000	-0,338	-0,021
		Sig. (2-tailed)	0,120	0,746		0,238	0,943
		N	14	14	14	14	14
	FES_40_3_2	Correlation Coefficient	-,812**	0,160	-0,338	1,000	0,364
		Sig. (2-tailed)	0,000	0,584	0,238		0,200
		N	14	14	14	14	14
	FES_50_3_2	Correlation Coefficient	-0,208	0,465	-0,021	0,364	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,476	0,094	0,943	0,200	
		N	14	14	14	14	14
	FES_60_3_2	Correlation Coefficient	-,565*	-0,047	0,058	,621*	0,374
		Sig. (2-tailed)	0,035	0,874	0,843	0,018	0,188
		N	14	14	14	14	14
	FES_70_3_2	Correlation Coefficient	0,197	,551*	-0,030	-0,002	-0,076

		Sig. (2-tailed)	0,501	0,041	0,918	0,994	0,796
		N	14	14	14	14	14
	FES_80_3_2	Correlation Coefficient	-,695**	0,118	-0,417	,825**	,603*
		Sig. (2-tailed)	0,006	0,688	0,138	0,000	0,022
		N	14	14	14	14	14
	FES_90_3_2	Correlation Coefficient	-,593*	0,232	-0,296	,650*	,710**
		Sig. (2-tailed)	0,025	0,424	0,304	0,012	0,004
		N	14	14	14	14	14

*Continuação Anexo 10*

			FES_60_3_2	FES_70_3_2	FES_80_3_2	FES_90_3_2
Spearman's rho jovens	FES_10_3_2	Correlation Coefficient	-,565*	0,197	-,695**	-,593*
		Sig. (2-tailed)	0,035	0,501	0,006	0,025
		N	14	14	14	14
	FES_20_3_2	Correlation Coefficient	-0,047	,551*	0,118	0,232
		Sig. (2-tailed)	0,874	0,041	0,688	0,424
		N	14	14	14	14
	FES_30_3_2	Correlation Coefficient	0,058	-0,030	-0,417	-0,296
		Sig. (2-tailed)	0,843	0,918	0,138	0,304
		N	14	14	14	14
	FES_40_3_2	Correlation Coefficient	,621*	-0,002	,825**	,650*
		Sig. (2-tailed)	0,018	0,994	0,000	0,012

		N	14	14	14	14
	FES_50_3_2	Correlation Coefficient	0,374	-0,076	,603*	,710**
		Sig. (2-tailed)	0,188	0,796	0,022	0,004
		N	14	14	14	14
	FES_60_3_2	Correlation Coefficient	1,000	-0,319	,666**	,661*
		Sig. (2-tailed)		0,266	0,009	0,010
		N	14	14	14	14
	FES_70_3_2	Correlation Coefficient	-0,319	1,000	-0,289	-0,281
		Sig. (2-tailed)	0,266		0,317	0,330
		N	14	14	14	14
	FES_80_3_2	Correlation Coefficient	,666**	-0,289	1,000	,802**
		Sig. (2-tailed)	0,009	0,317		0,001
		N	14	14	14	14
	FES_90_3_2	Correlation Coefficient	,661*	-0,281	,802**	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,010	0,330	0,001	
N		14	14	14	14	
**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).						
*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).						

## 2. Correlação entre itens das subdimensões da FES-Famílias

Anexo 11. Correlação entre itens subdimensão Coesão - famílias

			FES_1_1_1	FES_11_1_1	FES_21_1_1	FES_31_1_1	FES_41_1_1
Spearman's rho famílias	FES_1_1_1	Correlation Coefficient	1,000	,819**	,577*	,738**	0,450
		Sig. (2-tailed)		0,000	0,031	0,003	0,106
		N	14	14	14	14	14
	FES_11_1_1	Correlation Coefficient	,819**	1,000	,635*	0,515	0,525
		Sig. (2-tailed)	0,000		0,015	0,059	0,054
		N	14	14	14	14	14
	FES_21_1_1	Correlation Coefficient	,577*	,635*	1,000	0,462	,729**
		Sig. (2-tailed)	0,031	0,015		0,097	0,003
		N	14	14	14	14	14
	FES_31_1_1	Correlation Coefficient	,738**	0,515	0,462	1,000	0,332
		Sig. (2-tailed)	0,003	0,059	0,097		0,246
		N	14	14	14	14	14
	FES_41_1_1	Correlation Coefficient	0,450	0,525	,729**	0,332	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,106	0,054	0,003	0,246	
		N	14	14	14	14	14
	FES_51_1_1	Correlation Coefficient	,700**	,716**	0,482	,588*	,563*
		Sig. (2-tailed)	0,005	0,004	0,081	0,027	0,036
		N	14	14	14	14	14



	FES_61_1_1	Correlation Coefficient	,761**	,722**	0,444	,790**	0,391
		Sig. (2-tailed)	0,002	0,004	0,112	0,001	0,167
		N	14	14	14	14	14
	FES_71_1_1	Correlation Coefficient	,821**	,757**	,640*	,680**	,555*
		Sig. (2-tailed)	0,000	0,002	0,014	0,007	0,040
		N	14	14	14	14	14
	FES_81_1_1	Correlation Coefficient	,682**	,593*	0,508	,815**	0,421
		Sig. (2-tailed)	0,007	0,025	0,064	0,000	0,133
		N	14	14	14	14	14

*Continuação Anexo 11*

			FES_51_1_1	FES_61_1_1	FES_71_1_1	FES_81_1_1
Spearman's rho famílias	FES_1_1_1	Correlation Coefficient	,700**	,761**	,821**	,682**
		Sig. (2-tailed)	0,005	0,002	0,000	0,007
		N	14	14	14	14
	FES_11_1_1	Correlation Coefficient	,716**	,722**	,757**	,593*
		Sig. (2-tailed)	0,004	0,004	0,002	0,025
		N	14	14	14	14
	FES_21_1_1	Correlation Coefficient	0,482	0,444	,640*	0,508
		Sig. (2-tailed)	0,081	0,112	0,014	0,064
		N	14	14	14	14
	FES_31_1_1	Correlation Coefficient	,588*	,790**	,680**	,815**

		Sig. (2-tailed)	0,027	0,001	0,007	0,000
		N	14	14	14	14
	FES_41_1_1	Correlation Coefficient	,563*	0,391	,555*	0,421
		Sig. (2-tailed)	0,036	0,167	0,040	0,133
		N	14	14	14	14
	FES_51_1_1	Correlation Coefficient	1,000	,804**	,787**	,686**
		Sig. (2-tailed)		0,001	0,001	0,007
		N	14	14	14	14
	FES_61_1_1	Correlation Coefficient	,804**	1,000	,856**	,808**
		Sig. (2-tailed)	0,001		0,000	0,000
		N	14	14	14	14
	FES_71_1_1	Correlation Coefficient	,787**	,856**	1,000	,603*
		Sig. (2-tailed)	0,001	0,000		0,022
		N	14	14	14	14
	FES_81_1_1	Correlation Coefficient	,686**	,808**	,603*	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,007	0,000	0,022	
		N	14	14	14	14
*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).						
**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed)						

*Anexo 12. Correlações entre itens subdimensão Expressividade - famílias*

			FES_2_1_2	FES_12_1_2	FES_22_1_2	FES_32_1_2	FES_42_1_2
Spearman's rho	FES_2_1_2	Correlation Coefficient	1,000	0,053	-0,253	0,201	-0,077
		Sig. (2-tailed)		0,857	0,383	0,491	0,794
		N	14	14	14	14	14
	FES_12_1_2	Correlation Coefficient	0,053	1,000	0,229	,695**	0,287
		Sig. (2-tailed)	0,857		0,431	0,006	0,320
		N	14	14	14	14	14
	FES_22_1_2	Correlation Coefficient	-0,253	0,229	1,000	0,455	-0,062
		Sig. (2-tailed)	0,383	0,431		0,102	0,832
		N	14	14	14	14	14
	FES_32_1_2	Correlation Coefficient	0,201	,695**	0,455	1,000	-0,005
		Sig. (2-tailed)	0,491	0,006	0,102		0,987
		N	14	14	14	14	14
	FES_42_1_2	Correlation Coefficient	-0,077	0,287	-0,062	-0,005	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,794	0,320	0,832	0,987	
		N	14	14	14	14	14
	FES_52_1_2	Correlation Coefficient	-0,228	0,420	0,417	0,371	-0,049
		Sig. (2-tailed)	0,433	0,135	0,138	0,192	0,869
		N	14	14	14	14	14
	FES_62_1_2	Correlation Coefficient	0,172	,841**	0,381	,855**	0,239

		Sig. (2-tailed)	0,556	0,000	0,179	0,000	0,410
		N	14	14	14	14	14
	FES_72_1_2	Correlation Coefficient	-0,262	-0,492	-0,231	-0,436	-0,267
		Sig. (2-tailed)	0,365	0,074	0,427	0,119	0,356
		N	14	14	14	14	14
	FES_82_1_2	Correlation Coefficient	0,135	,703**	0,364	,874**	0,404
		Sig. (2-tailed)	0,644	0,005	0,201	0,000	0,152
		N	14	14	14	14	14

*Continuação Anexo 12*

			FES_52_1_2	FES_62_1_2	FES_72_1_2	FES_82_1_2
Spearman's rho	FES_2_1_2	Correlation Coefficient	-0,228	0,172	-0,262	0,135
		Sig. (2-tailed)	0,433	0,556	0,365	0,644
		N	14	14	14	14
	FES_12_1_2	Correlation Coefficient	0,420	,841**	-0,492	,703**
		Sig. (2-tailed)	0,135	0,000	0,074	0,005
		N	14	14	14	14
	FES_22_1_2	Correlation Coefficient	0,417	0,381	-0,231	0,364
		Sig. (2-tailed)	0,138	0,179	0,427	0,201
		N	14	14	14	14
	FES_32_1_2	Correlation Coefficient	0,371	,855**	-0,436	,874**
		Sig. (2-tailed)	0,192	0,000	0,119	0,000

		N	14	14	14	14
	FES_42_1_2	Correlation Coefficient	-0,049	0,239	-0,267	0,404
		Sig. (2-tailed)	0,869	0,410	0,356	0,152
		N	14	14	14	14
	FES_52_1_2	Correlation Coefficient	1,000	,541*	-0,344	0,303
		Sig. (2-tailed)		0,046	0,229	0,292
		N	14	14	14	14
	FES_62_1_2	Correlation Coefficient	,541*	1,000	-,550*	,860**
		Sig. (2-tailed)	0,046		0,042	0,000
		N	14	14	14	14
	FES_72_1_2	Correlation Coefficient	-0,344	-,550*	1,000	-0,530
		Sig. (2-tailed)	0,229	0,042		0,051
		N	14	14	14	14
	FES_82_1_2	Correlation Coefficient	0,303	,860**	-0,530	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,292	0,000	0,051	
		N	14	14	14	14
*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed)						
**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).						

Anexo 13. Correlação entre itens subdimensão Conflito - famílias

			FES_3_1_3	FES_13_1_3	FES_23_1_3	FES_33_1_3	FES_43_1_3
Spearman's rho	FES_3_1_3	Correlation Coefficient	1,000	-0,473	0,161	,736**	,651*
		Sig. (2-tailed)		0,088	0,582	0,003	0,012
		N	14	14	14	14	14
	FES_13_1_3	Correlation Coefficient	-0,473	1,000	-0,017	-,632*	-0,190
		Sig. (2-tailed)	0,088		0,955	0,015	0,516
		N	14	14	14	14	14
	FES_23_1_3	Correlation Coefficient	0,161	-0,017	1,000	0,438	,559*
		Sig. (2-tailed)	0,582	0,955		0,118	0,038
		N	14	14	14	14	14
	FES_33_1_3	Correlation Coefficient	,736**	-,632*	0,438	1,000	,651*
		Sig. (2-tailed)	0,003	0,015	0,118		0,012
		N	14	14	14	14	14
	FES_43_1_3	Correlation Coefficient	,651*	-0,190	,559*	,651*	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,012	0,516	0,038	0,012	
		N	14	14	14	14	14
	FES_53_1_3	Correlation Coefficient	0,282	-0,213	,751**	0,465	0,229
		Sig. (2-tailed)	0,328	0,466	0,002	0,094	0,430
		N	14	14	14	14	14
	FES_63_1_3	Correlation Coefficient	0,013	0,263	,612*	0,155	,639*

		Sig. (2-tailed)	0,965	0,364	0,020	0,596	0,014
		N	14	14	14	14	14
	FES_73_1_3	Correlation Coefficient	0,156	0,105	,767**	0,476	0,501
		Sig. (2-tailed)	0,594	0,721	0,001	0,085	0,068
		N	14	14	14	14	14
	FES_83_1_3	Correlation Coefficient	0,204	-0,033	0,515	0,429	0,532
		Sig. (2-tailed)	0,484	0,910	0,060	0,126	0,050
		N	14	14	14	14	14

*Continuação Anexo 13*

			FES_53_1_3	FES_63_1_3	FES_73_1_3	FES_83_1_3
Spearman's rho	FES_3_1_3	Correlation Coefficient	0,282	0,013	0,156	0,204
		Sig. (2-tailed)	0,328	0,965	0,594	0,484
		N	14	14	14	14
	FES_13_1_3	Correlation Coefficient	-0,213	0,263	0,105	-0,033
		Sig. (2-tailed)	0,466	0,364	0,721	0,910
		N	14	14	14	14
	FES_23_1_3	Correlation Coefficient	,751**	,612*	,767**	0,515
		Sig. (2-tailed)	0,002	0,020	0,001	0,060
		N	14	14	14	14
	FES_33_1_3	Correlation Coefficient	0,465	0,155	0,476	0,429
		Sig. (2-tailed)	0,094	0,596	0,085	0,126

		N	14	14	14	14
	FES_43_1_3	Correlation Coefficient	0,229	,639*	0,501	0,532
		Sig. (2-tailed)	0,430	0,014	0,068	0,050
		N	14	14	14	14
	FES_53_1_3	Correlation Coefficient	1,000	0,168	,599*	0,403
		Sig. (2-tailed)		0,567	0,023	0,154
		N	14	14	14	14
	FES_63_1_3	Correlation Coefficient	0,168	1,000	,656*	0,432
		Sig. (2-tailed)	0,567		0,011	0,123
		N	14	14	14	14
	FES_73_1_3	Correlation Coefficient	,599*	,656*	1,000	0,356
		Sig. (2-tailed)	0,023	0,011		0,212
		N	14	14	14	14
	FES_83_1_3	Correlation Coefficient	0,403	0,432	0,356	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,154	0,123	0,212	
		N	14	14	14	14
*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).						
**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).						



Anexo 14. Correlação entre itens subdimensão Independência – famílias

			FES_4_2_1	FES_14_2_1	FES_24_2_1	FES_34_2_1	FES_44_2_1
Spearman's rho	FES_4_2_1	Correlation Coefficient	1,000	0,308	-0,260	-0,316	0,379
		Sig. (2-tailed)		0,284	0,369	0,271	0,181
		N	14	14	14	14	14
	FES_14_2_1	Correlation Coefficient	0,308	1,000	0,103	-0,292	,591*
		Sig. (2-tailed)	0,284		0,725	0,311	0,026
		N	14	14	14	14	14
	FES_24_2_1	Correlation Coefficient	-0,260	0,103	1,000	0,313	0,241
		Sig. (2-tailed)	0,369	0,725		0,276	0,406
		N	14	14	14	14	14
	FES_34_2_1	Correlation Coefficient	-0,316	-0,292	0,313	1,000	0,329
		Sig. (2-tailed)	0,271	0,311	0,276		0,250
		N	14	14	14	14	14
	FES_44_2_1	Correlation Coefficient	0,379	,591*	0,241	0,329	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,181	0,026	0,406	0,250	
		N	14	14	14	14	14
	FES_54_2_1	Correlation Coefficient	-0,061	-0,031	0,362	-0,134	-0,196
		Sig. (2-tailed)	0,836	0,916	0,203	0,647	0,502
		N	14	14	14	14	14
	FES_64_2_1	Correlation Coefficient	-0,403	0,060	,548*	0,296	0,179

		Sig. (2-tailed)	0,153	0,838	0,043	0,305	0,540
		N	14	14	14	14	14
	FES_74_2_1	Correlation Coefficient	0,386	,610*	0,094	-0,089	,645*
		Sig. (2-tailed)	0,173	0,020	0,750	0,763	0,013
		N	14	14	14	14	14
	FES_84_2_1	Correlation Coefficient	0,385	0,304	-0,100	-0,129	0,498
		Sig. (2-tailed)	0,174	0,291	0,735	0,661	0,070
		N	14	14	14	14	14

*Continuação Anexo 14*

			FES_54_2_1	FES_64_2_1	FES_74_2_1	FES_84_2_1
Spearman's rho	FES_4_2_1	Correlation Coefficient	-0,061	-0,403	0,386	0,385
		Sig. (2-tailed)	0,836	0,153	0,173	0,174
		N	14	14	14	14
	FES_14_2_1	Correlation Coefficient	-0,031	0,060	,610*	0,304
		Sig. (2-tailed)	0,916	0,838	0,020	0,291
		N	14	14	14	14
	FES_24_2_1	Correlation Coefficient	0,362	,548*	0,094	-0,100
		Sig. (2-tailed)	0,203	0,043	0,750	0,735
		N	14	14	14	14
	FES_34_2_1	Correlation Coefficient	-0,134	0,296	-0,089	-0,129
		Sig. (2-tailed)	0,647	0,305	0,763	0,661

		N	14	14	14	14
	FES_44_2_1	Correlation Coefficient	-0,196	0,179	,645*	0,498
		Sig. (2-tailed)	0,502	0,540	0,013	0,070
		N	14	14	14	14
	FES_54_2_1	Correlation Coefficient	1,000	0,058	-0,484	-,538*
		Sig. (2-tailed)		0,845	0,079	0,047
		N	14	14	14	14
	FES_64_2_1	Correlation Coefficient	0,058	1,000	0,195	0,225
		Sig. (2-tailed)	0,845		0,504	0,438
		N	14	14	14	14
	FES_74_2_1	Correlation Coefficient	-0,484	0,195	1,000	,660*
		Sig. (2-tailed)	0,079	0,504		0,010
		N	14	14	14	14
	FES_84_2_1	Correlation Coefficient	-,538*	0,225	,660*	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,047	0,438	0,010	
		N	14	14	14	14
*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).						

Anexo 15. Correlação entre itens subdimensão Orientação para o sucesso – famílias

			FES_5_2_2	FES_15_2_2	FES_25_2_2	FES_35_2_2	FES_45_2_2
Spearman's rho	FES_5_2_2	Correlation Coefficient	1,000	0,433	,635*	0,148	0,164
		Sig. (2-tailed)		0,122	0,015	0,614	0,576
		N	14	14	14	14	14
	FES_15_2_2	Correlation Coefficient	0,433	1,000	0,250	,810**	0,219
		Sig. (2-tailed)	0,122		0,388	0,000	0,451
		N	14	14	14	14	14
	FES_25_2_2	Correlation Coefficient	,635*	0,250	1,000	-0,101	0,155
		Sig. (2-tailed)	0,015	0,388	1,000	0,731	0,596
		N	14	14	14	14	14
	FES_35_2_2	Correlation Coefficient	0,148	,810**	-0,101	1,000	0,237
		Sig. (2-tailed)	0,614	0,000	0,731	1,000	0,415
		N	14	14	14	14	14
	FES_45_2_2	Correlation Coefficient	0,164	0,219	0,155	0,237	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,576	0,451	0,596	0,415	
		N	14	14	14	14	14
	FES_55_2_2	Correlation Coefficient	,673**	0,250	0,429	0,019	,681**
		Sig. (2-tailed)	0,008	0,389	0,126	0,948	0,007
		N	14	14	14	14	14
	FES_65_2_2	Correlation Coefficient	,646*	,748**	0,391	0,314	0,280

		Sig. (2-tailed)	0,013	0,002	0,167	0,275	0,333
		N	14	14	14	14	14
	FES_75_2_2	Correlation Coefficient	0,481	0,324	0,363	0,253	-0,183
		Sig. (2-tailed)	0,082	0,258	0,202	0,382	0,530
		N	14	14	14	14	14
	FES_85_2_2	Correlation Coefficient	-0,014	0,104	0,113	0,084	0,315
		Sig. (2-tailed)	0,961	0,723	0,700	0,776	0,272
		N	14	14	14	14	14

*Continuação Anexo 15*

			FES_55_2_2	FES_65_2_2	FES_75_2_2	FES_85_2_2
Spearman's rho	FES_5_2_2	Correlation Coefficient	,673**	,646*	0,481	-0,014
		Sig. (2-tailed)	0,008	0,013	0,082	0,961
		N	14	14	14	14
	FES_15_2_2	Correlation Coefficient	0,250	,748**	0,324	0,104
		Sig. (2-tailed)	0,389	0,002	0,258	0,723
		N	14	14	14	14
	FES_25_2_2	Correlation Coefficient	0,429	0,391	0,363	0,113
		Sig. (2-tailed)	0,126	0,167	0,202	0,700
		N	14	14	14	14
	FES_35_2_2	Correlation Coefficient	0,019	0,314	0,253	0,084
		Sig. (2-tailed)	0,948	0,275	0,382	0,776

	N	14	14	14	14
FES_45_2_2	Correlation Coefficient	,681 **	0,280	-0,183	0,315
	Sig. (2-tailed)	0,007	0,333	0,530	0,272
	N	14	14	14	14
FES_55_2_2	Correlation Coefficient	1,000	0,524	0,141	0,271
	Sig. (2-tailed)		0,054	0,631	0,348
	N	14	14	14	14
FES_65_2_2	Correlation Coefficient	0,524	1,000	0,175	0,013
	Sig. (2-tailed)	0,054		0,550	0,965
	N	14	14	14	14
FES_75_2_2	Correlation Coefficient	0,141	0,175	1,000	-0,162
	Sig. (2-tailed)	0,631	0,550		0,581
	N	14	14	14	14
FES_85_2_2	Correlation Coefficient	0,271	0,013	-0,162	1,000
	Sig. (2-tailed)	0,348	0,965	0,581	
	N	14	14	14	14
*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).					
**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).					

Anexo 16. Correlação entre itens subdimensão Orientação Intelectual-Cultural - famílias

			FES_6_2_3	FES_16_2_3	FES_26_2_3	FES_36_2_3	FES_46_2_3
Spearman's rho	FES_6_2_3	Correlation Coefficient	1,000	0,396	0,082	0,418	0,382
		Sig. (2-tailed)		0,162	0,780	0,137	0,178
		N	14	14	14	14	14
	FES_16_2_3	Correlation Coefficient	0,396	1,000	0,222	,624*	0,420
		Sig. (2-tailed)	0,162		0,446	0,017	0,135
		N	14	14	14	14	14
	FES_26_2_3	Correlation Coefficient	0,082	0,222	1,000	0,337	0,511
		Sig. (2-tailed)	0,780	0,446		0,239	0,062
		N	14	14	14	14	14
	FES_36_2_3	Correlation Coefficient	0,418	,624*	0,337	1,000	,536*
		Sig. (2-tailed)	0,137	0,017	0,239		0,048
		N	14	14	14	14	14
	FES_46_2_3	Correlation Coefficient	0,382	0,420	0,511	,536*	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,178	0,135	0,062	0,048	
		N	14	14	14	14	14
	FES_56_2_3	Correlation Coefficient	0,164	,538*	0,496	,803**	0,462
		Sig. (2-tailed)	0,574	0,047	0,071	0,001	0,096
		N	14	14	14	14	14
	FES_66_2_3	Correlation Coefficient	0,320	0,318	,537*	0,263	0,284

		Sig. (2-tailed)	0,265	0,269	0,048	0,364	0,325
		N	14	14	14	14	14
	FES_76_2_3	Correlation Coefficient	-0,177	0,036	0,076	-0,240	-0,188
		Sig. (2-tailed)	0,545	0,902	0,795	0,408	0,519
		N	14	14	14	14	14
	FES_86_2_3	Correlation Coefficient	,769**	0,137	0,126	0,093	,546*
		Sig. (2-tailed)	0,001	0,641	0,668	0,752	0,043
		N	14	14	14	14	14

*Continuação Anexo 16*

			FES_56_2_3	FES_66_2_3	FES_76_2_3	FES_86_2_3
Spearman's rho	FES_6_2_3	Correlation Coefficient	0,164	0,320	-0,177	,769**
		Sig. (2-tailed)	0,574	0,265	0,545	0,001
		N	14	14	14	14
	FES_16_2_3	Correlation Coefficient	,538*	0,318	0,036	0,137
		Sig. (2-tailed)	0,047	0,269	0,902	0,641
		N	14	14	14	14
	FES_26_2_3	Correlation Coefficient	0,496	,537*	0,076	0,126
		Sig. (2-tailed)	0,071	0,048	0,795	0,668
		N	14	14	14	14
	FES_36_2_3	Correlation Coefficient	,803**	0,263	-0,240	0,093
		Sig. (2-tailed)	0,001	0,364	0,408	0,752



		N	14	14	14	14
	FES_46_2_3	Correlation Coefficient	0,462	0,284	-0,188	,546*
		Sig. (2-tailed)	0,096	0,325	0,519	0,043
		N	14	14	14	14
	FES_56_2_3	Correlation Coefficient	1,000	0,184	-0,257	-0,096
		Sig. (2-tailed)		0,529	0,374	0,743
		N	14	14	14	14
	FES_66_2_3	Correlation Coefficient	0,184	1,000	0,044	0,196
		Sig. (2-tailed)	0,529		0,881	0,503
		N	14	14	14	14
	FES_76_2_3	Correlation Coefficient	-0,257	0,044	1,000	-0,296
		Sig. (2-tailed)	0,374	0,881		0,304
		N	14	14	14	14
	FES_86_2_3	Correlation Coefficient	-0,096	0,196	-0,296	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,743	0,503	0,304	
N		14	14	14	14	

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

\*\*\*. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Anexo 17. Correlação entre itens subdimensão Orientação para as atividades recreativas - famílias

			FES_7_2_4	FES_17_2_4	FES_27_2_4	FES_37_2_4	FES_47_2_4
Spearman's rho	FES_7_2_4	Correlation Coefficient	1,000	0,305	0,074	0,148	0,100
		Sig. (2-tailed)		0,289	0,801	0,613	0,733
		N	14	14	14	14	14
	FES_17_2_4	Correlation Coefficient	0,305	1,000	0,365	,603*	0,100
		Sig. (2-tailed)	0,289		0,199	0,023	0,735
		N	14	14	14	14	14
	FES_27_2_4	Correlation Coefficient	0,074	0,365	1,000	0,310	0,359
		Sig. (2-tailed)	0,801	0,199		0,281	0,208
		N	14	14	14	14	14
	FES_37_2_4	Correlation Coefficient	0,148	,603*	0,310	1,000	0,325
		Sig. (2-tailed)	0,613	0,023	0,281		0,257
		N	14	14	14	14	14
	FES_47_2_4	Correlation Coefficient	0,100	0,100	0,359	0,325	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,733	0,735	0,208	0,257	
		N	14	14	14	14	14
	FES_57_2_4	Correlation Coefficient	-0,049	0,166	,624*	0,082	0,268
		Sig. (2-tailed)	0,869	0,571	0,017	0,782	0,355
		N	14	14	14	14	14
	FES_67_2_4	Correlation Coefficient	0,044	0,500	0,409	0,324	0,371

		Sig. (2-tailed)	0,881	0,069	0,146	0,259	0,191
		N	14	14	14	14	14
	FES_77_2_4	Correlation Coefficient	,577*	0,426	0,447	,651*	0,501
		Sig. (2-tailed)	0,031	0,129	0,109	0,012	0,068
		N	14	14	14	14	14
	FES_87_2_4	Correlation Coefficient	0,290	-0,046	0,021	-0,196	0,146
		Sig. (2-tailed)	0,315	0,876	0,942	0,502	0,617
		N	14	14	14	14	14

*Continuação Anexo 17*

			FES_57_2_4	FES_67_2_4	FES_77_2_4	FES_87_2_4
Spearman's rho	FES_7_2_4	Correlation Coefficient	-0,131	0,447	-0,087	0,308
		Sig. (2-tailed)	0,655	0,109	0,766	0,283
		N	14	14	14	14
	FES_17_2_4	Correlation Coefficient	0,277	0,253	0,482	0,202
		Sig. (2-tailed)	0,337	0,383	0,081	0,488
		N	14	14	14	14
	FES_27_2_4	Correlation Coefficient	0,090	0,004	-0,122	-0,338
		Sig. (2-tailed)	0,760	0,990	0,677	0,237
		N	14	14	14	14
	FES_37_2_4	Correlation Coefficient	-0,214	,718**	,819**	-0,233

		Sig. (2-tailed)	0,462	0,004	0,000	0,422
		N	14	14	14	14
	FES_47_2_4	Correlation Coefficient	-0,333	,641*	0,334	-0,085
		Sig. (2-tailed)	0,245	0,014	0,243	0,773
		N	14	14	14	14
	FES_57_2_4	Correlation Coefficient	1,000	-,563*	-0,163	0,079
		Sig. (2-tailed)		0,036	0,577	0,788
		N	14	14	14	14
	FES_67_2_4	Correlation Coefficient	-,563*	1,000	,561*	-0,114
		Sig. (2-tailed)	0,036		0,037	0,698
		N	14	14	14	14
	FES_77_2_4	Correlation Coefficient	-0,163	,561*	1,000	-0,030
		Sig. (2-tailed)	0,577	0,037		0,918
		N	14	14	14	14
	FES_87_2_4	Correlation Coefficient	0,079	-0,114	-0,030	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,788	0,698	0,918	
		N	14	14	14	14

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

\*\*.

Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Anexo 18. Correlação entre itens subdimensão Orientação moral e religiosa - famílias

			FES_8_2_5	FES_18_2_5	FES_28_2_5	FES_38_2_5	FES_48_2_5
Spearman's rho	FES_8_2_5	Correlation Coefficient	1,000	,579*	,696**	0,390	0,443
		Sig. (2-tailed)		0,030	0,006	0,168	0,113
		N	14	14	14	14	14
	FES_18_2_5	Correlation Coefficient	,579*	1,000	0,452	0,043	0,242
		Sig. (2-tailed)	0,030		0,104	0,883	0,404
		N	14	14	14	14	14
	FES_28_2_5	Correlation Coefficient	,696**	0,452	1,000	0,264	0,328
		Sig. (2-tailed)	0,006	0,104		0,362	0,252
		N	14	14	14	14	14
	FES_38_2_5	Correlation Coefficient	0,390	0,043	0,264	1,000	0,480
		Sig. (2-tailed)	0,168	0,883	0,362		0,083
		N	14	14	14	14	14
	FES_48_2_5	Correlation Coefficient	0,443	0,242	0,328	0,480	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,113	0,404	0,252	0,083	
		N	14	14	14	14	14
	FES_58_2_5	Correlation Coefficient	0,165	0,394	0,086	0,319	-0,066
		Sig. (2-tailed)	0,573	0,164	0,770	0,266	0,823
		N	14	14	14	14	14
	FES_68_2_5	Correlation Coefficient	-0,070	0,221	0,178	0,259	0,336

		Sig. (2-tailed)	0,811	0,447	0,543	0,371	0,240
		N	14	14	14	14	14
	FES_78_2_5	Correlation Coefficient	0,426	,570*	,658*	0,280	-0,094
		Sig. (2-tailed)	0,129	0,033	0,011	0,332	0,749
		N	14	14	14	14	14
	FES_88_2_5	Correlation Coefficient	0,247	0,046	0,316	,556*	-0,074
		Sig. (2-tailed)	0,394	0,877	0,271	0,039	0,801
		N	14	14	14	14	14

*Continuação Anexo 18*

			FES_58_2_5	FES_68_2_5	FES_78_2_5	FES_88_2_5
Spearman's rho	FES_8_2_5	Correlation Coefficient	0,165	-0,070	0,426	0,247
		Sig. (2-tailed)	0,573	0,811	0,129	0,394
		N	14	14	14	14
	FES_18_2_5	Correlation Coefficient	0,394	0,221	,570*	0,046
		Sig. (2-tailed)	0,164	0,447	0,033	0,877
		N	14	14	14	14
	FES_28_2_5	Correlation Coefficient	0,086	0,178	,658*	0,316
		Sig. (2-tailed)	0,770	0,543	0,011	0,271
		N	14	14	14	14
	FES_38_2_5	Correlation Coefficient	0,319	0,259	0,280	,556*

		Sig. (2-tailed)	0,266	0,371	0,332	0,039
		N	14	14	14	14
	FES_48_2_5	Correlation Coefficient	-0,066	0,336	-0,094	-0,074
		Sig. (2-tailed)	0,823	0,240	0,749	0,801
		N	14	14	14	14
	FES_58_2_5	Correlation Coefficient	1,000	-0,312	0,469	,629*
		Sig. (2-tailed)		0,278	0,091	0,016
		N	14	14	14	14
	FES_68_2_5	Correlation Coefficient	-0,312	1,000	0,203	-0,163
		Sig. (2-tailed)	0,278		0,487	0,577
		N	14	14	14	14
	FES_78_2_5	Correlation Coefficient	0,469	0,203	1,000	,607*
		Sig. (2-tailed)	0,091	0,487		0,021
		N	14	14	14	14
	FES_88_2_5	Correlation Coefficient	,629*	-0,163	,607*	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,016	0,577	0,021	
		N	14	14	14	14
*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).						
**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).						

*Anexo 19. Correlação entre itens subdimensão Organização – famílias*

			FES_9_3_1	FES_19_3_1	FES_29_3_1	FES_39_3_1	FES_49_3_1
Spearman's rho	FES_9_3_1	Correlation Coefficient	1,000	0,436	0,261	0,523	0,103
		Sig. (2-tailed)		0,119	0,367	0,055	0,726
		N	14	14	14	14	14
	FES_19_3_1	Correlation Coefficient	0,436	1,000	-0,062	0,292	,684**
		Sig. (2-tailed)	0,119		0,834	0,311	0,007
		N	14	14	14	14	14
	FES_29_3_1	Correlation Coefficient	0,261	-0,062	1,000	0,418	-0,298
		Sig. (2-tailed)	0,367	0,834		0,137	0,300
		N	14	14	14	14	14
	FES_39_3_1	Correlation Coefficient	0,523	0,292	0,418	1,000	-0,177
		Sig. (2-tailed)	0,055	0,311	0,137		0,544
		N	14	14	14	14	14
	FES_49_3_1	Correlation Coefficient	0,103	,684**	-0,298	-0,177	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,726	0,007	0,300	0,544	
		N	14	14	14	14	14
	FES_59_3_1	Correlation Coefficient	0,433	,669**	0,227	0,298	0,368
		Sig. (2-tailed)	0,122	0,009	0,436	0,302	0,195
		N	14	14	14	14	14
	FES_69_3_1	Correlation Coefficient	0,444	,684**	-0,007	0,038	,555*



		Sig. (2-tailed)	0,112	0,007	0,980	0,898	0,039
		N	14	14	14	14	14
	FES_79_3_1	Correlation Coefficient	0,120	-0,031	0,121	0,071	0,209
		Sig. (2-tailed)	0,683	0,916	0,681	0,809	0,474
		N	14	14	14	14	14
	FES_89_3_1	Correlation Coefficient	0,209	0,000	,556*	,535*	-0,303
		Sig. (2-tailed)	0,473	1,000	0,039	0,049	0,293
		N	14	14	14	14	14

*Continuação Anexo 19*

			FES_59_3_1	FES_69_3_1	FES_79_3_1	FES_89_3_1
Spearman's rho	FES_9_3_1	Correlation Coefficient	0,433	0,444	0,120	0,209
		Sig. (2-tailed)	0,122	0,112	0,683	0,473
		N	14	14	14	14
	FES_19_3_1	Correlation Coefficient	,669**	,684**	-0,031	0,000
		Sig. (2-tailed)	0,009	0,007	0,916	1,000
		N	14	14	14	14
	FES_29_3_1	Correlation Coefficient	0,227	-0,007	0,121	,556*
		Sig. (2-tailed)	0,436	0,980	0,681	0,039
		N	14	14	14	14
	FES_39_3_1	Correlation Coefficient	0,298	0,038	0,071	,535*

		Sig. (2-tailed)	0,302	0,898	0,809	0,049
		N	14	14	14	14
	FES_49_3_1	Correlation Coefficient	0,368	,555*	0,209	-0,303
		Sig. (2-tailed)	0,195	0,039	0,474	0,293
		N	14	14	14	14
	FES_59_3_1	Correlation Coefficient	1,000	0,437	0,040	0,182
		Sig. (2-tailed)		0,118	0,893	0,532
		N	14	14	14	14
	FES_69_3_1	Correlation Coefficient	0,437	1,000	-0,045	0,099
		Sig. (2-tailed)	0,118		0,878	0,737
		N	14	14	14	14
	FES_79_3_1	Correlation Coefficient	0,040	-0,045	1,000	0,102
		Sig. (2-tailed)	0,893	0,878		0,730
		N	14	14	14	14
	FES_89_3_1	Correlation Coefficient	0,182	0,099	0,102	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,532	0,737	0,730	
		N	14	14	14	14
*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed)						
**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed)						

Anexo 20. Correlação entre itens subdimensão Confronto - famílias

			FES_10_3_2	FES_20_3_2	FES_30_3_2	FES_40_3_2	FES_50_3_2
Spearman's rho	FES_10_3_2	Correlation Coefficient	1,000	,828**	-0,157	0,056	0,162
		Sig. (2-tailed)		0,000	0,592	0,848	0,579
		N	14	14	14	14	14
	FES_20_3_2	Correlation Coefficient	,828**	1,000	-0,089	-0,061	-0,008
		Sig. (2-tailed)	0,000		0,763	0,836	0,979
		N	14	14	14	14	14
	FES_30_3_2	Correlation Coefficient	-0,157	-0,089	1,000	0,122	-0,043
		Sig. (2-tailed)	0,592	0,763		0,678	0,884
		N	14	14	14	14	14
	FES_40_3_2	Correlation Coefficient	0,056	-0,061	0,122	1,000	,614*
		Sig. (2-tailed)	0,848	0,836	0,678		0,019
		N	14	14	14	14	14
	FES_50_3_2	Correlation Coefficient	0,162	-0,008	-0,043	,614*	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,579	0,979	0,884	0,019	
		N	14	14	14	14	14
	FES_60_3_2	Correlation Coefficient	0,076	-0,134	0,527	,562*	0,368
		Sig. (2-tailed)	0,796	0,648	0,053	0,037	0,195
		N	14	14	14	14	14
	FES_70_3_2	Correlation Coefficient	0,289	0,469	-0,020	0,231	0,031

		Sig. (2-tailed)	0,316	0,090	0,946	0,427	0,915
		N	14	14	14	14	14
	FES_80_3_2	Correlation Coefficient	0,496	0,323	0,314	0,399	0,503
		Sig. (2-tailed)	0,071	0,260	0,275	0,158	0,067
		N	14	14	14	14	14
	FES_90_3_2	Correlation Coefficient	-0,263	-0,229	0,365	-0,082	0,251
		Sig. (2-tailed)	0,363	0,431	0,199	0,780	0,386
		N	14	14	14	14	14

*Continuação Anexo 20*

			FES_60_3_2	FES_70_3_2	FES_80_3_2	FES_90_3_2
Spearman's rho	FES_10_3_2	Correlation Coefficient	0,076	0,289	0,496	-0,263
		Sig. (2-tailed)	0,796	0,316	0,071	0,363
		N	14	14	14	14
	FES_20_3_2	Correlation Coefficient	-0,134	0,469	0,323	-0,229
		Sig. (2-tailed)	0,648	0,090	0,260	0,431
		N	14	14	14	14
	FES_30_3_2	Correlation Coefficient	0,527	-0,020	0,314	0,365
		Sig. (2-tailed)	0,053	0,946	0,275	0,199
		N	14	14	14	14
	FES_40_3_2	Correlation Coefficient	,562*	0,231	0,399	-0,082

		Sig. (2-tailed)	0,037	0,427	0,158	0,780
		N	14	14	14	14
	FES_50_3_2	Correlation Coefficient	0,368	0,031	0,503	0,251
		Sig. (2-tailed)	0,195	0,915	0,067	0,386
		N	14	14	14	14
	FES_60_3_2	Correlation Coefficient	1,000	-0,040	,695**	-0,040
		Sig. (2-tailed)		0,892	0,006	0,892
		N	14	14	14	14
	FES_70_3_2	Correlation Coefficient	-0,040	1,000	0,266	-0,436
		Sig. (2-tailed)	0,892		0,359	0,119
		N	14	14	14	14
	FES_80_3_2	Correlation Coefficient	,695**	0,266	1,000	-0,064
		Sig. (2-tailed)	0,006	0,359		0,828
		N	14	14	14	14
	FES_90_3_2	Correlation Coefficient	-0,040	-0,436	-0,064	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,892	0,119	0,828	
		N	14	14	14	14
*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).						
**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).						

### 3. Correlação entre as subdimensões da FES

*Anexo 21. Correlação entre subdimensões Family Environment Scale (FES) - jovens*

Coeficiente de Pearson	F1_1	F1_2	F1_3	F2_1	F2_2	F2_3	F2_4	F2_5	F3_1	F3_2
F1_1	1	0,65	0,62	0,65	0,56	0,41	0,84	0,64	0,88	0,75
F1_2	0,65	1	0,12	0,47	0,45	0,52	0,63	0,51	0,58	0,49
F1_3	0,62	0,12	1	0,62	0,35	-0,09	0,34	0,28	0,6	0,68
F2_1	0,65	0,47	0,62	1	0,54	0,54	0,57	0,68	0,63	0,76
F2_2	0,56	0,45	0,35	0,54	1	0,26	0,3	0,56	0,63	0,72
F2_3	0,41	0,52	-0,09	0,54	0,26	1	0,59	0,52	0,27	0,46
F2_4	0,84	0,63	0,34	0,57	0,3	0,59	1	0,59	0,66	0,54
F2_5	0,64	0,51	0,28	0,68	0,56	0,52	0,59	1	0,74	0,65
F3_1	0,88	0,58	0,6	0,63	0,63	0,27	0,66	0,74	1	0,8
F3_2	0,75	0,49	0,68	0,76	0,72	0,46	0,54	0,65	0,8	1

*Anexo 22. Correlação entre subdimensões Family Environment Scale (FES) - famílias*

	F1_1	F1_2	F1_3	F2_1	F2_2	F2_3	F2_4	F2_5	F3_1	F3_2
F1_1	1	0,81	0,82	0,35	0,11	0,38	0,45	0,44	0,6	0,82
F1_2	0,81	1	0,66	0,62	0,03	0,51	0,59	0,49	0,33	0,6
F1_3	0,82	0,66	1	0,29	-0,02	0,02	0,23	0,55	0,4	0,81
F2_1	0,35	0,62	0,29	1	0,21	0,55	0,21	0,61	0,41	0,4
F2_2	0,11	0,03	-0,02	0,21	1	-0,07	0,01	0,3	0,3	0,01
F2_3	0,38	0,51	0,02	0,55	-0,07	1	0,54	0,08	0,29	0,44
F2_4	0,45	0,59	0,23	0,21	0,01	0,54	1	0,23	-0,2	0,39
F2_5	0,44	0,49	0,55	0,61	0,3	0,08	0,23	1	0,29	0,34
F3_1	0,6	0,33	0,4	0,41	0,3	0,29	-0,2	0,29	1	0,47
F3_2	0,82	0,6	0,81	0,4	0,01	0,44	0,39	0,34	0,47	1

#### 4. Alfa de Cronbach e médias dos itens de cada subdimensão da FES- Jovens

##### 4.1. Dimensão Relacional

##### 4.1.1. Subdimensão 1.1. Coesão

###### Reliability Statistics

Anexo 23. Alfa de Cronbach- subdimensão Coesão - jovens

<i>Cronbach's Alpha</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N of Items</i>
,893	,890	9

Anexo 24. Média de cada item- subdimensão Coesão – jovens

###### Item Statistics

<i>Mean</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N</i>
<i>FES_1_1_1</i>	4,29	14
<i>FES_11_1_1</i>	4,00	14
<i>FES_21_1_1</i>	3,79	14
<i>FES_31_1_1</i>	3,71	14
<i>FES_41_1_1</i>	3,86	14
<i>FES_51_1_1</i>	4,14	14
<i>FES_61_1_1</i>	4,36	14
<i>FES_71_1_1</i>	3,64	14
<i>FES_81_1_1</i>	3,64	14

Anexo 25. Média da subdimensão Coesão – jovens

###### Scale Statistics

<i>Mean</i>	<i>Variance</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N of Items</i>
35,43	88,418	9,403	9

### 4.1.2. Subdimensão 1.2. Expressividade

#### Reliability Statistics

Anexo 26- Alfa de Cronbach- subdimensão Expressividade-Jovens

<i>Cronbach's Alpha</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N of Items</i>
,601	,586	9

Anexo 27. Média de cada item - subdimensão Expressividade – jovens

#### Item Statistics

<i>Mean</i>		<i>Std. Deviation</i>	<i>N</i>
<i>FES_2_1_2</i>	3,14	1,099	14
<i>FES_12_1_2</i>	3,86	1,406	14
<i>FES_22_1_2</i>	3,93	1,439	14
<i>FES_32_1_2</i>	3,36	1,598	14
<i>FES_42_1_2</i>	4,14	1,231	14
<i>FES_52_1_2</i>	3,36	1,277	14
<i>FES_62_1_2</i>	4,07	1,439	14
<i>FES_72_1_2</i>	3,07	1,439	14
<i>FES_82_1_2</i>	3,86	1,351	14

Anexo 28. Média da subdimensão Expressividade – jovens

#### Scale Statistics

<i>Mean</i>	<i>Variance</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N of Items</i>
32,79	36,335	6,028	9



### 4.1.3. Subdimensão 1.3. Conflito

#### Reliability Statistics

Anexo 29. Alfa de Cronbach - subdimensão Conflito - jovens

<i>Cronbach's Alpha</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N of Items</i>
,259	,255	9

Anexo 30. Média de cada item - subdimensão Conflito - jovens

#### Item Statistics

<i>Mean</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N</i>
<i>FES_3_1_3</i>	3,71	14
<i>FES_13_1_3</i>	4,14	14
<i>FES_23_1_3</i>	4,14	14
<i>FES_33_1_3</i>	3,64	14
<i>FES_43_1_3</i>	3,36	14
<i>FES_53_1_3</i>	5,07	14
<i>FES_63_1_3</i>	3,57	14
<i>FES_73_1_3</i>	4,43	14
<i>FES_83_1_3</i>	3,79	14

Anexo 31. Média da subdimensão Conflito – jovens

#### Scale Statistics

<i>Mean</i>	<i>Variance</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N of Items</i>
35,86	23,670	4,865	9

## 4.2. Dimensão Crescimento Pessoal

### 4.2.1. Subdimensão 2.1. Independência

#### Reliability Statistics

Anexo 32. Alfa de Cronbach – subdimensão Independência – jovens

<i>Cronbach's Alpha</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N of Items</i>
,568	,429	9

Anexo 33. Média de cada item - subdimensão Independência – jovens

#### Item Statistics

<i>Mean</i>		<i>Std. Deviation</i>	<i>N</i>
<i>FES_4_2_1</i>	4,36	1,393	14
<i>FES_14_2_1</i>	4,29	1,326	14
<i>FES_24_2_1</i>	3,71	1,437	14
<i>FES_34_2_1</i>	3,93	1,439	14
<i>FES_44_2_1</i>	3,71	1,684	14
<i>FES_54_2_1</i>	3,36	1,447	14
<i>FES_64_2_1</i>	4,14	1,351	14
<i>FES_74_2_1</i>	4,00	1,569	14
<i>FES_84_2_1</i>	4,43	,646	14

Anexo 34. Média da subdimensão Independência – jovens

#### Scale Statistics

<i>Mean</i>	<i>Variance</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N of Items</i>
35,93	35,302	5,942	9

#### 4.2.2. Subdimensão 2.2. Orientação para o sucesso

##### Reliability Statistics

*Anexo 35. Alfa de Cronbach - subdimensão Orientação para o sucesso - jovens*

<i>Cronbach's Alpha</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N of Items</i>
<i>,521</i>	<i>,467</i>	<i>9</i>

*Anexo 36. Média de cada item - subdimensão Orientação para o sucesso – jovens*

##### Item Statistics

<i>Mean</i>		<i>Std. Deviation</i>	<i>N</i>
<i>FES_5_2_2</i>	<i>3,36</i>	<i>1,447</i>	<i>14</i>
<i>FES_15_2_2</i>	<i>3,93</i>	<i>1,542</i>	<i>14</i>
<i>FES_25_2_2</i>	<i>4,07</i>	<i>1,385</i>	<i>14</i>
<i>FES_35_2_2</i>	<i>4,14</i>	<i>1,231</i>	<i>14</i>
<i>FES_45_2_2</i>	<i>3,93</i>	<i>1,269</i>	<i>14</i>
<i>FES_55_2_2</i>	<i>3,79</i>	<i>1,718</i>	<i>14</i>
<i>FES_65_2_2</i>	<i>3,29</i>	<i>1,267</i>	<i>14</i>
<i>FES_75_2_2</i>	<i>4,50</i>	<i>1,019</i>	<i>14</i>
<i>FES_85_2_2</i>	<i>3,50</i>	<i>1,345</i>	<i>14</i>

*Anexo 37. Média da subdimensão Orientação para o sucesso – jovens*

##### Scale Statistics

<i>Mean</i>	<i>Variance</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N of Items</i>
<i>34,50</i>	<i>31,500</i>	<i>5,612</i>	<i>9</i>

### 4.2.3. Subdimensão 2.3. Orientação Intelectual-Cultural

#### Reliability Statistics

Anexo 38. Alfa de Cronbach - subdimensão Orientação Intelectual-Cultural jovens

<i>Cronbach's Alpha</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N of Items</i>
,649	,602	9

Anexo 39. Média de cada item - subdimensão Orientação Intelectual-Cultural – jovens

#### Item Statistics

<i>Mean</i>		<i>Std. Deviation</i>	<i>N</i>
<i>FES_6_2_3</i>	3,36	1,393	14
<i>FES_16_2_3</i>	1,93	1,269	14
<i>FES_26_2_3</i>	3,93	1,492	14
<i>FES_36_2_3</i>	3,43	1,828	14
<i>FES_46_2_3</i>	3,14	1,562	14
<i>FES_56_2_3</i>	2,79	1,968	14
<i>FES_66_2_3</i>	3,43	1,651	14
<i>FES_76_2_3</i>	2,57	,852	14
<i>FES_86_2_3</i>	3,71	,994	14

Anexo 40. Média da subdimensão Orientação Intelectual-Cultural – jovens

#### Scale Statistics

<i>Mean</i>	<i>Variance</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N of Items</i>
28,29	46,989	6,855	9

#### 4.2.4. Subdimensão 2.4. Orientação para as atividades recreativas

##### Reliability Statistics

Anexo 41. Alfa de Cronbach - subdimensão Orientação para as atividades recreativas – jovens

<i>Cronbach's Alpha</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N of Items</i>
,597	,612	9

Anexo 42. Média de cada item - subdimensão Orientação para as atividades recreativas – jovens

##### Item Statistics

<i>Mean</i>		<i>Std. Deviation</i>	<i>N</i>
<i>FES_7_2_4</i>	2,07	1,207	14
<i>FES_17_2_4</i>	3,36	1,447	14
<i>FES_27_2_4</i>	4,50	1,557	14
<i>FES_37_2_4</i>	2,57	1,399	14
<i>FES_47_2_4</i>	3,36	1,550	14
<i>FES_57_2_4</i>	4,00	1,664	14
<i>FES_67_2_4</i>	3,57	1,651	14
<i>FES_77_2_4</i>	3,64	1,151	14
<i>FES_87_2_4</i>	2,79	1,051	14

Anexo 43. Média da subdimensão Orientação para as atividades recreativas – jovens

##### Scale Statistics

<i>Mean</i>	<i>Variance</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N of Items</i>
29,86	38,901	6,237	9

#### 4.2.5. Subdimensão 2.5. Orientação Moral e Religiosa

##### Reliability Statistics

Anexo 44. Alfa de Cronbach - subdimensão Orientação moral e religiosa - jovens

<i>Cronbach's Alpha</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N of Items</i>
,808	,795	9

Anexo 45. Média de cada item - subdimensão Orientação moral e religiosa – jovens

##### Item Statistics

<i>Mean</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N</i>
<i>FES_8_2_5</i>	2,07	14
<i>FES_18_2_5</i>	2,29	14
<i>FES_28_2_5</i>	3,14	14
<i>FES_38_2_5</i>	3,29	14
<i>FES_48_2_5</i>	4,71	14
<i>FES_58_2_5</i>	3,29	14
<i>FES_68_2_5</i>	3,57	14
<i>FES_78_2_5</i>	3,14	14
<i>FES_88_2_5</i>	3,50	14

Anexo 46. Média da subdimensão Orientação moral e religiosa

##### Scale Statistics

<i>Mean</i>	<i>Variance</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N of Items</i>
29,00	71,692	8,467	9

### 4.3. Dimensão Manutenção do Sistema

#### 4.3.1. Subdimensão 3.1. Organização

##### Reliability Statistics

Anexo 47. Alfa de Cronbach - subdimensão Organização – jovens

<i>Cronbach's Alpha</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N of Items</i>
,776	,740	9

Anexo 48. Média de cada item - subdimensão Organização – jovens

##### Item Statistics

<i>Mean</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N</i>
<i>FES_9_3_1</i>	3,57	14
<i>FES_19_3_1</i>	4,14	14
<i>FES_29_3_1</i>	3,93	14
<i>FES_39_3_1</i>	4,14	14
<i>FES_49_3_1</i>	3,86	14
<i>FES_59_3_1</i>	4,07	14
<i>FES_69_3_1</i>	3,71	14
<i>FES_79_3_1</i>	4,50	14
<i>FES_89_3_1</i>	4,86	14

Anexo 49. Média da subdimensão Organização – jovens

##### Scale Statistics

<i>Mean</i>	<i>Variance</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N of Items</i>
36,79	49,258	7,018	9

### 4.3.2. Subdimensão 3.2. Controlo

#### Reliability Statistics

Anexo 50. Alfa de Cronbach - subdimensão Controlo - jovens

<i>Cronbach's Alpha</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N of Items</i>
,589	,612	9

Anexo 51. Média de cada item - subdimensão Controlo - jovens

#### Item Statistics

Mean		Std. Deviation	N
<i>FES_10_3_2</i>	3,79	1,477	14
<i>FES_20_3_2</i>	3,43	1,505	14
<i>FES_30_3_2</i>	4,29	1,383	14
<i>FES_40_3_2</i>	3,86	1,460	14
<i>FES_50_3_2</i>	4,21	1,311	14
<i>FES_60_3_2</i>	3,64	1,336	14
<i>FES_70_3_2</i>	3,43	1,505	14
<i>FES_80_3_2</i>	4,00	1,468	14
<i>FES_90_3_2</i>	4,57	1,222	14

Anexo 52. Média da subdimensão Controlo – jovens

#### Scale Statistics

<i>Mean</i>	<i>Variance</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N of Items</i>
35,21	37,566	6,129	9



## 5. Alfa de Cronbach e médias dos itens de cada subdimensão da FES- Famílias

### 5.1. Dimensão Relacional

#### 5.1.1. Subdimensão 1.1. Coesão

##### Reliability Statistics

Anexo 53. Alfa de Cronbach- subdimensão Coesão – famílias

<i>Cronbach's Alpha</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N of Items</i>
,941	,941	9

Anexo 54. Média de cada item- subdimensão Coesão – famílias

##### Item Statistics

<i>Mean</i>		<i>Std. Deviation</i>	<i>N</i>
<i>FES_1_1_1</i>	4,86	1,406	14
<i>FES_11_1_1</i>	4,43	1,222	14
<i>FES_21_1_1</i>	4,36	1,008	14
<i>FES_31_1_1</i>	4,21	1,528	14
<i>FES_41_1_1</i>	3,57	1,399	14
<i>FES_51_1_1</i>	5,00	1,359	14
<i>FES_61_1_1</i>	4,43	1,505	14
<i>FES_71_1_1</i>	4,43	1,342	14
<i>FES_81_1_1</i>	3,79	1,251	14

Anexo 55. Média da subdimensão Coesão – famílias

##### Scale Statistics

<i>Mean</i>	<i>Variance</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N of Items</i>
39,07	99,302	9,965	9

### 5.1.2. Subdimensão 1.2. Expressividade

#### Reliability Statistics

Anexo 56. Alfa de Cronbach - subdimensão Expressividade - famílias

<i>Cronbach's Alpha</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N of Items</i>
,725	,656	9

Anexo 57. Média de cada item - subdimensão Expressividade – famílias

#### Item Statistics

<i>Mean</i>		<i>Std. Deviation</i>	<i>N</i>
<i>FES_2_1_2</i>	4,00	1,359	14
<i>FES_12_1_2</i>	4,50	1,345	14
<i>FES_22_1_2</i>	4,86	,770	14
<i>FES_32_1_2</i>	4,29	1,637	14
<i>FES_42_1_2</i>	4,00	1,109	14
<i>FES_52_1_2</i>	4,43	1,222	14
<i>FES_62_1_2</i>	4,43	1,453	14
<i>FES_72_1_2</i>	2,36	,929	14
<i>FES_82_1_2</i>	4,21	1,251	14

Anexo 58. Média da subdimensão Expressividade – famílias

#### Scale Statistics

<i>Mean</i>	<i>Variance</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N of Items</i>
37,07	39,918	6,318	9

### 5.1.3. Subdimensão 1.3. Conflito

#### Reliability Statistics

Anexo 59. Alfa de Cronbach - subdimensão Conflito - famílias

<i>Cronbach's Alpha</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N of Items</i>
,789	,807	9

Anexo 60. Média de cada item - subdimensão Conflito - famílias

#### Item Statistics

<i>Mean</i>		<i>Std. Deviation</i>	<i>N</i>
<i>FES_3_1_3</i>	4,43	1,089	14
<i>FES_13_1_3</i>	4,00	1,468	14
<i>FES_23_1_3</i>	4,86	1,351	14
<i>FES_33_1_3</i>	3,86	1,099	14
<i>FES_43_1_3</i>	3,71	1,267	14
<i>FES_53_1_3</i>	5,50	,855	14
<i>FES_63_1_3</i>	4,21	1,311	14
<i>FES_73_1_3</i>	4,64	1,216	14
<i>FES_83_1_3</i>	4,36	1,598	14

Anexo 61. Média da subdimensão Conflito – famílias

#### Scale Statistics

<i>Mean</i>	<i>Variance</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N of Items</i>
39,57	48,418	6,958	9

## 5.2. Dimensão Crescimento Pessoal

### 5.2.1. Subdimensão 2.1. Independência

#### Reliability Statistics

Anexo 62. Alfa de Cronbach – subdimensão Independência – famílias

<i>Cronbach's Alpha</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N of Items</i>
<i>,411</i>	<i>,493</i>	<i>9</i>

Anexo 63. Média de cada item - subdimensão Independência – famílias

#### Item Statistics

<i>Mean</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N</i>
<i>FES_4_2_1</i>	<i>5,00</i>	<i>14</i>
<i>FES_14_2_1</i>	<i>4,57</i>	<i>14</i>
<i>FES_24_2_1</i>	<i>3,50</i>	<i>14</i>
<i>FES_34_2_1</i>	<i>4,50</i>	<i>14</i>
<i>FES_44_2_1</i>	<i>5,14</i>	<i>14</i>
<i>FES_54_2_1</i>	<i>2,36</i>	<i>14</i>
<i>FES_64_2_1</i>	<i>3,93</i>	<i>14</i>
<i>FES_74_2_1</i>	<i>4,79</i>	<i>14</i>
<i>FES_84_2_1</i>	<i>4,71</i>	<i>14</i>

Anexo 64. Média da subdimensão Independência – famílias

#### Scale Statistics

<i>Mean</i>	<i>Variance</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N of Items</i>
<i>38,50</i>	<i>18,115</i>	<i>4,256</i>	<i>9</i>

### 5.2.2. Subdimensão 2.2. Orientação para o sucesso

#### Reliability Statistics

Anexo 65. Alfa de Cronbach - subdimensão Orientação para o sucesso - famílias

<i>Cronbach's Alpha</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N of Items</i>
,761	,757	9

Anexo 66. Média de cada item - subdimensão Orientação para o sucesso - famílias

#### Item Statistics

<i>Mean</i>		<i>Std. Deviation</i>	<i>N</i>
<i>FES_5_2_2</i>	3,79	1,477	14
<i>FES_15_2_2</i>	3,79	1,424	14
<i>FES_25_2_2</i>	2,79	1,311	14
<i>FES_35_2_2</i>	3,93	1,269	14
<i>FES_45_2_2</i>	4,93	,730	14
<i>FES_55_2_2</i>	4,36	1,336	14
<i>FES_65_2_2</i>	3,71	1,383	14
<i>FES_75_2_2</i>	4,57	1,222	14
<i>FES_85_2_2</i>	4,50	1,286	14

Anexo 67. Média da subdimensão Orientação para o sucesso – famílias

#### Scale Statistics

<i>Mean</i>	<i>Variance</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N of Items</i>
36,36	46,093	6,789	9

### 5.2.3. Subdimensão 2.3. Orientação Intelectual-Cultural

#### Reliability Statistics

Anexo 68. Alfa de Cronbach - subdimensão Orientação Intelectual-Cultural – famílias

<i>Cronbach's Alpha</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N of Items</i>
,749	,770	9

Anexo 69. Média de cada item - subdimensão Orientação Intelectual-Cultural – famílias

#### Item Statistics

<i>Mean</i>		<i>Std. Deviation</i>	<i>N</i>
<i>FES_6_2_3</i>	4,29	1,204	14
<i>FES_16_2_3</i>	2,29	1,069	14
<i>FES_26_2_3</i>	4,43	1,158	14
<i>FES_36_2_3</i>	3,00	1,468	14
<i>FES_46_2_3</i>	3,57	1,284	14
<i>FES_56_2_3</i>	3,64	1,823	14
<i>FES_66_2_3</i>	4,07	,997	14
<i>FES_76_2_3</i>	3,64	1,447	14
<i>FES_86_2_3</i>	4,14	1,231	14

Anexo 70. Média da subdimensão Orientação Intelectual-Cultural – famílias

#### Scale Statistics

<i>Mean</i>	<i>Variance</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N of Items</i>
33,07	46,841	6,844	9

### 5.2.4. Subdimensão 2.4. Orientação para as atividades recreativas

#### Reliability Statistics

Anexo 71. Alfa de Cronbach - subdimensão Orientação para as atividades recreativas – famílias

<i>Cronbach's Alpha</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N of Items</i>
,746	,756	9

Anexo 72. Média de cada item - subdimensão Orientação para as atividades recreativas – famílias

#### Item Statistics

<i>Mean</i>		<i>Std. Deviation</i>	<i>N</i>
<i>FES_7_2_4</i>	2,07	,917	14
<i>FES_17_2_4</i>	3,29	1,267	14
<i>FES_27_2_4</i>	3,71	1,541	14
<i>FES_37_2_4</i>	2,93	1,207	14
<i>FES_47_2_4</i>	2,86	1,027	14
<i>FES_57_2_4</i>	2,86	1,292	14
<i>FES_67_2_4</i>	4,00	1,038	14
<i>FES_77_2_4</i>	3,86	1,027	14
<i>FES_87_2_4</i>	4,07	1,385	14

Anexo 73. Média da subdimensão Orientação para as atividades recreativas – famílias

#### Scale Statistics

<i>Mean</i>	<i>Variance</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N of Items</i>
29,64	38,709	6,222	9

### 5.2.5. Subdimensão 2.5. Orientação Moral e Religiosa

#### Reliability Statistics

Anexo 74. Alfa de Cronbach - subdimensão Orientação moral e religiosa - famílias

<i>Cronbach's Alpha</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N of Items</i>
,795	,793	9

Anexo 75. Média de cada item - subdimensão Orientação moral e religiosa - famílias

#### Item Statistics

<i>Mean</i>		<i>Std. Deviation</i>	<i>N</i>
<i>FES_8_2_5</i>	2,71	1,541	14
<i>FES_18_2_5</i>	3,43	1,869	14
<i>FES_28_2_5</i>	4,14	1,099	14
<i>FES_38_2_5</i>	3,57	1,604	14
<i>FES_48_2_5</i>	5,36	,842	14
<i>FES_58_2_5</i>	3,21	1,528	14
<i>FES_68_2_5</i>	4,00	1,177	14
<i>FES_78_2_5</i>	3,50	1,225	14
<i>FES_88_2_5</i>	3,43	1,604	14

Anexo 76. Média da subdimensão Orientação moral e religiosa – famílias

#### Scale Statistics

<i>Mean</i>	<i>Variance</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N of Items</i>
33,36	61,940	7,870	9



### 5.3. Dimensão Manutenção do Sistema

#### 5.3.1. Subdimensão 3.1. Organização

##### Reliability Statistics

Anexo 77. Alfa de Cronbach - subdimensão Organização – famílias

<i>Cronbach's Alpha</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N of Items</i>
,643	,673	9

Anexo 78. Média de cada item - subdimensão Organização – famílias

##### Item Statistics

<i>Mean</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N</i>
<i>FES_9_3_1</i>	4,50	,941
<i>FES_19_3_1</i>	4,79	1,051
<i>FES_29_3_1</i>	4,79	1,051
<i>FES_39_3_1</i>	5,07	,730
<i>FES_49_3_1</i>	4,79	,975
<i>FES_59_3_1</i>	4,57	1,222
<i>FES_69_3_1</i>	4,00	,961
<i>FES_79_3_1</i>	4,79	1,311
<i>FES_89_3_1</i>	5,00	,784

Anexo 79. Média da subdimensão Organização – famílias

##### Scale Statistics

<i>Mean</i>	<i>Variance</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N of Items</i>
42,29	21,758	4,665	9

### 5.3.2. Subdimensão 3.2. Controlo

#### Reliability Statistics

Anexo 80. Alfa de Cronbach - subdimensão Controlo - famílias

<i>Cronbach's Alpha</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N of Items</i>
,695	,673	9

Anexo 81. Média de cada item - subdimensão Controlo - famílias

#### Item Statistics

<i>Mean</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N</i>
<i>FES_10_3_2</i>	4,07	14
<i>FES_20_3_2</i>	4,00	14
<i>FES_30_3_2</i>	3,93	14
<i>FES_40_3_2</i>	4,57	14
<i>FES_50_3_2</i>	4,50	14
<i>FES_60_3_2</i>	4,64	14
<i>FES_70_3_2</i>	4,79	14
<i>FES_80_3_2</i>	4,07	14
<i>FES_90_3_2</i>	4,93	14

Anexo 82. Média da subdimensão Controlo - família

#### Scale Statistics

<i>Mean</i>	<i>Variance</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N of Items</i>
39,50	25,808	5,080	9

## 6. Correlação entre itens dos fatores do IPSF- Jovens

(ver folha seguinte)

Anexo 83. Correlação entre itens Fator Afetivo Consistente - jovens

			IPSF_2_F1	IPSF_3_F	IPSF_4_F1	IPSF_5_F1	IPSF_9_F1	IPSF_11_F1	IPSF_15_F1	IPSF_17_F1	IPSF_22_F1	IPSF_23_F1	IPSF_24_F1	IPSF_25_F1
Spearman's rho Jovens	IPSF_2_F1	Correlation Coefficient	1,000	0,000	-0,076	0,350	0,231	0,104	0,105	-0,040	0,169	0,117	0,267	0,190
		Sig. (2-tailed)		1,000	0,796	0,220	0,426	0,723	0,721	0,891	0,563	0,691	0,356	0,515
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_3_F1	Correlation Coefficient	0,000	1,000	0,021	0,258	0,427	,599*	0,325	,558*	0,374	0,000	0,296	0,063
		Sig. (2-tailed)	1,000		0,943	0,373	0,128	0,024	0,257	0,038	0,188	1,000	0,305	0,830
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_4_F1	Correlation Coefficient	-0,076	0,021	1,000	0,496	0,226	0,174	,619*	0,071	0,371	0,314	0,391	,689**
		Sig. (2-tailed)	0,796	0,943		0,071	0,438	0,551	0,018	0,809	0,192	0,274	0,167	0,006
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_5_F1	Correlation Coefficient	0,350	0,258	0,496	1,000	0,441	,535*	,616*	0,272	0,483	0,202	0,382	0,508
		Sig. (2-tailed)	0,220	0,373	0,071		0,115	0,049	0,019	0,347	0,080	0,488	0,178	0,064
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
		Correlation Coefficient	0,231	0,427	0,226	0,441	1,000	,584*	,538*	,735**	,867**	0,236	,722**	,549*

	IPSF _9_ F1	Sig. (2-tailed)	0,426	0,128	0,438	0,115		0,028	0,047	0,003	0,000	0,416	0,004	0,042
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF _11_ F1	Correlation Coefficient	0,104	,599*	0,174	,535*	,584*	1,000	,684**	,751**	,714**	-0,008	0,448	0,173
		Sig. (2-tailed)	0,723	0,024	0,551	0,049	0,028		0,007	0,002	0,004	0,977	0,108	0,554
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF _15_ F1	Correlation Coefficient	0,105	0,325	,619*	,616*	,538*	,684**	1,000	0,364	,608*	0,518	0,451	,606*
		Sig. (2-tailed)	0,721	0,257	0,018	0,019	0,047	0,007		0,201	0,021	0,058	0,105	0,022
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF _17_ F1	Correlation Coefficient	-0,040	,558*	0,071	0,272	,735**	,751**	0,364	1,000	,728**	0,037	0,491	0,213
		Sig. (2-tailed)	0,891	0,038	0,809	0,347	0,003	0,002	0,201		0,003	0,900	0,075	0,464
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF _22_ F1	Correlation Coefficient	0,169	0,374	0,371	0,483	,867**	,714**	,608*	,728**	1,000	0,138	,632*	0,449
		Sig. (2-tailed)	0,563	0,188	0,192	0,080	0,000	0,004	0,021	0,003		0,638	0,015	0,107
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF _23_ F1	Correlation Coefficient	0,117	0,000	0,314	0,202	0,236	-0,008	0,518	0,037	0,138	1,000	0,218	0,485
		Sig. (2-tailed)	0,691	1,000	0,274	0,488	0,416	0,977	0,058	0,900	0,638		0,454	0,079
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14

	IPSF _24_ F1	Correlation Coefficient	0,267	0,296	0,391	0,382	,722**	0,448	0,451	0,491	,632*	0,218	1,000	0,515
		Sig. (2- tailed)	0,356	0,305	0,167	0,178	0,004	0,108	0,105	0,075	0,015	0,454		0,059
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF _25_ F1	Correlation Coefficient	0,190	0,063	,689**	0,508	,549*	0,173	,606*	0,213	0,449	0,485	0,515	1,000
		Sig. (2- tailed)	0,515	0,830	0,006	0,064	0,042	0,554	0,022	0,464	0,107	0,079	0,059	
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF _26_ F1	Correlation Coefficient	0,494	-0,021	0,298	0,485	0,456	-0,007	0,334	0,062	0,303	0,492	0,480	,778**
		Sig. (2- tailed)	0,073	0,943	0,301	0,079	0,101	0,981	0,242	0,834	0,292	0,074	0,083	0,001
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF _28_ F1	Correlation Coefficient	0,000	0,353	0,482	,716**	0,344	0,371	0,479	0,236	0,236	-0,041	0,186	,569*
		Sig. (2- tailed)	1,000	0,216	0,081	0,004	0,228	0,191	0,083	0,416	0,417	0,890	0,524	0,034
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF _29_ F1	Correlation Coefficient	-0,116	0,085	0,260	0,456	,614*	,536*	0,399	0,525	,729**	0,004	,577*	0,416
		Sig. (2- tailed)	0,694	0,772	0,369	0,101	0,020	0,048	0,158	0,054	0,003	0,989	0,031	0,139
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF _30_ F1	Correlation Coefficient	0,222	-0,067	0,253	0,362	0,430	0,222	,635*	0,171	0,418	,700**	0,170	,534*
		Sig. (2- tailed)	0,446	0,820	0,382	0,203	0,125	0,446	0,015	0,559	0,137	0,005	0,562	0,049

		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
IPSF _31_ F1	Correlation Coefficient		0,198	0,329	0,331	,586*	,877**	,655*	,718**	0,525	,844**	0,190	,612*	,615*
	Sig. (2- tailed)		0,497	0,251	0,248	0,028	0,000	0,011	0,004	0,054	0,000	0,515	0,020	0,019
	N		14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
IPSF _35_ F1	Correlation Coefficient		-0,125	0,184	,658*	0,488	,573*	0,421	,818**	0,432	,566*	,586*	0,428	,783**
	Sig. (2- tailed)		0,671	0,528	0,010	0,076	0,032	0,134	0,000	0,123	0,035	0,028	0,127	0,001
	N		14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
IPSF _37_ F1	Correlation Coefficient		0,125	0,184	0,526	0,488	,573*	0,421	,580*	0,432	,566*	0,229	,662**	,783**
	Sig. (2- tailed)		0,671	0,528	0,054	0,076	0,032	0,134	0,030	0,123	0,035	0,430	0,010	0,001
	N		14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
IPSF _41_ F1	Correlation Coefficient		0,190	0,294	,578*	0,368	0,487	0,523	,806**	0,248	0,494	0,345	,551*	,745**
	Sig. (2- tailed)		0,515	0,307	0,030	0,195	0,077	0,055	0,001	0,392	0,072	0,227	0,041	0,002
	N		14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
IPSF _42_ F1	Correlation Coefficient		0,239	0,088	0,355	0,252	0,452	0,197	0,479	0,236	0,377	0,390	,596*	,689**
	Sig. (2- tailed)		0,410	0,764	0,213	0,385	0,105	0,499	0,083	0,416	0,184	0,168	0,024	0,006
	N		14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14

Continuação Anexo 83

			IPSF_26_F 1	IPSF_28_F 1	IPSF_29_F 1	IPSF_30_F 1	IPSF_31_F 1	IPSF_35_F 1	IPSF_37_F 1	IPSF_41_F 1	IPSF42_F 1
Spearman' s rho	IPSF_2_F1	Correlatio n Coefficien t	0,494	0,000	-0,116	0,222	0,198	-0,125	0,125	0,190	0,239
		Sig. (2- tailed)	0,073	1,000	0,694	0,446	0,497	0,671	0,671	0,515	0,410
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_3_F1	Correlatio n Coefficien t	-0,021	0,353	0,085	-0,067	0,329	0,184	0,184	0,294	0,088
		Sig. (2- tailed)	0,943	0,216	0,772	0,820	0,251	0,528	0,528	0,307	0,764
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_4_F1	Correlatio n Coefficien t	0,298	0,482	0,260	0,253	0,331	,658*	0,526	,578*	0,355
		Sig. (2- tailed)	0,301	0,081	0,369	0,382	0,248	0,010	0,054	0,030	0,213
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_5_F1	Correlatio n Coefficien t	0,485	,716**	0,456	0,362	,586*	0,488	0,488	0,368	0,252
		Sig. (2- tailed)	0,079	0,004	0,101	0,203	0,028	0,076	0,076	0,195	0,385
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_9_F1	Correlatio n	0,456	0,344	,614*	0,430	,877**	,573*	,573*	0,487	0,452

## 5. Alfa de Cronbach e médias dos itens de cada subdimensão da FES- Famílias

### 5.1. Dimensão Relacional

#### 5.1.1. Subdimensão 1.1. Coesão

##### Reliability Statistics

Anexo 53. Alfa de Cronbach- subdimensão Coesão – famílias

<i>Cronbach's Alpha</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N of Items</i>
,941	,941	9

Anexo 54. Média de cada item- subdimensão Coesão – famílias

##### Item Statistics

<i>Mean</i>		<i>Std. Deviation</i>	<i>N</i>
<i>FES_1_1_1</i>	4,86	1,406	14
<i>FES_11_1_1</i>	4,43	1,222	14
<i>FES_21_1_1</i>	4,36	1,008	14
<i>FES_31_1_1</i>	4,21	1,528	14
<i>FES_41_1_1</i>	3,57	1,399	14
<i>FES_51_1_1</i>	5,00	1,359	14
<i>FES_61_1_1</i>	4,43	1,505	14
<i>FES_71_1_1</i>	4,43	1,342	14
<i>FES_81_1_1</i>	3,79	1,251	14

Anexo 55. Média da subdimensão Coesão – famílias

##### Scale Statistics

<i>Mean</i>	<i>Variance</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N of Items</i>
39,07	99,302	9,965	9



		Sig. (2-tailed)	0,101	0,228	0,020	0,125	0,000	0,032	0,032	0,077	0,105
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_11_F1	Correlation Coefficient	-0,007	0,371	,536*	0,222	,655*	0,421	0,421	0,523	0,197
		Sig. (2-tailed)	0,981	0,191	0,048	0,446	0,011	0,134	0,134	0,055	0,499
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_15_F1	Correlation Coefficient	0,334	0,479	0,399	,635*	,718**	,818**	,580*	,806**	0,479
		Sig. (2-tailed)	0,242	0,083	0,158	0,015	0,004	0,000	0,030	0,001	0,083
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_17_F1	Correlation Coefficient	0,062	0,236	0,525	0,171	0,525	0,432	0,432	0,248	0,236
		Sig. (2-tailed)	0,834	0,416	0,054	0,559	0,054	0,123	0,123	0,392	0,416
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_22_F1	Correlation Coefficient	0,303	0,236	,729**	0,418	,844**	,566*	,566*	0,494	0,377
		Sig. (2-tailed)	0,292	0,417	0,003	0,137	0,000	0,035	0,035	0,072	0,184
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_23_F1	Correlation Coefficient	0,492	-0,041	0,004	,700**	0,190	,586*	0,229	0,345	0,390
		Sig. (2-tailed)	0,074	0,890	0,989	0,005	0,515	0,028	0,430	0,227	0,168
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14

	IPSF_24_F 1	Correlatio n Coefficien t	0,480	0,186	,577*	0,170	,612*	0,428	,662**	,551*	,596*
		Sig. (2- tailed)	0,083	0,524	0,031	0,562	0,020	0,127	0,010	0,041	0,024
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_25_F 1	Correlatio n Coefficien t	,778**	,569*	0,416	,534*	,615*	,783**	,783**	,745**	,689**
		Sig. (2- tailed)	0,001	0,034	0,139	0,049	0,019	0,001	0,001	0,002	0,006
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_26_F 1	Correlatio n Coefficien t	1,000	0,373	0,392	,638*	0,495	,550*	,733**	0,409	,800**
		Sig. (2- tailed)		0,188	0,166	0,014	0,072	0,041	0,003	0,146	0,001
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_28_F 1	Correlatio n Coefficien t	0,373	1,000	0,317	0,225	0,511	,537*	,537*	0,395	0,294
		Sig. (2- tailed)	0,188		0,270	0,439	0,062	0,048	0,048	0,163	0,307
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_29_F 1	Correlatio n Coefficien t	0,392	0,317	1,000	0,370	,736**	0,527	,696**	0,329	0,478
		Sig. (2- tailed)	0,166	0,270		0,193	0,003	0,053	0,006	0,251	0,084
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_30_F 1	Correlatio n	,638*	0,225	0,370	1,000	,564*	,751**	0,522	0,377	,627*

		Coefficient									
		Sig. (2-tailed)	0,014	0,439	0,193		0,036	0,002	0,056	0,184	0,016
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_31_F1	Correlation Coefficient	0,495	0,511	,736**	,564*	1,000	,665**	,665**	,649*	0,511
		Sig. (2-tailed)	0,072	0,062	0,003	0,036		0,009	0,009	0,012	0,062
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_35_F1	Correlation Coefficient	,550*	,537*	0,527	,751**	,665**	1,000	,782**	,646*	,696**
		Sig. (2-tailed)	0,041	0,048	0,053	0,002	0,009		0,001	0,013	0,006
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_37_F1	Correlation Coefficient	,733**	,537*	,696**	0,522	,665**	,782**	1,000	,646*	,905**
		Sig. (2-tailed)	0,003	0,048	0,006	0,056	0,009	0,001		0,013	0,000
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_41_F1	Correlation Coefficient	0,409	0,395	0,329	0,377	,649*	,646*	,646*	1,000	,569*
		Sig. (2-tailed)	0,146	0,163	0,251	0,184	0,012	0,013	0,013		0,034
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_42_F1	Correlation Coefficient	,800**	0,294	0,478	,627*	0,511	,696**	,905**	,569*	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,001	0,307	0,084	0,016	0,062	0,006	0,000	0,034	
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

\*\*. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

*Anexo 84. Correlações significativas entre itens Fator Adaptação Familiar - jovens*

			IPSF_1_F2	IPSF_6_F2	IPSF_7_F2	IPSF_8_F2	IPSF_13_F2	IPSF_16_F2	IPSF_20_F2	IPSF_21_F2	IPSF_27_F2
Spearman's rho jovens	IPSF_1_F2	Correlation Coefficient	1,000	0,481	0,507	,635*	0,154	0,220	,722**	0,408	0,407
		Sig. (2-tailed)		0,081	0,064	0,015	0,599	0,451	0,004	0,148	0,149
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_6_F2	Correlation Coefficient	0,481	1,000	,587*	0,154	,635*	-0,097	,759**	,686**	0,411
		Sig. (2-tailed)	0,081		0,027	0,599	0,015	0,740	0,002	0,007	0,144
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_7_F2	Correlation Coefficient	0,507	,587*	1,000	0,499	,638*	0,485	,587*	0,418	0,243
		Sig. (2-tailed)	0,064	0,027		0,069	0,014	0,079	0,027	0,137	0,402
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_8_F2	Correlation Coefficient	,635*	0,154	0,499	1,000	0,080	0,468	0,404	0,479	,580*
		Sig. (2-tailed)	0,015	0,599	0,069		0,786	0,092	0,152	0,083	0,030
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_13_F2	Correlation Coefficient	0,154	,635*	,638*	0,080	1,000	0,364	0,385	0,468	0,171
		Sig. (2-tailed)	0,599	0,015	0,014	0,786		0,201	0,174	0,092	0,559
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_16_F2	Correlation Coefficient	0,220	-0,097	0,485	0,468	0,364	1,000	0,117	0,133	0,290
		Sig. (2-tailed)	0,451	0,740	0,079	0,092	0,201		0,691	0,651	0,314
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14

	IPSF_20_F2	Correlation Coefficient	,722**	,759**	,587*	0,404	0,385	0,117	1,000	,686**	,641*
		Sig. (2-tailed)	0,004	0,002	0,027	0,152	0,174	0,691		0,007	0,014
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_21_F2	Correlation Coefficient	0,408	,686**	0,418	0,479	0,468	0,133	,686**	1,000	,696**
		Sig. (2-tailed)	0,148	0,007	0,137	0,083	0,092	0,651	0,007		0,006
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_27_F2	Correlation Coefficient	0,407	0,411	0,243	,580*	0,171	0,290	,641*	,696**	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,149	0,144	0,402	0,030	0,559	0,314	0,014	0,006	
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_32_F2	Correlation Coefficient	0,157	-0,235	-0,113	0,122	-0,204	0,189	0,274	0,077	0,283
		Sig. (2-tailed)	0,593	0,419	0,701	0,678	0,485	0,518	0,343	0,793	0,327
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_33_F2	Correlation Coefficient	0,249	0,386	,817**	0,519	,754**	,694**	0,386	0,420	0,392
		Sig. (2-tailed)	0,390	0,173	0,000	0,057	0,002	0,006	0,173	0,135	0,165
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_36_F2	Correlation Coefficient	,564*	0,418	,550*	,718**	0,302	0,341	0,418	0,296	,553*
		Sig. (2-tailed)	0,036	0,137	0,041	0,004	0,293	0,233	0,137	0,305	0,040
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_39_F2	Correlation Coefficient	0,154	0,385	0,277	0,080	,740**	0,364	0,385	0,468	0,409
		Sig. (2-tailed)	0,599	0,174	0,337	0,786	0,002	0,201	0,174	0,092	0,146
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14

Continuação Anexo 84

			IPSF_32_F2	IPSF_33_F2	IPSF_36_F2	IPSF_39_F2
Spearman's jovens	rho	IPSF_1_F2	Correlation Coefficient	0,157	0,249	,564*
			Sig. (2-tailed)	0,593	0,390	0,036
			N	14	14	14
		IPSF_6_F2	Correlation Coefficient	-0,235	0,386	0,418
			Sig. (2-tailed)	0,419	0,173	0,137
			N	14	14	14
		IPSF_7_F2	Correlation Coefficient	-0,113	,817**	,550*
			Sig. (2-tailed)	0,701	0,000	0,041
			N	14	14	14
		IPSF_8_F2	Correlation Coefficient	0,122	0,519	,718**
			Sig. (2-tailed)	0,678	0,057	0,004
			N	14	14	14
		IPSF_13_F2	Correlation Coefficient	-0,204	,754**	0,302
			Sig. (2-tailed)	0,485	0,002	0,293
			N	14	14	14
		IPSF_16_F2	Correlation Coefficient	0,189	,694**	0,341
			Sig. (2-tailed)	0,518	0,006	0,233
			N	14	14	14
		IPSF_20_F2	Correlation Coefficient	0,274	0,386	0,418
			Sig. (2-tailed)	0,343	0,173	0,137
			N	14	14	14
		IPSF_21_F2	Correlation Coefficient	0,077	0,420	0,296
			Sig. (2-tailed)	0,793	0,135	0,305
			N	14	14	14
		IPSF_27_F2	Correlation Coefficient	0,283	0,392	,553*

		Sig. (2-tailed)	0,327	0,165	0,040	0,146
		N	14	14	14	14
	IPSF_32_F2	Correlation Coefficient	1,000	-0,144	-0,269	0,326
		Sig. (2-tailed)		0,624	0,352	0,256
		N	14	14	14	14
	IPSF_33_F2	Correlation Coefficient	-0,144	1,000	,624*	0,448
		Sig. (2-tailed)	0,624		0,017	0,108
		N	14	14	14	14
	IPSF_36_F2	Correlation Coefficient	-0,269	,624*	1,000	0,057
		Sig. (2-tailed)	0,352	0,017		0,847
		N	14	14	14	14
	IPSF_39_F2	Correlation Coefficient	0,326	0,448	0,057	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,256	0,108	0,847	
		N	14	14	14	14

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

\*\*\_. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Anexo 85. Correlações entre itens Fator Autonomia – jovens

			IPSF_10_F3	IPSF_12_F3	IPSF_14_F3	IPSF_18_F3	IPSF_19_F3	IPSF_34_F3	IPSF_38_F3	IPSF_40_F3
Spearman's rho	IPSF_10_F3	Correlation Coefficient	1,000	0,256	-0,328	-0,044	-0,246	-0,044	0,082	-0,329
		Sig. (2-tailed)		0,377	0,252	0,882	0,397	0,882	0,780	0,251
		N	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_12_F3	Correlation Coefficient	0,256	1,000	0,280	0,273	0,452	0,080	0,280	0,321
		Sig. (2-tailed)	0,377		0,332	0,345	0,105	0,785	0,332	0,263
		N	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_14_F3	Correlation Coefficient	-0,328	0,280	1,000	0,098	0,173	0,242	0,519	0,098
		Sig. (2-tailed)	0,252	0,332		0,740	0,555	0,405	0,057	0,740
		N	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_18_F3	Correlation Coefficient	-0,044	0,273	0,098	1,000	0,232	-0,120	0,432	0,468
		Sig. (2-tailed)	0,882	0,345	0,740		0,424	0,684	0,123	0,091
		N	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_19_F3	Correlation Coefficient	-0,246	0,452	0,173	0,232	1,000	,595*	0,513	,891**
		Sig. (2-tailed)	0,397	0,105	0,555	0,424		0,025	0,061	0,000
		N	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_34_F3	Correlation Coefficient	-0,044	0,080	0,242	-0,120	,595*	1,000	,576*	0,488
		Sig. (2-tailed)	0,882	0,785	0,405	0,684	0,025		0,031	0,077
		N	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_38_F3	Correlation Coefficient	0,082	0,280	0,519	0,432	0,513	,576*	1,000	0,432



		Sig. (2-tailed)	0,780	0,332	0,057	0,123	0,061	0,031		0,123
		N	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_40_F3	Correlation Coefficient	-0,329	0,321	0,098	0,468	,891**	0,488	0,432	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,251	0,263	0,740	0,091	0,000	0,077	0,123	
		N	14	14	14	14	14	14	14	14
*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).										
**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).										

## 7. Correlação entre itens dos fatores do IPSF- Famílias

Anexo 86. Correlações significativas entre itens Fator Afetivo Consistente - famílias

			IPSF_2_F1	IPSF_3_F1	IPSF_4_F1	IPSF_5_F1	IPSF_9_F1	IPSF_11_F1	IPSF_15_F1	IPSF_17_F1	IPSF_22_F1	IPSF_25_F1
Spearman's rho	IPSF_2_F1	Correlation Coefficient	1,000	0,301	0,260	0,308	0,458	0,085	0,223	0,452	0,269	0,328
		Sig. (2-tailed)		0,295	0,370	0,284	0,100	0,772	0,443	0,104	0,353	0,253
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_3_F1	Correlation Coefficient	0,301	1,000	0,354	,713**	-0,160	-0,016	-0,049	0,290	0,045	0,168
		Sig. (2-tailed)	0,295		0,215	0,004	0,585	0,956	0,867	0,314	0,879	0,565
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_4_F1	Correlation Coefficient	0,260	0,354	1,000	0,417	0,102	0,381	,541*	0,511	0,461	,722**
		Sig. (2-tailed)	0,370	0,215		0,138	0,729	0,179	0,046	0,062	0,097	0,004
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_5_F1	Correlation Coefficient	0,308	,713**	0,417	1,000	0,017	0,169	0,260	0,298	0,230	0,168
		Sig. (2-tailed)	0,284	0,004	0,138		0,954	0,564	0,369	0,301	0,428	0,565
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14

	IPSF_9_F1	Correlation Coefficient	0,458	-0,160	0,102	0,017	1,000	0,475	0,451	,660*	,747**	0,490
		Sig. (2-tailed)	0,100	0,585	0,729	0,954		0,086	0,106	0,010	0,002	0,075
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_11_F1	Correlation Coefficient	0,085	-0,016	0,381	0,169	0,475	1,000	,885**	,651*	,826**	,767**
		Sig. (2-tailed)	0,772	0,956	0,179	0,564	0,086		0,000	0,012	0,000	0,001
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_15_F1	Correlation Coefficient	0,223	-0,049	,541*	0,260	0,451	,885**	1,000	,645*	,795**	,799**
		Sig. (2-tailed)	0,443	0,867	0,046	0,369	0,106	0,000		0,013	0,001	0,001
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_17_F1	Correlation Coefficient	0,452	0,290	0,511	0,298	,660*	,651*	,645*	1,000	,785**	,869**
		Sig. (2-tailed)	0,104	0,314	0,062	0,301	0,010	0,012	0,013		0,001	0,000
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_22_F1	Correlation Coefficient	0,269	0,045	0,461	0,230	,747**	,826**	,795**	,785**	1,000	,830**
		Sig. (2-tailed)	0,353	0,879	0,097	0,428	0,002	0,000	0,001	0,001		0,000
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_23_F1	Correlation Coefficient	0,248	-0,525	0,078	-0,156	0,360	0,347	0,467	0,063	0,378	0,180

		Coefficient										
		Sig. (2-tailed)	0,392	0,054	0,791	0,595	0,206	0,225	0,092	0,830	0,182	0,538
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_24_F1	Correlation Coefficient	0,259	0,259	,669**	0,251	0,119	,655*	,572*	,561*	0,502	,692**
		Sig. (2-tailed)	0,372	0,371	0,009	0,386	0,685	0,011	0,033	0,037	0,067	0,006
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_25_F1	Correlation Coefficient	0,328	0,168	,722**	0,168	0,490	,767**	,799**	,869**	,830**	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,253	0,565	0,004	0,565	0,075	0,001	0,001	0,000	0,000	
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_26_F1	Correlation Coefficient	0,492	0,194	,637*	0,364	0,528	,766**	,765**	,704**	,861**	,841**
		Sig. (2-tailed)	0,074	0,506	0,014	0,200	0,052	0,001	0,001	0,005	0,000	0,000
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_28_F1	Correlation Coefficient	0,320	0,096	0,470	0,085	0,442	,841**	,831**	,759**	,747**	,830**
		Sig. (2-tailed)	0,265	0,744	0,090	0,773	0,114	0,000	0,000	0,002	0,002	0,000
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_29_F1	Correlation Coefficient	,569*	0,410	,593*	,730**	0,260	0,382	0,490	0,332	0,443	0,422

		Sig. (2-tailed)	0,034	0,145	0,025	0,003	0,368	0,178	0,075	0,246	0,113	0,133
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_30_F1	Correlation Coefficient	,545*	-0,040	0,480	-0,060	,718**	0,513	,630*	,696**	,772**	,763**
		Sig. (2-tailed)	0,044	0,892	0,082	0,838	0,004	0,061	0,016	0,006	0,001	0,002
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_31_F1	Correlation Coefficient	0,528	-0,010	0,454	0,234	0,303	0,218	,618*	0,340	0,392	0,447
		Sig. (2-tailed)	0,052	0,973	0,103	0,422	0,293	0,454	0,018	0,234	0,165	0,109
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_35_F1	Correlation Coefficient	0,443	0,259	,802**	0,460	0,251	0,359	,572*	,561*	,553*	,649*
		Sig. (2-tailed)	0,112	0,371	0,001	0,098	0,386	0,207	0,033	0,037	0,040	0,012
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_37_F1	Correlation Coefficient	0,409	0,223	,652*	0,229	,564*	,742**	,791**	,897**	,882**	,962**
		Sig. (2-tailed)	0,146	0,443	0,012	0,430	0,036	0,002	0,001	0,000	0,000	0,000
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_41_F1	Correlation Coefficient	,597*	0,298	0,470	0,527	0,342	0,340	,629*	,660*	0,409	,575*
		Sig. (2-tailed)	0,024	0,300	0,090	0,053	0,232	0,234	0,016	0,010	0,146	0,031

		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_42_F1	Correlation Coefficient	0,320	0,298	0,323	0,527	0,442	0,340	0,500	,759**	0,508	0,490
		Sig. (2-tailed)	0,265	0,300	0,260	0,053	0,114	0,234	0,068	0,002	0,063	0,075
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14	14

*Continuação Anexo 86*

			IPSF_26_F1	IPSF_28_F1	IPSF_29_F1	IPSF_30_F1	IPSF_31_F1	IPSF_35_F1	IPSF_37_F1	IPSF_41_F1	IPSF_42_F1
Spearman's rho famílias	IPSF_2_F1	Correlation Coefficient	0,492	0,320	,569*	,545*	0,528	0,443	0,409	,597*	0,320
		Sig. (2-tailed)	0,074	0,265	0,034	0,044	0,052	0,112	0,146	0,024	0,265
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_3_F1	Correlation Coefficient	0,194	0,096	0,410	-0,040	-0,010	0,259	0,223	0,298	0,298
		Sig. (2-tailed)	0,506	0,744	0,145	0,892	0,973	0,371	0,443	0,300	0,300
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_4_F1	Correlation Coefficient	,637*	0,470	,593*	0,480	0,454	,802**	,652*	0,470	0,323
		Sig. (2-tailed)	0,014	0,090	0,025	0,082	0,103	0,001	0,012	0,090	0,260
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_5_F1	Correlation	0,364	0,085	,730**	-0,060	0,234	0,460	0,229	0,527	0,527

		Coefficient									
		Sig. (2-tailed)	0,200	0,773	0,003	0,838	0,422	0,098	0,430	0,053	0,053
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_9_F1	Correlation Coefficient	0,528	0,442	0,260	,718**	0,303	0,251	,564*	0,342	0,442
		Sig. (2-tailed)	0,052	0,114	0,368	0,004	0,293	0,386	0,036	0,232	0,114
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_11_F1	Correlation Coefficient	,766**	,841**	0,382	0,513	0,218	0,359	,742**	0,340	0,340
		Sig. (2-tailed)	0,001	0,000	0,178	0,061	0,454	0,207	0,002	0,234	0,234
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_15_F1	Correlation Coefficient	,765**	,831**	0,490	,630*	,618*	,572*	,791**	,629*	0,500
		Sig. (2-tailed)	0,001	0,000	0,075	0,016	0,018	0,033	0,001	0,016	0,068
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_17_F1	Correlation Coefficient	,704**	,759**	0,332	,696**	0,340	,561*	,897**	,660*	,759**
		Sig. (2-tailed)	0,005	0,002	0,246	0,006	0,234	0,037	0,000	0,010	0,002
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_22_F1	Correlation Coefficient	,861**	,747**	0,443	,772**	0,392	,553*	,882**	0,409	0,508

		Sig. (2-tailed)	0,000	0,002	0,113	0,001	0,165	0,040	0,000	0,146	0,063
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_23_F1	Correlation Coefficient	0,381	0,360	0,171	0,449	0,449	0,320	0,248	0,085	0,085
		Sig. (2-tailed)	0,179	0,206	0,559	0,107	0,107	0,264	0,392	0,773	0,773
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_24_F1	Correlation Coefficient	,660*	,743**	0,387	0,432	0,142	,701**	,662**	0,251	0,251
		Sig. (2-tailed)	0,010	0,002	0,172	0,123	0,628	0,005	0,010	0,386	0,386
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_25_F1	Correlation Coefficient	,841**	,830**	0,422	,763**	0,447	,649*	,962**	,575*	0,490
		Sig. (2-tailed)	0,000	0,000	0,133	0,002	0,109	0,012	0,000	0,031	0,075
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_26_F1	Correlation Coefficient	1,000	,686**	,728**	,669**	0,413	,660*	,835**	0,477	0,364
		Sig. (2-tailed)		0,007	0,003	0,009	0,142	0,010	0,000	0,084	0,201
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_28_F1	Correlation Coefficient	,686**	1,000	0,223	,745**	0,448	,548*	,874**	0,480	0,480
		Sig. (2-tailed)	0,007		0,443	0,002	0,108	0,042	0,000	0,082	0,082



		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_29_F1	Correlation Coefficient	,728**	0,223	1,000	0,263	0,424	,539*	0,397	,546*	0,223
		Sig. (2-tailed)	0,003	0,443		0,363	0,131	0,047	0,160	0,044	0,443
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_30_F1	Correlation Coefficient	,669**	,745**	0,263	1,000	,660*	,612*	,847**	0,462	0,392
		Sig. (2-tailed)	0,009	0,002	0,363		0,010	0,020	0,000	0,096	0,166
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_31_F1	Correlation Coefficient	0,413	0,448	0,424	,660*	1,000	,624*	0,528	,754**	0,448
		Sig. (2-tailed)	0,142	0,108	0,131	0,010		0,017	0,052	0,002	0,108
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_35_F1	Correlation Coefficient	,660*	,548*	,539*	,612*	,624*	1,000	,705**	,548*	,548*
		Sig. (2-tailed)	0,010	0,042	0,047	0,020	0,017		0,005	0,042	0,042
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_37_F1	Correlation Coefficient	,835**	,874**	0,397	,847**	0,528	,705**	1,000	,597*	,597*
		Sig. (2-tailed)	0,000	0,000	0,160	0,000	0,052	0,005		0,024	0,024
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14

	IPSF_41_F1	Correlation Coefficient	0,477	0,480	,546*	0,462	,754**	,548*	,597*	1,000	,740**
		Sig. (2-tailed)	0,084	0,082	0,044	0,096	0,002	0,042	0,024		0,002
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_42_F1	Correlation Coefficient	0,364	0,480	0,223	0,392	0,448	,548*	,597*	,740**	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,201	0,082	0,443	0,166	0,108	0,042	0,024	0,002	
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14

*Anexo 87. Correlações significativas entre itens Fator Adaptação Familiar – famílias*

			IPSF_1_F2	IPSF_6_F2	IPSF_7_F2	IPSF_8_F2	IPSF_13_F2	IPSF_16_F2	IPSF_20_F2	IPSF_21_F2	IPSF_27_F2
Spearman's rho	IPSF_1_F2	Correlation Coefficient	1,000	,580*	0,242	0,382	,614*	,536*	0,395	,771**	,580*
		Sig. (2-tailed)		0,030	0,405	0,178	0,020	0,048	0,163	0,001	0,030
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_6_F2	Correlation Coefficient	,580*	1,000	,636*	0,440	,570*	,757**	0,508	,594*	,556*
		Sig. (2-tailed)	0,030		0,014	0,115	0,033	0,002	0,063	0,025	0,039
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_7_F2	Correlation Coefficient	0,242	,636*	1,000	,577*	0,353	,606*	0,318	0,472	,636*
		Sig. (2-tailed)	0,405	0,014		0,031	0,216	0,022	0,268	0,088	0,014
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_8_F2	Correlation Coefficient	0,382	0,440	,577*	1,000	0,386	,691**	0,058	,670**	,767**

		Sig. (2-tailed)	0,178	0,115	0,031		0,173	0,006	0,845	0,009	0,001
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_13_F2	Correlation Coefficient	,614*	,570*	0,353	0,386	1,000	0,466	,577*	,541*	,570*
		Sig. (2-tailed)	0,020	0,033	0,216	0,173		0,093	0,031	0,046	0,033
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_16_F2	Correlation Coefficient	,536*	,757**	,606*	,691**	0,466	1,000	0,180	,735**	,757**
		Sig. (2-tailed)	0,048	0,002	0,022	0,006	0,093		0,538	0,003	0,002
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_20_F2	Correlation Coefficient	0,395	0,508	0,318	0,058	,577*	0,180	1,000	0,227	0,139
		Sig. (2-tailed)	0,163	0,063	0,268	0,845	0,031	0,538		0,435	0,636
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_21_F2	Correlation Coefficient	,771**	,594*	0,472	,670**	,541*	,735**	0,227	1,000	,594*
		Sig. (2-tailed)	0,001	0,025	0,088	0,009	0,046	0,003	0,435		0,025
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_27_F2	Correlation Coefficient	,580*	,556*	,636*	,767**	,570*	,757**	0,139	,594*	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,030	0,039	0,014	0,001	0,033	0,002	0,636	0,025	
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_32_F2	Correlation Coefficient	,707**	,830**	0,479	,591*	,609*	,831**	0,256	,629*	,830**
		Sig. (2-tailed)	0,005	0,000	0,083	0,026	0,021	0,000	0,378	0,016	0,000
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_33_F2	Correlation Coefficient									

		Sig. (2-tailed)									
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
		Correlation Coefficient	0,424	0,378	,706**	,649*	,620*	,583*	0,147	0,506	,871**
	IPSF_36_F2	Sig. (2-tailed)	0,131	0,183	0,005	0,012	0,018	0,029	0,615	0,065	0,000
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
		Correlation Coefficient	,569*	,718**	,703**	0,513	,854**	,654*	0,470	,607*	,718**
	IPSF_39_F2	Sig. (2-tailed)	0,034	0,004	0,005	0,061	0,000	0,011	0,090	0,021	0,004
		N	14	14	14	14	14	14	14	14	14
		Correlation Coefficient									

*Continuação Anexo 87*

			IPSF_32_F2	IPSF_33_F2	IPSF_36_F2	IPSF_39_F2
Spearman's rho	IPSF_1_F2	Correlation Coefficient	,707**		0,424	,569*
		Sig. (2-tailed)	0,005		0,131	0,034
		N	14	14	14	14
	IPSF_6_F2	Correlation Coefficient	,830**		0,378	,718**
		Sig. (2-tailed)	0,000		0,183	0,004
		N	14	14	14	14
	IPSF_7_F2	Correlation Coefficient	0,479		,706**	,703**
		Sig. (2-tailed)	0,083		0,005	0,005
		N	14	14	14	14
	IPSF_8_F2	Correlation Coefficient	,591*		,649*	0,513
		Sig. (2-tailed)	0,026		0,012	0,061
		N	14	14	14	14
	IPSF_13_F2	Correlation Coefficient	,609*		,620*	,854**
		Sig. (2-tailed)	0,021		0,018	0,000

		N	14	14	14	14
	IPSF_16_F2	Correlation Coefficient	,831**		,583*	,654*
		Sig. (2-tailed)	0,000		0,029	0,011
		N	14	14	14	14
	IPSF_20_F2	Correlation Coefficient	0,256		0,147	0,470
		Sig. (2-tailed)	0,378		0,615	0,090
		N	14	14	14	14
	IPSF_21_F2	Correlation Coefficient	,629*		0,506	,607*
		Sig. (2-tailed)	0,016		0,065	0,021
		N	14	14	14	14
	IPSF_27_F2	Correlation Coefficient	,830**		,871**	,718**
		Sig. (2-tailed)	0,000		0,000	0,004
		N	14	14	14	14
	IPSF_32_F2	Correlation Coefficient	1,000		,609*	,735**
		Sig. (2-tailed)			0,021	0,003
		N	14	14	14	14
	IPSF_33_F2	Correlation Coefficient				
		Sig. (2-tailed)				
		N	14	14	14	14
	IPSF_36_F2	Correlation Coefficient	,609*		1,000	,831**
		Sig. (2-tailed)	0,021			0,000
		N	14	14	14	14
	IPSF_39_F2	Correlation Coefficient	,735**		,831**	1,000
		Sig. (2-tailed)	0,003		0,000	
		N	14	14	14	14

\*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

\*\*. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Anexo 88. Correlações significativas entre itens Fator Autonomia - famílias

			IPSF_10_F3	IPSF_12_F3	IPSF_14_F3	IPSF_18_F3	IPSF_19_F3	IPSF_34_F3	IPSF_38_F3	IPSF_40_F3
Spearman's rho	IPSF_10_F3	Correlation Coefficient	1,000	,779**	,621*	0,500		-0,113	,704**	-0,113
		Sig. (2-tailed)		0,001	0,018	0,069		0,701	0,005	0,701
		N	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_12_F3	Correlation Coefficient	,779**	1,000	0,531	0,319		0,531	0,512	-0,145
		Sig. (2-tailed)	0,001		0,051	0,267		0,051	0,061	0,621
		N	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_14_F3	Correlation Coefficient	,621*	0,531	1,000	-0,113		-0,077	0,480	-0,077
		Sig. (2-tailed)	0,018	0,051		0,701		0,794	0,083	0,794
		N	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_18_F3	Correlation Coefficient	0,500	0,319	-0,113	1,000		-0,113	0,279	-0,113
		Sig. (2-tailed)	0,069	0,267	0,701			0,701	0,334	0,701
		N	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_19_F3	Correlation Coefficient								
		Sig. (2-tailed)								
		N	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_34_F3	Correlation Coefficient	-0,113	0,531	-0,077	-0,113		1,000	-0,144	-0,077
		Sig. (2-tailed)	0,701	0,051	0,794	0,701			0,624	0,794
		N	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_38_F3	Correlation Coefficient	,704**	0,512	0,480	0,279		-0,144	1,000	-0,144
		Sig. (2-tailed)	0,005	0,061	0,083	0,334		0,624		0,624
		N	14	14	14	14	14	14	14	14
	IPSF_40_F3	Correlation Coefficient	-0,113	-0,145	-0,077	-0,113		-0,077	-0,144	1,000

		Sig. (2-tailed)	0,701	0,621	0,794	0,701		0,794	0,624	
		N	14	14	14	14	14	14	14	14
*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).										
**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).										

## 8. Correlação entre fatores do IPSF

*Anexo 89. Correlação entre fatores do IPSF - jovens*

	F2	F1	F3
F2	1	0,76	0,42
F1	0,76	1	0,66
F3	0,42	0,66	1

*Anexo 90. Correlação entre fatores do IPSF - famílias*

	F2	F1	F3
F2	1	0,83	0,01
F1	0,83	1	0,09
F3	0,01	0,09	1



## 9. Alfa de Cronbach e médias dos itens de cada fator do IPSF- Jovens

### 9.1. Fator 1 Afetivo Consistente

#### Reliability Statistics

Anexo 91. Alfa de Cronbach - Fator afetivo consistente - jovens

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,942	,942	21

Anexo 92. Média de cada item - Fator afetivo consistente – jovens

#### Item Statistics

Mean	Std.Deviation	N
IPSF_2_F1	1,50	14
IPSF_3_F1	1,29	14
IPSF_4_F1	,79	14
IPSF_5_F1	1,21	14
IPSF_9_F1	1,29	14
IPSF_11_F1	,93	14
IPSF_15_F1	1,21	14
IPSF_17_F1	,71	14
IPSF_22_F1	1,00	14
IPSF_23_F1	,79	14
IPSF_24_F1	1,00	14
IPSF_25_F1	1,14	14
IPSF_26_F1	1,21	14
IPSF_28_F1	1,14	14
IPSF_29_F1	,93	14
IPSF_30_F1	1,29	14
IPSF_31_F1	1,43	14
IPSF_35_F1	1,07	14
IPSF_37_F1	1,07	14
IPSF_41_F1	1,14	14
IPSF_42_F1	1,14	14

*Anexo 93. Média do fator afetivo consistente – jovens*

Scale Statistics

<i>Mean</i>	<i>Variance</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N of Items</i>
23,29	93,143	9,651	21

## 9.2. Fator 2 Adaptação Familiar

Reliability Statistics

*Anexo 94. Alfa de Cronbach - Fator Adaptação - jovens*

<i>Cronbach's Alpha</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N of Items</i>
,925	,918	13

*Anexo 95. Média de cada item - Fator Adaptação - jovens*

Item Statistics

<i>Mean</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N</i>
<i>IPSF_1_F2</i> 1,29	,611	14
<i>IPSF_6_F2</i> 1,50	,650	14
<i>IPSF_7_F2</i> 1,79	,579	14
<i>IPSF_8_F2</i> 1,21	,579	14
<i>IPSF_13_F2</i> 1,57	,646	14
<i>IPSF_16_F2</i> 1,36	,745	14
<i>IPSF_20_F2</i> 1,50	,650	14
<i>IPSF_21_F2</i> 1,14	,663	14
<i>IPSF_27_F2</i> 1,50	,760	14
<i>IPSF_32_F2</i> 1,93	,267	14
<i>IPSF_33_F2</i> 1,71	,611	14
<i>IPSF_36_F2</i> 1,43	,646	14
<i>IPSF_39_F2</i> 1,57	,646	14

*Anexo 96. Média do fator adaptação- jovens*

Scale Statistics

<i>Mean</i>	<i>Variance</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N of Items</i>
19,50	35,192	5,932	13

**9.3. Fator 3 Autonomia Familiar**

Reliability Statistics

*Anexo 97. Alfa de Cronbach - Fator autonomia - jovens*

<i>Cronbach's Alpha</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N of Items</i>
,680	,652	8

*Anexo 98. Média de cada item - Fator autonomia - jovens*

Item Statistics

<i>Mean</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N</i>
<i>IPSF_10_F3</i> 1,71	,469	14
<i>IPSF_12_F3</i> 1,29	,726	14
<i>IPSF_14_F3</i> 1,64	,745	14
<i>IPSF_18_F3</i> 1,43	,646	14
<i>IPSF_19_F3</i> 1,50	,650	14
<i>IPSF_34_F3</i> 1,64	,633	14
<i>IPSF_38_F3</i> 1,64	,745	14
<i>IPSF_40_F3</i> 1,43	,646	14

*Anexo 99. Média do fator autonomia - jovens*

Scale Statistics

<i>Mean</i>	<i>Variance</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N of Items</i>
12,29	8,681	2,946	8

## 10. Alfa de Cronbach e médias dos itens de cada fator do IPSF- Famílias

### 10.1. Fator 1. Afetivo Consistente

#### Reliability Statistics

Anexo 100. Alfa de Cronbach - fator afetivo consistente – famílias

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,953	,953	21

Anexo 101. Média de cada item - fator afetivo consistente - famílias

#### Item Statistics

Mean		Std. Deviation	N
IPSF_2_F1	1,64	,633	14
IPSF_3_F1	1,29	,825	14
IPSF_4_F1	1,29	,726	14
IPSF_5_F1	1,29	,726	14
IPSF_9_F1	1,57	,646	14
IPSF_11_F1	1,50	,650	14
IPSF_15_F1	1,29	,825	14
IPSF_17_F1	1,43	,852	14
IPSF_22_F1	1,50	,760	14
IPSF_23_F1	1,43	,514	14
IPSF_24_F1	1,43	,646	14
IPSF_25_F1	1,57	,756	14
IPSF_26_F1	1,36	,842	14
IPSF_28_F1	1,57	,646	14
IPSF_29_F1	1,00	,877	14
IPSF_30_F1	1,64	,745	14
IPSF_31_F1	1,71	,611	14
IPSF_35_F1	1,43	,646	14
IPSF_37_F1	1,64	,633	14
IPSF_41_F1	1,57	,646	14
IPSF_42_F1	1,57	,646	14

*Anexo 102. Média do fator afetivo consistente – famílias*

Scale Statistics

<i>Mean</i>	<i>Variance</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N of Items</i>
30,71	115,604	10,752	21

**10.2. Fator 2 Adaptação Familiar**

Reliability Statistics

*Anexo 103. Alfa de Cronbach - Fator Adaptação - famílias*

<i>Cronbach's Alpha</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N of Items</i>
,931	,936	12

*Anexo 104. Média de cada item - Fator Adaptação - famílias*

Item Statistics

Mean		Std. Deviation	N
IPSF_1_F2	1,00	,877	14
IPSF_6_F2	1,57	,756	14
IPSF_7_F2	1,86	,363	14
IPSF_8_F2	1,50	,650	14
IPSF_13_F2	1,71	,611	14
IPSF_16_F2	1,29	,825	14
IPSF_20_F2	1,64	,745	14
IPSF_21_F2	1,36	,745	14
IPSF_27_F2	1,57	,756	14
IPSF_32_F2	1,57	,646	14
IPSF_36_F2	1,71	,611	14
IPSF_39_F2	1,64	,633	14

*Anexo 105. Média do fator adaptação*

Scale Statistics

<i>Mean</i>	<i>Variance</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N of Items</i>
18,43	39,802	6,309	12

### 10.3. Fator 3 Autonomia Familiar

#### Reliability Statistics

Anexo 106. Alfa de Cronbach - Fator autonomia - famílias

<i>Cronbach's Alpha</i>	<i>Cronbach's Alpha Based on Standardized Items</i>	<i>N of Items</i>
,667	,591	7

Anexo 107. Média de cada item - Fator autonomia – famílias

#### Item Statistics

<i>Mean</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N</i>
<i>IPSF_10_F3</i>	1,79	14
<i>IPSF_12_F3</i>	1,79	14
<i>IPSF_14_F3</i>	1,93	14
<i>IPSF_18_F3</i>	1,79	14
<i>IPSF_34_F3</i>	1,93	14
<i>IPSF_38_F3</i>	1,71	14
<i>IPSF_40_F3</i>	1,93	14

Anexo 108. Média do fator autonomia – famílias

#### Scale Statistics

<i>Mean</i>	<i>Variance</i>	<i>Std. Deviation</i>	<i>N of Items</i>
12,86	3,363	1,834	7



## Protocolo de Avaliação Inicial / Diagnóstico Social Serviço Social

### E. Protocolo de Avaliação Inicial/Diagnóstico Social – Serviço Social

Identificação:

Nome:	
Residência:	
Contacto telefónico:	
Data de Nascimento Idade:	
Estado Civil:	
Pessoa de Referência e Contacto:	
N.º da Segurança social:	
N.º do Bilhete de Identidade:	
N.º de Contribuinte:	

Características sócio demográficas:

Agregado familiar

	Nome	Idade	Estado Civil	Parentesco	Habilitações Literárias	Profissão
A						
B						
C						
D						

Observações:

Condições económicas:

	Rendimentos líquidos	€	Despesas mensais	
			Casa renda, amortização	
			Eletricidade (aproximadamente)	
			Água (aproximadamente)	
			Gás	
			Telefone (aproximadamente)	
			Medicação	
			Outros	
	Total		Total	

Observações:



## Protocolo de Avaliação Inicial / Diagnóstico Social Serviço Social

Psiquiatria e Saúde Mental | Clínica de Psiquiatria e Saúde Mental

N.º



## Protocolo de Avaliação Inicial / Diagnóstico Social Serviço Social

Contexto familiar:

Condições habitacionais:

Escolaridade:

Percurso profissional:

Situação profissional:

Suporte social informal:

Suporte social formal:

Plano de Intervenção Individual:

Data:

A Assistente Social: